

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

BRUNA SANTOS BEVILACQUA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM COMUNIDADES
DO MOVIMENTO DE ECOVILAS BRASILEIRO**

RIO GRANDE - RS

2022

Bruna Santos Bevilacqua

Educação Ambiental em comunidades
do Movimento de Ecovilas brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito para obtenção de título de Mestre. Linha de Pesquisa: Educação Ambiental Não Formal.

Orientadora: Dione Iara Silveira Kitzmann

Rio Grande - RS

2022

Ficha Catalográfica

B571e Bevilacqua, Bruna Santos.
Educação Ambiental em comunidades do Movimento de
Ecovilas brasileiro / Bruna Santos Bevilacqua. – 2022.
175 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio
Grande/RS, 2022.

Orientadora: Dra. Dione Iara Silveira Kitzmann.

1. Educação Ambiental Não Formal 2. Comunidade
3. Sustentabilidade I. Kitzmann, Dione Iara Silveira II.Título.

CDU 504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Bruna Santos Bevilacqua

Educação Ambiental em comunidades
do Movimento de Ecovilas brasileiro

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Comissão de avaliação formada pelas professoras:



Prof.^a Dr.^a Dione Iara Silveira Kitzmann
(PPGEA/FURG)



Prof.^a Dr.^a Carelia Rayen Hidalgo Lopez
(PPGEA/FURG)



Prof.^a Dr.^a Allivia Rouse Carregosa Rabbani
(PPGCTA/IFBA)

RESUMO

Em um contexto de múltiplas crises intensificadas pela pandemia, investigamos iniciativas de transição para sociedades sustentáveis, com enfoque no movimento de ecovilas. Ecovilas são assentamentos humanos sustentáveis caracterizados por serem experiências alternativas de organização socioambiental com processos participativos de tomadas de decisão e de construção coletiva de soluções (ambientais, econômicas e socioculturais). Nesses processos, são levados em consideração os contextos socioculturais e as características biorregionais, além da sustentabilidade em todas as suas dimensões, desenvolvendo modos de viver comunitários autogestionários. Então, assumindo que a experiência em princípios e práticas socioambientais sustentáveis está na base da organização e da dinâmica das ecovilas, e considerando que a investigação científica sobre as mesmas enfocada em educação e Educação Ambiental encontra-se ainda pouco explorada, delineamos uma metodologia para investigar sua dimensão educacional. O objetivo principal desta pesquisa é analisar a dimensão educacional do conceito ecovilas e do movimento que este inspira a partir da questão de pesquisa sobre quais são os processos educativos ambientais desenvolvidos pelas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro. Pretendemos assim abrir uma frente de diálogo interdisciplinar a partir da Educação Ambiental e contribuir com futuras pesquisas sobre o mesmo objeto de estudo e com a consolidação do mesmo no campo científico no país. A fundamentação teórico-conceitual inclui revisão de literatura e conceitos para contextualização do objeto de estudo e da discussão proposta através de referenciais em Educação Ambiental como Capra, Sauv e, Carvalho, Loureiro, Layrargues e Quintas. A metodologia se configura como uma abordagem qualitativa baseada em Minayo, e é composta pela combina o entre pesquisa de campo nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas e levantamentos de dados através de questionários e entrevistas, além de inser o no movimento de ecovilas através de atua o voluntária nas suas redes brasileira, latina e global. Partindo de uma amostra inicial de 109 comunidades brasileiras cadastradas nas redes de ecovilas distribuídas por 16 estados brasileiros mais o Distrito Federal, encontramos o desenvolvimento de processos educativos em 77 delas, e entre elas, 48 desenvolvem processos de Educa o Ambiental, as quais foram convidadas a participar da pesquisa respondendo ao questionário e à entrevista. Então, seis comunidades participaram voluntariamente, sendo tr s do sudeste, uma do centro-oeste, uma do nordeste e uma da região sul do país. Portanto, contamos com a representa o uma comunidade por região geográfica do país (com exce o da norte). Sendo assim, a amostra pode ser considerada ilustrativa porém não representativa do movimento de ecovilas brasileiro. A análise dos resultados é composta por sistematiza o e mapeamento, análise individual e comparativa, além de análise de conteúdo. Concluímos que as ecovilas, de maneira mais aut noma, como laboratórios, e também coletivamente, como movimento, educam ambientalmente através do compartilhamento de suas experiências em princípios e práticas socioambientais sustentáveis, entre comunidades e destas com a sociedade, por meio da oferta de cursos, oficinas, visitas, retiros, imersões e vivências, com destaque para processos de voluntariado. Portanto, os processos educativos desenvolvidos nessas comunidades podem potencializar a es individuais e coletivas na perspectiva educadora ambiental da transforma o individual   mudança social.

Palavras-chave: Educa o Ambiental Não Formal; Comunidade; Sustentabilidade.

RESUMEN

En un contexto de múltiples crisis intensificadas por la pandemia, investigamos iniciativas de transición hacia sociedades sostenibles, con foco en el movimiento de ecoaldeas. Las ecoaldeas son asentamientos humanos sostenibles que se caracterizan por ser experiencias alternativas de organización socioambiental con procesos participativos de toma de decisiones y construcción colectiva de soluciones (ambientales, económicas y socioculturales). En estos procesos se toman en cuenta los contextos socioculturales y las características biorregionales, además de la sustentabilidad en todas sus dimensiones, que desarrolla modos de vida comunitarios autogestionarios. Así, asumiendo que la experiencia en principios y prácticas socioambientales sustentables está en la base de la organización y dinámica de las ecoaldeas, y se considera que la investigación científica sobre las mismas enfocada en educación y Educación Ambiental es aún poco explorada, esbozamos una metodología para investigar su dimensión educativa. El objetivo principal de esta investigación es analizar la dimensión educativa del concepto de ecoaldeas y el movimiento que este inspira a partir de la cuestión de investigación sobre cuáles son los procesos educativos ambientales desarrollados por las comunidades del movimiento de ecoaldeas brasileño. Pretendemos así abrir un frente de diálogo interdisciplinario basado en la EA y contribuir con futuras investigaciones sobre el mismo objeto de estudio y su consolidación en el campo científico del país. La fundamentación teórico-conceptual incluye una revisión de literatura y conceptos para contextualizar el objeto de estudio y la discusión propuesta a través de referentes en Educación Ambiental como Capra, Sauv e, Carvalho, Loureiro, Layrargues y Quintas. La metodología se configura como un enfoque cualitativo basado en Minayo, y est a compuesta por la combinación entre investigación de campo en las bases de datos virtuales de las redes de ecoaldeas y la recolección de datos a través de cuestionarios y entrevistas, y también inserción en el movimiento de ecoaldeas a través de la actuación voluntaria en sus redes brasileña, latina y global. A partir de una muestra inicial de 109 comunidades brasileñas cadastradas en las redes de ecoaldeas y presentes en 16 estados brasileños más el Distrito Federal, encontramos el desarrollo de procesos educativos en 77 de ellas, y entre ellas, 48 desarrollan procesos de Educación Ambiental las cuales fueron invitadas a participar de la investigación contestando al cuestionario y a la entrevista. Entonces, seis comunidades participaron voluntariamente, siendo tres del Sudeste, una del Medio-Oeste, una del Nordeste y una de la región Sur de Brasil. Por lo tanto, tenemos la representación de una comunidad por región geográfica del país (con excepción del Norte). Así, la muestra puede considerarse ilustrativa pero no representativa del movimiento de ecoaldeas brasileño. El análisis de resultados est a compuesto por sistematización y mapeo, análisis individual y comparativo, además del análisis de contenido. Concluimos que las ecoaldeas, de manera más aut noma, como laboratorios, y también colectivamente, como movimiento, educan ambientalmente a través del intercambio de sus experiencias en principios y prácticas socioambientales sostenibles, entre las comunidades y de estas con la sociedad, a través del ofrecimiento de cursos, talleres, visitas, retiros, inmersiones y experiencias, con énfasis en procesos de voluntariado. Por lo tanto, los procesos educativos desarrollados en estas comunidades pueden potenciar las acciones individuales y colectivas en la perspectiva educadora ambiental de la transformación individual al cambio social.

Palabras clave: Educación Ambiental No Formal; Comunidad; Sustentabilidad.

ABSTRACT

In a context of multiple crises intensified by the pandemic, we researched about transitioning initiatives to sustainable societies, with a focus on the ecovillage movement. Ecovillages are sustainable human settlements characterized by being alternative experiences of socio-environmental organization with participatory decision-making processes and collective construction of solutions (environmental, economic and socio-cultural). In these processes, sociocultural contexts and bioregional characteristics are considered, in addition to sustainability in all its dimensions, developing self-managed community ways of living. Therefore, assuming that the experience in sustainable socio-environmental principles and practices is at the base of the organization and dynamics of ecovillages, and considering that scientific research on them focused on education and Environmental Education is still little explored, we outlined a methodology to investigate their educational dimension. The main goal of this research is to analyze the educational dimension of the ecovillage concept and the movement it inspires from the research question of which are the environmental educational processes developed by the communities of the Brazilian ecovillage movement. Thus, we intend to open a front of interdisciplinary dialogue from Environmental Education and contribute to future research on the same object of study and with its consolidation in the scientific field in Brazil. The theoretical-conceptual foundation includes a review of literature and concepts to contextualize the object of study and the proposed discussion through references in Environmental Education such as Capra, Sauv e, Carvalho, Loureiro, Layrargues and Quintas. The methodology is configured as a qualitative approach based on Minayo, and is composed of a combination of field research in the virtual databases of ecovillage's networks and data collection through questionnaires and interviews, as well as insertion in the ecovillage movement through action volunteer in its Brazilian, Latin and global networks. Starting from an initial sample of 109 Brazilian communities registered in the ecovillage's networks spread over 16 Brazilian states plus the Federal District, we found the development of educational processes in 77 of them, and among them, 48 develop processes of Environmental Education which were invited to participate in the research. Then, six communities participated voluntarily, being three of them from the Southeast, one from the Midwest, one from the Northeast and one from the South region of Brazil. So we have the representation of one community per geographic region of the country (with the exception of the North). Therefore, the sample can be considered illustrative but not representative of the Brazilian ecovillage movement. The analysis of results is composed by systematization and mapping, individual and comparative analysis, and content analysis. In conclusion, the ecovillages, in a more autonomous way, as laboratories, and also collectively, as a movement, educate environmentally through the sharing of their experiences in sustainable socio-environmental principles and practices, among communities and with society, through the proposal of courses, workshops, visits, retreats, immersions and experiences, with emphasis on volunteering processes. Therefore, the educational processes developed in these communities can enhance individual and collective actions in the environmental educational perspective from individual transformation to social change.

Keywords: Non Formal Environmental Education; Community; Sustainability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da ecovila de Findhorn na capa do último relatório de avaliação do IPCC.....	17
Figura 2 – Representação gráfica das pesquisas sobre ecovilas/comunidades sustentáveis por ano	26
Figura 3 – Redes nacionais da Rede CASA Latina e Redes continentais da Rede Global de Ecovilas.....	32
Figura 4 – Estrutura organizacional da GEN.....	33
Figura 5 – Estrutura organizacional da Rede CASA Latina.....	33
Figura 6 – Estrutura organizacional da Rede CASA Brasil	34
Figura 7 – Mapa de escala da GEN	34
Figura 8 – Tipos de assentamentos sustentáveis	36
Figura 9 – Mapeamento das comunidades cadastradas na GEN	37
Figura 10 – Mapeamento das comunidades cadastradas na Rede CASA Brasil.....	37
Figura 11 – Dimensões da sustentabilidade em ecovilas.....	39
Figura 12 – Sustentabilidade forte x fraca (Desenvolvimento Sustentável)	46
Figura 13 – Convite para participação na pesquisa publicada nas redes sociais da Rede CASA Brasil	55
Figura 14 – Comprovante de envio do projeto CEP-FURG.....	57
Figura 15 – Linha do tempo da pesquisa	60
Figura 16 – Representação gráfica das comunidades que apresentam processos educativos	62
Figura 17 – Mapeamento dos processos educativos (em amarelo) e/ou de Educação Ambiental (em verde) nas comunidades brasileiras cadastradas nas redes nacional e global de ecovilas.....	66
Figura 18 – Mapeamento das comunidades participantes da pesquisa	67
Figura 19 – Fotografia do Instituto Terra Luminous.....	69
Figura 20 – Fotografia da Ecovila El Nagual	70
Figura 21 – Fotografia da Vila das Borboletas	71
Figura 22 – Fotografia da Ecovila da Lagoa.....	72
Figura 23 – Fotografia da Ecovila Vraja Dhama.....	73
Figura 24 – Fotografia do Instituto Arca Verde.....	75
Figura 25 – Representação gráfica do tempo de existência das comunidades.....	76
Figura 26 – Representação gráfica do número de moradores nas comunidades	77
Figura 27 – Representação gráfica das categorias de membresia das comunidades	77
Figura 28 – Esquematização das redes nas quais as comunidades participantes estão cadastradas.....	78
Figura 29 – Representação gráfica dos tipos de processos educativos desenvolvidos	79
Figura 30 – Representação gráfica das temáticas dos processos educativos desenvolvidas.....	79
Figura 31 – Representação gráfica do número de visitantes antes da pandemia	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CASA Brasil – Conselho de Assentamentos Sustentáveis Brasileiro (Rede Brasileira de Ecovilas)
- CASA Latina – *Consejo de Asentamientos Sustentables de América Latina* (Rede Latino-americana de Ecovilas)
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
- CNS – Conselho Nacional de Saúde
- CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
- EA – Educação Ambiental
- ECCO – *Encuentro Continental de Comunidades*
- EDE – *Ecovillage Design Education* (Educação em *Design* de Ecovilas)
- EDL – Ecovila da Lagoa
- EEN – Ecovila El Nagual
- EVD – Ecovila Vraja Dhama
- FURG – Universidade Federal do Rio Grande
- GEN – *Global Ecovillage Network* (Rede Global de Ecovilas)
- IAV – Instituto Arca Verde
- IPCC – *Intergovernmental Panel on Climate Change* (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas)
- ITL – Instituto Terra Luminous
- ONG – Organização Não Governamental
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PDC – *Permaculture Design Course* (Curso em *Design* de Permacultura)
- PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
- SAPAS – Seminários Avançados de Pesquisa em Assentamentos Sustentáveis
- TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UNESCO – *United Nations Education, Science and Culture Organization* (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura)
- UNITAR – *United Nations Institute for Training and Research* (Instituto das Nações Unidas para Formação e Pesquisa)
- VDB – Vila das Borboletas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 JUSTIFICATIVA.....	18
1.2 QUESTÃO DE PESQUISA	20
1.3 HIPÓTESE	20
1.4 OBJETIVOS.....	20
1.5 ESTRUTURAÇÃO	21
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	22
2.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	22
2.2 ECOVILAS	28
2.2.1 Conceito	28
2.2.2 Movimento de Ecovilas	30
2.2.3 Dimensões da Sustentabilidade em Ecovilas	38
2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL	40
2.3.1 Marco legal e Educação Ambiental Não Formal	41
2.3.2 Ecologia política e macrotendências político-pedagógicas da EA	42
2.3.3 Sustentabilidade x Desenvolvimento Sustentável	45
2.4 APROXIMAÇÃO ENTRE ECOVILAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	47
3 METODOLOGIA	52
3.1 FASES	52
3.1.1 Fase exploratória	53
3.1.2 Pesquisa de campo	53
3.1.2.1 Coleta de dados	53
3.1.2.2 Questionários	54
3.1.2.3 Entrevistas.....	55
3.1.3 Análise	55
3.1.3.1 Sistematização e mapeamento	55
3.1.3.2 Análise individual e comparativa	56
3.1.3.2 Análise de Conteúdo	56
3.2 ÉTICA	56
3.3 LINHA DO TEMPO	59
4 RESULTADOS	61
4.1 PROCESSOS EDUCATIVOS AMBIENTAIS	61

4.2 COMUNIDADES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	66
4.2.1 Instituto Terra Luminous	68
4.2.2 Ecovila El Nagual	69
4.2.3 Vila das Borboletas	70
4.2.4 Ecovila da Lagoa	71
4.2.5 Ecovila Vraja Dhama	72
4.2.6 Instituto Arca Verde	74
4.3 ANÁLISE.....	75
4.3.1 Participantes da pesquisa	75
4.3.2 Comunidades participantes	75
4.3.2.1 Tempo de existência.....	76
4.3.2.2 Número de moradores.....	76
4.3.2.3 Categorias.....	77
4.3.2.4 Redes.....	78
4.3.3 Processos educativos desenvolvidos nas comunidades	78
4.3.3.1 Tipos.....	78
4.3.3.2 Temáticas.....	79
4.3.3.3 Desafios e dificuldades.....	80
4.3.3.4 Antes, durante e depois da pandemia.....	80
4.3.3.5 Planos futuros.....	81
4.3.3.6 Outras comunidades que desenvolvem processos educativos.....	81
4.3.4 Análise de Conteúdo	82
4.3.4.1 Codificação.....	82
4.3.4.2 Categorização.....	85
4.4 REFLEXÕES E DISCUSSÃO.....	88
4.4.1 Reflexões sobre viver em ecovilas e comunidades sustentáveis	88
4.4.2 Possibilidades e contradições da Educação Ambiental nesse contexto	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
GLOSSÁRIO	101
APÊNDICE A – Questionário	104
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada	110
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	111
APÊNDICE D – Transcrição da Entrevista com Instituto Terra Luminous	113

APÊNDICE E – Transcrição da Entrevista com Ecovila El Nagual.....	123
APÊNDICE F – Transcrição da Entrevista com Vila das Borboletas	132
APÊNDICE G – Transcrição da Entrevista com Ecovila da Lagoa.....	148
APÊNDICE H – Transcrição da Entrevista com Ecovila Vraja Dhama	158
APÊNDICE I – Transcrição da Entrevista com Instituto Arca Verde.....	167

APRESENTAÇÃO

Ao ingressar no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a primeira atividade solicitada na primeira disciplina cursada foi a elaboração de uma “biografia ambiental”, para refletirmos sobre como a Educação Ambiental entrou em nossas vidas e como chegamos até aqui. No momento em que finalizo a escrita dessa dissertação para encaminhá-la à banca para defesa, me lembrei dessa escrita enquanto ingressante:

“Início ressaltando o quão interessante é realizar essa reflexão como primeira atividade ao ingressar no mestrado, pois fazer o exercício de olhar o passado e pensar ‘quem fui sendo’ e tentando me reconhecer nessa narrativa - já que todo olhar pro passado é uma reconstrução irreal de uma memória que armazenamos mas que é constantemente ressignificada pelo presente - e encontrar nele uma linha que de alguma forma conectasse tudo para dar sentido ao presente. E a importância de fazer esse resgate de si mesmo reconhecendo cada experiência no lugar extremamente potente que cada uma tem porque fica armazenada em nós e faz parte de quem somos hoje, que é uma sequência de processos que vão se acumulando na nossa história já que não somos um ‘agora’, mas resultado de uma trajetória.

Refletindo sobre os caminhos que me trouxeram até aqui, minha trajetória é marcada por passagens por vários ‘tipos de ciências’, partindo das exatas (Engenharia Química), viajando pelas sociais aplicadas (Gestão Ambiental) para enfim chegar nas humanas (Educação Ambiental).

Minha ‘biografia ecológica’ começa em 2012 enquanto estudante de Engenharia Química na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), quando participei de um Coletivo de Educação Popular como educadora de física e química no Pré-Vestibular Popular Práxis onde pela primeira vez entrei em contato com o termo ‘Educação Ambiental’ sem fazer nenhuma ideia do que significava. Em 2013, fiz intercâmbio pelo Programa ESCALA (Espaço Acadêmico Comum Ampliado Latino-Americano) da AUGM (Associação de Universidades Grupo Montevideu) na Universidad Nacional de Rosario (UNR, Argentina), onde cursei disciplinas da área ambiental e voltei ao Brasil decidida a mudar os rumos da minha graduação para essa

área. Mas não quis desistir, então tentei vincular-me à temática ambiental ainda dentro dela: fui bolsista no Laboratório de Biocombustíveis, fiz o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre um projeto industrial de reciclagem de polímeros sintéticos termoplásticos para a minha cidade natal, Santa Maria, e o estágio final no Departamento de Meio Ambiente de um grupo empresarial metal-mecânico em Caxias do Sul-RS, onde dividi apartamento com outras pessoas sendo que uma delas me contou sobre uma Ecovila onde viveu um processo de imersão. Em 2016, então formada em Engenharia Química, fiz algumas disciplinas como aluna especial da Engenharia Ambiental, mas ainda não me sentia identificada, e em 2017 fiz o reingresso como portadora de diploma no curso superior de Tecnologia em Gestão Ambiental da UFSM e finalmente senti que havia ‘me encontrado’. Durante essa graduação, além de cursar uma disciplina de ‘Reflexões e Práticas em Educação Ambiental’ também participei de projetos de extensão de Educação Ambiental do Jardim Botânico da UFSM e de Gestão de Resíduos Sólidos Recicláveis no Campus da UFSM; e do projeto de ensino de Estruturação do Laboratório de Análises Ambientais, sendo que nos três projetos participei de atividades de Educação Ambiental. Ao me formar em 2019 ao mesmo tempo em que um governo anti-ambiental assumia o país, despertou a vontade de morar fora do Brasil novamente e decidi tentar uma pós em outro país indo então para o Uruguai cursar a Especialização em Ciências Ambientais na Universidad de la República (UdelaR). E foi lá que fiz um curso de Educação Ambiental na Gestão Ambiental com uma professora visitante da FURG (e hoje minha orientadora no PPGEA) e assim descobri esse mestrado pelo qual me interessei e que agora estou iniciando e onde espero ‘me encontrar’ mais ainda. Também foi nesse curso que entrei em contato com o conceito de Ecologia Profunda e depois tive a oportunidade de fazer um curso sobre esse tema justamente naquela Ecovila sobre a qual uma amiga da época do estágio na serra gaúcha me falou.

Assim, chego por fim no meu projeto de pesquisa que é uma consequência de todos esses caminhos que percorri até aqui, sendo sobre Educação Ambiental em comunidades do movimento de ecovilas (no qual passei a atuar como voluntária de forma virtual durante a pandemia) e o mestrado uma etapa transformadora na minha vida e mais uma história que compõe a trajetória da minha biografia ambiental.”

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto de múltiplas crises intensificadas pela pandemia, propomos a investigação sobre iniciativas de transição para sociedades sustentáveis, com enfoque no movimento de ecovilas. Ecovilas são assentamentos humanos sustentáveis caracterizados por serem experiências alternativas de organização socioambiental com processos participativos de tomadas de decisão e de construção coletiva de soluções (ambientais, econômicas e socioculturais). Nesses processos, são levados em consideração os contextos socioculturais e as características biorregionais, além da sustentabilidade em todas as suas dimensões, desenvolvendo modos de viver comunitários autogestionários.

Segundo Valverde (2020), ecovilas e projetos de ecovilas são experimentos que vêm ganhando visibilidade, especialmente num cenário em que uma pandemia coloca em xeque a estrutura socioeconômica que pauta a vida contemporânea nas cidades, pois:

A crise social, econômica e de saúde desencadeada pela pandemia de COVID-19 tem colocado em evidência a fragilidade do nosso sistema social baseado no consumo, no individualismo e na fragmentação dos nossos espaços de vida, trabalho e lazer. Enquanto muitas pessoas anseiam pelo “retorno à normalidade” muitas outras também já começam a questionar se queremos voltar à antiga normalidade e se não é possível que esta crise seja uma oportunidade para reconstruirmos a nossa sociedade com base em novos valores e novas práticas, que sejam mais sustentáveis, justas e colaborativas. Viver em ecovila, por exemplo, algo que era visto como louco e radical durante muitos anos, hoje já está sendo visto com um novo olhar e um renovado interesse (ROYSEN, 2020, p. 5-6).

De acordo com diferentes autores, as ecovilas podem ser vistas como “uma das diversas respostas possíveis à crise civilizatória da atualidade” (SIQUEIRA, 2012, p. 185) e “lugares para se construir soluções possíveis para os problemas do nosso tempo” (COMUNELLO, 2015, p. 1762). Além de serem “experimentos sociais de um futuro sustentável” (KUNZE, 2012, p. 51); “exemplos na criação de outros modos de habitar o planeta” (MATTOS, 2017, p. 20); e “criadoras de uma cultura alternativa em relação aos modos de agir e pensar da sociedade de consumo” (ROYSEN, 2020, p. 305).

Há autores que destacam seu caráter experimental, caracterizando-as como: “laboratórios de novos modelos de assentamentos humanos” (CAPELLO, 2013, n.p.);

“laboratório de gestão sustentável” (SANTOS, 2019, p. 20); “um verdadeiro laboratório, buscando a combinação de um ambiente acolhedor para o desenvolvimento humano e um estilo de vida com menor impacto à natureza” (SIQUEIRA, 2017, p. 231); “laboratórios vivos, comunidades da práxis, que estão criando e experimentando novas formas de vida e relacionamento, proporcionando, ao mesmo tempo, qualidade de vida e baixo impacto ambiental” (MATTOS, 2017, p. 20).

Ao buscarem reduzir o impacto ambiental negativo de suas vidas no ambiente, vivendo de uma forma harmônica e respeitosa com a natureza, Ecovilas têm desenvolvido estratégias para lidar com a crise ambiental, tais como: princípios da Permacultura que incluem produção orgânica de alimentos, produção de energia limpa, destino adequado de resíduos, reaproveitamento e reciclagem, economia solidária e de troca, recuperação e conservação de áreas etc. (COMUNELLO, 2015, p. 1762).

Cabe ressaltar que também:

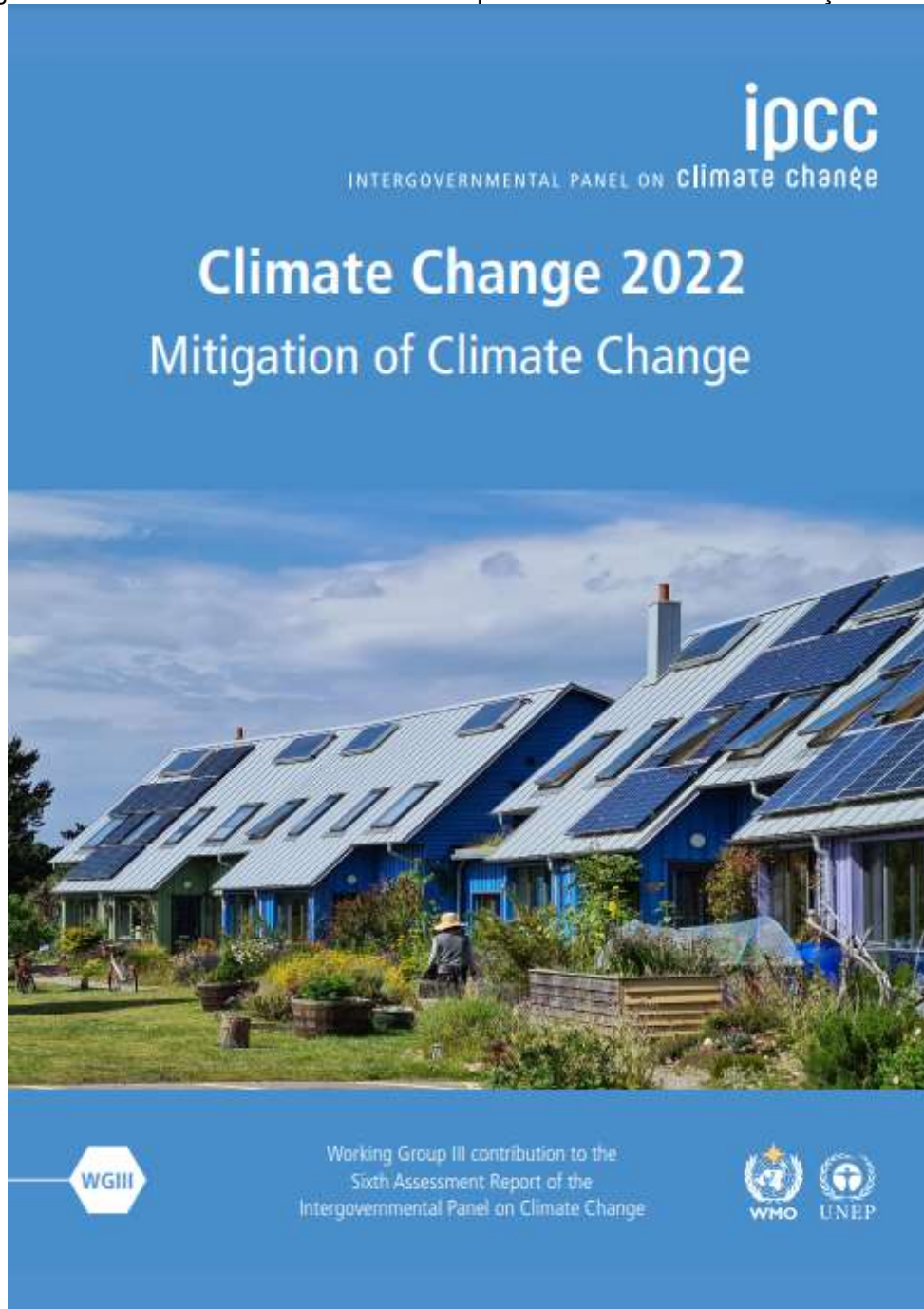
Utilizam tecnologias ecológicas para minimizar seu impacto ambiental, abordagens e metodologias sociais para favorecer os relacionamentos, além de ferramentas econômicas para fomentar a economia local. São exemplos de sucesso em termos de redução do consumo e aumento da qualidade de vida, provando, através da avaliação de suas pegadas ecológicas, que é possível transformar as condições de vida em direção à sustentabilidade (MATTOS, 2017, p. 20-21).

Em estudo realizado pelo Instituto Ambiental de Estocolmo em 2007, a ecovila de Findhorn na Escócia apresentou uma pegada ecológica equivalente à metade da média atingida pelo Reino Unido (CAPELLO, 2013). Recentemente, uma foto dessa ecovila estampou o último relatório de avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (*Intergovernmental Panel on Climate Change – IPCC*, na sigla em inglês) sobre Mitigação (Figura 1).

Para Kovasna (2022), essa não é “apenas uma fotografia” porque como afirmou Bates, ativista climático de longa data e um dos fundadores da Rede Global de Ecovilas (*Global Ecovillage Network – GEN*, na sigla em inglês):

Ainda mais significativo do que a arte da capa foi o parágrafo final na seção de conclusão do relatório de 3.676 páginas. Na opinião dos mais de 1.000 cientistas climáticos, o que o mundo mais precisa é de comunidades experimentais ecologicamente conscientes e socialmente inovadoras que se conectem entre si e providenciem divulgação educacional e exemplos positivos de um mundo melhor (BATES, 2022, tradução nossa).

Figura 1 – Foto da ecovila de Findhorn na capa do último relatório de avaliação do IPCC



Fonte: IPCC, 2022.

O parágrafo ao qual Bates se refere diz que:

De fato, as transições exigem um exame do papel dos valores, atitudes, crenças e estruturas que moldam o comportamento, bem como a dinâmica dos movimentos sociais e da educação em vários níveis. Da mesma forma, a inovação tecnológica e social desempenham um papel importante na viabilização de transições, destacando a importância de atores multi-institucionais e multissetoriais construindo redes de apoio institucional, facilitando a colaboração entre setores e atores e promovendo aprendizado e mudança social (IPCC, 2022, tradução nossa).

Enquanto Capello (2013, não p.) explica que:

Ainda que seja difícil conceber 7 bilhões de pessoas distribuídas em ecovilas – e, aqui, não nos cabe, de fato, defender o modelo das ecovilas como saída universal para todos os males da humanidade – tais considerações, no entanto, não retiram das ecovilas o mérito de serem portadoras de lições e ensinamentos que podem transcender, e já transcendem, suas fronteiras.

Então, “longe de serem uma resposta milagrosa a evidentes problemas sociais e ambientais da nossa época, as ecovilas propõem uma reflexão sobre a nossa forma de habitar o planeta” (SATYAN, 2017, p. 230). Dias e Loureiro (2017, p. 2) afirmam que “ações concretas de construção de alternativas societárias sustentáveis podem trazer importantes elementos” e, dentre elas, destacam as ecovilas. Para Sales, Esmeraldo e Lima (2021, p. 155), ecovilas são “experiências de sustentabilidade que estão sendo vivenciadas e precisam ser reconhecidas e legitimadas”, pois:

diante do cenário de crise global é essencial discutir modos de vida alternativos, que possam fazer face aos impactos ambientais, disparidades socioeconômicas e questões culturais a ele associados. Nesse cenário, as ecovilas se apresentam como uma possibilidade de experimentação de formas de viver e se relacionar pautadas em valores e princípios ecologicamente significativos, que apontam para caminhos possíveis na transição para um modo de vida sustentável (VALVERDE, 2020, p. 229).

Portanto, a ideia aqui não é defender o modelo das ecovilas como um caminho a ser seguido por toda sociedade ou como solução única a todos os problemas socioambientais. Propomos estudar e aprender com a experiência desse movimento social que, invés de protestar contra a ordem existente, busca construir alternativas (DIAS *et al.*, 2017), sendo considerado contra-hegemônico (MORAES, 2019) e de resistência (ROYSEN, 2020; SALES; ESMERALDO; LIMA, 2021). Além disso, precisamos pensar e discutir todas as alternativas possíveis que podem colaborar para a transição paradigmática cultural e ambiental.

Então, assumindo que a experiência em princípios e práticas socioambientais sustentáveis está na base da organização e da dinâmica das ecovilas, e considerando que a investigação científica sobre as mesmas enfocada em educação e Educação Ambiental encontra-se ainda pouco explorada, delineamos uma metodologia para investigar sua dimensão educacional.

1.1 JUSTIFICATIVA

As ecovilas despertam interesse em leigos e cientistas de diferentes áreas do conhecimento (WAGNER, 2012) e, nesta perspectiva, tornam-se um amplo campo de investigação (KUNZE, 2012). Dias *et al.* (2017, p. 93) argumentam que:

em um contexto global de muito discurso e pouca prática, tais comunidades vêm ganhando considerável relevância científica e social devido a suas experiências concretas na construção de alternativas societárias, contribuindo consideravelmente para um debate mais amplo e profundo sobre sustentabilidade.

Arruda (2018, p. 105), através de um estudo sobre o Estado da Arte da pesquisa em ecovilas no Brasil, concluiu que “a ciência brasileira sobre ecovilas é recente e multidisciplinar, com frentes de estudos já abertas em vinte Grandes Áreas do Conhecimento, predominantemente em Arquitetura e Urbanismo”. Tal resultado condiz com o encontrado por Santos (2019, p. 33) através de levantamento bibliométrico, que constatou uma tendência crescente nas publicações científicas sobre ecovilas no Brasil, também com predomínio da área de Arquitetura e Urbanismo. A autora também afirma que “apesar de a produção acadêmica em português sobre o tema ainda ser recente, indica uma área bastante promissora que não para de se multiplicar” (SANTOS, 2019, p. 72). Santos *et al.* (2021, p. 48) indicam que:

por suas características, heterogeneidade e complexidade de território, o fenômeno de ecovilas pode constituir uma trilha promissora para investigações de caráter empírico na verificação de suas dimensões, assim como para a realização de trabalhos de reflexão crítica.

Arruda (2018) afirma que a ciência brasileira de ecovilas está em construção e observa a necessidade de maior articulação entre estudiosos de diferentes formações profissionais que se dedicam ao tema das ecovilas para sua efetiva consolidação no contexto científico.

Através da realização de revisão de literatura (apresentada no Tópico 2.1), constatamos que são raros e recentes os estudos que enfocam educação e/ou Educação Ambiental em comunidades que se identificam como ecovilas no Brasil. Então, observamos uma lacuna e oportunidade de pesquisa sobre a dimensão educacional do conceito ecovilas e do movimento que este inspira. Por isso,

propomos uma pesquisa de âmbito nacional para gerar um panorama sobre educação e Educação Ambiental nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro, através da coleta de informações que possam ser sistematizadas e compartilhadas entre as comunidades e suas redes e também difundidas para a sociedade de forma mais ampla, demonstrando sua dimensão educacional. Pretendemos assim abrir uma frente de diálogo interdisciplinar a partir da Educação Ambiental e contribuir com futuras pesquisas sobre o mesmo objeto de estudo e com a consolidação do mesmo no campo científico no país.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

Quais são os processos educativos ambientais desenvolvidos pelas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro?

1.3 HIPÓTESE

As comunidades que integram o movimento de ecovilas brasileiro educam ambientalmente através do compartilhamento de suas experiências em princípios e práticas socioambientais sustentáveis, e, portanto, as atividades relacionadas com educação nessas comunidades podem potencializar ações individuais e coletivas na perspectiva educadora ambiental da transformação individual à mudança social.

1.4 OBJETIVOS

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a dimensão educacional do conceito ecovilas e do movimento que este inspira.

Para cumprir tal tarefa, foram elencados os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar exemplos de processos educativos e/ou educativos ambientais nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro;
2. Comparar os processos de Educação Ambiental desenvolvidos em algumas dessas comunidades;
3. Avaliar as possibilidades e desafios da Educação Ambiental nesse contexto.

Complementarmente, esta pesquisa também visa colaborar com um projeto do *Consejo de Asentamientos Sustentables de América Latina (CASA)*, a Rede Latina de Ecovilas, que pretende fortalecer as redes nacionais de ecovilas e a rede continental através do diagnóstico de seus processos educativos; e também com um projeto do *Education and Research Team* da GEN que visa fortalecer o movimento de ecovilas ao demonstrar seu papel em educação.

1.5 ESTRUTURAÇÃO

Esta dissertação está organizada em 5 partes: após esta introdução, há 3 capítulos. O primeiro apresenta fundamentação teórico-conceitual incluindo revisão de literatura e conceitos para contextualização do objeto de estudo e da discussão proposta. O segundo versa sobre a metodologia de pesquisa e suas fases com uma linha do tempo, além dos cuidados referentes à ética na pesquisa. O terceiro apresenta os resultados através de sistematização, mapeamento e análise, sendo sucedido pelas considerações finais, além de um glossário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Através de revisão de literatura realizada entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022 consultando os seguintes Bancos de Dados e Repositórios: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – FURG; *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); e Google Acadêmico, e fazendo uso variado dos descritores “ecovila”, “ecovilas”, “educação”, “educação ambiental”, “comunidade”, “comunidades”, “comunidade intencional”, “comunidades intencionais” e “assentamentos humanos sustentáveis”, constatamos que são raros e recentes os estudos sobre educação e/ou Educação Ambiental em ecovilas no Brasil, encontrando apenas quatro (em 71) pesquisas, cujos dados estão resumidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Dissertações e teses sobre educação e/ou Educação Ambiental em ecovilas no Brasil

Autor(a) e data	Título da Dissertação/Tese	Nível e Programa de Pós-Graduação e Universidade
MORAES (2016)	Reflexões por uma Educação Ambiental desde baixo: o cotidiano das comunidades utópicas	Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
SOUZA (2016)	Além da escola: reflexões teórico-metodológicas com base na análise de práticas educativas alternativas descobertas em áreas rurais da região de São Carlos-SP	Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista (UNESP)
SANTOS (2017)	Mestres e Mestras da oralidade: Ensinem-nos os saberes ancestrais da Mãe-Terra	Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
COMUNELLO (2017)	Aprendizagem e espiritualidade em ecovilas: quando o Universo todo ensina	Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

Fonte: Autoria própria (2022).

A primeira pesquisa – e que é a única já desenvolvida no PPGEA com essa temática – era de outra linha de pesquisa: em Fundamentos da Educação Ambiental, enquanto esta é em Educação Ambiental Não Formal; a segunda enfocou crianças como público-alvo; a terceira abordou Educação Popular; e a quarta é sobre os modos

de aprendizagem, enquanto esta é sobre os processos educativos desenvolvidos pelas comunidades. As outras pesquisas encontradas e suas respectivas áreas estão no Quadro 2.

Quadro 2 – TCCs, Dissertações e Teses sobre ecovilas/comunidades sustentáveis no Brasil

Autor(es) e data	Título TCC/Dissertação/Tese	Área
ALVES (2012)	A vila do Morro: fragmentos de uma jornada sustentável	Comunicação Social – Jornalismo
ANDRADE (2014)	Conexão dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos: A construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem	Arquitetura e Urbanismo
ARRUDA (2018)	O Fenômeno de Ecovilas no Brasil contemporâneo	Urbanismo
AZEVEDO (2017)	Tecnologias socioambientais das ecovilas reaplicadas além de suas fronteiras	Desenvolvimento Regional e Urbano
BARROS (2008)	Permacultura e desenvolvimento urbano: diretrizes e ações para a sustentabilidade socioambiental em loteamentos de interesse social	Arquitetura e Urbanismo
BELLEZE (2014)	Análise da sustentabilidade em ecovilas no Brasil	Engenharia Ambiental
BISSOLOTTI (2004)	Ecovilas: Um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade	Arquitetura e Urbanismo
BÓLLA (2012)	Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Uma	Ciências Ambientais
BORELLI (2014)	Consumo responsável sob a perspectiva prático-teórica: um estudo etnográfico em uma ecovila	Administração
BRITTO (2018)	Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo	Arquitetura
BROGNA (2007)	Avaliação prévia de um paradigma urbano emergente: Ecovila Clareando, Piracaia, SP	Engenharia Urbana
BUENO (2005)	Planejamento de uma ecovila mineira utilizando o conceito de ecocidade	Engenharia
CABRERA (2017)	Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas	Antropologia Social
CARAVITA (2012)	“Somos Todos Um”: vida e imanência no movimento comunitário alternativo	Antropologia Social
CASTRO (2014)	O Santo Daime como catalisador das relações e do estilo de vida dos moradores de uma ecovila em Viçosa, Minas Gerais	Economia Doméstica
CAVALCANTI (2014)	O mal-estar do coletivo: Um olhar sobre as liberdades individuais dentro de uma ecovila	Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
COCOZZA (2002)	Sustentabilidade Ambiental: sistematização crítica das novas proposições urbanísticas	Engenharia Urbana
CUNHA (2012)	A sustentabilidade em ecovilas: práticas e definições segundo o marco da economia solidária	Administração
D’ÁVILA (2008)	Conceitos e Técnicas para Assentamentos Humanos na Perspectiva da Sustentabilidade	Urbanismo
DIAS (2009)	Avaliação quantitativa de sustentabilidade comunitária – análise de Olivença, Banco da Vitória e Salobrinho, Ilhéus – Bahia	Cultura e Turismo
DIAS (2018)	Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade em ecovilas: o caso da Ecovila Tibá de São Carlos (SP)	Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

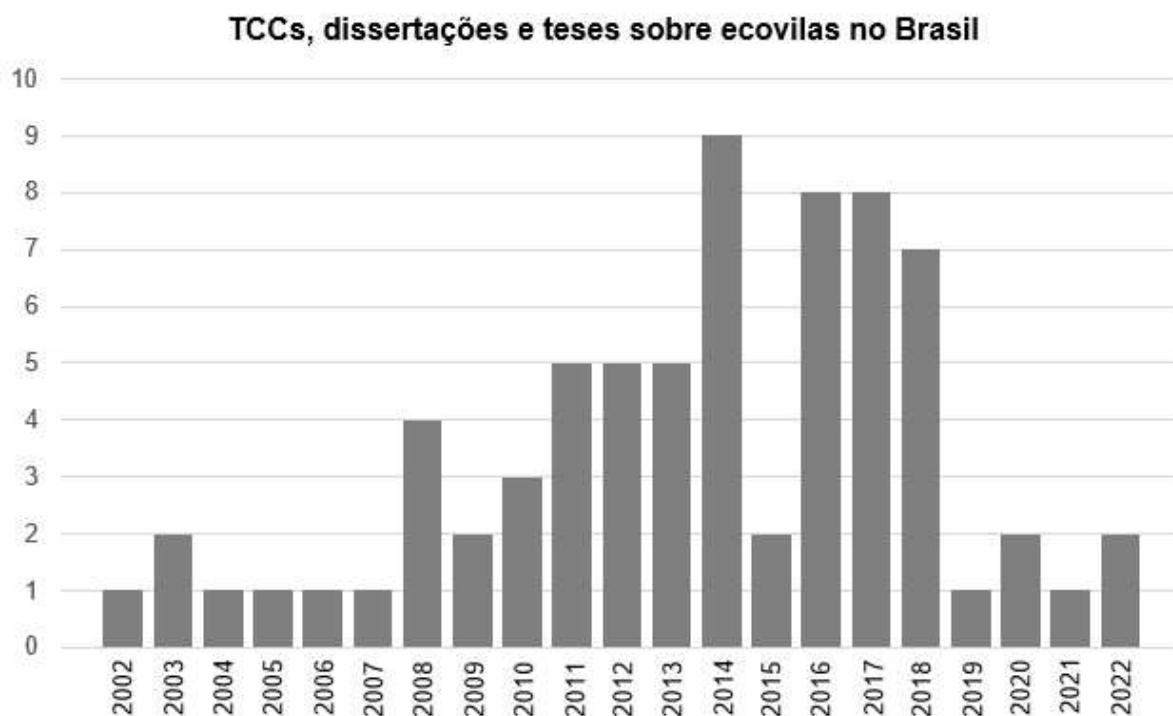
DIÓRIO (2017)	Relação entre sustentabilidade e espaço construído em ecovilas e comunidades sustentáveis no sul de Minas Gerais	Arquitetura e Urbanismo
DYNA (2013)	Agronegócio e ecovilas no bioma Cerrado: construindo parâmetros de uma ação coletiva	Gestão do Agronegócio
FABRI (2015)	Ecovilas: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade	Tecnologia
FACCIN (2016)	Modelos de sustentabilidade: ecovilas brasileiras. Um estudo de viabilidade e implementação	Economia
FERREIRA (2022)	Outros possíveis: Um estudo sobre a sustentabilidade em uma ecovila no Rio Grande do Sul	Administração
FLORES (2013)	Ecovilas e Ecofeminismo: Índícios de Sustentabilidade em Piracanga – Marau/BA	Desenvolvimento e Meio Ambiente
FLORES (2018)	Ecofeminismo e Sustentabilidade Ambiental em comunidades	Desenvolvimento e Meio Ambiente
FRANÇA (2003)	Ecos no cerrado	Ecoturismo
FREITAS (2016)	Análise de Assentamentos Humanos Sustentáveis: experiências relevantes de ecobairros e ecovilas	Gestão Urbana
JANUZZI (2016)	O céu e a terra. O Setor Noroeste e seus primeiros moradores	Antropologia
JORGE (2008)	Sustentabilidade e desenvolvimento local: estudo de projeto na formação da Ecovila Viver Simples	Gestão Empresarial
JOSÉ (2014)	Diretrizes para o desenvolvimento de Ecovilas Urbanas	Arquitetura e Urbanismo
LANDESMANN (2011)	Análise fenomenológica em comunidade intencional: ecovila	Ecologia
LOZANO (2009)	Assentamentos e Ecovila: no caminho da agroecologia	Ciências Sociais
LEITE (2011)	Avaliação da Eficiência na Conservação de Recursos Hídricos em Comunidades Sustentáveis	Engenharia Civil
MACEDO (2011)	Abastecimento de água e esgotamento sanitário em ecovilas	Engenharia Civil
MACHADO (2018)	A comunidade dos clássicos e a nova comunidade: um estudo da organização de ecovilas	Administração
MAFLE (2020)	Processos de Subjetivação em Ecovilas: vida comunitária e comportamentos pró-ambientais	Psicologia
MATTOS (2015)	Ecovilas: A construção de uma cultura regenerativa a partir da práxis de Findhorn, Escócia	Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
MORAIS (2017)	Sustentabilidade nas ecovilas	Gestão Ambiental
NASCIMENTO (2014)	As práticas alimentares na sociedade globalizada: o caso do movimento <i>Slow Food</i>	Ciências Humanas
NEVES (2016)	Gestão de ecovilas: valores da permacultura, governança e seus desafios	Administração
PIMENTEL (2010)	Em busca da sustentabilidade: Expressões espaciais da Permacultura no Distrito Federal	Geografia
PRADO (2018)	Ecovilas: história, práticas e a busca por uma 'nova' economia	Economia
PROTTI (2014)	Habit(ar-te) em “Residência Artística Terra Uma”	Artes Cênicas
RAINHO (2006)	As tecnologias ambientais nas ecovilas: um exemplo de gestão da água	Arquitetura
ROCHA (2017)	O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistência sócio-ecológica em projetos urbanos	Arquitetura e Urbanismo
ROSA (2003)	Spa Zen Arte Vivenda	Ecoturismo
ROSA (2014)	Inspirações e Aspirações do Marizá Epicentro (Tucano, BA): As Contribuições de uma Ecovila no Panorama Socioambiental Brasileiro	Ciências Ambientais e Conservação
ROYSEN (2013)	Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa	Psicologia Social

ROYSEN (2018)	Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas	Desenvolvimento Sustentável
SACCO (2021)	Transições de vida: da cidade para uma conexão espiritual com a natureza	Antropologia
SALES (2017)	Ecovila e Permacultura: uma nova forma de viver	Desenvolvimento e Meio Ambiente
SANTORO (2010)	Conservação de energia em assentamentos humanos pela utilização da permacultura: um estudo no Instituto de Permacultura e Ecovila da Mata Atlântica	Energia
SANTOS (2010)	Turismo e Holística – um estudo de caso da Ecovila Goura Vrindavana	Turismo
SANTOS (2011)	Comunidades Sustentáveis: autoridade e autonomia em questão	Serviço Social
SANTOS Jr. (2016)	Zelosamente habitando a Terra: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteira paradigmáticas	Geografia
SANTOS (2019)	Gestão Sustentável de Ecovilas: uma análise crítico-interpretativa	Ciências e Tecnologias Ambientais
SCARTEZINI (2011)	Insegurança alimentar nas cidades	Ciências Sociais
SCHETTERT (2016)	Descalço na simplicidade transformadora de uma ecovila: uma reflexão de suas práticas na construção de políticas públicas	Gestão de Políticas Públicas
SILVA (2013)	Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)	Geografia Humana
SILVA (2020)	Ecovilas como novos sujeitos de direitos: possibilidades e entraves legais no uso e ocupação do solo rural no Brasil	Ciências Humanas
SIMAS (2013)	Comunicação e Diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária	Comunicação
SIQUEIRA (2012)	Tensão entre as racionalidade substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteira do campo de estudos	Administração
SOUZA (2022)	O papel das ecovilas rurais no desenvolvimento local sustentável	Sustentabilidade
TUBINO (2008)	Ecovila Ekoa	Arquitetura e Urbanismo

Fonte: Autoria própria (2022).

A quantidade de pesquisas encontradas por data de publicação estão representadas graficamente na Figura 2. Assim como Arruda (2018), observamos que a ciência de ecovilas no Brasil é recente, tendo 20 anos de publicações científicas, e que está em evolução, sendo que a maioria das pesquisas desenvolvidas foram publicadas no período entre 2008 e 2018.

Figura 2 – Representação gráfica das pesquisas sobre ecovilas/comunidades sustentáveis por ano



Fonte: Autoria própria (2022).

Na Tabela 1 estão quantificadas as pesquisas encontradas por área do conhecimento. Observamos que a maior parte dos estudos sobre ecovilas e comunidades sustentáveis no Brasil se concentra nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, assim como constatado por Arruda (2018) e Santos (2019).

Tabela 1 – Quantidade de pesquisas sobre ecovilas/comunidades sustentáveis por área

Área	Específica	Quantidade	Frequência (%)
Administração		6	8,5
Arquitetura e Urbanismo	Arquitetura	11	15,5
	Urbanismo		
Artes Cênicas		1	1,4
Antropologia	Social	4	5,6
Ciências	Ambientais	7	9,9
	Ambientais e Conservação		
	Humanas		
	Sociais e Tecnologias Ambientais		
Comunicação	Jornalismo	2	2,8
Desenvolvimento	e Meio Ambiente	5	7,0
	Regional e Urbano		
	Sustentável		
Ecologia		1	1,4
Economia	Doméstica	3	4,2
Educação	Ambiental	4	5,6
	Contemporânea		
	Escolar		
Energia		1	1,4

Engenharia	Ambiental	6	8,5
	Civil		
	Urbana		
Geografia	Humana	3	4,2
Gestão	Ambiental	5	7,0
	de Políticas Públicas		
	do Agronegócio		
	Empresarial		
Psicologia	Social	2	2,8
Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social		3	4,2
Serviço Social		1	1,4
Sustentabilidade		1	1,4
Tecnologia		1	1,4
Turismo	Cultura e Turismo	4	5,6
	Ecoturismo		
Total		71	~100

Fonte: Autoria própria (2022).

Na realização desta revisão de literatura também encontramos diversos artigos e/ou trabalhos sobre ecovilas, mas entre todos eles apenas dez abordam educação e/ou EA e suas informações constam no Quadro 3.

Quadro 3 – Artigos/Trabalhos sobre educação e/ou EA em ecovilas/comunidades sustentáveis no Brasil

Autor(es) e data	Título do Artigo/Trabalho	Nível e Programa de Pós-Graduação e Universidade
CARNEIRO; SOUZA; SANTOS (2016)	A Ecovila Vraja Dhama como espaço formativo	Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da UFPE
COMUNELLO (2015)	Educação Ambiental em Ecovilas: uma etnografia sobre aprendizagem	Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RS
COMUNELLO; CARVALHO (2015)	Ecovilas: Aprendizagens, Espiritualidade e Ecologia	Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RS
DIAS; LOUREIRO (2017)	Educação ambiental na experiência das ecovilas: integrando as dimensões da sustentabilidade	Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
LEAL (2015)	As Práticas Educativas e de Gestão das Ecovilas	Doutorado em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
ROYSEN; CRUZ (2019)	Educando para a transição: transdisciplinaridade, metodologias ativas e sustentabilidade no ensino superior	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB)
SANTOS; LAGE (2016)	Ecovilas, Cultura de Paz e Educação na Partilha com a Mãe Terra: um estudo sobre a Ecovila Vraja Dhama	Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da UFPE

SANTOS; LAGE (2017)	Modos de vida integrados com a natureza e seus saberes sobre a Mãe-Terra: Ecovilas e modo tradicional de vida no campo	Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da UFPE
SANTOS; FERNANDES (2021)	Ecovilas e educação sentipensante: Saberes e educação popular na Ecovila Vraja Dhama do movimento Hare Krishna	Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
VEIGA (2015)	Um outro mundo é possível? Uma análise de uma ecovila em Paraty-RJ	Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Fonte: Autoria própria (2022).

2.2 ECOVILAS

2.2.1 Conceito

Desde a década de 1990, o conceito de ecovila já se modificou consideravelmente (DIAS *et al.*, 2017). A primeira tentativa de conceituação de ecovila foi feita por Robert Gilman em 1991:

um assentamento de funcionalidade completa, em escala humana, onde as atividades humanas são integradas ao mundo natural de maneira inofensiva, de tal forma que apoiam o desenvolvimento humano saudável, podendo ser continuada de forma bem-sucedida e indefinida no futuro (GILMAN, 1991, p.10, tradução nossa).

“Desde a origem, diversas tentativas de definição do conceito de ecovila são feitas. Em todas, prevalece uma visão comunitária, integrada, sustentável e plural” (SANTOS JR, 2006, p. 8). “Pode-se dizer que o conceito de ecovila permanece em evolução, sendo desejável buscar uma formulação mais dinâmica e menos tipológica, de maior valor heurístico na apreensão da realidade desses grupos” (DIAS *et al.*, 2017, p. 84). Por meio de um estudo da evolução histórica do conceito de ecovila, Santos *et al.* (2021, p. 45-46) propõem uma definição atualizada:

território formado pela soma de um espaço e um grupo de pessoas em constante convivência, variável em quantidade, mas cujo contato pessoal seja possível; praticantes da permacultura, decididas a viver em coletivo por escolha, voltadas para solucionar conflitos via gestão participativa, adotantes de boas práticas sustentáveis para gerir os recursos finitos e impactar o ambiente positivamente visando às próximas gerações.

Segundo Capello (2013), o conceito de ecovila não se restringe a estabelecer um *checklist* de soluções verdes ou de equipamentos e formas de interações

socioambientais que auxiliem a reduzir gradativamente a pegada ecológica de seus moradores. A ideia de ecovila não remete a um descritivo de aspectos que comunidades já alcançaram em termos de sustentabilidade. De forma mais ampla, orienta aspirações e metas para as quais as comunidades alinhadas ao conceito se propõem a caminhar ao longo de toda sua existência, em um processo que tem começo, mas não tem fim.

De acordo com Moraes (2019, p. 88) a base constituinte da formação de uma ecovila é a utopia compartilhada pelos seus membros que no anseio de negar a insustentabilidade da vida urbano-capitalista, unem-se em torno de um território comum. E Roysen (2020, p. 14-15) afirma que “o movimento de ecovilas acredita que cada comunidade se desenvolve de acordo com características próprias de cada grupo. Costuma-se dizer que cada grupo tem a sua ‘cola’, isto é, algo que os une”. Em outras palavras:

“Cola” é o nome que o movimento das ecovilas dá para a “identidade coletiva” da comunidade, ou seja, as características que unem os membros em um projeto comum e que expressam o caráter único de cada grupo (ROYSEN, 2020, p. 329).

Sendo assim, o movimento de ecovilas é muito diverso, pois cada uma constrói sua realidade a partir dos elementos que fazem sentido ao próprio grupo. Como afirma Siqueira (2017, p. 49):

Cada ecovila é única. Pertence a um contexto social, político e econômico específico. Atua na realidade em que está inserida de maneira singular. Organiza-se e viabiliza sua existência de maneira particular. Suas práticas e ações administrativas fazem parte de sua essência, de suas políticas e dos valores e padrões éticos de seus membros.

E Santos Jr (2006, p. 11-12) detalha:

cada ecovila se apresenta de forma singular, tendo em vista as prioridades feitas por seus membros, em menor ou maior escala, em relação aos aspectos de sustentabilidade com os quais se sentem mais vinculados. Neste sentido, existem ecovilas mais “comunitárias”, outras mais “ecológicas”, algumas mais “produtivas” ou mais “espirituais”, e assim por diante. Porém, não podemos pensar em ecovila sem que todos esses aspectos estejam presentes, de forma integrada, mesmo que um deles se sobressaia aos demais. Esta reflexão é importante, na medida em que tanto oferece uma base comum para o reconhecimento do fenômeno das ecovilas, como demonstra as múltiplas possibilidades e singularidades presentes nas mais diversas experiências espalhadas pelo mundo.

Apesar das dificuldades de conceituação em um movimento marcado por pluralidades, Dawson (2015, p. 34-35) reúne as cinco características que são compartilhadas por todas as ecovilas:

1. Primazia pela comunidade: a ecovila é, possivelmente mais do que tudo, uma resposta a alienação e solidão provocadas pela conjuntura social moderna. Ela vem preencher uma forte necessidade de reconexão entre os indivíduos em uma comunidade com significado, tornando seus membros úteis e valorizados em uma sociedade de escala humana;
2. Iniciativas cidadãos, autossuficientes: ao menos inicialmente em recursos, inventividade e visão dos próprios membros da comunidade;
3. Busca pela retomada do controle dos seus próprios recursos e de seus destinos;
4. Forte núcleo de valores compartilhados entre os membros – algumas ecovilas referem-se a isto como "espiritualidade";
5. Atuação como centros de pesquisa e treinamento, cada uma no seu próprio campo de competência e prática.

Destacamos o último item que descreve como característica das ecovilas a atuação como centros de pesquisa e treinamento, colocando em evidência sua dimensão educacional.

Capello (2013), sobre os cinco pilares das ecovilas, detalha que “o último ponto comum ao universo das ecovilas recai sobre o desejo (e vocação natural) de constituírem-se como centros de pesquisa, educação, demonstração e/ou treinamento de técnicas e práticas sustentáveis”. Mattos (2017, p. 22) também salienta essa característica ao explicar que:

Não é simples afirmar se uma comunidade é ou não uma Ecovila, uma vez que não existem critérios específicos, mas algumas características as distinguem das demais comunidades intencionais ou projetos ecológicos, principalmente: o foco na vida comunitária e a busca pela sustentabilidade em seus diversos aspectos; uma forte conexão com a natureza; a gestão participativa, além de serem, em grande maioria, centros de educação e treinamento.

2.2.2 Movimento de Ecovilas

As ecovilas têm sido cada vez menos vistas como fenômenos isolados, mas como parte crescente de um todo maior, ou seja, uma comunidade de comunidades que, interconectadas em redes, se unem partindo do engajamento comunitário para fazer frente aos desafios globais (MATTOS, 2017). Então:

essas comunidades passaram a se articular em redes, indo além das fronteiras locais e nacionais; e tornaram-se extremamente diversas em termos de filosofia, espiritualidade e estilos de vida. Sua ideia de comunidade não está na criação de um sistema único de crenças ou em um único estilo de vida, mas em criar unidade na diversidade (KUNZE, 2012, p. 56-57 apud MATTOS, 2018, p. 17).

E sobre o movimento de ecovilas, cujo foco inicial era criar práticas sustentáveis locais a nível individual e comunitário e cada vez mais se expressa globalmente, “ao mesmo tempo em que estão construindo comunidades locais sustentáveis, constituem uma rede global para a educação e transformação social” (MATTOS, 2017, p. 25) e cuja “ênfase está na responsabilidade individual e no empoderamento para a ação conjunta” (MATTOS, 2017, p. 25).

Pode-se dizer que o movimento de ecovilas carrega um ideal de transformar o mundo (DIAS *et al.*, 2017, p. 84). “Enquanto movimento social, o movimento de ecovilas pode ser visto como um movimento propositivo, uma vez que oferece exemplos, ao invés de ‘lutar contra’” (MATTOS, 2017, p. 22). Moraes (2019, p. 87-88) esclarece que:

Diferente das vias mais consagradas de emancipação social, as ecovilas não partem de uma forma de transformação revolucionária centralizada, com uma bandeira específica ou orientada pelo anseio de conquista do Estado e de sua estrutura de poder. Sua revolução parte da subversão cotidiana dos elementos materiais e subjetivos que constituem a modernidade capitalista: concentração de riquezas, exploração do trabalho, insustentabilidade socioambiental, competitividade, consumismo, sexismo. Assim, buscam encontrar novos esquemas organizacionais, que, mesmo com suas limitações, procuram ampliar autonomia local e os sistemas de organizações em rede.

Em 1995, na Conferência sobre Ecovilas e Comunidades Sustentáveis: Modelos para o Século XXI realizada na Ecovila de Findhorn, foi criada a GEN, uma confederação mundial de comunidades que se encontram com o objetivo de compartilhar novas ideias e tecnologias e desenvolver intercâmbios culturais e educacionais.

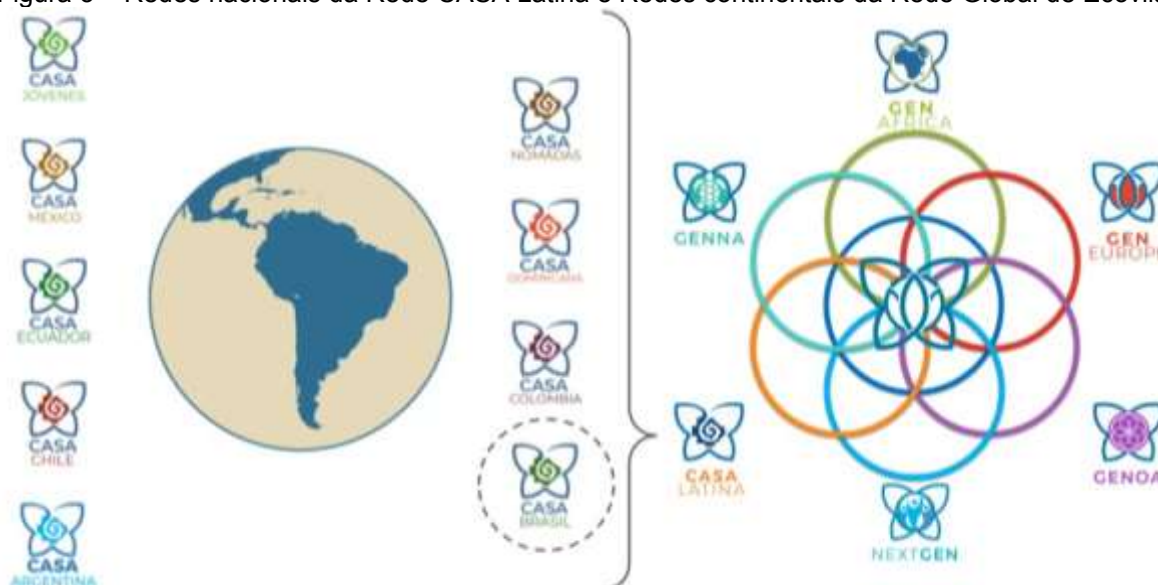
Em 1998, as Ecovilas foram incluídas entre as 100 melhores práticas para o Desenvolvimento Sustentável do Programa Habitat da Organização das Nações Unidas (ONU), como modelos excelentes de vida sustentável, e, em 2000, a GEN foi nomeada para o Conselho Econômico e Social do Comitê das Organizações Não Governamentais (ONG) das Nações Unidas com status consultivo (GEN, 2021).

A GEN é considerada um movimento de inovação social (KUNZE, 2012) que pode contribuir com a transição (AVELINO; MONTICELLI; WITTMAYER, 2019) a partir de uma crítica cultural, socioeconômica e política (MATTOS, 2018, p. 16).

Como pode ser observado no lado direito da Figura 3, a GEN é composta por cinco redes continentais, chamadas de regiões: a norte-americana GENNA, a africana GEN AFRICA, a europeia GEN EUROPE, a oceânica e asiática GENOA, e a latina CASA, além da NextGEN, a Rede de Jovens, que é transversal às outras.

A Rede CASA Latina, por sua vez, é composta por redes nacionais (lado esquerdo da Figura 3), dentre elas o Conselho de Assentamentos Sustentáveis Brasileiro (Rede CASA Brasil), também conhecida como a rede brasileira de ecovilas.

Figura 3 – Redes nacionais da Rede CASA Latina e Redes continentais da Rede Global de Ecovilas



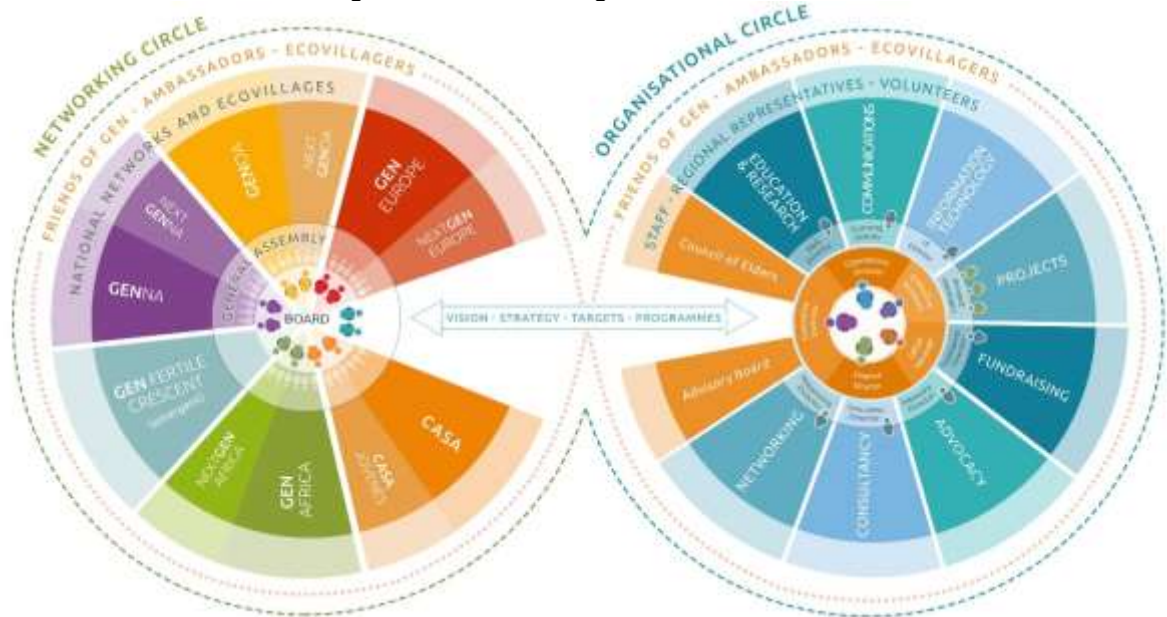
Fonte: Autoria própria (2022), adaptado de CASA Latina (2020) e GEN (2021).

Destacamos como a Rede CASA Latina tem um nome diferenciado das outras redes continentais (não se chamando GEN Latina), o que pode se dar tanto pela não identificação com a tradução de *ecovillage* para ecovila em português e *ecoaldeia* em espanhol - que possuem conotações distintas e portanto mais difíceis de unir em um só conceito e nome - mas também pela preferência do uso da expressão “assentamentos humanos sustentáveis” e de um acrônimo com significado tanto em português quanto em espanhol: “Bem-vindos à CASA/*Bienvenidos a CASA*”, reunindo assim os países representados por essa rede com um só nome e conceito.

Nos organogramas das Figuras 4, 5 e 6 são apresentadas as estruturas organizacionais das redes global, latina e brasileira de ecovilas, respectivamente. As

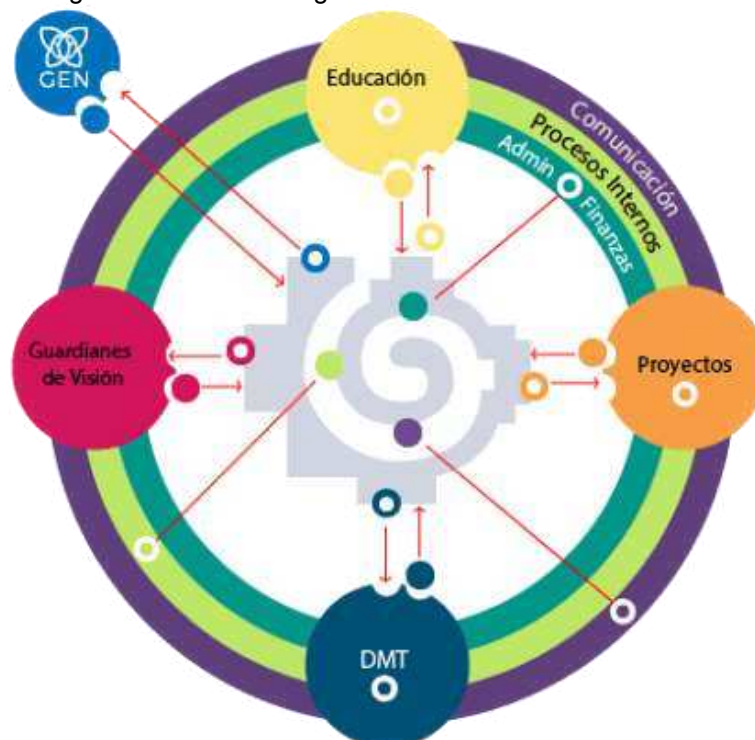
redes estão organizadas na forma de círculos operacionais (característicos da Sociocracia – sistema de gestão adotado pelas ecovilas). Destacamos como elas apresentam grupos de Educação, sendo uma área de atuação importante das mesmas, evidenciando como o movimento atua nessa área em diferentes escalas e de forma conectada.

Figura 4 – Estrutura organizacional da GEN



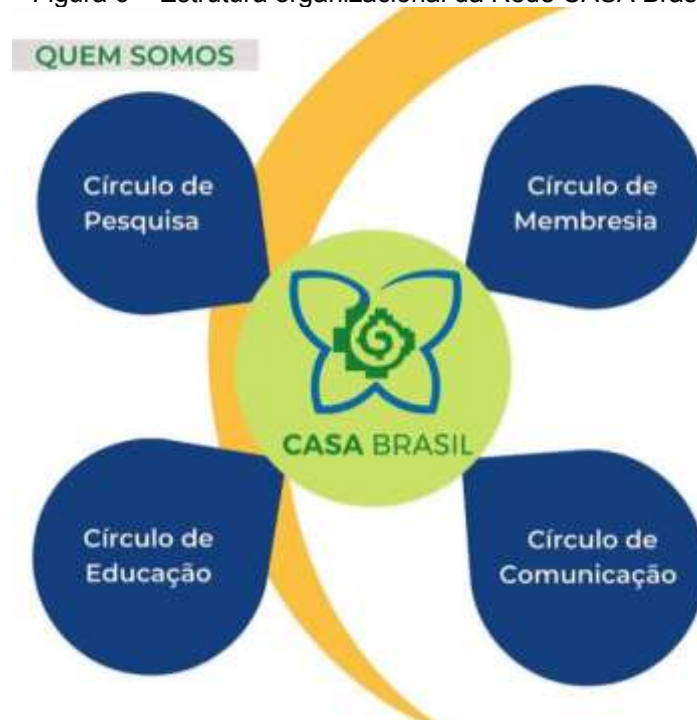
Fonte: GEN, 2021.

Figura 5 – Estrutura organizacional da Rede CASA Latina



Fonte: CASA LATINA, 2020.

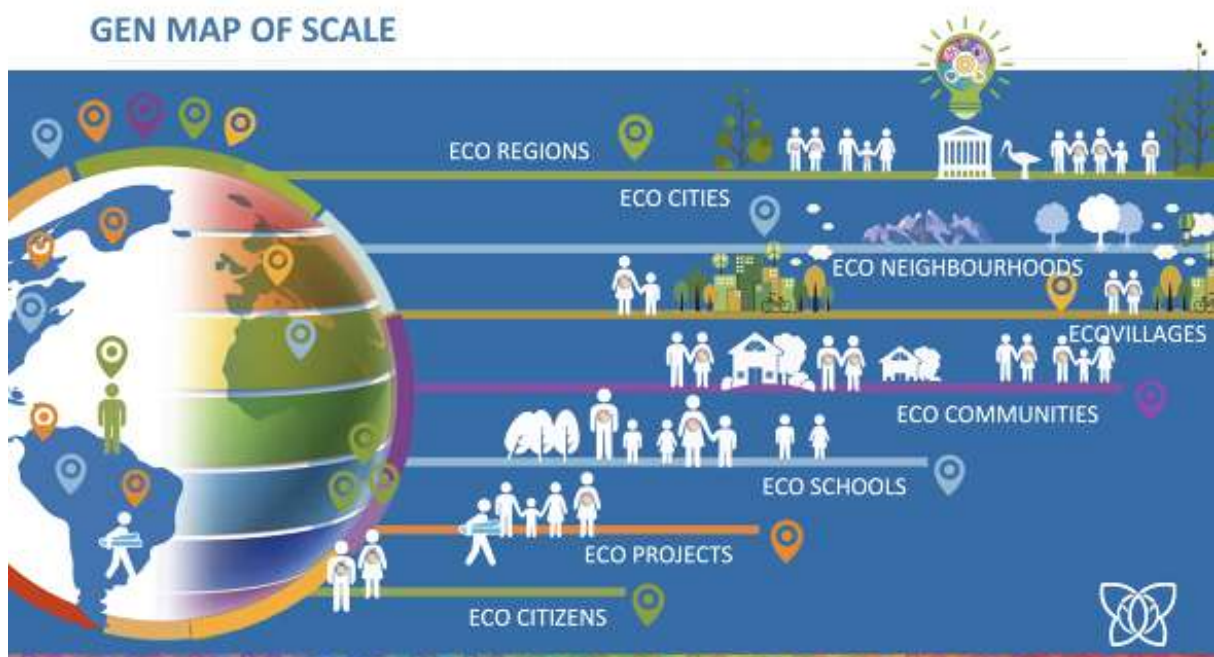
Figura 6 – Estrutura organizacional da Rede CASA Brasil



Fonte: CASA BRASIL, 2021.

No Mapa de escala da GEN (Figura 7), observa-se que os indivíduos enquanto eco-cidadãos se juntam para atuação em eco-projetos, eco-escolas e eco-comunidades, formando então ecovilas, eco-bairros e eco-cidades conformando uma eco-região (também chamada de biorregião).

Figura 7 – Mapa de escala da GEN



Fonte: GEN, 2021.

Segundo Mattos (2017, p. 25), a GEN vem, aos poucos, ampliando sua visão e, nos últimos anos, funciona como uma organização “guarda-chuva” que articula e apoia projetos e iniciativas comunitárias que trabalham pela sustentabilidade, não apenas ecovilas, mas comunidades intencionais, vilas tradicionais, e outras experiências afins.

O movimento de ecovilas é conectado aos movimentos Ecobairros (FREITAS, 2016) e Cidades em Transição (LOCKYER, 2010). “Em um contexto globalizado de sistemas altamente interconectados, a articulação de tais movimento em redes tende a potencializar bastante o alcance de seu impacto social” (DIAS *et al.*, 2017, p. 89). Roysen (2017, p. 136) destaca a importância de fortalecermos a rede de assentamentos sustentáveis porque “quando vemos que existem muitas pessoas que, como nós, estão lutando por essa mudança cultural, enfrentando os mesmos desafios, nos sentimos mais fortalecidos em nosso propósito” (ROYSEN, 2017, p. 136).

Portanto, a sustentabilidade pode ser aplicada desde micro a macroescala, como por exemplo desde uma comunidade (como uma ecovila), passando por cidades sustentáveis e biorregiões até uma gestão ambiental planetária para a qual se necessita de uma mudança paradigmática com um projeto societário alternativo.

Entre as opções de cadastro no *site* da GEN encontram-se: rede de ecovilas, ecovilas (religiosas ou espirituais, intencionais, tradicionais, indígenas), eco cidades, eco comunidades, eco projetos (projeto permacultural, escola verde, centro de aprendizagem, local de restauração, local de eco turismo, eco fazenda, projeto liderado por jovens, outros), centro holístico, cidade em transição, *cohousing*, habitação compartilhada e não especificado, outros (GEN, 2021, tradução nossa).

Já a Rede CASA Latina é integrada por diversos tipos de assentamentos sustentáveis (Figura 8), entre eles destacamos o “Foco Educativo”, composto por projetos de Permacultura, Agroecologia e Ecopedagogia.

Figura 8 – Tipos de assentamentos sustentáveis



Fonte: CASA LATINA, 2020.

E a Rede CASA Brasil apresenta as seguintes categorias de membresia (CASA BRASIL, 2021):

1. **Ecocidadania** - Estou em processo de transição individual, sensibilizando-me às questões ambientais. Posuo, participo ou sou uma pessoa membra ativa de uma organização que toca um projeto sustentável.
2. **Projetos e Organizações sustentáveis e resilientes** - O objetivo principal não é residencial. Reúnem diversas iniciativas promotoras de sustentabilidade, regeneração, preservação, conservação ambiental, educação socioambiental etc.
3. **AHS (Assentamentos Humanos Sustentáveis) em formação** - Foco residencial, no caminho da sustentabilidade (podem agregar outras atividades). Processos formativos diferentes níveis de maturidade, mas que ainda não atendem aos critérios para a categoria "ecovilas".
4. **Ecovilas Consolidadas** - Tempo de existência mínimo de 2 anos. População mínima: 20 pessoas. Adota pelo menos uma das dimensões da sustentabilidade (com a intenção de adotar todas) e possui propósito de regeneração.

É difícil estimar precisamente o número de ecovilas existentes e ativas no mundo, pois não são todas cadastradas nas redes e muitas delas não possuem presença virtual ativa. Mattos (2017) estimou que há em torno de 15.000 iniciativas pelo mundo. Nas Figuras 9 e 10 encontram-se os mapeamentos das comunidades cadastradas nas redes global e brasileira, respectivamente. No Brasil, observamos um maior número de comunidades cadastradas na rede brasileira do que na global. Isso pode ser explicado pelo fato de que as redes dependem do cadastramento voluntário das comunidades e que elas, ao fazerem parte da rede nacional, não necessariamente têm de fazer parte das outras redes, sendo uma questão de opção das mesmas.

Figura 9 – Mapeamento das comunidades cadastradas na GEN



Fonte: Adaptado de GEN, 2021.

Figura 10 – Mapeamento das comunidades cadastradas na Rede CASA Brasil



Fonte: Adaptado de CASA BRASIL, 2022.

Arruda (2018) observou que a localização das ecovilas brasileiras reflete, em grande medida, a dispersão populacional própria do país, concentrada mais próxima ao litoral do que no interior. E notou também uma maior concentração na região Sudeste, que é a mais populosa do país.

2.2.3 Dimensões da Sustentabilidade em Ecovilas

De acordo com diferentes autores: “a sustentabilidade norteia as atividades de uma ecovila, desde sua concepção, implantação, uso e gerenciamento” (BISSOLOTI, 2004, p. 11); e para falar em ecovilas, “é preciso falar em sustentabilidade de forma multidimensional a partir de um prisma cujas facetas político-institucional, econômica, ambiental, cultural, psicológica e tecnológica são volvidas para a construção de sociedades sustentáveis” (SANTOS, 2019, p. 20), já que elas “vêm colocando em prática uma perspectiva ou abordagem ‘sistêmica’ de sustentabilidade - isto é, multidimensional e integrada” (DIAS e LOUREIRO, 2019, p. 10).

Como representado na Figura 11, a sustentabilidade proposta pelo movimento de ecovilas é composta por quatro dimensões (chamadas de áreas de regeneração) acrescentando em 2005 a dimensão cultural (chamada de visão de mundo) às já conhecidas no “tripé da sustentabilidade” (BURSZTYN & BURSZTYN, 2013): social, econômica e ambiental (chamada de ecológica neste modelo) - sendo que tal dimensão só foi reconhecida pela ONU em 2015, demonstrando o quão pioneiro o movimento é nessa área. Destacamos dentro do âmbito social “Educação, Redes Colaborativas e Ativismo”, demonstrando assim como a educação é um dos mais importantes campos de atuação das redes de ecovilas.

Figura 11 – Dimensões da sustentabilidade em ecovilas



Fonte: GAIA EDUCATION, 2021.

A GEN atua na área educacional através do currículo *Gaia Education* baseado nessa mandala e que apresenta um conjunto de conteúdos, experiências e ferramentas para criação e fortalecimento de comunidades envolvendo as dimensões da sustentabilidade em ecovilas e como integrá-las em sua realidade. Este currículo é endossado pela UNITAR (Instituto das Nações Unidas para Formação e Pesquisa) e reconhecido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) como contribuição oficial à Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014) (DAWSON, 2015). Ele vem sendo aplicado por meio dos Programas de Educação em *Design* de Ecovilas

(*Ecovillage Design Education* - EDE). Focado inicialmente em dar suporte e fortalecer o movimento de ecovilas, cada vez mais repercute para além das ecovilas, sendo inspirador para usar os princípios e práticas ecovilenses em qualquer contexto, para a vida privada e familiar, organizações, etc. já que “nem todos podem criar ou viver em uma ecovila, mas todos podem aprender e aplicar os princípios e a prática do desenvolvimento sustentável e estilos de vida regenerativos onde quer que vivam” (GAIA EDUCATION, 2022).

Desde 2006, foram oferecidos mais de 350 programas em 55 países ao redor do mundo, alcançando mais de 22.000 estudantes globalmente. Apresenta uma versão em espanhol oferecida em parceria com a Rede CASA Latina chamado “*Curso Maestro de Ecoaldeas y comunidades resilientes*” e outra em português oferecida em parceria com a Rede CASA Brasil chamado de “Ciclo Gaia Viva”. No Brasil, já foi realizado em 12 estados nas cinco regiões, destacando o país como maior número de EDEs realizados no mundo (GAIA EDUCATION, 2021).

Recentemente, a ONG *Gaia Education* (que emergiu da GEN) recebeu o Prêmio da Paz de Luxemburgo (atribuído pelo Fórum Mundial da Paz e pela Fundação Schengen para a Paz) como reconhecimento pelo esforço excepcional em promover educação global em sustentabilidade e regeneração (LUXEMBOURG PEACE PRIZE, 2022).

2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Segundo Sauv  (2005, p. 317):

A educa o ambiental visa a induzir dinâmicas sociais, de início na comunidade local e, posteriormente, em redes mais amplas de solidariedade, promovendo a abordagem colaborativa e crítica das realidades socioambientais e uma compreensão aut noma e criativa dos problemas que se apresentam e das solu es possíveis para eles.

E, de acordo com a autora, existem modos diversos e complementares de compreender o meio ambiente. Dentre eles, o projeto comunitário que:

  um lugar de coopera o e de parceria para realizar as mudanças desejadas no seio de uma coletividade. É importante que se aprenda a viver e a trabalhar em conjunto, em “comunidades de aprendizagem e de prática”. O meio ambiente é um objeto compartilhado, essencialmente complexo: somente uma abordagem colaborativa favorece uma melhor compreensão e uma

intervenção mais eficaz. É preciso que se aprenda a discutir, a escutar, a argumentar, a convencer, em suma, a comunicar-se eficazmente por meio de um diálogo entre saberes de diversos tipos — científicos, de experiência, tradicionais etc. A educação ambiental introduz aqui a idéia de práxis: a ação está associada a um processo constante de reflexão crítica (SAUVÉ, 2005, p. 317).

2.3.1 Marco legal e Educação Ambiental Não Formal

O artigo 225 da Constituição Federal ao estabelecer o “meio ambiente ecologicamente equilibrado” como direito dos brasileiros, “bem de uso comum e essencial à sadia qualidade de vida”, também, atribui ao “Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. E, no seu inciso VI, determina “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Depois da Constituição em 1988, a Lei nº 9.795/99, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, e foi regulamentada pelo Decreto nº 4.281/2002, foi o grande marco histórico brasileiro de Educação Ambiental. Em seu Art. 1º encontra-se a definição:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Em seus Arts. 3º e 4º, respectivamente, estabelece-se que a Educação Ambiental “é um direito de todos; é parte do processo educativo mais amplo”, “devendo estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”.

De acordo com o regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, a Educação Ambiental Não Formal:

Estuda as questões sócio-ecológico-ambientais nos campos não formais e informais de Educação Ambiental. Enfatiza a dimensão ético-estética, a diversidade e alteridade dos grupos sociais, as relações entre a Educação Ambiental, os gêneros, as gerações humanas em todas as suas idades, o desenvolvimento humano e sistêmico, a compreensão da interligação dos espaços ambientais, da saúde coletiva e da qualidade de vida dos sujeitos e

das instituições e organizações sociais. Visa o comprometimento dos pesquisadores envolvidos na restituição dos resultados dos trabalhos às comunidades investigadas (princípio e fim das pesquisas), assim como a participação de comunidades integradas nos processos decisórios do manejo de ecossistemas, preferentemente costeiros, em busca da construção coletiva de sociedades sustentáveis e utopias concretizáveis (PPGEA, [s.d.]).

Portanto, esta investigação sobre comunidades do movimento de ecovilas se encaixa nessa linha de pesquisa.

2.3.2 Ecologia política e macro-tendências político-pedagógicas da EA

“A Ecologia Política trouxe a contribuição das ciências humanas e sociais para a reflexão e o debate ecológico, até então pautados por leituras biologicistas e despolitizadas dos problemas ambientais” (LAYRARGUES, 2011, p. 2). Layrargues e Lima (2011) identificaram três macro-tendências como modelos político-pedagógicos para a Educação Ambiental no Brasil, em resumo:

- Conservacionista: se expressa por meio das correntes conservacionista, comportamentalista, da Alfabetização Ecológica e do autoconhecimento, com limitado potencial de se somar às forças que lutam pela transformação social, por estarem distanciadas das dinâmicas sociais e políticas e seus respectivos conflitos de interesses e de poder (...) porque não questionam a estrutura social vigente em sua totalidade, mas apenas reformas de partes ou setores sociais. Apontam, sobretudo para mudanças culturais reconhecidamente relevantes, mas que dificilmente podem ser concretizadas sem que também se transformem as bases econômicas e políticas da sociedade;

- Pragmática: abrange sobretudo as correntes da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e para o Consumo Sustentável (...) do sistema produtivo baseado no consumismo, na obsolescência planejada e nos descartáveis, que também se relaciona com a economia de energia ou de água, o mercado de carbono, as eco-tecnologias, a diminuição da pegada ecológica. O caráter pragmático desponta como a tendência hegemônica na atualidade e apresenta a ausência de reflexão que possa permitir a compreensão acurada das causas e consequências dos problemas ambientais que deriva da crença na neutralidade da ciência e da tecnologia e resulta em uma percepção superficial e despolitizada das relações sociais e de suas interações com o ambiente;

- Crítica: aglutina as correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental, apoiando-se com ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental, (...) procurando contextualizar e politizar o debate ambiental, articular as diversas dimensões da sustentabilidade e problematizar as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade que experimentamos local e globalmente.

Sobre Alfabetização Ecológica:

Resumidamente pode-se dizer que é uma proposta pedagógica formulada pelo físico austríaco Fritjof Capra em associação com outros educadores e cientistas norte-americanos, baseada no conhecimento do que definem como princípios ecológicos básicos, a saber: interdependência, ciclagem, parceria, coevolução, flexibilidade e diversidade; e na transposição desses princípios a uma moralidade aplicável às formações humanas orientada pela lógica de um pensamento sistêmico (LAYRARGUES, 2002 apud LAYRARGUES, 2011, p. 9).

Para Carvalho (2017, p. 52), “o sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica”.

O ideal de ser e de viver em um mundo ecológico se vai constituindo como um parâmetro orientador das decisões e escolhas de vida que os ecologistas, os educadores ambientais e as pessoas que aderem a esses ideais vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas cotidianas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados (CARVALHO, 2017, p. 52).

Complementarmente segundo a autora:

Não se trata, portanto, de imaginá-lo como uma pessoa ou grupo de pessoas completamente ecológicas em todas as esferas de suas vidas ou ainda como um código normativo a ser seguido e praticado em sua totalidade por todos os que neles se inspiram. Em sua condição de modelo ideal, é, pois, importante compreender quais são os valores e crenças centrais que constituem o sujeito ecológico e como ele opera como uma orientação de vida, expressando-se de diferentes maneiras por meio das características pessoais e coletivas de indivíduos e grupos em suas condições sócio-históricas de existência (CARVALHO, 2017, p. 52).

Então, “contribuir para a constituição de uma atitude ecológica caracteriza a principal aspiração da EA”, e que “vai sendo transformado em experiências concretas de identificação e subjetivação de indivíduos e coletividades”. Portanto:

a existência de um sujeito ecológico põe em evidência não apenas um modo individual de ser, mas, sobretudo, a possibilidade de um mundo transformado, compatível com esse ideal. Fomenta esperanças de viver melhor, de felicidade, de justiça e de bem-estar. Assim, além de servir de fonte de identificação para os ativistas e ecologistas, mobiliza sensibilidades que podem ser experienciadas por muitos segmentos de nossa sociedade. Os educadores que passam a cultivar as deias e sensibilidade ecológicas em sua prática educativa estão sendo portadores dos ideais do sujeito ecológico (CARVALHO, 2017, p. 55).

Para Layrargues (2020, p. 64), o que fica evidente com as observações de Carvalho (2004), é que o perfil do sujeito ecológico idealizado abarcaria em seu repertório identitário, também a ação política, buscando a superação da visão hegemônica que eternamente responsabiliza o indivíduo atomizado pelas respostas à crise ambiental. E o autor conclui que agora torna-se imperativo à Educação Ambiental concentrar esforços na formação do sujeito ecopolítico. Para o autor:

Os novos tempos (...) exigem da Educação Ambiental um redobrado empenho na formação do sujeito ecopolítico, aquele sujeito ecológico que descoloniza seu imaginário cooptado e ultrapassando os limites do reducionismo do individualismo meritocrático, se investe do papel social da militância ecológica, exercitando sua cidadania política enquanto um ‘ativista’ da causa ambiental, para subversivamente retomar o caminho da civilidade no convívio humano com e no planeta Terra (LAYRARGUES, 2020, p. 78).

Então, para Layrargues (2020, p. 62) a Educação Ambiental “visa a formação de sujeitos críticos, participativos e comprometidos com uma sustentabilidade socioambiental enquanto opção ético-política” já que o caminho da sustentabilidade não é apenas uma questão ética e moral, é também questão política e econômica. Portanto:

Nessa conjuntura, cai o predomínio ou quase exclusividade da ampla agenda da alfabetização ecológica na expectativa de formação de cidadãos-consumidores individualmente eco responsáveis, para compartilhar as luzes do palco do ato pedagógico, a agenda da alfabetização ecopolítica, na expectativa de que esses cidadãos-consumidores individualmente eco responsáveis não sejam politicamente ingênuos, e assim possam desenvolver conhecimentos, atitudes e valores coerentes para a atuação coletiva na defesa ambiental na vida política, participando e cobrando a participação e controle social na construção de políticas públicas orientadoras do desenvolvimentismo pautado pela sustentabilidade (LAYRARGUES, 2020, p. 77).

Quintas (2003) sobre Educação no Processo de Gestão Ambiental propõe uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, que objetiva o desenvolvimento de capacidades (nas esferas dos conhecimentos, das habilidades e das atitudes), visando a participação individual e coletiva na gestão do uso dos recursos ambientais e na concepção e aplicação de decisões que afetam a qualidade do meio ambiente, seja ele físico-natural ou construído, enfatizando que a prática da gestão ambiental não é neutra.

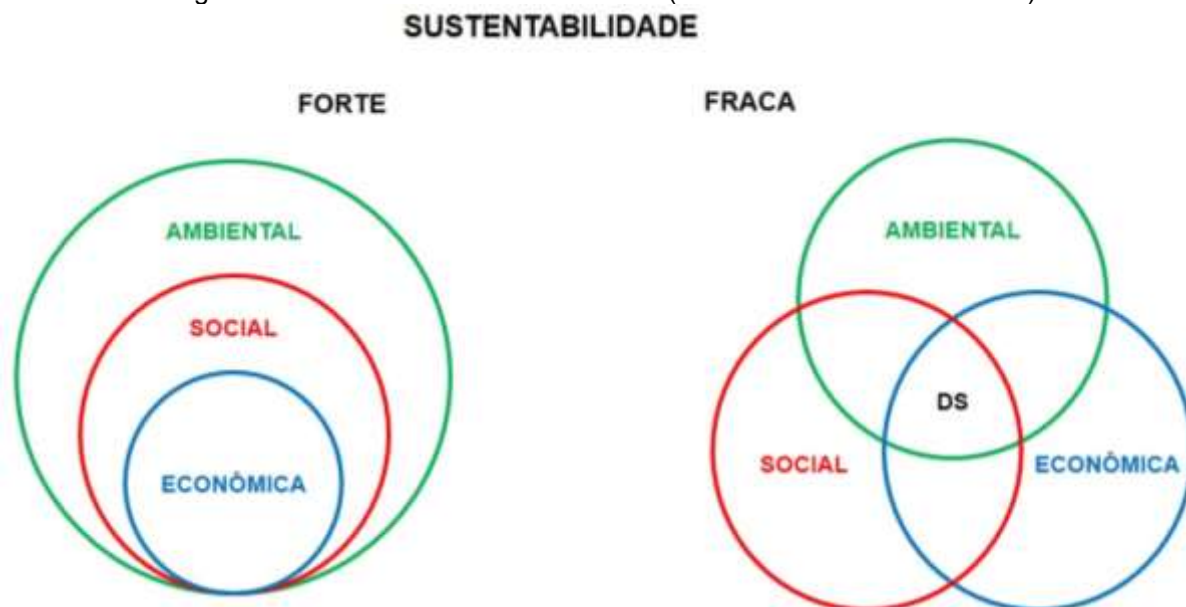
2.3.3 Sustentabilidade x Desenvolvimento Sustentável

“A noção de sustentabilidade tem sido usada indiscriminadamente produzindo a falsa ideia de que há um consenso sob todos os discursos que acionam este conceito” (CARVALHO, 2008, p. 46). Para Carvalho (2008, p. 48), o conceito de sustentabilidade apresenta uma alta polissemia, englobando uma grande diversidade de sentidos, podendo ser pensado mais como um conceito em disputa do que uma categoria descritiva e estável no campo de interlocução ambiental.

Então, é importante diferenciarmos os conceitos de Sustentabilidade e de Desenvolvimento Sustentável pois na literatura se encontra muito o uso dos mesmos como sinônimos, sendo que não são, já que têm concepções e propósitos diferentes. O Desenvolvimento Sustentável é um conceito hegemônico, considerado oficial tendo sido constituído nas conferências da ONU sobre questões ambientais. Os princípios 1 e 2 da Declaração de Estocolmo (ONU, 1972) delineiam o que mais tarde viria a ser formalizado no Relatório Brundtland (CMMAD, 1987) com o conceito de Desenvolvimento Sustentável como aquele que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Esse conceito pressupõe um equilíbrio possível entre as dimensões social, econômica e ambiental, teoria que não se traduz na prática no sistema econômico vigente, pois a esfera econômica é priorizada nos processos de tomadas de decisões sociopolíticas mundiais.

Assim, através do modelo do Desenvolvimento Sustentável o que se está de fato desenvolvendo realmente é uma sustentabilidade fraca em oposição a uma sustentabilidade forte (que deriva da Ecologia Profunda), como definidas por Bursztyn e Bursztyn (2013) e explicadas com o auxílio de representações gráficas (Figura 12).

Figura 12 – Sustentabilidade forte x fraca (Desenvolvimento Sustentável)



Fonte: A autoria própria (2022), adaptado de BURSZTYN, BURSZTYN (2013, p. 51).

Esquemáticamente, no modelo de sustentabilidade forte as três esferas se superpõem (a biosfera, a sociosfera e a econosfera), sendo que a primeira da vida e da natureza circunscreve a da sociedade e esta envolve a da economia, enquanto que no modelo do Desenvolvimento Sustentável caracterizado pelo tripé da sustentabilidade fraca invés de um equilíbrio entre as três dimensões, ele acaba se convertendo em um sistema de relações assimétricas entre elas, com uma inevitável prevalência da esfera econômica.

Além disso:

A simples harmonia entre duas das esferas não assegura o caráter sustentável. Condicionar a economia às características ambientais pode garantir a viabilidade. Compatibilizar as esferas econômica e social pode assegurar melhoria no bem-estar e equidade. Garantir um bom entrosamento entre o social e o ecológico pode gerar um ambiente tolerável, mas dificilmente tal situação se manterá no longo prazo, a menos que a dimensão econômica seja contemplada. É, portanto, só quando as três esferas se entrelaçam, de modo coerente, que se configura o espaço da sustentabilidade (BURSZTYN; BURSZTYN, 2013, p. 52).

Boff (2012), em uma crítica ao conceito de Desenvolvimento Sustentável por considerá-lo antropocêntrico e contraditório, formulou o que chamou de um conceito ampliado e integrador de sustentabilidade como sendo:

toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a

comunidade de vida e a vida humana, visando à sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade e de regeneração, reprodução e coevolução.

Sustentabilidade, portanto, é um conceito mais abrangente e que leva em consideração todas as formas de vida e também a Terra como viva (Teoria Gaia de Lovelock, 1972), com enfoque no capital natural e não no socioeconômico.

E assim como é importante diferenciar Sustentabilidade de Desenvolvimento Sustentável, é igualmente importante diferenciarmos Educação para Sustentabilidade de Educação para o Desenvolvimento Sustentável, que tem “levantado controvérsias no campo, desde quando (...) a própria UNESCO abriram o debate que propõe a substituição da Educação Ambiental por Educação para o Desenvolvimento Sustentável” (LAYRARGUES; LIMA 2011, p. 10).

“Ao longo dos tempos, a noção de sociedade sustentável esteve estritamente ligada à questão da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável. Além disso, é fortemente incorporada à gestão ambiental” (MODESTO; SANTOS, 2020, p. 536).

Complementarmente:

noção de sustentabilidade atrelada à construção de uma outra sociedade baseada nas necessidades essencialmente humanas e verdadeiramente equitativa está entremeada à noção de sociedades sustentáveis. A necessidade da construção de sociedades sustentáveis ancora-se nos limites da crise ecológica, política, social e econômica vivenciada no tempo presente (MODESTO; SANTOS, 2020, p. 535-536).

Assim, “a urgência pela transição para uma sociedade sustentável é real e necessária e diz respeito (...) ao futuro da humanidade e da natureza” (MODESTO; SANTOS, 2020, 536). Portanto, “o projeto de educar para uma sociedade sustentável (...) torna-se parte importante na construção de um projeto de sustentabilidade forte” (CARVALHO, 2008, p. 53-54).

2.4 APROXIMAÇÃO ENTRE ECOVILAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A partir das pesquisas apresentadas no Quadro 1, dos artigos e trabalhos listados no Quadro 2 e da coleta de menções à educação e/ou EA em algumas das pesquisas do Quadro 3 (de outras áreas do conhecimento, mas em que esses são

temas discutidos em algum ponto, ainda que não sejam os principais), realizamos uma aproximação entre ecovilas e Educação Ambiental.

O início da história das ecovilas coincide com a dos movimentos ambientais e também com a da Educação Ambiental, sendo que todos iniciaram em meados dos anos 60 do século passado. Inicialmente, podem ser traçados paralelos entre os antecedentes históricos da Educação Ambiental e da problemática de pesquisa em questão sobre Ecovilas: a Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano declarava em seu Princípio 15 que “deve-se aplicar o planejamento aos assentamentos humanos e à urbanização com vistas a evitar repercussões prejudiciais sobre o meio ambiente e a obter os máximos benefícios sociais, econômicos e ambientais para todos” (ONU, 1972). Nas recomendações especiais da Conferência Intergovernamental de Tbilisi, a Recomendação nº 37 dispõe que se incorpore aos programas de Educação Ambiental “a educação orientada à melhoria dos assentamentos humanos visando uma melhor qualidade de vida a seus habitantes” (ONU, 1977). O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, apresentado durante a Eco 92, dispõe de reflexões que envolvem a necessidade de uma educação ambiental crítica para a construção de sociedades sustentáveis.

De acordo com Capra (2002), pensar outros modelos de assentamentos humanos é tarefa urgente e não apenas necessária para o futuro. Segundo o autor, o estudo e aplicação do modelo das ecovilas não é somente para ecologistas: o modelo deve ser apresentado às pessoas de forma sistêmica, numa metodologia não linear, para gerar assim uma massa crítica e um ponto de transição.

Dias et al. (2017) afirmam que a influência das ecovilas na sociedade parece vir se dando principalmente pela difusão de ideias e práticas alternativas, muitas de caráter educativo.

Comunello (2015, p. 1762) diz que “a intenção de serem lugares para o aprendizado de um modo de viver em maior harmonia com a natureza coloca essas comunidades como espaços férteis para que possamos nos perguntar sobre como aprendemos ‘modos de vida sustentáveis’”. Além disso:

Cada uma descobrirá à sua maneira caminhos para disseminar suas experiências a um público maior, caminhos que possa expandir suas fronteiras e abranger moradores de outra regiões, interessados em aprender e conhecer novos horizontes de possibilidades. Este, aliás, é um aspecto das

ecovilas que costuma funcionar muito bem como gerador de trabalho e renda para seus moradores (CAPELLO, 2013, n. p.).

Sagnori (2017, p. 207-208), sobre a ecovila em que vive, relata que “além do trabalho de gestão ambiental que desenvolvemos na comunidade, oferecemos também programas de formação técnica em permacultura e vida em comunidade” e que, dessa forma, sua experiência, ativa no cotidiano da comunidade, oferece o aporte técnico e conceitual para aplicar esses conhecimentos em outros contextos.

Segundo Leal (2015), o trabalho com a educação é fundamental nas ecovilas, pois a estruturação de todas suas práticas ambientais são aprendidas para serem feitas em coletividade, bem como ensinadas para quem busca aprendizagens com as ecovilas. A autora afirma que:

Nas ecovilas, as dimensões educação, gestão e o desenvolvimento local se dá em conectividade e complementaridade, tendo diversos aspectos de convergência que revelam contextos de interdependência entre si para desenvolvimento de cada uma. A vivência, convivência e construção de comunidades intencionais conduz ao desenvolvimento da cidadania coletiva (LEAL, 2015, p. 3).

E conclui que entender a relação das práticas educativas e de gestão das ecovilas possibilita o aprendizado e diálogos com diversos modelos que podem avançar em suas relações.

Arruda (2018, p. 173) aponta como principal característica comum entre as ecovilas “a construção de espaços de demonstração, aprendizagem e troca, abertos para a participação de novos membros e voluntários interessados em vivenciar e multiplicar a experiência ecológica como modo de viver”.

Roysen (2020, p. 300) também afirma que “muitas comunidades e ecovilas, de fato, tendem a se tornar centros educativos, oferecendo hospedagem, cursos e vivências” (ROYSEN, 2020, p. 300), e conclui que:

as ecovilas podem ter um papel a desempenhar nesse projeto de educação ambiental para a corresponsabilidade, para a criação de novos valores e novas formas de vida. Não só pelo conhecimento ecológico que têm desenvolvido, mas, sobretudo, por seu caráter vivencial, comunitário, democrático, engajado e solidário, favorável portanto a uma coeducação.

Valverde (2020, p. 224) inclui Educação Ambiental como uma das atividades das ecovilas:

Além de considerar construções de baixo impacto, agricultura orgânica/produção verde, uso racional de energia e água, fontes de energia alternativas, práticas de fortalecimento de comunidade e educação ambiental, nota-se a adoção de estilos de vida que seguem os ritmos da natureza, pautando-se em ciclos, sejam estes das estações, das energias ou de nutrientes.

Sales, Esmeraldo e Lima (2021, p. 160) verificaram empiricamente que “frequentemente, novos e antigos moradores põem em prática seus conhecimentos e suas habilidades através da facilitação de cursos e vivências” numa ecovila investigada. Num esforço indutivo, concluem:

A imersão no universo das ecovilas implica vivenciar rotinas e hábitos não convencionais, o que sugere reconsiderações e até desconstrução de antigos padrões (insustentáveis) de vida. Essas experiências de sustentabilidade têm a potencialidade de influenciar profundamente a vida de quem as vivencia (SALES; ESMERALDO; LIMA, 2021, p. 165).

Os autores também afirmam que os participantes de um determinado tipo de imersão na ecovila onde realizaram estudo de caso relatam mudanças significativas em suas vidas após a imersão.

Roysen (2020, p 300) fundamenta que a ecovila onde realizou estudo de caso durante sua pesquisa de campo é “um espaço de grande potencial reeducativo, tanto para seus membros quanto para visitantes”, pois:

Ela oferece uma vivência participativa e integral em uma busca por alternativas de vida, relacionamento, consumo, felicidade, etc.; podendo se tornar, assim, um centro ativo de educação ambiental. Educação que não se limita à transferência de informações, mas sim como um espaço de diálogo, reflexão e criação (conjunta) de alternativas para os problemas socioambientais (ROYSEN, 2020, p. 300-301, grifo nosso).

Mattos (2017) discorre sobre como as ecovilas criam um ambiente favorável para o desenvolvimento pessoal e comunitário, motivando o aprendizado de novas habilidades e o engajamento social na construção de uma nova forma de vida, e destaca que:

Seu método é o da experimentação, ou seja, as Ecovilas funcionam como verdadeiros laboratórios, criando e testando ferramentas, metodologias e tecnologias para viabilizar uma forma de vida mais integrada e menos impactante, além de serem espaços de demonstração, e oferecerem diversos

programas para a conscientização, capacitação e difusão dessas novas práticas e princípios (MATTOS, 2017, p. 22-23).

Isso vai ao encontro com o achado por Comunello (2015, p. 1766-1767), que a partir de sua pesquisa de campo sobre educação/aprendizagem/modos de aprender em ecovilas, afirma que “trata-se de um lugar de experimentação e aprendizagem, onde se aprende na medida em que se experimenta – aprender fazendo”.

Complementarmente:

O caminho da “aprendizagem baseada em projeto” utilizado por muitas Ecovilas se resume no reconhecimento de cada uma das quatro dimensões da sustentabilidade – social, ecológica, econômica, cultural (visão de mundo) – integradas pelo processo de projeto participativo e aplicável em qualquer nível de sistema, desde um indivíduo, uma organização, uma comunidade internacional, uma vila tradicional, um bairro urbano, até uma região, etc. também é aplicável em situações econômicas ou sociais distintas, ao reconhecer as experiências, métodos e ferramentas relevantes, identificadas localmente, e colocando-as em contato com outras experiências compartilhadas em rede (ROCHA, 2017, p. 233).

Ou seja, a abordagem sistêmica da sustentabilidade das ecovilas se dá também pela escalabilidade em que seus princípios e práticas socioambientais sustentáveis podem ser aplicados. Portanto, as comunidades do movimento de ecovilas apresentam potencialidades no desenvolvimento de processos de Educação Ambiental, já que articulam conhecimentos, atitudes e valores, envolvendo a participação individual em processos coletivos, trabalhando desde a perspectiva local até a global.

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa se configura como uma abordagem qualitativa baseada em Minayo (1992; 2002), e é composta pela combinação entre pesquisa de campo nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas e levantamentos de dados através de questionários e entrevistas, além de imersão no movimento de ecovilas através de atuação voluntária da pesquisadora responsável nas redes brasileira, latina e global. A análise é composta por sistematização e mapeamento, análise individual e comparativa, além de análise de conteúdo.

No Quadro 4, encontra-se uma relação entre os objetivos específicos e a metodologia utilizada para coleta de dados e análise dos resultados.

Quadro 4 – Objetivos e Metodologia

Objetivos específicos	Metodologia	
	Coleta de dados	Análise
1. Identificar exemplos de processos educativos e/ou educativos ambientais nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro	Pesquisa nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas	Sistematização em tabelas e mapeamento com <i>Google My Maps</i>
2. Comparar os processos de Educação Ambiental desenvolvidos em algumas dessas comunidades	Questionários em formulário virtual com <i>Google Forms</i>	Análise individual e comparativa através da elaboração de representações gráficas com <i>Excel</i>
3. Avaliar as possibilidades e desafios da Educação Ambiental nesse contexto	Entrevistas semiestruturadas por videoconferência através da plataforma <i>Zoom</i>	Análise de conteúdo com auxílio do <i>software Atlas.ti</i>

Fonte: Autoria própria (2022).

3.1 FASES

Resumidamente, a metodologia é composta por 3 fases:

1. Fase exploratória: elaboração do Projeto de Pesquisa e sua protocolização perante o Comitê de Ética (CEP);
2. Pesquisa de campo: imersão no movimento de ecovilas e pesquisa nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas, levantamentos de dados através de questionários em formulários virtuais com *Google Forms* e entrevistas semiestruturadas por videoconferência através da plataforma *Zoom*;
3. Organização, análise e interpretação dos dados: sistematização dos dados coletados em tabelas e mapeamento dos processos educativos e/ou educativos

ambientais desenvolvidos nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro com uso de *Google My Maps*; análises individual e comparativa sobre a Educação Ambiental desenvolvida nas comunidades participantes através da elaboração de representações gráficas no programa *Excel* com as respostas dos questionários; e análise de conteúdo das transcrições das entrevistas com auxílio do *software Atlas.ti*.

Estas fases estão detalhadas a seguir.

3.1.1 Fase exploratória

Com foco na elaboração do Projeto de Pesquisa através de revisão de literatura e fundamentação teórica para contextualização do objeto de estudo, concepção da metodologia e das questões operacionais para realização da pesquisa de campo, a fase exploratória foi realizada até o Exame de Qualificação e envio do projeto para o CEP da FURG.

3.1.2 Pesquisa de campo

O campo da pesquisa são as comunidades que fazem parte do movimento de ecovilas brasileiro. Devido à pandemia, a forma de se aproximar e abordar o objeto de estudo de forma virtual foi através da inserção no movimento de ecovilas, com a pesquisadora responsável atuando como voluntária nos Círculos de Pesquisa da Rede CASA Brasil e de *Educación* da Rede CASA Latina, e no *Education and Research Team* da GEN. O voluntariado se deu através da participação em reuniões de cada um desses grupos e colaboração na realização de projetos e na organização de eventos dos mesmos, tendo também a oportunidade de acessar documentos e materiais internos e de realizar cursos como bolsista por ser integrante das redes.

3.1.2.1 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada virtualmente devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19 que impossibilitou viagens às comunidades para contato com os participantes da pesquisa. Mas o que ao princípio era um desafio, transformou-se em oportunidade, pois assim foi possível ter comunidades

participantes da pesquisa de todas as regiões do país, gerando assim um panorama nacional que seria muito difícil de ser realizado em uma pesquisa de forma presencial.

A coleta foi iniciada a partir de pesquisa nas bases de dados virtuais das redes brasileira e global de ecovilas para levantamento das comunidades brasileiras cadastradas nas mesmas. Através da consulta aos seus cadastros nas redes e respectivos sites e redes sociais, buscamos aquelas que apresentam processos educativos e/ou educativos ambientais, com as quais realizamos contato por *e-mail* e pelas suas respectivas redes sociais virtuais.

3.1.2.2 Questionários

O instrumento de coleta de dados questionário foi elaborado como formulário virtual com *Google Forms* (disponível em: <https://forms.gle/NCVSRxq5kVMTGJd16>) e encontra-se no Apêndice A. Ele está composto por questões fechadas e abertas e pelas seguintes seções:

1. Título: “Pesquisa sobre Educação Ambiental nas ecovilas brasileiras” e cabeçalho com símbolo do PPGEA, da FURG e da Rede CASA Brasil, além de texto com apresentação e convite para participar na pesquisa, e também *link* de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e opção de autorização (“*Concordo em participar da pesquisa nos termos acima estabelecidos*”);
2. 7 questões sobre o participante da pesquisa;
3. 5 questões sobre a comunidade em nome da qual está participando;
4. 10 questões sobre a Educação na comunidade mais um convite ao final: “*Você ou outro membro/morador estaria disponível para uma entrevista por videoconferência sobre Educação na sua comunidade?*”

O questionário foi enviado por *e-mail* para as comunidades nas quais encontramos processos educativos e/ou educativos ambientais e também divulgado nas redes sociais da Rede CASA Brasil (Figura 13) como convite para as comunidades que fazem parte da mesma colaborarem participando da pesquisa.

Figura 13 – Convite para participação na pesquisa publicada nas redes sociais da Rede CASA Brasil



Fonte: CASA BRASIL. Disponível em: <https://www.redecasabrasil.org/post/pesquisa-quais-os-processos-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-nas-ecovilas>. Acesso em: 20 maio 2022.

3.1.2.3 Entrevistas

O roteiro das entrevistas semiestruturadas encontra-se no Apêndice B e é composto por 7 questões que versam sobre educação e vida em comunidade. As entrevistas foram realizadas por videoconferência através da plataforma Zoom e gravadas mediante consentimento dos participantes da pesquisa para posterior transcrição das mesmas e uso de seu conteúdo para análise.

3.1.3 Análise

3.1.3.1 Sistematização e mapeamento

Sistematizamos os dados coletados nas bases de dados virtuais das redes de ecovilas e nos sites e nas redes sociais das comunidades em tabelas e mapeamos as

que desenvolvem processos educativos e/ou educativos ambientais com *Google My Maps*.

3.1.3.2 Análise individual e comparativa

Apresentamos os dados coletados nos questionários virtuais sobre as comunidades participantes da pesquisa através da elaboração de representações gráficas com o programa *Excel*, e assim analisamos individual e comparativamente os processos educativos desenvolvidos nelas.

3.1.3.2 Análise de Conteúdo



Analisamos os dados coletados através das entrevistas usando a técnica de Análise de Conteúdo e, dentre as suas modalidades, a Análise Temática que, operacionalmente, desdobra-se em três etapas de acordo com Minayo (1992, 2002):

1. Pré-análise: organização do material a ser analisado e preparação do mesmo (através da transcrição das entrevistas realizadas), leitura flutuante do material de campo para definição das unidades de registro (palavras-chave ou frases) e das unidades de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes (escolha das unidades) e trechos significativos, e a classificação e a agregação (escolha das categorias);
2. Exploração do material: as unidades de registro foram definidas através de codificação e a partir das mesmas as unidades de contexto (onde a unidade de registro está) foram selecionadas com auxílio do *software Atlas.ti* para enumeração através de presença, frequência e co-ocorrência, seguida do processo de categorização, que foi realizado através do agrupamento das unidades de acordo com categorias pré-estabelecidas (as dimensões da sustentabilidade em ecovilas – apresentadas no Tópico 2.3.3);
3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: através de inferência.

3.2 ÉTICA

Após o Exame de Qualificação, e ajustes feitos de acordo com as orientações da Banca, o Projeto de Pesquisa foi enviado para o CEP da FURG através da Plataforma Brasil seguindo a Instrução Normativa nº 06/2019 (CEP-FURG) e o Ofício Circular nº 2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e também de acordo com a Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 53933821.8.0000.5324 e comprovante de envio do projeto apresentado na Figura 14. No Apêndice C encontra-se o TCLE elaborado de acordo com as normas referidas.

Figura 14 – Comprovante de envio do projeto CEP-FURG

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	
COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa:	Educação Ambiental nas ecovilas brasileiras	
Pesquisador:	BRUNA SANTOS BEVILACQUA	
Versão:	1	
CAAE:	53933821.8.0000.5324	
Instituição Proponente:	Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental	
DADOS DO COMPROVANTE		
Número do Comprovante:	140103/2021	
Patrocinador Principal:	Financiamento Próprio	
<p>Informamos que o projeto Educação Ambiental nas ecovilas brasileiras que tem como pesquisador responsável BRUNA SANTOS BEVILACQUA, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal do Rio Grande - FURG em 01/12/2021 às 09:44.</p>		
<p>Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRO-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil. Bairro: Campus Carreiros CEP: 96.203-900 UF: RS Município: RIO GRANDE Telefone: (53)3237-3013 E-mail: cep@furg.br</p>		

Fonte: Arquivo pessoal (2021).

A amostra de participantes é composta por membros/moradores das comunidades cadastradas nas redes brasileira e global de ecovilas e, portanto, por ser uma população diversa, não há características esperadas em relação à faixa etária, sexo, cor/raça (classificação do IBGE) e etnia, orientação sexual e identidade de gênero, classes e grupos sociais.

Os critérios de inclusão são a atuação como Educador Ambiental em comunidades brasileiras cadastradas nas redes de ecovilas e a resposta afirmativa em relação ao contato que foi realizado para convite em participar da pesquisa, portanto leva em consideração o interesse, disponibilidade de tempo e/ou agenda possível para responder o questionário (via formulário virtual) e em participar de entrevista (por videoconferência), além do consentimento de participação.

Os critérios de exclusão são a falta de resposta e/ou a resposta negativa em relação ao contato que foi realizado para convite em participar da pesquisa, ou a impossibilidade de participação devido à falta de disponibilidade de tempo e/ou agenda, problemas técnicos de conexão à internet, além do não-consentimento de participação.

Embora toda coleta de dados com seres humanos implique em algum tipo de risco, seja ele moral, intelectual, psíquico, social ou outros, é assegurado ao participante da pesquisa a dignidade. Caso se sinta constrangido, ou tenha dificuldade de expor opiniões ou problemas, tem o direito de recusar a responder o questionário e/ou a entrevista e a participação não fará parte da pesquisa. As pesquisadoras garantem assistência imediata, integral e gratuita, conforme Resolução CNS Nº 466/2012, Art. 2, itens II.3, II.3.1, II.3.2 e item V. subitem V.6 e Resolução CNS Nº 510/2016, Art. 3, item X.

Dentre os benefícios desta pesquisa, está a colaboração com o panorama da dimensão educacional das comunidades do movimento de ecovilas brasileiro e o compartilhamento de informações e conhecimentos entre as comunidades e a sociedade de forma mais ampla, além do fortalecimento da Rede CASA Brasil. Além disso, este estudo pode ser comparado com outras realidades similares a partir da publicização dos resultados, contribuindo assim com diferentes reflexões acerca da educação em ecovilas.

Os dados dos participantes, as respostas dos questionários e as gravações das entrevistas serão mantidos sob sigilo, em local seguro e apenas de acesso pelos

pesquisadores. As informações e materiais coletados serão utilizados somente para fins acadêmicos e científicos, sendo divulgados em congressos e revistas científicas, preservando-se o anonimato dos participantes. Todo material gerado pela pesquisa foi arquivado pela pesquisadora e sua orientadora e terá uma cópia guardada na sede do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, na FURG, por um período de 5 anos.

Os critérios para encerrar/suspender a pesquisa são problemas para o desenvolvimento da mesma que impliquem na impossibilidade de sua realização, como respostas insuficientes de participantes para serem consideradas ilustrativas da amostra e/ou não disponibilidade de tempo e/ou agenda por parte dos educadores ambientais das ecovilas brasileiras em participarem da mesma.

3.3 LINHA DO TEMPO

Na Figura 15 encontra-se a linha do tempo da pesquisa em paralelo com a imersão no movimento de ecovilas com atuação voluntária pela pesquisadora responsável por essa investigação.

Figura 15 – Linha do tempo da pesquisa



Fonte: Autoria própria (2022).

4 RESULTADOS

4.1 PROCESSOS EDUCATIVOS AMBIENTAIS

Através de pesquisa na base de dados virtuais das Rede CASA Brasil e GEN - e cruzando os mesmos para excluir o duplo registro das comunidades cadastradas em ambas as redes (que foram 13) - encontramos 109 comunidades distribuídas por 16 estados brasileiros mais o Distrito Federal, como resumido na Tabela 2.

Tabela 2 – Comunidades brasileiras cadastradas nas redes nacional e global por região geográfica

REGIÃO	Estado	Nº comunidades	Total
Norte	AM	1	2
	AC	1	
Nordeste	CE	2	17
	RN	1	
	PB	1	
	PE	2	
	BA	11	
Centro-Oeste	DF	1	12
	MT	1	
	GO	10	
Sudeste	ES	1	53
	RJ	8	
	MG	20	
	SP	24	
Sul	PR	3	25
	SC	11	
	RS	11	
Total			109

Fonte: Autoria própria (2022).

Então, partindo dessa amostra inicial de comunidades e por meio de consulta aos seus sites e redes sociais, encontramos o desenvolvimento de processos educativos em 77 delas (Tabela 3), ou seja, na maioria das comunidades. E entre elas, encontramos processos de EA desenvolvidos em 48 comunidades.

Tabela 3 – Resultados

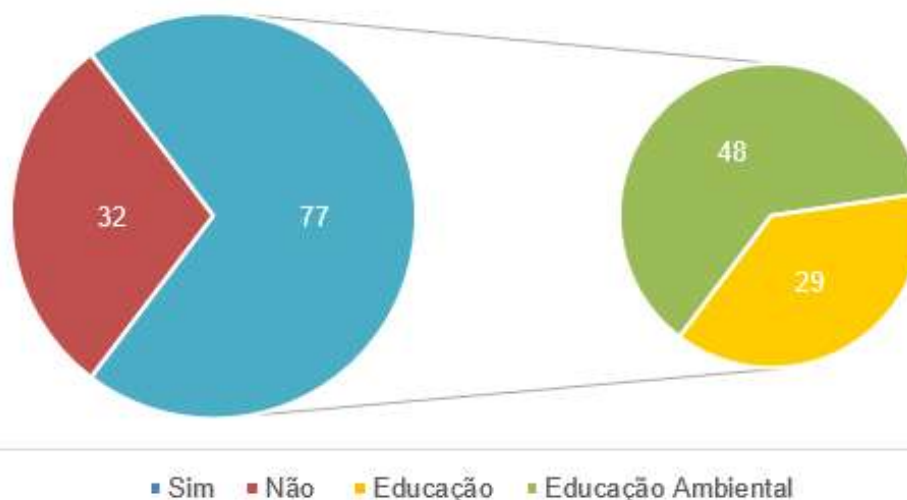
REGIÃO	Educação	Educação Ambiental	Total
Norte	1		1
Nordeste	3	4	7
Centro-Oeste	3	5	8
Sudeste	16	26	42
Sul	6	13	19
Total	29	48	77

Fonte: Autoria própria (2022).

Os resultados tabelados estão representados graficamente na Figura 16, mostrando que das 109 comunidades da amostra inicial pesquisada, 77 apresentam processos educativos, e que, entre elas, 48 desenvolvem processos de EA.

Figura 16 – Representação gráfica das comunidades que apresentam processos educativos

Comunidades que apresentam processos educativos



Fonte: Autoria própria (2022).

No Quadro 5 apresentamos os resultados detalhados com destaque em amarelo e verde para as comunidades nas quais foram encontrados processos educativos e/ou educativos ambientais, respectivamente, e *links* de acesso aos seus sites e redes sociais virtuais.

Quadro 5 – Comunidades brasileiras cadastradas nas redes nacional e global de ecovilas e seus processos educativos e/ou educativos ambientais (Obs.: foram mantidos os termos escritos na forma com a qual as comunidade se referem aos próprios processos)

Nome	Cidade	Estado	Educação (Ambiental)
Vila Céu do Mapiá	Pauini	AM	Escola
Sítio 13 Luas	Rio Branco	AC	Voluntariado
Eco Aldeia Flecha da Mata	Aracati	CE	Visitação, Voluntariado e <u>Vivência Ecopegagógica</u>
Comunidade Sabiaquaba	Fortaleza	CE	
Ecovila Delícias	Parnamirim	RN	
Ecovila Felicidade	João Pessoa	PB	
Rindo Eco Vida	Catimbau	PE	
Ecovila Vraja Dhama	Caruaru	PE	Ecoturismo, Arterapia e Yoga
Comunidade Aldeia - Terra Preta	Itacaré	BA	Educação Livre
Marizá Epicentro de Cultura e Agroecologia	Tucano	BA	Cursos, Visitação e Vivência

<u>Ecovila Piracanga</u>	Itacaré	BA	<u>Escola da Natureza</u> , Imersão, Retiros, Cursos (PDC e Gaia), Visitação e Voluntariado
<u>Comunidade Campina</u>	Palmeiras	BA	PDC e <u>Vivência Saberes da Campina</u>
<u>Terra Mirim</u>	Simões Filho	BA	<u>Escola Ecológica</u> , Cursos e projetos socioeducativos
<u>Ecovila Ubuntu</u>	Canavieiras	BA	
<u>Comunidade Solaris</u>	Ilhéus	BA	
<u>Fazenda Flor de Café</u>	Piatã	BA	Ecoturismo
<u>Projeto Gaya</u>	Mucugê	BA	Ecoturismo
<u>Lothlorien</u>	Palmeiras	BA	Hospedagem Participativa
<u>Terra Papyrayba</u>	Serra Grande	BA	
<u>Flor de Ibez</u>	Barra Do Garças	MT	<u>Projeto Sala de Aula Viva</u>
<u>Sítio Nós na Teia</u>	Brasília	DF	Comunidade-Escola de Permacultura, Visitação, Cursos e Vivências
<u>Ecovila da Montanha</u>	São João da Aliança	GO	Cursos, Treinamentos e Voluntariado
<u>IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado)</u>	Pirenópolis	GO	Ecoturismo, Visitação e Cursos (PDC e BioConstruindo)
<u>IBC (Instituto Biorregional do Cerrado)</u>	Alto Paraíso de Goiás	GO	Imersão, Oficinas, Cursos, Vivência, Voluntariado e <u>Programa Experiência Comunitária</u>
<u>Ecovila Vale do Éden</u>	Aragoiânia	GO	Visitação, Oficinas e <u>Vivência COM a Natureza</u>
<u>Santuário Vagafogo</u>	Pirenópolis	GO	<u>Projeto de Educação Ambiental Vagafogo</u>
<u>Ecovila da Lagoa</u>	Planaltina	GO	<u>Ecovila Experience Camp</u>
<u>Santuário Osho Lua</u>	Alto de Paraíso de Goiás	GO	Retiros familiares e de yoga
<u>Flor de Ouro</u>	Alto Paraíso de Goiás	GO	Ecoturismo
<u>Quilombo Kalunga</u>	Cavalcante	GO	Ecoturismo
<u>Santa Branca</u>	Terezópolis	GO	Ecoturismo
<u>Patrimônio do Matutu</u>	Auriuroca	MG	Cursos, Retiros e Eventos
<u>Céu do Gamarra</u>	Baependi	MG	Cursos, projetos de educação e Voluntariado
<u>Vrinda Bhumi Eco Yoga Village</u>	Baependi	MG	Ecoturismo, Retiros e Voluntariado
<u>Ananda Kiirtana</u>	Belmiro Braga	MG	Escola, Cursos, Retiros de yoga e meditação
<u>Ecovila Viver Simples</u>	Itamonte	MG	Escola e Voluntariado
<u>Instituto Ecovilas - IEEO</u>	São Sebastião da Bela Vista	MG	Ensino, pesquisa e extensão
<u>Epicentro Dalva</u>	Toledo	MG	Cursos <i>online</i>
<u>Ecovila Ayrumã</u>	Capivari	MG	<u>Ações de Educação Ambiental</u>
<u>Ecovila Águas Contentes</u>	Conceição Rio Verde	MG	Cursos, Oficinas, Vivências e <u>Visitação em Centro de Educação Ambiental</u>
<u>Morada Natural Bioarquitetura e Permacultura</u>	Conceição Rio Verde	MG	<u>Vivência de Bioconstrução</u>
<u>PANGEIA Instituto e Ecovila</u>	Couto de Magalhães de Minas	MG	<u>Aprendiz e Voluntariado</u>
<u>Ecovila Terra Una</u>	Liberdade	MG	Ecoturismo, <u>Escola</u> , <u>Gaia Education</u> Residência Artística e Voluntariado
<u>ONG Onda Solidária</u>	Santana do Deserto	MG	Projeto <u>Vila dos Sonhos</u>

<u>Sítio Céu e Terra (EcoVida São Miguel)</u>	Santana do Riacho	MG	<u>Ecopedagogia e Educação do Campo</u>
<u>Sítio Entoa (EcoVida São Miguel)</u>	Santana do Riacho	MG	Visitação, Cursos, Voluntariado e <u>Vivência EcoPedagógica</u>
<u>Sete Ecos - Sistema de Expansão em Tecnologias Ecológicas e Sociais</u>	Sete Lagoas	MG	Cursos (PDC), Oficinas, Palestras, Estágio, Voluntariado e <u>Visita Ecopedagógica</u>
<u>Ecovila Tombador</u>	Diamantina	MG	Ecoturismo
<u>Comunidade Figueira</u>	Carmo da Cachoeira	MG	
<u>Ecovila rAmO</u>	Moeda	MG	
<u>Monte Sião Perma Agricultura familiar</u>	Rio Pomba	MG	
<u>Jacutinga do Caparaó</u>	Divino de São Lourenço	ES	Visitação, Cursos e Vivências <u>NINHO – Estudos e Práticas em Bioconstrução</u>
<u>IPECA (Instituto de Permacultura Caiçara)</u>	Paraty	RJ	Núcleo experimental de ensino e aprendizagem em vivências da Permacultura
<u>Projeto Ecovila Muriqui Assu</u>	Niterói	RJ	Ecoturismo, Imersões, Visitação, Cursos e Vivências
<u>Purna Ananda Ashram Ecovila Integral</u>	Vassouras	RJ	Ecoturismo, Cursos e Retiros
<u>Ecovila EI Naqual</u>	Magé	RJ	Ecoturismo, Cursos e <u>Programa de Aprendiz</u>
<u>Instituto Pindorama</u>	Nova Friburgo	RJ	Ecoturismo e <u>Cursos online</u>
<u>Eco Caminhos</u>	Nova Friburgo	RJ	Ecoturismo, Cursos, Vivência, Voluntariado e <u>Programa de Jovem Aprendiz</u>
<u>Aldeia da Mata Atlântica</u>	Silva Jardim	RJ	Cursos e Vivências, entre elas a <u>Vivência eco-pedagógica</u>
<u>Ecovila Terras Altas</u>	Valença	RJ	
<u>Ecovila Santa Margarida</u>	Campinas	SP	Retiro de Yoga e Meditação
<u>Ecovilab</u>	Guaratinguetá	SP	Voluntariado
<u>Elos</u>	Santos	SP	Educação social
<u>Instituto Favela da Paz</u>	São Paulo	SP	Educação para a Paz
<u>IPEMA (Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica)</u>	Ubatuba	SP	Cursos, Imersões e Programas
<u>Espaço Flor das Águas</u>	Cunha	SP	Escola do Ser Integral e <u>Collab Jovem</u>
<u>Vila Yamaquishi</u>	Jaguariúna	SP	<u>Acampamento Vila Paraíso</u>
<u>Terra Luminous</u>	Juquitiba	SP	<u>Centro de Cursos e Retiros, Voluntariado em Educação Ambiental</u>
<u>Eco Yoqa Bhakti Dham</u>	Mairiporã	SP	<u>Voluntariado em Bioconstrução</u>
<u>Vila das Borboletas</u>	Piedade	SP	Cursos de Agroecologia, Eventos e Vivência de <u>Voluntariado</u>
<u>Ecovila Clareando</u>	Piracaia	SP	<u>Acampamento Franciscando</u>
<u>Instituto Visão Futuro</u>	Porangaba	SP	Cursos <u>Online</u> , Educação Ambiental com crianças através do <u>Espaço CreSer</u>
<u>Ecovila Tibá</u>	São Carlos	SP	Visitação e <u>Educação Ambiental para a Sustentabilidade</u>
<u>HumanaTerra</u>	São Lourenço da Serra	SP	Ecoturismo e <u>Educação para a Sustentabilidade</u>
<u>Instituto Ecobairro</u>	São Paulo	SP	<u>EDE e Voluntariado</u>
<u>Ecovila UR</u>	São Roque	SP	<u>Educação para o Desenvolvimento Sustentável</u>

<u>Sítio Simple Life</u>	Ubatuba	SP	Ecoturismo, <u>Voluntário Aprendiz e Voluntário Especialista</u>
<u>Sítio Maracananduva - SitiOm</u>	Vargem Grande Paulista	SP	Vivência, <u>Voluntariado, Quintal Educativo</u> (projeto ecopedagógico)
<u>Bairro Demétria</u>	Botucatu	SP	
<u>Ecovila Magdala</u>	Franca	SP	
<u>Projeto Walden</u>	Juquitiba	SP	
<u>Frescor da Mantiqueira</u>	São Bento do Sapucaí	SP	Ecoturismo
<u>Comunidade Dedo Verde</u>	São Paulo	SP	
<u>Casa Pangea</u>	São Paulo	SP	
<u>Sítio Jaguatirica</u>	São João do Triunfo	PR	Cursos e Vivências
<u>Estação Nhanderú-etê</u>	Campina Grande do Sul	PR	<u>Vivência Comunitária de Bioconstrução</u>
<u>Coletivo Biowit</u>	Palmeira	PR	Ecoturismo, Cursos, Vivências e <u>Educação Ambiental</u>
<u>Aldeia Arawikay</u>	Antônio Carlos	SC	Cursos
<u>Espaço Orgânico Imagine</u>	Blumenau	SC	Visitas, encontros, eventos, cursos e atividades
<u>Ecovila Florescer</u>	Urubici	SC	Ecoturismo, Cursos Presenciais e Online
<u>Ecovila Rancho do Céu</u>	Alfredo Wagner	SC	<u>Projeto de Educação Ambiental</u>
<u>Nova Oikos</u>	Camboriú	SC	Cursos (PDC e Bioconstrução) e Voluntariado
<u>Instituto Çarakura</u>	Florianópolis	SC	Cursos e Vivências de Permacultura, Programa Permanente de Pesquisas Científicas e Ações de Extensão em parceria com Instituições de Ensino Superior e <u>Voluntariado</u>
<u>Ecovila São José</u>	Florianópolis	SC	Voluntariado para Educação Ambiental
<u>Morada Ekoá</u>	Imbituda	SC	Ecoturismo, <u>Programas de Capacitação, EcoVoluntários e de Pesquisa</u>
<u>Yvy Porã</u>	São Pedro de Alcântara	SC	<u>PDC</u>
<u>Ecovila Alto-Quiriri</u>	Campo Alegre	SC	
<u>Ecovila Encostas da Serra</u>	Santa Rosa de Lima	SC	
<u>Ecovila Bambu</u>	Ivoti	RS	Visitação
<u>Comunidade Osho Rachana</u>	Viamão	RS	Ecoturismo, Curso <i>Online</i>
<u>Ecovila Dom José</u>	Alpestre	RS	<u>UniPermacultura</u>
<u>Sítio Amoreza</u>	Morro Redondo	RS	Ecoturismo, Visitação, Voluntariado e <u>Projeto Aventureza</u>
<u>Associação Ecológica Portal do Sol</u>	São Francisco de Paula	RS	<u>Educação Ambiental</u>
<u>Instituto Arca Verde</u>	São Francisco de Paula	RS	<u>Jardim Infantil AmaTerra</u> , Cursos, PDC, Visitas, Voluntariado
<u>Comunidade Morada da Paz</u>	Triunfo	RS	<u>Vivência de Bioconstrução</u>
<u>Ecovila Rainha da Floresta</u>	Caxias do Sul	RS	
<u>Ecovila Karaguatá</u>	Santa Cruz do Sul	RS	Ecoturismo
<u>Nossa Ecovila e Pousada Ecológica</u>	Três Cachoeiras	RS	
<u>Portal Aquântica</u>	Venâncio Aires	RS	

Fonte: Autoria própria (2022).

A Figura 17 consiste no mapeamento elaborado a partir dos resultados.

Figura 17 – Mapeamento dos processos educativos (em amarelo) e/ou de Educação Ambiental (em verde) nas comunidades brasileiras cadastradas nas redes nacional e global de ecovilas



Fonte: Autoria própria (2022). Disponível em: <https://abrir.link/4i146>

4.2 COMUNIDADES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Convidamos as comunidades nas quais identificamos processos educativos e/ou de EA para participarem da pesquisa através do preenchimento do instrumento de coleta de dados questionário. Então, obtivemos respostas de seis comunidades, sendo três do sudeste, uma do centro-oeste, uma do nordeste e uma do sul, respectivamente: Instituto Terra Luminous (ITL), Ecovila El Nagual (EEN), Vila das Borboletas (VDB), Ecovila da Lagoa (EDL), Ecovila Vraja Dhama (EVD) e Instituto Arca Verde (IAV). Portanto, contamos com a representação de uma comunidade por

região geográfica do país (com exceção da região norte, o que pode se justificar por ser a região que conta com menos cadastros nas redes – apenas dois). Sendo assim, a amostra pode ser considerada ilustrativa porém não representativa do movimento de ecovilas brasileiro. A localização das comunidades participantes da pesquisa pode ser observada no mapeamento da Figura 18 seguida de um breve perfil de cada uma delas com imagens.

Figura 18 – Mapeamento das comunidades participantes da pesquisa



Fonte: Autoria própria (2022).

4.2.1 Instituto Terra Luminous

Fundado em 2015 como ecovila e formalizado em 2016 como ONG, Terra Luminous (Figura 19) é um instituto socioambiental que tem o objetivo de apoiar na conservação de um dos últimos trechos remanescentes de Mata Atlântica do Brasil, por meio de programas e atividades nas áreas de preservação ambiental, agrofloresta, educação, autoconhecimento, construção do espírito de comunidade, ecoturismo e economia solidária, visando o desenvolvimento local de forma sustentável. Está localizado na Área de Preservação Ambiental (APA) da Serra do Mar, nas Zonas de Amortecimento do Parque Estadual da Serra do Mar, o maior corredor biológico de Mata Atlântica do país.

- Missão: Gerar impacto positivo na regeneração planetária, ao proteger ecossistemas naturais da Mata Atlântica, cultivando redes humanas sustentáveis que se relacionam em harmonia entre si e com a terra, por meio de ferramentas sociais ecologicamente responsáveis e promotoras de equidade socioeconômica.

Princípios & Valores:

- Auto-responsabilização: Equilíbrio entre autocuidado e cuidado com o coletivo;
- Generosidade e Cooperação: Prática do amor incondicional, da empatia e da generosidade consigo e com o outro;
- Confiança, Verdade e Transparência: Manutenção de um espaço seguro para a prática da verdade cuidadosa e da confiança mútua;
- Sustentabilidade: Cocriação de uma vida sustentável, inspirada nas três éticas da permacultura (cuidado com as pessoas, cuidado com a terra e partilha justa);
- Autoconhecimento: Engajamento com o autoconhecimento e a transformação pessoal;
- Espiritualidade: Cultivo da espiritualidade em conexão com a natureza;
- Poder compartilhado e respeito à ordem natural: Compartilhamento de poder com tomada de decisão que contemple a todos, respeitando as diversas instâncias e equilibrando equivalência com eficácia;
- Equivalência: Valorização de todas as tarefas, independente de sua especificidade, complexidade ou necessidade de expertise.

Figura 19 – Fotografia do Instituto Terra Luminous



Fonte: ITL, 2022.

4.2.2 Ecovila El Nagual

Em 1989, um casal multicultural com um sonho decidiu dedicar suas vidas para cuidar de um canto da floresta no Brasil. Com a permacultura, a arte, a vontade de construir um tipo diferente de comunidade e cheios de um profundo desejo de mudar o mundo, fundaram o El Nagual (Figura 20). Com o intuito de criar uma pequena comunidade estável a longo prazo, capaz de trabalhar, treinar e receber pessoas por curtos períodos para aprendizado. Tudo com o objetivo de mostrar ao mundo que é possível viver de modo sustentável. Convidam as pessoas a vivenciarem essa experiência de mudanças de hábitos para um estilo de vida mais sustentável.

No El Nagual dão importância a tudo relacionado ao espírito humano e acreditam que isso tenha a ver com Comunidade, Meio Ambiente, Natureza, Trabalho, Nutrição e, principalmente, Arte.

- Missão: Nossa missão é nos tornarmos um polo central para o desenvolvimento e aplicação desses novos conceitos de estruturas comunitárias e econômicas, sempre buscando melhorar o estado do meio ambiente e da vida humana no processo. Acreditamos em um futuro mais humano, desenvolvendo-nos de maneira sustentável, sem interromper os ciclos do ecossistema de que dependemos para a nossa sobrevivência. Este é um movimento global que já está acontecendo, muitos sentem a crescente necessidade disso, e nós somos parte disso, continuaremos apoiando seu crescimento e descobrindo novas soluções para isso. Nossa missão é simplesmente para garantir que a vida,

tanto não-humana e humana, cheguem ao futuro da melhor maneira possível e sob as melhores condições possíveis, e acreditamos que a comunidade, a sustentabilidade e o cuidado com os outros e o ecossistema são a melhor maneira, se não a única, de fazê-lo.

- Essência: El Nagual acredita que para descobrir verdadeiramente um novo modo de vida que seja sustentável e contribua para o florescimento das pessoas e da natureza, precisamos nos concentrar em 5 aspectos: sustentabilidade, filosofia, arte, conservação e educação.

Figura 20 – Fotografia da Ecovila El Nagual



Fonte: EEN, 2022.

4.2.3 Vila das Borboletas

Desde 2018, a Vila das Borboletas (Figura 21) é um sítio educacional agroecológico no interior de São Paulo que preserva 17 hectares de Mata Atlântica, produz alimentos orgânicos e recebe pessoas para experiências transformadoras nos âmbitos social, físico, mental e espiritual, através de vivências em agricultura orgânica, permacultura, bioconstrução, meio ambiente, educação e filosofia com objetivo de gerar transformação, interna e externa. É um local de cultivo do próprio alimento, convivência em harmonia, educação, agroecologia, permacultura, bioconstrução, transformação pessoal e hospedagem sustentável. É um livre espaço de

transformação interna e no planeta em busca de uma forma alternativa de viver em harmonia com a natureza, já que “nós somos natureza”. Atualmente em (bio)construção do projeto em três fases: a primeira é um espaço de hospedagem coletiva; a segunda uma cozinha coletiva com refeitório; e, por último, um espaço de convivência coletiva com espaço para atividades, que vai ter eficiência energética, telhado verde, tratamento de resíduos, aproveitamento de água da chuva, paredes vivas, reciclagem de móveis e materiais.

Figura 21 – Fotografia da Vila das Borboletas



Fonte: VDB, 2022.

4.2.4 Ecovila da Lagoa

Na Ecovila da Lagoa – Centro de Pesquisa (Figura 22), localizada às margens da Lagoa Formosa em Planaltina de Goiás desde 2010, as pessoas têm a oportunidade de vivenciar experiências diversas de acordo com suas habilidades, estudos, ritos, performance, ofícios, pensamentos e demais talentos. Daí a criação e evolução do conceito MOHS (Modelo de Ocupação Habitacional Sustentável), de forma cooperativa, utilizando a permacultura como norte conceitual; a bioconstrução como metodologia a ser utilizada em todas as edificações e tratamentos de efluentes; a agricultura orgânica e biodinâmica como forma de produzir e processar os alimentos;

a produção de óleos essenciais e a aromaterapia associados a uma medicina ecológica como forma de manter a saúde física.

O design permacultural desenvolvido na Ecovila da Lagoa consiste na execução de um projeto completo de permacultura em um local que permita trabalhar com diversos Núcleos de Produção (NPs): Bioconstrução; Aquaponia; Produções orgânicas; Plantas medicinais; Terapias; Processamento de alimentos; Hotelaria; Educação; Eventos culturais. Promovem festivais de arte, cultura e entretenimento, divulgando artistas locais e promovendo diversas oficinas para as crianças e familiares.

- Missão: O fomento harmônico entre cultura, meio ambiente & produção através do desenvolvimento de tecnologias sociais sustentáveis inclusivas que promovam a dignidade.
- Visão: Ser uma empresa sustentável adaptada para os tempos pós-pandêmicos, onde os recursos naturais não-renováveis estão chegando ao fim, buscando alternativas reais sobre um novo modelo de produção e tecnologias capazes de suprir as necessidades de habitação, saúde, produção de alimentos, de arte, de cultura & Espiritualidade.

Figura 22 – Fotografia da Ecovila da Lagoa



Fonte: EDL, 2022.

4.2.5 Ecovila Vraja Dhama

A Ecovila Vraja Dhama (Figura 23) é uma comunidade rural autossustentável fundada em 1986 e situada na Serra dos Cavalos, em Caruaru, no Agreste de Pernambuco. Seguem os ensinamentos de Srila Prabhupada, que cumprindo o pedido

do seu mestre espiritual, veio ao Ocidente divulgar a prática de Bhakti Yoga e estimular a importância da vida espiritual. Ele estabeleceu a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISCKON) e trouxe o lema “Vida Simples, Pensamento Elevado”. Buscam viver e promover a harmonia com as diversas manifestações divinas, respeitando, dentro do possível, a natureza, sua biodiversidade e ecossistema. Através do desenvolvimento de uma agricultura orgânica diversificada, em diferentes hortas familiares da comunidade, busca-se obter um sustento alimentar dos moradores da ecovila, com oferta de produtos livres de contaminações de agrotóxicos e insumos químicos, procurando técnicas de agroecologia, visando uma dinâmica de economia doméstica sustentável por meio do desenvolvimento do cultivo das áreas próximas às residências. Contam também com a fabricação de produtos agroindustriais para a geração de renda, através de iniciativa privada, e abastecimento interno da comunidade. Oferecem serviços de alimentação e hospedagem, além das atividades de Yoga e Arterapia com Mandalas. Promovem programas espirituais diários, festivais, eventos e estão abertos ao público para visitação. Também estão disponíveis ao desenvolvimento de pesquisas e experiências nas áreas de Sustentabilidade e Preserva o Ambiental.

Figura 23 – Fotografia da Ecovila Vraja Dhama



Fonte: EVD, 2022.

4.2.6 Instituto Arca Verde

A ecovila Arca Verde (Figura 24) localizada no município gaúcho de São Francisco de Paula, biorregião alta e fria dos Campos de Cima da Serra, foi criada em 2005 com o objetivo de ser um ponto de aglutinação de talentos, atitudes, conhecimentos e emanções positivas na construção e promoção da vida sustentável. A organização no formato de Comunidade e Associação permite que haja uma população de membros moradores e uma rede ampliada para além dessa: têm pessoas sócias do instituto que, mesmo não vivendo lá, colaboram com sua missão. Então, a Arca Verde é formada por moradores (sócios e não-sócios) e também por sócios não-moradores e por um amplo número de tecedores da rede que já passaram por lá: voluntários, cursistas, visitantes, ex-moradores... Estão desfrutando de um processo de desenvolvimento comunitário do qual faz parte um grupo de membros moradores que forma uma Comunidade Intencional: possui Objetivos comuns, uma Missão, Valores e uma Visão, que os une e os fortalece enquanto comunidade, através de acordos e políticas de convivência.

- Missão: Nossa maior missão é criar um terreno fértil para que a Natureza seja plena em sua abundância e as pessoas empoderadas em seus dons e sua espiritualidade pessoal, realizando novas ideias e tecnologias ecológicas, econômicas e sociais. Aprender uns com os outros e com os sistemas naturais, trabalhar com arte, amar com liberdade, dedicar nossas vidas à divulgação da permacultura e dos valores da ecologia profunda são as bandeiras da nossa Arca. Agindo localmente, temos como objetivo o cuidado com a terra bem como trabalhar pela sensibilização ambiental e expandir para outras pessoas e espaços as práticas e perspectivas nas quais acreditamos e vemos dar bons resultados.
- São valores mais fortes do grupo: Ecologia profunda; Harmonia; Amor; Prosperidade; Confiança; Cooperação; Empoderamento; Saúde; Vida; Exemplo; Alegria; Diversidade; Organização; Gentileza; Humildade; Autoconhecimento; Economia Solidária.
- Visão: A comunidade Arca Verde existe pelo desejo de viver com a natureza de forma saudável e sustentável, cuidando e valorizando as relações sociais.

Estão unidos enquanto grupo por laços de amor e por acreditarem no espírito cooperativo como forma de se relacionarem.

- Fazem parte das suas práticas: atividades diversas de manutenção da rotina doméstica e dos espaços, refeições coletivas, agricultura sintrópica (agroflorestas), obras em bioconstrução, preparação de cosméticos e produtos de higiene ecológicos, reuniões interna (tomada de decisão) e operacional (distribuição de tarefas), partilha (momento grupal de escuta empática), atividades de lazer e celebrações grupais, organização, realização e facilitação de cursos e vivências, facilitação de voluntariados, condução de visitas guiadas, entre outras atividades.

Figura 24 – Fotografia do Instituto Arca Verde



Fonte: IAV, 2022.

4.3 ANÁLISE

4.3.1 Participantes da pesquisa

Os dados pessoais dos participantes da pesquisa não serão divulgados de forma a não identificá-los, porém, a título de curiosidade, informamos que foram três homens e três mulheres entre 28 e 59 anos, confirmando o que havíamos previsto no Tópico 3.2 Ética sobre a composição da amostra de participantes.

4.3.2 Comunidades participantes

4.3.2.1 Tempo de existência

Entre as seis comunidades participantes, duas têm menos de 10 anos (ITL e VDB), duas têm entre 10 e 20 anos (EDL e IAV) e duas têm mais de 30 anos (EEN e EVD), como demonstrado na representação gráfica da Figura 25, portando compondo uma amostra variada de tempos de existência de comunidades.

Figura 25 – Representação gráfica do tempo de existência das comunidades

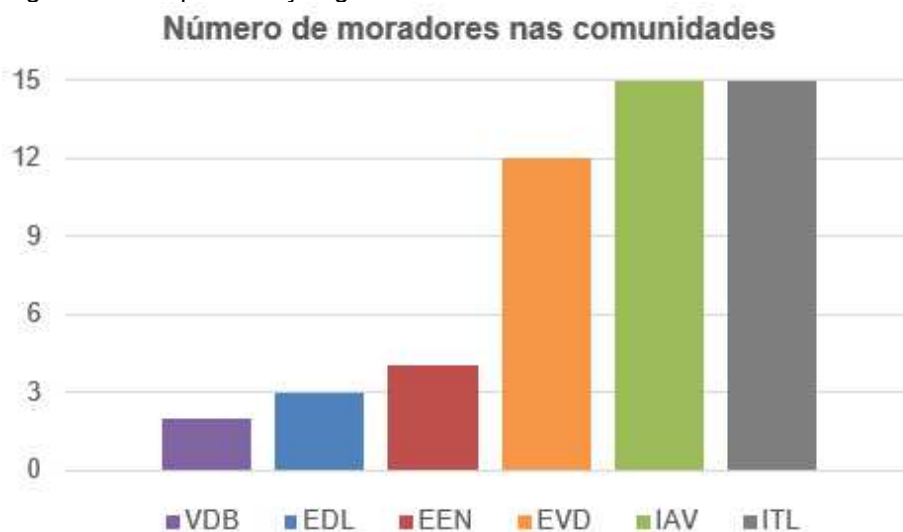


Fonte: Autoria própria (2022).

4.3.2.2 Número de moradores

Quanto ao número de moradores, há de se fazer a observação de que esse tipo de comunidades caracteriza-se por apresentar populações muito variáveis com o tempo, mas no momento da participação na pesquisa, declararam que tinham entre 2 e 15 moradores, como demonstrado na representação gráfica da Figura 26.

Figura 26 – Representação gráfica do número de moradores nas comunidades



Fonte: Autoria própria (2022).

4.3.2.3 Categorias

Considerando as categorias de membresia da Rede CASA Brasil (apresentadas no Tópico 2.2.2.3 Escalabilidade), metade das comunidades participantes da pesquisa se identificam como “Projetos e organizações sustentáveis e resilientes” (ITL, EDL e VDB), enquanto uma se identifica como “Ecocidadania” (EVD), outra como “Assentamento Humano Sustentável” (EEN) e apenas uma como “Ecovila consolidada” (IAV), como representado na Figura 27.

Figura 27 – Representação gráfica das categorias de membresia das comunidades



Fonte: Autoria própria (2022).

4.3.2.4 Redes

Observamos que metade das comunidades participantes está cadastrada tanto na Rede CASA Brasil quanto na GEN (ITL, EEN e IAV), enquanto que duas estão cadastradas apenas na rede brasileira (EDL e EVD) e uma está cadastrada apenas na rede global de ecovilas (VDB), como representado no esquema da Figura 28.

Figura 28 – Esquemática das redes nas quais as comunidades participantes estão cadastradas



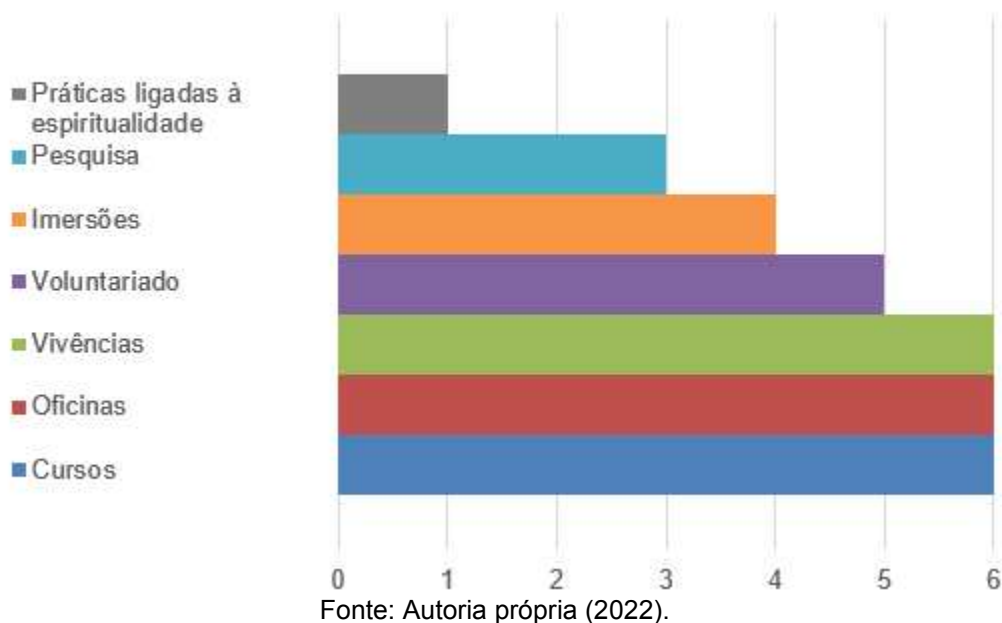
Fonte: Autoria própria (2022).

4.3.3 Processos educativos desenvolvidos nas comunidades

4.3.3.1 Tipos

Como demonstrado na representação gráfica da Figura 29, todas as comunidades participantes apresentam processos educativos dos tipos: cursos, oficinas, vivências e voluntariado (a única que não assinalou essa opção, foi uma que chama a vivência de voluntariado, por isso podemos fazer essa inferência). É interessante observar que metade delas relata desenvolver também processos de pesquisa. E uma delas adicionou uma opção (já que o questionário permitia tal função) de práticas relacionadas à espiritualidade.

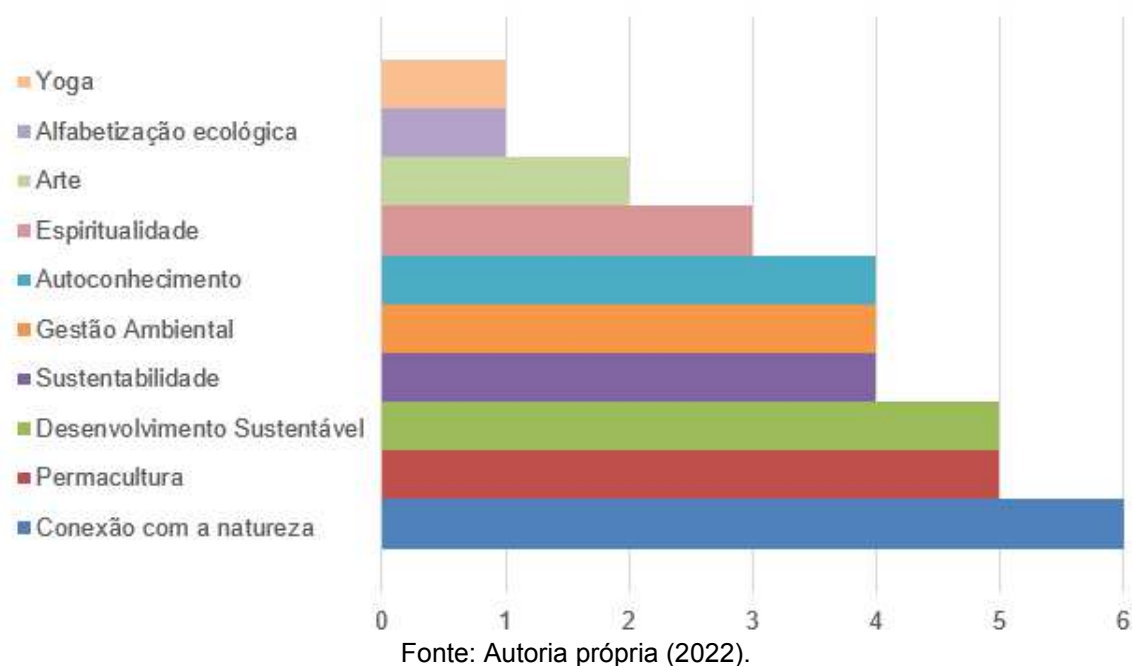
Figura 29 – Representação gráfica dos tipos de processos educativos desenvolvidos
Tipos de processos educativos desenvolvidas nas comunidades



4.3.3.2 Temáticas

Quanto às temáticas desses processos educativos, todas as comunidades desenvolvem práticas de conexão com a natureza enquanto apenas uma assinalou Yoga (EVD), como pode ser observado na representação gráfica da Figura 30.

Figura 30 – Representação gráfica das temáticas dos processos educativos desenvolvidas
Temáticas dos processos educativos desenvolvidas nas comunidades



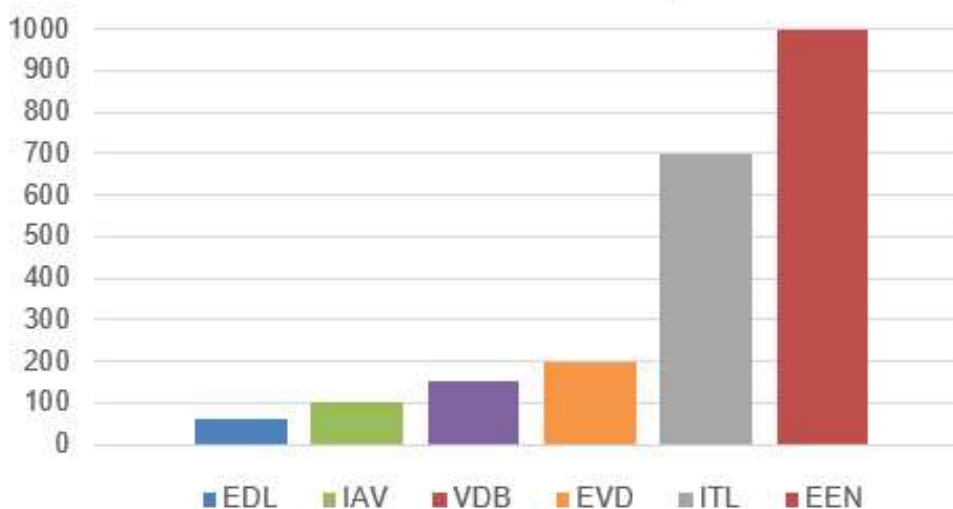
4.3.3.3 Desafios e dificuldades

Os principais desafios e dificuldades no desenvolvimento dos processos educativos são relativos a: crise econômica e financiamento para custear bolsas, oficinas gratuitas e com valores mais acessíveis (ITL); falta de apoio do estado e município (EDL); falta de fundos econômicos de escolas municipais e estaduais para pagar os custos de passar o dia na comunidade (EEN); estabilidade financeira e gestão de pessoas (VDB); encontrar parcerias com profissionais no ramo da Permacultura e cultivo orgânico que satisfaçam as características do local e que tenham abordagens práticas (EVD); expandir o alcance do trabalho e infraestrutura (IAV), além de dificuldade de deslocamento de e para as mesmas dependendo de suas localizações por vezes de difícil acesso, sendo consideradas isoladas e/ou remotas e também preconceito que sofrem por parte da população em seus entornos por serem consideradas comunidades alternativas hippies e/ou utópicas.

4.3.3.4 Antes, durante e depois da pandemia

Na Figura 31 podem ser observados quantos visitantes as comunidades relataram que recebiam anualmente em média antes da pandemia.

Figura 31 – Representação gráfica do número de visitantes antes da pandemia
Número de visitantes antes da pandemia



Fonte: Autoria própria (2022).

Todas as comunidades deixaram de oferecer qualquer tipo de atividade educativa durante a pandemia. E, enquanto a maioria pretende voltar com suas atividades educativas de forma totalmente presencial, apenas uma comunidade (EVD) relatou que pretende atuar de forma híbrida, oferecendo atividades presenciais e virtuais.

4.3.3.5 Planos futuros

Todas as comunidades relataram planos para expandir suas atividades educativas, entre eles:

- *“A curto prazo, envolver a escola municipal em oficinas de gestão de resíduos e cuidados com as águas, incluindo a implantação de um ECOPonto e de um sistema ecológico de tratamento de efluentes. A médio prazo, criar uma escola livre para crianças”* (ITL);

- *“Pretendemos integrar a comunidade local (Nosso lema é “Comunidades sem Porteira”) e também oferecer maneiras de inspirar as pessoas do meio urbano em como levar tais princípios espirituais e ecológicos em suas casas”* (EVD);

- *“Estamos em fase de finalização de um documento para buscar investidores para dar escala ao Modelo de Ocupação Habitacional Sustentável”* (EDL);

- *“Conseguir estabilidade financeira e encontrar pessoas que queiram colaborar”* (VDB); e

- *“Criar fundo para Educação Ambiental via doações ou crowdfunding”* (EEN).

4.3.3.6 Outras comunidades que desenvolvem processos educativos

Em suas respostas aos questionários e entrevistas, os participantes da pesquisa citaram como referências outras comunidades brasileiras que também realizam processos educativos e também algumas comunidades estrangeiras (detalhadas no Quadro 6), além da GEN e da Gaia Education, demonstrando assim a importância das redes na conexão e colaboração entre as comunidades. Observamos como apenas uma citou comunidades latino-americanas, enquanto que a maior parte das referências internacionais são do norte global.

Quadro 6 – Outras comunidades que desenvolvem processos educativos citadas pelas participantes

Comunidades	brasileiras	internacionais
ITL	Terra Una (MG) IBC (GO) Piracanga (BA) Ecovila Tibá (SP) Cidade Escola Ayni (RS) Quetzal (MG)	Tamera (Portugal) Findhorn (Escócia)
EEN	Ecovila Clareando (SP) Terra Una (MG) Pindorama (SP) Sinal do Vale (RJ)	Damanhur (Itália)
VDB	Cidade Escola Ayni (RS) Instituto Arca Verde (RS) SitiOM (SP)	Escola em <i>San Marcos de la Sierra</i> , Córdoba (Argentina) Outros projetos no Peru e no Chile
EDL	IPEC (GO) Pé na Terra (RJ)	Tamera (Portugal) ZEGG (Alemanha) Christiania (Dinamarca)
EVD	Ecovila Govardhan (SP) Goura Vrindavana (RJ) Projeto Nandagram (PE)	
IAV	Comunidade Campina (BA)	

Fonte: Autoria própria (2022).

4.3.4 Análise de Conteúdo

Todos os participantes da pesquisa que responderam aos questionários em nome de suas comunidades aceitaram também conceder entrevistas, que foram realizadas por videoconferência através da plataforma *Zoom* e gravadas com seu consentimento. Então, realizamos a transcrição dessas gravações para Análise de Conteúdo das mesmas.

4.3.4.1 Codificação

Através de leitura flutuante do material de campo, estabelecemos 55 unidades de registro para codificação dos textos e, com auxílio do *software Atlas.ti* para seleção dos trechos, encontramos 799 citações no total. Na Tabela 4 apresentamos quantos códigos e respectivas citações ocorreram por entrevista. Observamos que os que ocorreram em todas as entrevistas foram: (Bio)Construção, Cidade/Urbano, Comida/Alimentação, Criança(s), Dimensão econômica, Educação / Educação Ambiental, Escola(s) / Universidade(s), Gestão, Horta / plantar / cultivar / produção de alimentos, Hospedagem / Hotelaria, Infraestrutura, Outras comunidades, Pandemia, Permacultura, Viver/morar em comunidade/coletivo e Voluntario(ado), com

destaque para os de maior ocorrência (50 ou mais) que foram: Educação / Educação Ambiental, Dimensão econômica e Viver/morar em comunidade/coletivo.

Tabela 4 – Resultados da Codificação

Códigos/Ocorrências	ITL	EEN	VDB	EDL	EVD	IAV	Total
Agroecologia		2	4		2		8
Agrofloresta/SAF	5	2		1		3	11
Arte	5	1			1		7
Autoconhecimento	3		3	3	3	4	16
(Bio)Construção	2	1	9	7	3	3	25
Cidade/Urbano	3	5	5	1	9	6	29
Ciência/Pesquisa	5	1	1	6			13
CNV	2		3			2	7
Comida/Alimentação	1	6	8	4	3	1	23
Conceito	1			5	1	1	8
Conflito(s)	1		4	3	3	5	16
Conhecimento/Informações	1	1		6	5	2	15
Consciência	4	1	1	2	2		10
Consumo(ismo)	2	3			1	2	8
Convivência		3	6		2	5	16
Criança(s)	5	3	5	4	2	4	23
Curso(s)	4		7	1	1	9	22
Dimensão econômica	8	9	8	13	9	8	55
(Eco)Turismo	4				2	1	7
Educação/Educação Ambiental	19	6	9	14	4	6	58
(Edu)Comunicação	4		1	2		1	8
Ego	1		2				3
Escola(s)/Universidade(s)	4	6	3	5	7	2	27
Gaia Education/GEN/CASA	2	2	1				5
Gestão	4	1	11	5	2	10	33
Gestão Ambiental	2	3				3	8
Governo/política	2	1		4		0	7
Horta/plantar/cultivar/produção de alimentos	2	12	12	6	6	3	41
Hospedagem/Hotelaria	1	1	1	5	2	2	12
Infraestrutura	1	2	7	5	1	2	18
Isolado/Remoto	3	2	1		3	2	11
Meditação	1				1		2
(Meio) ambiente	1			1	2	1	5
Mudança/Transição/Transformação	1	3	2	8		4	18
Natureza	3	3	1		1	1	9
Oficina(s)	4					4	8
ONG	1				1		2
Outras comunidades	1	6	4	3	4	3	21
Pandemia	3	3	7	1	3	5	22
Permacultura	2	1	3	10	4	8	28
Preconceito	1	1			1		3

Projeto(s)	7	6	18	6	6		43
Religião/Espiritualidade/Filosofia de vida	1	1	1	2	3		8
Resíduos sólidos	7	4		1		1	13
Retiro(s)	3				3		6
Sociocracia	2		1			2	5
Sustentabilidade/sustentável(is)	2	6		6	6	2	22
Tecnologia social	2				1	2	5
Vegetariano(ismo)/Vegano(ismo)	2	1	2	1	1		7
Virtual/Digital/Online/Internet	1	1		1	1	3	7
Visita(ção)	2	6	1			6	15
Vivência(s)			5	7		10	22
Viver/morar em comunidade/coletivo	3	5	15	8	7	12	50
Voluntario(ado)	3	3	14	1	1	9	31
Yoga					6	1	7

Fonte: Autoria própria (2022).

A partir da análise dos resultados, podemos inferir que:

- ITL, EDL e VDB destacam-se na atuação em Educação/EA;
- Viver/morar em comunidade/coletivo é um tema importante para todos, mas principalmente pra VDB e IAV;
- A Dimensão Econômica tem importância para todas as comunidades, principalmente pra EDL;
- ITL e EDL destacam-se em Ciência/Pesquisa.

Algumas particularidades observadas:

- VDB destaca-se nas citações ao código Projeto(s), o que se justifica pois se refere assim à comunidade (que inclusive é a mais nova entre as analisadas); e que não por acaso, também se destaca nas citações à Infraestrutura;
- Questões de Conceito, Mudança/Transição/Transformação, Governo/Política e Hospedagem/Hotelaria são especialmente importantes para EDL;
- Comida/Alimentação e Horta/plantar/cultivar/produção de alimentos são especialmente importantes para EEN e VDB;
- Enquanto processos de Gestão foram citados por todos, Tecnologias sociais, Sociocracia e CNV só ocorreram concomitantemente em ITL e IAV;
- Justamente duas das comunidades que apresentam duplo cadastro nas redes brasileira e global de ecovilas, são as que citam *Gaia Education/GEN/CASA*.

Em resumo, na Tabela 5 estão os códigos e ocorrências por entrevista.

Tabela 5 – Resultados resumidos da Codificação

Comunidade	Códigos	Ocorrências
ITL	52	142
EEN	39	118
VDB	37	177
EDL	36	125
EVD	42	110
IAV	42	127
Total		799

Fonte: Autoria própria (2022).

Portanto, obtivemos uma média aproximada de 41,3 códigos e de 133 ocorrências dos mesmos por entrevista realizada com os participantes.

4.3.4.2 Categorização

Agrupamos os códigos criados em Categorias pré-estabelecidas de acordo com as dimensões da sustentabilidade em ecovilas (Tópico 2.2.3) como esquematizado no Quadro 7.

Quadro 7 – Esquema de Códigos para Categorização: dimensões da sustentabilidade

SOCIAL	CULTURAL
Conflito(s) Convivência CNV (Edu)Comunicação Gestão ONG Outras comunidades Sociocracia Tecnologia social Viver/morar em comunidade	Arte Autoconhecimento Conceito Consciência Educação/Educação Ambiental Ego Gaia <i>Education</i> /GEN/CASA Meditação Mudança/Transição/Transformação Preconceito Religião/Espiritualidade/Filosofia de vida Vegetariano(ismo)/Vegano(ismo) Yoga
ECONÔMICA	ECOLÓGICA
Cidade/Urbano Consumo(ismo) Dimensão econômica (Eco)Turismo Governo/política Hospedagem/Hotelaria Infraestrutura Virtual/Digital/Online/Internet	Agroecologia Agrofloresta/SAF Comida/Alimentação Gestão Ambiental Horta/plantar/cultivar/produção de alimentos Isolado/Remoto (Meio) Ambiente Natureza Permacultura Resíduos sólidos Sustentabilidade/sustentável(is)

Fonte: Autoria própria (2022).

Então, quantificando o quanto cada categoria foi mencionada por cada participante da pesquisa, obtivemos os resultados dispostos na Tabela 6.

Tabela 6 – Resultados da Categorização

Comunidade	Dimensões da sustentabilidade em ecovilas			
	Cultural	Ecológica	Econômica	Social
ITL	38	28	22	20
EEN	16	40	22	14
VDB	21	29	21	44
EDL	33	26	28	20
EVD	22	24	23	20
IAV	16	25	23	38

Fonte: Autoria própria (2022).

A partir da análise desses resultados, podemos concluir que enquanto a fala do ITL enfatiza a dimensão cultural, a da EEN a dimensão ecológica, a da VDB e a do IAV a dimensão social, a da EVD apresenta um equilíbrio na abordagem das dimensões da sustentabilidade. É importante destacar que apesar de ser importante para todas, nenhuma das comunidades parece priorizar a dimensão econômica por sobre as outras, portanto não caracterizando o modelo de sustentabilidade fraca (apresentada no Tópico 2.3.1.3).

Também agrupamos alguns dos Códigos em Categorias de Tipos e Temáticas de educação e/ou EA, como esquematizado no Quadro 8.

Quadro 8 – Esquema de agrupamento de Códigos para Categorização: Tipos e Temáticas de Educação e/ou EA

TIPOS	TEMÁTICAS
Curso(s)	Agroecologia
Escola(s)/Universidade(s)	Agrofloresta/SAF
Oficina(s)	Arte
Retiro(s)	Autoconhecimento
Visita(ção)	(Bio)Construção
Vivência(s)	CNV
Voluntario(ado)	Criança(s)
	(Eco)Turismo
	Permacultura
	Religião/Espiritualidade/Filosofia de vida
	Sociocracia
	Sustentabilidade/sustentável(is)
	Yoga

Fonte: Autoria própria (2022).

Então, quantificando o quanto cada categoria foi mencionada por cada participante da pesquisa, obtivemos os resultados dispostos nas Tabela 7 e 8.

Tabela 7 – Resultados da Categorização por Tipos

Tipos	Comunidades						Total
	ITL	EEN	VDB	EDL	EVD	IAV	
Curso(s)	4		7	1	1	9	22
Oficina(s)	4					4	8
Retiro(s)	3				3		6
Visita(ção)	2	6	1			6	15
Vivência(s)			5	7		10	22
Voluntario(ado)	3	3	14	1	1	9	31
Total	16	9	27	9	5	38	104

Fonte: Autoria própria (2022).

A partir da análise dos resultados sobre Tipos de processos educativos, podemos constatar que:

- Voluntario(ado) é o único tipo citado por todos e também o mais citado, portanto concluímos que é o processo mais relevante para as comunidades; depois há um empate entre Curso(s) e Vivência(s); por último, ficam Oficina(s) e Retiro(s) que além de serem citados apenas por dois, também foram os menos citados e, portanto, são de menor relevância para as comunidades;

- ITL e IAV atuam com quase todos os tipos de processos educativos, enquanto EEN diversifica menos, apenas com Visita(ção) e Voluntario(ado).

Tabela 8 – Resultados da Categorização por Temáticas

Temáticas	Comunidades						Total
	ITL	EEN	VDB	EDL	EVD	IAV	
Agroecologia		2	4		2		8
Agrofloresta/SAF	5	2		1		3	11
Arte	5	1			1		7
Autoconhecimento	3		3	3	3	4	16
(Bio)Construção	2	1	9	7	3	3	25
CNV	2		3			2	7
Criança(s)	5	3	5	4	2	4	23
(Eco)Turismo	4				2	1	7
Permacultura	2	1	3	10	4	8	28
Religião/Espiritualidade/Filosofia de vida	1	1	1	2	3		8
Sociocracia	2		1			2	5
Sustentabilidade/sustentável(is)	2	6		6	6	2	22
Yoga					6	1	7
Total	33	17	29	33	32	30	174

Fonte: Autoria própria (2022).

A partir da análise dos resultados sobre as Temáticas dos processos educativos, podemos constatar que:

- A temática mais citada é Permacultura, que foi mencionada por todos; seguida por (Bio)Construção e Criança(s);
- Autoconhecimento, Religião/Espiritualidade/Filosofia de vida e Sustentabilidade/sustentável(is) são citadas por todas menos uma;
- ITL é a que mais diversifica nas temáticas, sendo sucedida por IAV e EDL;
- Arte é especialmente tematizada por ITL e Yoga é por EVD.

4.4 REFLEXÕES E DISCUSSÃO

4.4.1 Reflexões sobre viver em ecovilas e comunidades sustentáveis

Quando questionados sobre o que aprenderam com a experiência de viver em comunidade, os participantes da pesquisa falaram sobre o que é preciso na verdade “desaprender”:

A primeira coisa tem que “desaprender” primeiro né, desaprender um montão de vícios que tem da cidade que não dá pra carregar consigo a vida inteira né. (EEN)

E o que é necessário:

pra viver em comunidade é fundamental autoconhecimento. (...) Então, autoconhecimento é a chave do viver em comunidade. Casa bioconstruída a gente faz, as comunidades elas não acabam porque a casa bioconstruída caiu né, ela não acaba porque a terra não tá boa pra plantar, ela acaba porque os conflitos são fortes demais pra serem... pras pessoas sustentarem e as pessoas não têm tecnologia social pra lidar com os conflitos. Então, autoconhecimento. A gente não veio nessa cultura né, a gente não aprendeu culturalmente a viver colaborativamente na cooperação, nessa ideia do autocuidado e do cuidado com o coletivo, então pra mim a chave central (e olha que já passou gente por aqui) é um mergulho no autoconhecimento.” (...) Então, a parada assim do autoconhecimento então por isso que eu acho que é muito difícil falar de Educação Ambiental sem trabalhar a questão do autoconhecimento, do meu padrão de consumo, por exemplo, do meu padrão de relação com a natureza, então pra mim essa é a grande chave mesmo. (ITL)

Destacaram as dificuldades de realizar a transição paradigmática:

Bom, falar o seguinte: não foi assim, não aconselho pra... (risos) não aconselho muito porque quando você quer mudar de paradigma, quando você quer quebrar paradigmas estruturais, e que esses paradigmas estruturais estão enraizados em todo lugar, inclusive na nossa família, é muito difícil. (...) E aí foi um período difícil porque aí quando cê tem que tá muito certo do que você quer, cê tem que tá muito certo da sua (?), cê tem que tá muito certo que no próximo ciclo vai vim, que vai vim, que você vai ter, sabe? Que é só um período difícil e aí depois cê vai conseguir ver. (...) E aí foi um período que cê teve que fazer os negócio. Aí começou a aparecer: começa a ser finalista de prêmio de arquitetura, quando começa uma reportagem aqui, outra reportagem ali, aí o (?) vem aqui, aí começa a sair. Aí cê começa a ver que as pessoas tá, aí começou mudar a linha de raciocínio e aí foi. Foi muito difícil, foi muito difícil. Se perguntar “faria de novo?” eu acho que faria mas se desse pra ser com um pouquinho menos de dor, ou se eu pudesse carregar esse conhecimento que eu trouxe até aqui, levar pra trás e fazer, eu acho que eu faria. Mas é difícil, é difícil, é algo mais missionário assim né não tem explicação. É você sentir, tipo igual educar, eu amo educar, eu amo dar aula pra criança, eu amo... (...) Então assim, tudo que eu passei por vários tempos me leva a isso, entendeu? Então as minhas ações levaram realmente onde eu quero tá hoje, o que eu pensava 10 anos atrás. (...) E é isso, a gente tá tentando fazer a nossa parte e tentar mudando, tá mudando, mudando. Mas é difícil, não é fácil. (EDL)

Sobre os esforços envolvidos:

É... tem aspectos desde os mais pragmáticos assim práticos mesmos que é importante a pessoa ter em mente assim né de que é bom dela saber, digamos assim, e tem outros aspectos que são mais é... mais ideológicos, digamos assim. Um tem bastante a ver com o outro assim, de certa maneira eles tão vinculados porque isso é uma coisa que cê precisa muito assim. É você ter uma ideologia, não necessariamente uma ideologia assim um aspecto institucional ou uma coisa fechadinha numa caixinha, mas um aspecto assim missionário, uma vontade muito grande ou seja falar “isso faz parte da minha missão, do meu aprendizado aqui, é isso que eu quero, é essa maneira que eu enxergo de como viver no mundo”, cê precisa ter assim uma determinação muito grande nesse sentido. E ao meu ver o que vai canalizar essa determinação é você ter algum amparo ali que te mostre né asso,, algum conforto que fala “não, esse esforço vale a pena por isso”, porque são muitos esforços né, pra viver, em geral, em qualquer lugar, independente de como e onde, vai precisar né. (...) Mas tem essa questão do deslocamento, porque aí as pessoas, se a gente trabalha lá, aí a gente vai atrair as pessoas pra lá, então também tem a questão do deslocamento. E se você quiser simplificar não é tanto a nossa proposta particular mas tem ocorrido assim: uma autossustentabilidade mais assim roots mesmo né assim viver com bem pouco e comer só o que ali você consegue plantar então aí vem a questão de cuidado com a terra. Uma coisa que eu reparei assim mesmo em diálogo com outras ecovilas é que muitas pessoas elas tão vindo do centro urbano pra área rural, elas tão fazendo essa volta, não são maioria mas as que eu vi, não sei se foi uma coincidência e não é tão maioria assim, mas a maioria que eu vi elas não nasceram numa área rural e tão ali desde sempre. (...) E as pessoas que já se frustraram fora agora tão querendo fazer o movimento de voltar pruma área rural, só que aí elas vêm sem nenhuma experiência, porque a gente na escola não aprendeu a viver, a gente também aprendeu que o interessante era trabalhar em uma empresa, era você ter um pensamento mais... enfim, se diz que até outras áreas do cérebro a gente estimula dependendo do tipo de aprendizado né. Então você vem morar numa ecovila mas você se depara com um monte de urbanoide tentando entender como

funciona a terra, o solo, o clima e a gente passa a se nisso um tempão né. (EVD)

Além de enfatizarem as atividades práticas:

Nossa, eu aprendi um quadrilhão de coisas, acho até difícil responder isso assim. Porque acaba que eu estudei pouco teoricamente a permacultura e tudo que eu sei, eu sei do que eu convivi com as pessoas e vi acontecendo ali. Então eu aprendi é pouco técnico só que é muito prático os saberes desde muitas espécies mais de plantas, de ervas medicinais, sobre minimamente coisas muito básicas de agrofloresta, muito básicas mesmo, mas assim se eu tiver um quintal pelo menos eu sei fazer uma horta, sabe. E... isso, de manejo de banheiro seco, coisa que é uma tarefa que tu faz no cotidiano, então eu sei acender um fogão à lenha, eu sei, sabe, sei fazer um manejo de banheiro seco, sei alguma coisa de bioconstrução, eu sei, bah, pelo menos os ingredientes que vai pra fazer uma massa de bioconstrução, então muito básico assim mas eu sei essas coisas. De ferramentas sociais também né, sociocracia, CNV, ahm... essas coisas assim que eram muito, faziam muito parte da nossa rotina: as partilhas, os fóruns, as mediações, então isso tudo eu aprendi lá. Até coisa de organizar curso, sabe, fazer um cronograma de curso, distribuir as tarefas, organizar um evento, fazer almoço pra 20 pessoas, isso tudo são experiências que eu só tive lá. Acender uma fogueira, é então isso. Poderia sabe continuar a lista porque então esses conhecimentos assim eu adquiri tudo lá. Eu acho que o que uma pessoa precisa saber pra morar em coletivo... ah, que difícil essa pergunta né? Que que ela precisa saber... Eu acredito assim que uma grande, um grande valor necessário e aí ele se manifesta de muitas formas na convivência é a horizontalidade. E aí isso vai muitas coisas assim do tipo dividir tarefas né, o que que é uma coisa que só fulano faz ou que eu nunca faço, isso... então dentro da horizontalidade eu tô realmente colocando uma relação em que é muito de igual pra igual assim né. E aí tudo, todos atravessamentos desde a distribuição de tarefas até as tomadas de decisão. A horizontalidade pra mim é uma coisa que às vezes que eu vi ela falhar foram as vezes que eu vi ter conflitos na comuna, ou alguém ficar insatisfeito ou a coisa dar uma degradingada assim. Então eu boto fé na horizontalidade bem bem ampla e radical assim né, então eu tô dizendo da faxina, ter horizontalidade pra fazer a faxina, ter horizontalidade pra um trabalho pesado, ter horizontalidade pra tomada de decisão, pro cuidado das crianças, então eu iria por aí... (IAV)

E tecerem reflexões:

E aí, eu tenho comentado com essas pessoas que eu percebi - é claro que todos nós passamos por fases a vida inteira, tem fases que nós somos um pouco mais disso, um pouco menos daquilo - eu hoje tô numa fase mais "formiga"... (...) Eu acredito que a gente tem, observando a natureza inclusive como referência né: a gente tem as formigas, a gente tem as abelhas, e a gente tem as borboletas, só pra pegar três exemplos né, tem uma série de outros. As formigas, elas trabalham juntas, elas moram juntas, elas têm os mesmos objetivos, elas têm funções diferentes, mas quando elas vão atuar em algo, elas atuam em conjunto. E eu tô numa fase bastante formiga, quem tá aqui eu puxo junto e vamo fazer junto e gosto de trabalhar sozinho às vezes e acho que algumas formigas fazem isso, mas o formigueiro ele é um só. É... muita gente é abelha, a abelha ela também trabalha por um objetivo em comum, mas ela trabalha sozinha, maioria trabalha sozinha, às vezes cê pega muitas abelhas indo na mesma árvore, mas tá cada uma na sua florzinha, tá

cada uma, aí no seu tempo cada uma volta pra colmeia e cumpre seu papel. Então é um trabalho coletivo mas é mais individualizado. E você tem as borboletas que são seres individuais né que tão aí voando, polinizando, cumprindo o papel delas, não têm uma casa específica, não têm uma colmeia específica, elas vão voando de flor em flor e elas... cada um desses seres tem uma energia e é necessário essa energia de cada um desses seres numa comunidade. Só que é muito mais fácil achar borboleta do que abelha e formiga. E muitas borboletas passam por aqui e assim como todo projeto né, como eu falei nós temos fases, é... pensando que são formigas e abelhas então chegam aqui falando “não, porque eu vou ficar, porque eu vou construir, porque eu vou plantar essa árvore e eu vou colher o fruto dela daqui 3 anos, 10 anos”. É linda essa energia, mas é importante a pessoa ter consciência do que que ela tá sentindo naquele momento, qual que é a intenção dela naquele momento e se ela vai ser capaz de cumprir com esse compromisso, de que forma e por quanto tempo. Se ela tem clareza de que ela é borboleta, a nossa relação é muito mais fluida, pode ter só eu de formiga aqui e 10 borboletas, se todos nós tivermos consciência de que são 10 borboletas e só uma formiga, a gente vai entender a melhor forma de nos relacionarmos. Agora, você é borboleta, você é livre, quer voar, quer ir passar de um projeto em outro, quer doar sua energia intensamente, mas talvez na semana que vem você já mude de ideia e você insiste que você é uma abelha ou uma formiga, vai dá conflito porque dentro de você, você até quer ficar, mas não é, não tá no seu momento de ficar e construir, criar raiz. Então acho que esse é um primeiro ponto assim, não dá pra gente ter clareza disso o tempo inteiro, demora. Mas acho que estar aberto pra se descobrir nesse sentido acho que é um ponto muito importante assim. E um outro ponto, acho que esses dois pontos são chave assim, é saber que muitos processos são transicionais né, a gente não consegue fazer uma mudança de uma hora pra outra. E isso é complexo pra quem tá aqui né, pra quem fica aqui, um voluntário vai ficar, vai passar por aqui depois vai embora, tudo que ele trouxe de bom, fica, mas tudo que ele trouxe que não deu certo, também fica, se ele mexeu num projeto, se ele tentou fazer uma coisa aqui que não deu certo, depois ele vai embora e a gente vai ter que lidar com isso. (VDB)

É interessante ressaltar que três dos seis participantes entrevistados compartilharam as experiências de suas viagens conhecendo outras comunidades que depois os inspiraram e influenciaram ao fundar as suas próprias comunidades, e assim percebemos o potencial de inspiração que experiências em ecovilas e comunidades sustentáveis pode ter sobre quem as visita ou voluntaria nas mesmas, para realizarem verdadeiras mudanças de vida após experimentarem modos de vida alternativos e sustentáveis e comprovarem que são possíveis e reais, como constatado também por Sales, Esmeraldo e Lima (2021).

4.4.2 Possibilidades e contradições da Educação Ambiental nesse contexto

Como uma comunidade, mesmo que intencional, é formada por grupos de pessoas que por mais que possam ter um objetivo em comum, podem apresentar ideias diferentes de como alcançá-lo, o mesmo ocorre com uma comunidade de

comunidades como é o movimento de ecovilas. Em análise sobre as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental (apresentadas no Tópico 2.3.3), pudemos identificar características das três vertentes de EA nos processos educativos desenvolvidos nas comunidades do movimento de ecovilas brasileiro:

- Conservacionista: através de processos de conexão com a natureza e autoconhecimento, que apesar de terem sua importância e também espaço dentro do campo da EA, se preocupam em levar ao bem-estar individual (e talvez até comunitário, mas possivelmente limitado à comunidade em questão), mas não necessariamente ao bem-estar social, podendo levar à alienação enquanto busca isolar-se do sistema vigente como uma forma de negação e escapatória do mesmo;

- Pragmática: por meio da Educação para o Desenvolvimento Sustentável que ainda é muito confundido com Sustentabilidade no movimento das ecovilas principalmente do norte global, enfocadas em eco-tecnologias e diminuição de pegadas ecológicas, portanto atuando nas consequências mas não nas causas das problemáticas ambientais e assim apresentando limitações pois partem da individualização de soluções para as mesmas não as explicando enquanto inerentes das dinâmicas econômica e política do sistema vigente;

- Crítica: principalmente através da Educação nos Processos de Gestão Ambiental das ecovilas e comunidades afins que enfocam Permacultura, Agroecologia e Agrofloresta, articulando as diversas dimensões da sustentabilidade, contextualizando o debate ambiental e problematizando as contradições dos modelos de sociedade que experimentamos local e globalmente, pois o próprio estabelecimento das comunidades e seus projetos já que podem ser consideradas como questionadores da estrutura social vigente, pois apesar de terem alcance limitado individual e coletivamente, ao se organizarem em forma de redes conectadas e colaborarem através das mesmas, demonstram seu potencial transformador enquanto movimento social.

Discutindo sobre a identificação das três vertentes de EA ser ou não contraditória, podemos argumentar que cada uma tem seu propósito e público-alvo diferentes – prática comum na Educação Ambiental em processos de Gestão Ambiental que tem uma visão etapista – ou explicar que por mais que se objetive a EA Crítica pode-se na contradição entre teoria e prática e por fim focar-se a Conservacionista e a Pragmática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstram que as ecovilas, de maneira mais autônoma, como laboratórios, e também coletivamente, como movimento, educam ambientalmente através do compartilhamento de suas experiências em princípios e práticas socioambientais sustentáveis, entre comunidades e destas com a sociedade, por meio da oferta de cursos, oficinas, visitas, retiros e vivências, com destaque para voluntariado, pois além de serem processos de Educação Ambiental e de imersão na vida em comunidade, também são essenciais para a manutenção e continuidade das mesmas.

Ressaltamos inclusive a importância da atuação como voluntária no movimento de ecovilas da pesquisadora responsável por essa investigação através da participação nos Círculos de Educação e Pesquisa das redes brasileira, latina e global de ecovilas, tendo a oportunidade de vivenciar esses espaços participativos e dialógicos, contribuindo e aprendendo com a experiência desse movimento em seus diversos âmbitos e escalas. Além disso, essa pesquisa não teria sido possível de ser realizada ou ao menos não seria a mesma sem essa inserção na abordagem do objeto de estudo, se tivesse sido feita de fora como observadora. Porém salienta-se que nesse caso se acrescenta a dificuldade de se analisar um movimento do qual se faz parte, mas maior do que esse desafio é a oportunidade e possibilidade de se investigar um movimento social atuando no mesmo enquanto se pesquisa.

Os processos educativos desenvolvidos nas comunidades pesquisadas têm temáticas de práticas de conexão com a natureza e ligadas à espiritualidade e filosofia de vida, autoconhecimento, arte, alfabetização ecológica, agroecologia, agrofloresta/SAF, bioconstrução, Desenvolvimento Sustentável, ecoturismo, Gestão Ambiental, permacultura, sustentabilidade e tecnologias sociais como sociocracia e CNV, além de yoga. Portanto, além de serem exemplos e experimentos de modos de vida alternativos demonstrando como não são utópicos, mas reais e possíveis, essas comunidades também apresentam a potencialidade de serem centros de Educação Ambiental para sustentabilidade em todas as suas dimensões e iniciativas de transição para sociedades sustentáveis. Além de constituírem um amplo campo de pesquisa para futuros estudos sobre relações entre EA e cada uma das temáticas encontradas, como por exemplo arte e EA.

Portanto, os processos educativos desenvolvidos nessas comunidades podem potencializar ações individuais e coletivas na perspectiva educadora ambiental da transformação individual à mudança social. A abordagem sistêmica da sustentabilidade do movimento de ecovilas se dá também pela escalabilidade em que seus princípios e práticas socioambientais sustentáveis podem ser aplicados. Portanto, as comunidades do movimento de ecovilas apresentam potencialidades no desenvolvimento de processos de Educação Ambiental, já que articulam conhecimentos, atitudes e valores, envolvendo a participação individual em processos coletivos, trabalhando desde a perspectiva local até a global.

Ressaltamos como um dos aspectos mais relevante desta pesquisa a importância das redes de ecovilas na conexão entre as comunidades e delas com a sociedade, demonstrando como são potencializadas enquanto coletivo, uma verdadeira “comunidade de comunidades”, através da organização dos bancos de dados virtuais disponibilizados e divulgados possibilitando que qualquer pessoa identifique as comunidades, localizando e caracterizando minimamente seus perfis, programas e ações, podendo entrar em contato, ir conhecê-las e experimentar essas comunidades de aprendizagem.

Aproveitamos para finalizar fazendo um convite ao leitor para que se aventure em busca dessas informações e, se despertar seu interesse, programe-se para esse intercâmbio de experiências em uma ou mais dessa diversidade de possibilidades no desenvolvimento de processos educativos ambientais para conhecer na prática esses laboratórios de sustentabilidade, modos de vida alternativos e iniciativas de transição para sociedades sustentáveis e resistência em tempos de crise civilizatória de forma a reconstruir as relações sociedade-natureza.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Beatriz Martins. **O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

AVELINO, Flor; MONTICELLI, Lara; WITTMAYER, Julia M. How Transformative Innovation Movements Contribute to Transitions. In: HOWALDT, Jürgen; KALETKA, Christoph; SCHRÖDER, Antonius; ZIRNGIEBL, Marthe (ed.). **Atlas of Social Innovation: A World of New Practices**, München, v. 2, p. 70-74, 2019.

BATES, Albert. **The Age of Climate Limits**. Disponível em: <https://peaksurfer.blogspot.com/2022/04/the-age-of-climatelimits.html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

BISSOLOTTI, Paula Miyuki Aoki. **Ecovilas: Um Método de Avaliação de Desempenho da Sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAPELLO, Giuliana. **Meio Ambiente & Ecovilas**. São Paulo: Editora Senac, 2013. *E-book*.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof *et al.* **Alfabetização Ecológica: A Educação das Crianças Para um Mundo Sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental/FURG, Rio Grande, vol. especial, p. 46-55, dez 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2017. *E-book*.

CASA BRASIL. **Conselho de Assentamentos Sustentáveis Brasileiro**. Disponível em: <https://www.redecasabrasil.org/assentamentos-sustentaveis>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CASA LATINA. **Consejo de Assentamientos Sustentables de América Latina**. Disponível em: <https://redcasalatina.org/>. Acesso em: 30 set. 2021.

CMMAD (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento). **Relatório Brundtland ou Nosso Futuro Comum**. Oslo, 1987.

COMUNELLO, Luciele Nardi; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. ECOVILAS: APRENDIZAGENS, ESPIRITUALIDADE E ECOLOGIA. **Avá**, v. 27, p. 81-99, 2015.

COMUNELLO, Luciele Nardi. Educação Ambiental em Ecovilas: uma etnografia sobre aprendizagem. **AmbientalMENTEsustentable**, v. 02, n. 20, p. 1759-1780, 2015.

COMUNELLO, Luciele Nardi. **Aprendizagem e Espiritualidade em Ecovilas: quando “o Universo todo ensina”**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DAWSON, Jonathan. **Ecovillages: New Frontiers for Sustainability**. Bristol: Green Books, 2015. *E-book*.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello. Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XX, n. 3, p. 81-98, 2017.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental na experiência das ecovilas** – integrando as dimensões da sustentabilidade. IX EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 1-13, ago. 2017.

DIAS, Maria Accioly. **Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade em ecovilas: O caso da Ecovila Tibá de São Carlos (SP)**. 2018. 298 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade** – a interconexão de suas dimensões nas práticas das ecovilas. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, Vol. 22, p. 1-20, jan. 2019.

EEN. **Reserva Ecovila El Nagual**. Disponível em: <https://elnagualbrasil.com/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

EDL. **Ecovila da Lagoa** - Campo de Pesquisa. Disponível em: <https://ecoviladalagoa.com.br/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

EVD. **Ecovila Vraja Dhama**. Disponível em: <https://ecovilavrajadhama.com.br/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

FREITAS, Lara Cristina Batista. **Análise de assentamentos humanos sustentáveis: experiências relevantes de ecobairros e ecovilas**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.

GAIA EDUCATION. **Gaia Education Design para Sustentabilidade**. Disponível em: <https://www.gaiaeducation.org/elearning-programmes/design-for-sustainability-pt/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GAIA EDUCATION. **Gaia Education awarded prestigious Luxembourg Peace Prize for global education efforts in sustainability & regeneration**. Disponível em: https://www.gaiaeducation.org/blog/72573-gaia-education-awarded-prestigious?current_category_context=&delivery_id=1313714814&utm_medium=email&utm_campaign=1426383-noticias-de-junho-do-gaia-education-dia&utm_source=accounts%2F41551&simplero_object_id=co_kjmCzLztEVbdZbmNTjCdLs1y. Acesso em: 31 jul. 2022.

GEN. **Global Ecovillage Network**. Disponível em: <https://ecovillage.org/>. Acesso em: 23 set. 2021.

GILMAN, Robert. The ecovillage challenge: The challenge of developing a community living in balanced harmony - with itself as well as nature - is tough, but attainable. In **Context**, Langley, vol. 29, p. 10-14, 1991. Disponível em: <https://www.context.org/iclib/ic29/gilman1/>. Acesso em 31 out. 2021.

IAV. **Instituto Arca Verde**. Disponível em: <https://www.arcaverde.org/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ITL. **Instituto Terra Luminous**. Disponível em: <https://terraluminous.eco.br/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

IPCC – *Intergovernmental Panel on Climate Change*. **IPCC Sixth Assessment Report Mitigation of Climate Change**. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg3/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

KOVASNA, Anna. **Ecovillages featured in IPCC report**. Disponível em: https://ecovillage.org/ecovillages-featured-in-ipcc-report/?utm_source=GEN+Email+List&utm_campaign=486bfff0d8-12+April+Regular+PDC+workshops&utm_medium=email&utm_term=0_bfc230fd5a-486bfff0d8-117654830&mc_cid=486bfff0d8&mc_eid=1a204cc5b6. Acesso em: 12 abr. 2022.

KUNZE, Iris. Social Innovations for Communal and Ecological Living: Lessons from Sustainability Research and Observations in Intentional Communities. **Communal Societies Journal** of the Communal Studies Association, Amana, v. 32, n. 1, 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil**. In: VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 2011, Ribeirão Preto. VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental: a pesquisa em educação ambiental e a pós-graduação. Ribeirão Preto, v. 0. p. 01-15, 2011.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Número Especial, p. 44-88, 2020.

LEAL, Priscylla Lins. As práticas educativas e de gestão das ecovilas. IX Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. **Educon**, Aracaju, v. 09, n. 01, p.1-4, 2015.

LOCKYER, Joshua P. **Intentional Communities and Sustainability**. *Communal Societies*, v. 30, n. 1, p. 17-30, 2010.

LUXEMBOURG PEACE PRIZE. **2022 Outstanding Peace Education**. Disponível em: <https://luxembourgpeaceprize.org/laureates/outstanding-peace-education/2022-gaia-education/>. Acesso em 1 jul. 2022.

MATTOS, Taisa Pinho. Ecovilas: Tecendo a Cultura Regenerativa In: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel. (Orgs.). **Ecovilas Brasil: Caminhando para a Sustentabilidade do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 20-27.

MATTOS, Taisa. **Ecovilas: A construção de uma cultura regenerativa**. Uma etnografia de Findhorn, Escócia. Norderstedt: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: _____. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MORAES, Bruno Emilio. **Reflexões por uma Educação Ambiental Desde Baixo: o cotidiano das comunidades utópicas**. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2016.

MORAES, Bruno Emilio. **Educação Ambiental Desde Baixo: O cotidiano das comunidades utópicas**. Curitiba: Appris, 2019. *E-book*.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano**. Estocolmo, 1972.

ONU (Organização das Nações Unidas). **Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**. Tbilisi, 1977.

PPGEA - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. **Linhas de Pesquisa**. Disponível em: <https://ppgea.furg.br/pesquisa/191-linhas-de-pesquisa-2>. Acesso em: 31 mar. 2022.

ROCHA, Heliana Faria Mettig. **O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistências socioecológica em projetos urbanos**. 2017. 315 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ROYSEN, Rebeca. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Alto Paraíso: [s.n.], 2020. *E-book*.

ROYSEN, Rebeca. Mudança Cultural nas Ecovilas. *In*: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel. (Orgs.). **Ecovilas Brasil: Caminhando para a Sustentabilidade do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 136-139.

SAGNORI, Maíra. Vida em Comunidade e as Florestas. *In*: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel. (Orgs.). **Ecovilas Brasil: Caminhando para a Sustentabilidade do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 206-209.

SALES, Camila Barroso; ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite; LIMA, Marcondes Araújo. **Ecovila: uma nova forma de (con)viver**. Rede – Revista Eletrônica do PRODEMA, Fortaleza, Brasil, v. 15, n 1, p. 151-167, 2021.

SANTOS, Luiza Luchi Ramos. **Gestão sustentável de ecovilas: uma análise crítico-interpretativa**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias Ambientais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2019.

SANTOS, Luiza Luchi Ramos; SANTANA, Elissandro dos Santos; RABBANI, Allívia Rouse Carregosa; RABBANI, Roberto Muhájr Rahnemay. Ecovilas, o que podemos aprender com uma nova definição ancorada na construção deste fenômeno hodierno? **SUSTINERE**. Rio de Janeiro, v. 9, suplemento 1, p. 35-50, mar. 2021.

SANTOS JR, Severiano José dos. **Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo**. *In*: III Encontro da ANPPAS - Associação Nacional Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Brasília, DF: Anais, 2006. p.1-16. 2006.

SATYAN, Aline. Um Novo Mundo é Possível, Necessário e já está Acontecendo. *In*: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel. (Orgs.). **Ecovilas Brasil: Caminhando para a Sustentabilidade do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 230-233.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental.. *In*: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. (Orgs.). **Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SIMAS, Ana Carolina Beer Figueira. **Comunicação e diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária**. 23013. 397 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SIQUEIRA, Gabriel De Mello Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudo**. 2012. 217 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Socioeconômico – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIQUEIRA, Gabriel de Melo Vianna. As Ecovilas de Sucesso do Brasil. *In*: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel. (Orgs.). **Ecovilas Brasil: Caminhando para a Sustentabilidade do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 44-49.

VALVERDE, Juliana Viégas de Lima. **Afinal, o que são ecovilas?** Em busca de uma definição. In: *Arquitetura e Urbanismo: Abordagem Abrangente e Polivalente 2* – Capítulo 14, p. 219-232, 2020.

VDB. **Vila das Borboletas Eco Sítio.** Disponível em: <https://www.facebook.com/viladasborboletas/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

WAGNER, Felix. Ecovillage Research Review. In: ANDREAS, Marcus; WAGNER, Felix (Eds.). **Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches.** RCC Perspectives, n. 8, p. 81-94, 2012.

GLOSSÁRIO

Agroecologia: ciência integradora e multidisciplinar que é caracterizada pela aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo dos agroecossistemas sustentáveis, abordando os processos agrícolas de maneira ampla, não só visando maximizar a produção mas também otimizar o agroecossistema total – incluindo seus componentes socioculturais, econômicos, técnicos e ecológicos.

Agrofloresta ou Sistema Agroflorestal (SAF): área ou terreno em que as culturas agrícola e florestal se combinam, de modo simultâneo ou sequencial. É um sistema de plantio de alimentos que é sustentável e ainda faz a recuperação vegetal e do solo.

Bioconstrução: é o termo utilizado para se referir a construções onde a preocupação ecológica está presente desde sua concepção até sua ocupação. Já na concepção, as bioconstruções valem-se de materiais que não agredam o ambiente de entorno, pelo contrário: se possível, reciclam materiais locais, aproveitando resíduos e minimizando o uso de matéria-prima do ambiente. Todo projeto foca no máximo aproveitamento dos recursos disponíveis com o mínimo de impacto. O tratamento e reaproveitamento de resíduos, coleta de águas pluviais, uso de fontes de energia renováveis e não-poluentes, aproveitamento máximo da iluminação natural em detrimento da artificial, são exemplos de preocupações na concepção desses projetos. A residência nas bioconstruções também segue a filosofia de responsabilidade ambiental dos seus ocupantes.

Biorregião: entidade cooperativa que visa garantir a gestão sustentável dos recursos locais de uma determinada zona territorial com características ambientais, ecológicas e geográficas distintas.

Comunicação Não-Violenta (CNV): é um processo de pesquisa contínua que apoia o estabelecimento de relações de parceria e cooperação, em que predomina comunicação eficaz e com empatia. A CNV enxerga uma continuidade entre as esferas pessoal, interpessoal e social, e proporciona formas práticas de intervir nelas. Uma comunicação à base destas distinções tende a evitar dinâmicas classificatórias,

dominatórias e desresponsabilizantes, que rotulem ou enquadrem os interlocutores ou terceiros. Aqueles que se apoiam na comunicação não violenta consideram que todas as ações são originadas numa tentativa de satisfazer necessidades humanas, mas tentam fazê-lo evitando o uso do medo, da vergonha, da acusação, da ideia de falha, da coerção ou das ameaças. Um princípio-chave da comunicação não violenta é a capacidade de se expressar sem usar julgamentos de "bem" ou "mal", do que está certo ou errado. A ênfase é posta em expressar sentimentos e necessidades, em vez de críticas ou juízos de valor.

Ecoturismo: é um segmento de atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Para que uma atividade possa ser considerada como de Ecoturismo, ela deve garantir: 1) Conservação dos recursos naturais e culturais; 2) Gerar benefícios para as comunidades receptoras; e 3) garantir a Educação Ambiental.

Educomunicação: conjunto de ações voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos, abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto das relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos como de uma apropriação criativa dos recursos das informações nos processos de produção da cultura e da difusão do conhecimento, garantindo oportunidade de expressão para toda a comunidade, com relação horizontalizada entre os participantes e produção colaborativa de conteúdos utilizando diversas linguagens e instrumentos de expressão, arte e comunicação.


Pegada ecológica: é uma metodologia de contabilidade ambiental que avalia a pressão do consumo das populações humanas sobre os recursos naturais. Expressada em hectares globais (gha), permite comparar diferentes padrões de consumo e verificar se estão dentro da capacidade ecológica do planeta.

Permacultura: é um sistema de planejamento de ambientes humanos sustentáveis que se utiliza de práticas agrícolas e sociais cujo planejamento do seu *design* é

centrado em simular ou utilizar diretamente os padrões e características observados em ecossistemas naturais e que procura integrar harmoniosamente as atividades humanas na comunidade ecológica em que se inserem, de modo a criar um sistema equilibrado, sustentável e autossuficiente; é a utilização de uma forma sistêmica de pensar e conceber princípios ecológicos que podem ser usados para projetar, criar, gerir e melhorar todos os esforços realizados por indivíduos, famílias e comunidades no sentido de um futuro sustentável; é considerada uma ciência de âmbito social e ambiental que alia o conhecimento científico com o conhecimento tradicional e popular assegurando dessa forma a permanência do ser humano como espécie no planeta Terra.


Sociocracia: também chamada de "governança dinâmica", é um sistema de governo, encontrado na democracia participativa, no qual as decisões são tomadas considerando-se a opinião dos indivíduos de sua sociedade. É a forma de governo que proporciona às pessoas a condição de não apenas participar do processo, mas também de gerir em conjunto e onde a soberania é exercida pela sociedade como um todo, não apenas por algumas de suas partes, na procura da melhor decisão para o conjunto da sociedade, ou no mínimo obtendo o consentimento dos que não concordarem com os pontos de vista da maioria. A sociocracia, quando adoptada para facilitar a organização de qualquer grupo que partilha uma visão e missão, desde associações a fábricas, escolas a empresas, é o ponto intermediário entre uma gestão hierárquica e uma autogestão. Do ponto de vista organizativa, a sociocracia combina momentos horizontais com momentos verticais. Apoia-se no poder do círculo, em que as decisões são tomadas de forma horizontal. No entanto, este círculo pode inserir-se numa hierarquia mais complexa, cujos mecanismos de comunicação – sempre em dois sentidos através de uma dupla representação – foram discutidos com algum pormenor.

APÊNDICE A – Questionário



Pesquisa sobre Educação Ambiental nas ecovilas brasileiras

O objetivo deste questionário é identificar exemplos de processos com enfoque educativo nas ecovilas brasileiras, parte de uma pesquisa cuja proposta é traçar um panorama sobre a dimensão educacional do movimento brasileiro de ecovilas, visando demonstrar sua importância, relevância e contribuição na transição para sociedades sustentáveis. Sua participação é muito importante e desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração! Por favor, considere aproximadamente 15 minutos para participar da pesquisa respondendo ao questionário em nome da comunidade da qual faz parte. Em caso de dúvidas no preenchimento ou sobre a pesquisa, sinta-se à vontade para contactar a pesquisadora responsável Bruna Santos Bevilacqua (brunabevilacqua@furg.br), mestranda do PPGA (Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental) da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) e integrante do Círculo de Pesquisa da Rede CASA Brasil (Conselho de Assentamentos Sustentáveis Brasileiro).

bru.bevilacqua@gmail.com [Alternar conta](#) 

***Obrigatório**

E-mail *

Seu e-mail

Clique no link para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:
<https://docs.google.com/document/d/1ht7Yylue1281CrGBCJYcSxb2r1qiVuJAYOPuSQ5VyXw/edit?usp=sharing>

Autorização *

Concordo em participar da pesquisa nos termos acima estabelecidos.

Sobre você

1 - Qual é o seu nome? *

Sua resposta _____

2 - Qual é a sua idade? *

Sua resposta _____

3 - Qual é o seu gênero? *

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

Outro: _____

4 - É membro/morador da comunidade? *

Sua resposta _____

5 - Caso a resposta da pergunta anterior seja afirmativa, desde quando (mês/ano)? *

Sua resposta _____

6 - Qual seu papel/função na comunidade? *

Sua resposta _____

7 - Você gostaria de ter acesso ao resultado final desta pesquisa? *

Sua resposta _____

Sobre a comunidade

1 - Como se chama sua comunidade? *

Sua resposta _____

2 - Onde a comunidade está localizada? (Cidade/Estado) *

Sua resposta _____

3 - Quando a comunidade foi fundada? *

Sua resposta _____

4 - Quantos membros/moradores a comunidade tem? Por favor, indique quantos são adultos e quantos são crianças (se houver). *

Sua resposta _____

5 - Qual opção melhor descreve a comunidade? (Utilizamos as mesmas categorias de membresia da Rede CASA Brasil: *

<https://www.redecasabrasil.org/faca-parte>)

- Ecocidadania
- Projetos e Organizações sustentáveis e resilientes
- AHS (Assentamentos Humanos Sustentáveis)
- Ecovilas Consolidadas

Sobre a Educação na comunidade

1 - Sua comunidade desenvolve algum processo com enfoque educativo? *

- Sim
- Não

2 - Se sim, por favor compartilhe sobre os tipos de atividades educativas desenvolvidas na sua comunidade: (Marque todas as opções que se encaixam e complemente com o que faltar) *

- Cursos
- Oficinas
- Vivências
- Imersões
- Voluntariado
- Pesquisa
- Outro: _____

3 - Qual você diria que é o enfoque principal das atividades educativas desenvolvidas na comunidade? (Pode selecionar mais de uma opção) *

- Arte
- Alfabetização ecológica
- Auto-conhecimento
- Conexão com a natureza
- Desenvolvimento sustentável
- Espiritualidade
- Gestão Ambiental
- Permacultura
- Sustentabilidade
- Yoga
- Outro: _____

4 - Quais são os principais desafios e dificuldades que a sua comunidade enfrenta no exercício e na difusão de suas atividades educativas? *

Sua resposta

5 - Vocês possuem planos de expandir suas atividades educativas? Se sim, quando e como? *

Sua resposta

6 - Antes da pandemia, quantos visitantes a comunidade recebia em média anualmente para as atividades educativas? Caso não se aplique, digite 0 (zero). *

Sua resposta

7 - Como a pandemia impactou as atividades educativas? *

- Não impactou
- Impactou e paramos de oferecer qualquer tipo de atividade educativa
- Impactou e paramos de oferecer atividades educativas presencialmente e nos adaptamos ao modo virtual
- Outro: _____

8 - Pós-pandemia: *

- Pretendemos voltar com as atividades educativas totalmente ao presencial
- Manteremos somente atividades educativas virtuais
- Ofereceremos ambos tipos de atividades educativas (presencial, virtual ou híbrido)
- Outro: _____

9 - Você conhece outras ecovilas que apresentam processos educativos? Se sim, qual(is)? *

Sua resposta

10 - Há mais alguma coisa que gostaria de compartilhar sobre sua comunidade em relação à educação que possa ser divulgado para outras comunidades e potenciais visitantes? Vale indicar link de acesso a site, blog, rede social, texto, imagem, vídeo ou outro tipo de documento digital.

Sua resposta

Convite

Você ou outro membro/morador estaria disponível para uma entrevista por videoconferência sobre Educação na sua comunidade? *

- Sim
- Não

Enviar uma cópia das respostas para o meu e-mail.

Voltar

Enviar

Limpar formulário

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada

Data:

Nome:

Ecovila/Comunidade:

Apresentação da pesquisadora responsável e do participante da pesquisa seguida de revisão das respostas do questionário.

1 - O que você aprendeu com a experiência de viver em ecovila? Em sua opinião, o que uma pessoa deve saber ou aprender para viver em uma comunidade sustentável?

2 - Quais são os processos educativos desenvolvidos na comunidade? E o(s) enfoque(s) e/ou temática(s)?

3 - Quais são os maiores dificuldades no desenvolvimento dos processos educativos? E as maiores lições?

4 – Quais os planos pro futuro desses processos?

5 – Como a pandemia impactou a comunidade e seus processos educativos?

6 – Gostaria de acrescentar algum comentário com relação à Educação e à Gestão Ambiental desenvolvidas na ecovila?

7 - Você indica alguma outra pessoa e/ou comunidade para participar dessa pesquisa e/ou responder essa entrevista?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA

Você está sendo convidado para participar da Pesquisa “Educação Ambiental nas ecovilas brasileiras” cuja proposta é traçar um panorama sobre a dimensão educacional do movimento brasileiro de ecovilas, visando demonstrar sua importância, relevância e contribuição na transição para sociedades sustentáveis. Para tanto, consideramos que a sua participação é fundamental e desde já agradecemos a sua atenção e disponibilidade.

Este documento é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que tem como finalidade assegurar seus direitos como participante da pesquisa, é disponibilizado em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com as pesquisadoras. Por favor, leia com atenção e caso surjam dúvidas sobre o projeto e sua participação, sinta-se à vontade para contactar a pesquisadora responsável Bruna Santos Bevilacqua (brunabevilacqua@furg.br e (55) 99966-8484), sua orientadora professora Dra. Dione Iara Silveira Kitzmann (docdione@furg.com) ou o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-FURG), que é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (cep@furg.br e (53) 3237-3013).

Saiba que não haverá nenhum constrangimento, prejuízo ou ônus caso você decida descontinuar sua participação a qualquer momento da pesquisa e retirar seu consentimento sem justificativas. Entretanto, destacamos que o compartilhamento voluntário de informações e conhecimentos de sua parte certamente colaborarão para os objetivos da pesquisa, que desejamos transmitir para a sociedade de forma mais ampla, não se restringindo, portanto, somente ao universo acadêmico. Os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e revistas científicas, bem como através da Rede CASA Brasil, preservando-se o anonimato de todos os participantes. Caso você queira, poderá ser informado diretamente sobre os resultados obtidos, mediante solicitação por escrito, independentemente de participar da pesquisa. Todo material gerado pela pesquisa será arquivado pela pesquisadora e sua orientadora e terá uma cópia guardada na sede do PPGEA na FURG por um período de cinco anos.

Ainda que toda coleta de dados com seres humanos implique em algum tipo de risco, seja ele moral, intelectual, psíquico, social ou outros, será assegurado ao participante da pesquisa a dignidade. Caso se sinta constrangido, ou tenha dificuldade de expor opiniões ou problemas, você tem o direito de recusar a responder o questionário e/ou a entrevista e sua participação não fará parte da pesquisa. As pesquisadoras garantem assistência imediata, integral e gratuita, conforme Resolução CNS N° 466/2012, Art. 2, itens II.3, II.3.1, II.3.2 e item V. subitem V.6 e Resolução CNS N° 510/2016, Art. 3, item X. Não haverá desembolsos pessoais para o participante em qualquer fase desta pesquisa nem haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

A seguir, você encontra um detalhamento sobre os materiais e os métodos da pesquisa. Utilizamos abordagem qualitativa para análise dos dados que serão coletados na literatura científica e em campo, com aplicação de questionários (via formulário virtual) e condução de entrevistas (por videoconferência), atendendo às

restrições sanitárias relacionadas à pandemia de Covid-19. Especificamente, os procedimentos de análise incluem: sistematização das informações, mapeamento dos processos educativos e análise de conteúdo.

Para selecionar os potenciais participantes da pesquisa, consultamos o site da Rede CASA Brasil (<https://www.redecasabrasil.org/assentamentos-sustentaveis>) e foi a partir desse mapa que encontramos o seu contato. Foram considerados como critérios de inclusão como participante da pesquisa toda e qualquer pessoa que atue como educador(a) em ecovilas brasileiras e que responda afirmativamente ao convite. Inversamente, os critérios de exclusão referem-se ao não atendimento dos critérios de inclusão acima descritos. Caso haja alguma dificuldade técnica como problemas de conexão à internet, acesso ao questionário ou à sala de reunião virtual, ambos os procedimentos poderão ser conduzidos via telefone ou ainda remarcados para dia e horário mais convenientes. Finalmente, os critérios para encerrar/suspender a pesquisa são impedimentos imprevistos e outros problemas tais como completa ausência de retorno dos contatos realizados.

Esperamos que após a leitura deste documento, tenham sido esclarecidos os objetivos, os métodos, os potenciais benefícios e riscos previstos por esta pesquisa. De qualquer modo, seguimos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Li e declaro que concordo em participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 2022.

Participante da pesquisa

Pesquisadora responsável

APÊNDICE D – Transcrição da Entrevista com Instituto Terra Luminous

Então, a comunidade desenvolve algum processo com enfoque educativo?

*A gente tem hoje mais projetos do que - em planejamento nesse momento, em estágio de planejamento - do que projetos sendo executados. A gente tem um projeto em andamento que chama "Floresta Limpa" e ele é gestão participativa de resíduos sólidos junto à comunidade local né. Quando a gente comprou aqui o Terra Luminous, começamos algumas construções nas áreas que já estavam desmatadas, a gente tirou 2 toneladas de resíduos daqui, enterrados no subsolo. Então é uma prática, como não tem coleta pública de resíduos, a gente tá bem no meio da floresta né, a gente tá a 11 km da Regis Bitencourt, da estrada, então é mais remoto né onde a gente tá. É... a gente então criou um programa chamado "Floresta Limpa" que tem ECOPontos e esse programa ele tem algumas ações de Educação Ambiental, uma delas acontece na escola pública de ensino fundamental que tem aqui, a mais próxima de nós que tá a 8 km aqui do Terra Luminous. Então a gente faz (?) de resíduos, pra aprender a separar os resíduos. A gente tem, lá nessa escolinha, a gente tem oficinas de, a gente vai começar agora as oficinas de agrofloresta, de pra criar os SAFs dentro da escola mesmo, os Sistemas Agroflorestais e a gente vai criar também uma zona de raízes então vai ter uma série de oficinas pros pais das crianças inclusive de como construir né seu sistema sanitário ecológico. Então, basicamente o que a gente tem hoje tá muito centrado nessa escolinha e ainda são ações é... a gente tava acelerando bem as ações quando deu a pandemia, aí a gente teve que recuar e tá retomando agora né, então tá 2 anos aí atrasado do nosso planejamento, mas enfim, é como é a vida. Então, assim, diretamente o que a gente tem de educação são mais essas oficinas para comunidade local. Aí a gente tem também paralelamente a isso dentro do nosso centro de retiros a gente tem o Lab*Permacult, que é um núcleo de aprendizado sobre permacultura mais focado em agrofloresta e bioconstrução. Então a gente já fez aqui uma bioconstrução dum fogão à lenha totalmente bioconstruído, e aí o que a gente faz: a gente oferece vagas pagas pra pessoas de São Paulo, pras pessoas que têm condições de bancar o curso e aí a gente oferece, mais da metade das vagas são bolsas que a gente oferece pra população local pra que eles possam... Então, assim, não é uma atividade rentável, lucrativa, a gente não faz com essa finalidade, a gente faz mais com a finalidade de disseminar mesmo as práticas de permacultura.*

Perfeito, sim, quem tem as condições de pagar daí patrocina, digamos assim, pra possibilitar bolsa da comunidade local, muito interessante esse formato.

Exatamente. E aí paralelamente a isso né a gente entende que Educação Ambiental começa com a transformação do EGO pro ECO, que vem muito da Ecologia Profunda esse conceito. Então, a gente... todos os nossos cursos a gente trabalha, por exemplo, vai ter um curso de Agrofloresta agora, dia 27 a 29 de maio, com o Gabriel Jacó que é um super top assim agrofloresteiro, muito muito bom, super parceiro nosso. Ele vem dar o curso aqui, o curso é super prático né, teórico e prático. Mais da metade das vagas é bolsa e aí no final a gente faz um "money pile" que é a gestão transparente dos recursos financeiros. Então todos os participantes sentam em roda e todo mundo discute, a gente apresenta os custos pra que isso aconteça, que o curso aconteça, custos de alimentação também, os custos operacionais e o custo do facilitador, a gente apresenta quanto que a gente recebeu e aí a gente faz a distribuição desses recursos ao vivo, na frente das pessoas. Porque a gente entende que quando a gente

fala de Educação Ambiental a gente precisa entender dentro da Global Ecovillage Network, a gente fala sempre dos 4 pilares né, que é o Ecológico, aí tem o Econômico, o Social e o Cultural, então a gente precisa sempre trabalhar com esses pilares integrados né. Não existe só meio ambiente, existe seres humanos lidando com meio ambiente e aí a gente não tem uma abordagem, vou falar na afirmativa: que a gente tem uma abordagem com muita consciência não-colonizante pra não entrar num processo colonizante dizendo “olha, é assim que é o certo, é assim que tem que fazer” – eu, pessoa branca, escolarizada né, de poder aquisitivo mais elevado tal, vim aqui e vou te contar como é que tem que fazer e se você não fizer você vai ter uma punição. Quer dizer... esse é o modelo que a gente já conhece que não serve mais né. Então todos os projetos do Terra Luminous eles têm essa abordagem: vamos transformar a consciência, vamos fazer sempre a partir de uma gestão participativa, onde o stakeholder lá, a pessoa que tá recebendo o que a gente tá oferecendo, ele tá na sua integridade ali, podendo contribuir e não assimilando um conceito externo que é dito como verdade, então a gente gosta muito desse viés. Eu trabalho muito com os, eu tenho os cards, aqueles cartões da GEN sabe, que tem aquelas afirmações tal então a gente trabalha muito, todos os nossos cursos a gente traz os cartões da GEN pra que as pessoas vão se apropriando também do conceito de comunidade, porque é muito fácil também a gente ficar num lugar paternalista em que a gente oferece a bolsa e aí fica “o Instituto Terra Luminous fazendo papel do governo, ou fazendo papel do pai, da mãe”. Então a gente também quer desconstruir cada vez mais isso. Mas ainda tamo no começo tá, eu tenho... a gente tá com muitos projetos, a gente tá numa rodada de captação agora de recursos com volume assim bem expressivo de grana assim pra captar e aí a gente vai partir pra um caminho um pouquinho mais ousado. Então a gente vai dentro do nosso projeto de Educomunicação, a gente vai criar uma trupe de teatro, de palhaçaria na verdade, teatro com palhaçaria e improvisado e aí a gente vai criar os heróis da Mata Atlântica, todos palhaços os heróis da Mata Atlântica. E aí a gente vai criar esquetes, desde esquetes de 5 minutos a esquetes de 1 hora pra gente rodar as escolas, pra gente oferecer aqui no Terra Luminous também nos nossos processos de Ecoturismo, então as pessoas, a gente vai abrir uma base de Ecoturismo mais forte aqui no Luminous, em todo esse cinturão verde que é esse programa que a gente tá estabelecendo aqui, que transcende as fronteiras do Luminous né. Hoje a gente tá com 129 hectares de terra própria e a gente pretende chegar a 500 hectares de terra própria e mais 500 hectares, 600 hectares na verdade de parcerias com proprietários que vão formar esse grande cinturão verde. E aí vai ter uma operação de Ecoturismo mais expressiva aqui, provavelmente com cerca de 100 pessoas por final de semana visitando. E aí a gente vai ter esse bloco cultural né, em que a pessoa assim vem aqui pra receber uma peça, vem assistir uma peça né de, uma peça cômica que o povo gosta mais do que é cômico, divertido e tal, e daí a gente vai trabalhando os conceitos de Educação Ambiental com a consciência ambiental, a gente prefere mais o termo consciência ambiental do que educação, sabe. A partir disso então uma linguagem que chega numa pessoa não letrada, que chega em qualquer idade né, que é a linguagem da arte. Então, a ideia obviamente que tem placas que a gente vai espalhar pelo cinturão inteiro com mensagens né sobre tipo a onça pintada, aqui é território da onça pintada, quem é a onça, o que ela precisa pra viver bem. Aqui é um território de mananciais, então como a gente cuida bem das nascentes né, como a gente pode usar água e devolver ela do mesmo jeito que a gente recebeu. Então, a questão de resíduos que é gravíssima ainda mais quando você começa uma operação de Ecoturismo, imagina, meu pesadelo é pensar que eu vou entrar numa trilha e vou ver uma lata de Coca-Cola jogada lá, o que não tem aqui,

onde nós estamos tá super preservado. E é isso né, como é que a gente traz o ser humano pra natureza e a natureza fica melhor ainda do que ela tava, mais regenerada e todos os seres que vivem nessa natureza também estão bem. Então também é uma visão de Educação Ambiental ecocêntrica que a gente chama né, porque ela não é antropocêntrica, porque até então o que mais a gente conhece é uma visão ambiental antropocêntrica, quer dizer “eu preciso cuidar da água pra que eu tenha boa água né, você, os seres humanos”, “eu vou cuidar da natureza para que a gente tenha um ar puro pra respirar” e dane-se os animais, os fungos, os vegetais né. Então a visão ecocêntrica coloca a gente né no mesmo grau de importância que os outros seres e pra nós isso é super importante sabe, isso é um conceito assim bem de base quando a gente fala de consciência ambiental.

Perfeito. E o [REDACTED] me respondeu no questionário que antes da pandemia, em média, vocês recebiam por ano 700 visitantes pra essas - chamando assim - “atividades educativas” né. E daí, como é que vocês fizeram durante a pandemia: vocês se voltaram pro online, pausaram as atividades por um tempo, como é que foi assim?

A gente pausou, algumas atividades online só da parte mais de Comunicação Não-Violenta e Manejo do Stress, esse tipo de coisa assim. Aí durante a pandemia a gente começou com “Floresta KiCura”, que é nosso processo, nosso projeto de Floresta-Terapia, que é, Bruna, a união dos nossos mundos todos né, porque a gente chama as pessoas aqui pra elas se beneficiarem da cura que a floresta pode oferecer, do bem-estar. Não só “ah eu vou atravessar a floresta pra chegar numa cachoeira né” que muitas vezes é isso, “ah que linda a floresta tal” mas eu tenho um objetivo e geralmente é alguma coisa mais na aventura e tal. A gente muda esse foco pra que as pessoas possam entrar na floresta, abrindo seus sentidos né, trabalhando a presença, é um ansiolítico muito forte né a floresta. E aí a gente tem os deckzinhos de meditação onde a gente coloca as pessoas lá, tem as trilhas também sensoriais que a gente faz guiadas, mas é um outro olhar pra floresta. Então aqui o Floresta KiCura vai ser e já tá despontando assim pra ser forte assim, um ponto bem forte aqui do Instituto Terra Luminous, ainda muito novo isso. E o que que a gente pensa né? Se essa moda pega da floresta-terapia - e a gente vai fazer de tudo pra pegar - qualquer pessoa que tenha um sítio bem preservado né, pode criar um roteiro de floresta-terapia dentro da sua propriedade né, tendo um benefício econômico com isso e aí garantindo que a floresta tá em pé, porque a floresta-terapia só acontece com uma boa floresta. Então a gente atinge assim vários objetivos sustentáveis ao mesmo tempo né. Então a gente pausou. Na verdade na pandemia foi bem... a gente tá num lugar muito remoto né e... em termos mesmo de Educação Ambiental a gente pausou mas ao mesmo tempo o que a gente fez foi estruturar os nossos programas do ponto de vista estratégico. A gente aproveitou a pausa da Covid pra, sabe, realmente a gente ganhou um edital super bacana da IUCN Holanda e aí a gente começou a estruturar o Centro de Pesquisa e Monitoramento Ambiental da Mata Atlântica né. Então o CPMAMA que é esse centro que a gente fundou em 2018-19, ele ganhou corpo em 2020 e 2021. Agora a gente tem parceria com 4 universidades, institutos de pesquisa, como a USP, São Carlos, a Esalq, o Instituto de Pesquisas Ambientais do Estado de São Paulo, então a gente tá com um grupo muito legal de pesquisadores né. E aí o que que os pesquisadores eles vêm fazer as campanhas de campo, as pesquisas de campo eles fazem aqui. E a gente oferece toda nossa infraestrutura hoteleira que tem suítes super confortáveis, tem um restaurante vegetariano super legal e tal. A gente

oferece essa infraestrutura toda pra eles poderem fazer a pesquisa e aí eles nos oferecem os dados. Então, a gente tá, o CPMAMA ele é um hub de centralização de dados de vários pesquisadores diferentes sobre essa Mata Atlântica que estamos. Mata Atlântica tem muitas, tem 7 biomas dentro da própria Mata Atlântica. E a gente tá 70km de São Paulo né, Bruna, então é muito estratégico a sustentação dessa floresta porque a cidade tá crescendo pra cá e a gente tá barrando o crescimento urbano nesse território criando de fato assim um bolsão verde aqui né. E a ideia agora né que a gente tá escrevendo e desdobrando pra essa próxima captação que a gente vai fazer, é que a gente possa... (só um minutinho) é... e o que a gente tá estruturando é que esses pesquisadores que vem pra cá, quando a gente sabe que vai ter campanha, a gente já organiza um grupo de moradores locais, um grupo assim né da própria cidade e região dizendo “olha, o pesquisador X vai tá aqui e aí ele vai dedicar 3 horas pra falar sobre os fungos da Mata Atlântica”. E aí vai ter toda uma aula sobre fungos da Mata Atlântica e como a gente preserva, o que fazer quando você vê um fungo né, que tipos são, etc. Então é aproveitar que esses cientistas tão por aqui e gerar conhecimento local né, espalhar esse conhecimento. E também especialmente com, por exemplo palmiteiro, as pessoas que tem menos renda e que fazem até atividades de extração ilegal né dentro da floresta, então a gente também já tá abordando essas pessoas e já convidamos um grupo inclusive pra acompanhar uma campanha de cientistas pra fazer como se fosse um treinamento de monitoria pra que eles entendam mais sobre a floresta pra se tornarem guias de ecoturismo. Então esse é um curso que vai bombar assim, vai ser super legal que vai ser esse de guia turístico, de monitoria pra...

Travou de novo

...vai ter, opa, então bastante conhecimento científico né, então não é só guia turístico de Google sabe, vai ser... então a gente tá trazendo bastante ciência mesmo pra floresta. A gente entende que esse processo de consciência ambiental, a gente... o lema do CPMAMA é “Conhecer para cuidar” então a gente só pode cuidar daquilo que a gente conhece né.

Então eu queria perguntar também quais são assim os desafios e as dificuldades e também as lições aprendidas nesse... no exercício e na difusão de todos esses processos e atividades que vocês desenvolvem e também tão planejando desenvolver?

Acho que uma dificuldade em Educomunicação Ambiental é lidar com pessoas não letradas, por exemplo né, lidar com a baixa escolaridade. Especialmente pra mim assim que tenho alta escolaridade, então a minha vontade de comunicar pressupõe que o outro tenha a mesma (?) mental, conceitual, abstrata que eu tenho. Então tem um movimento de poder... por isso que a arte ela é um veículo muito importante pra nós, porque a arte ela comunica para além das palavras né. Então eu acho que a baixa escolaridade assim aqui nessa região por incrível que pareça tem bastante semianalfabeto, analfabeto funcional bastante, sabe. Então acho que essa é uma questão que a gente precisa, que a gente tá olhando e a gente quer cuidar.

Uma dificuldade aqui da região é que são sítios muito isolados, a gente tá numa região onde tem um sítio, aí depois de 1km tem outro sítio. As pessoas vêm, elas ficam muito dentro dos seus sítios também. Não tem assim um centrinho onde a gente encontra com as pessoas que dá pra você sei lá panfletar alguma coisa “oh vai ter esse evento”

e tal. A gente tem por sorte assim um Whatsapp da vida que é o que faz essa função de comunicação né, mas é... eu acho que essa é uma questão.

Olha, uma que me vem agora ela é bem inusitada. Então, nós não somos cristãos no Instituto Terra Luminous e um obstáculo que eu sei que eu vou enfrentar muito em breve é a comunicação com evangélicos. Ninguém fala disso né? É um assunto super tabu.

Sim.

Mas eu falo. Eu falo porque de fato eu faço parte de um grupo de Whatsapp aqui do bairro e é mensagem de Jesus e de Deus o dia inteiro, o dia inteiro. E aí se eu colocar uma mensagem de Oxalá, se eu colocar uma mensagem de Buda, como vai ser? Eu não posso, eu tenho que ficar quieta. E eu sou vista, a gente é visto, sabe, como “ah os macumbeiros” porque a gente toca tambor, sabe, a gente tem uma religi... uma espiritualidade muito ligada aos povos originários, aos povos africanos, aos povos da Índia, então assim a gente tem essa espiritualidade que é não-cristã né, e claramente não-cristã inclusive, e eu vejo que isso hoje em dia no Brasil pra mim assim acho que tem que tá marcado em algum lugar: a gente tá sofrendo uma dominação cultural evangélica. E não tem Jesus e Deus, não tem valor, você não consegue acessar a pessoa. E se ela te vê como alguém que não é de Jesus ou de Deus, acabou, ela não te escuta, sabe? Então eu acho que hoje assim é uma coisa que me preocupa muito no Brasil isso. Esse crescimento aceleradíssimo da cultura evangélica que é uma cultura muito doutrinante, bem conservadora e que demoniza tudo que não é aquilo que eles pregam né. Porque uma coisa é ser forte, tá bom que seja forte né, mas outra coisa é demonizar aquilo que não é a sua crença. Então isso eu acho que é um aspecto e... ah falta de recurso pra mim é uma super dificuldade, super dificuldade. Sabe o que é uma dificuldade? É conservar floresta no Brasil. Reflorestar tem dinheiro até pra reflorestar. Agora pra conservar floresta não tem. Tanto que eu tô indo pra Europa mês que vem fazer uma captação lá porque não tem dinheiro aqui pra conservação. É dramático isso sabe.

Sempre patrocinado por fundos de fora né.

É. Então eu acho que a questão dos recursos financeiros porque também se a gente recebe um patrocínio de uma Nestlé da vida, eu vou ter que rezar a cartilha da Nestlé, entendeu? Ou eu vou ter que (?) a marca da Nestlé que a gente não quer, então a questão de recursos... (corte) apoio nenhum do governo, e aí a gente que tá cavando esse advocacy com o governo, a gente que tá batendo na porta do governo local e dizendo “olha, tem que ter um processo de Educação Ambiental aqui consistente na cidade inteira”. A cidade inteira é tombada como área de preservação ambiental, é uma área de mananciais aqui, não tem nenhuma ação, nenhuma, zero ação de Educação Ambiental. E nós somos a única ONG, cê acredita numa coisa dessa?! Uma cidade que tem 3.000 km de estrada de terra, de estradas internas né. Tem a gente e uma pequena-micro ONG do outro lado da estrada que também faz pouquíssima coisa, então a gente é a única ONG expressiva da cidade.

E algum de vocês é daí ou vocês foram praí pra formar o Instituto, a comunidade?

Nós viemos pra cá, não tem ninguém local. A maioria é de São Paulo, tem de Florianópolis, tem do Rio, mas a maioria é de São Paulo, tem um estrangeiro também, que é australiano, e tem um austríaco chegando agora também. Mas a gente tem bastante essa ponte né também com a Europa, assim com outros países.

Agora lições aprendidas, eu não posso te falar ainda muito, porque a gente tá muito no começo, sabe. É... eu acho que assim a lição aprendida por enquanto é “faça tudo através da arte” ou concentra o teu processo de Educação Ambiental através da arte, através de vídeos artísticos bacanas, sabe curtos que as pessoas multiplicam. E tem uma outra coisa também que eu acho que é um tom do Terra Luminous, que eu acho que é bem forte e tem a ver com esse modelo que a gente tá desenvolvendo aqui, que a gente quer replicar em outras regiões de Mata Atlântica tá, talvez até em outros biomas, que é a gestão participativa. Então, isso aqui é bem importante tipo o ECOPonto, então a próxima etapa do ECOPonto é a gente eleger um monitor que vai ser cuidador durante 2-3 meses daquele ECOPonto da comunidade. É fazer tudo o menos assistencialista possível e o mais participativo possível né. Então, por exemplo, a gente vai agora fazer a seleção dos mascotes do Programa Floresta Limpa e do Programa Cinturão Verde. Então a gente vai escolher vários animais da floresta e a gente vai fazer tipo um gibi, vai criar tipo uma historinha, como se fosse um história em quadrinhos com os animais da Mata Atlântica. Então a seleção desses animais a gente vai fazer de forma participativa, então a gente vai colocar vários animais num Google Form e pedir pras pessoas escolherem quais que elas gostam mais, quais representam mais os programas e tal. Então, quando aí a gente vai fazer uma campanha, um concurso pra um designer fazer a ilustração desses animais e aí tudo vai ser através dessa história bem lúdica né que acessa o público infante-juvenil mas que cativa qualquer pessoa né. Então a ideia é essa, então a gente vai numa linha menos... trazendo a ciência né pruma linguagem mais lúdica, mais artística, mais acessível, mais imagética também, menos palavras e mais imagens né.

Tem várias que na verdade eu vou poder pular, porque uma coisa vai enganchando na outra e eu nem preciso, porque por exemplo eu ia perguntar quais eram os planos de como expandir essas atividades, mas já falou na verdade, quando foi respondendo as outras, já falou dos próximos planos.

Ah então tá bom.

Então tem várias que tu me respondeu sem eu precisar perguntar na verdade. Que mais? Então, ali também sobre o enfoque dessa Educomunicação, que nem tu disse na verdade vocês sempre tentam falar de todas as áreas, então não tem enfoque só no ecológico, ou só no econômico ou só no social, então pelo que tu me falou vocês sempre tentam abordar todas as dimensões da sustentabilidade.

Isso. Mas às vezes a oficina, ela é focada né, então por exemplo, uma oficina de gestão de resíduos, por exemplo, ela tem mais, ela vai ter um foco maior nesse tema né.

E quais são os principais enfoques então dessas oficinas? Tem a de resíduos...

Resíduos, Agrofloresta, a de... a oficina de Construção de Zonas de Raízes que são sistemas sanitários ecológicos, cê sabe bem, as oficinas de Monitoria Turística né de

Guia Turístico e, em breve, a gente vai ter os Treinamentos de Floresta-Terapeuta também, pra se tornar floresta-terapeuta, mas ainda é um projeto, ainda não... E aí tem as visitas de campo né, que aí acho que aqui tem uma coisa muito legal e que vai começar a acontecer agora semana que vem. Na terça-feira a gente recebe a primeira turma da escola municipal que vai vir ao Luminous. Então são 70 crianças que vem acompanhadas dos professores e ficam, são 35 de manhã e 35 à tarde né, dos dois turnos, então... fazendo... tem um circuito de andar nas trilhas e aprender sobre a Palmeira Juçara, especialmente, que é um ícone de preservação né nosso, o ciclo das águas, a identificação de algumas espécies, o entendimento da cadeia alimentar dos animais né, então porque que a gente precisa da onça, porque que a gente precisa da anta, porque a onça come a anta, e a anta né come outro bicho que come o fruto da juçara então esse entendimento todo da cadeia que vai dando esse conhecimento sistêmico pra qualquer pessoa de qualquer idade. Então, é... então a gente vai começar a receber as crianças da escola municipal, então a gente vai receber um piloto semana que vem e a gente tá estruturando pro segundo semestre já, um sistema um pouco mais consistente já, pra receber uma vez por semana crianças de escolas públicas e privadas da região metropolitana de São Paulo. E aí com foco em: esse entendimento né de toda cadeia da floresta, do entendimento dos vários reinos né, do mineral, vegetal, animal e funghi, e de gestão de resíduos também. Então a gente faz uma oficina onde depois que as crianças comem, a gente vai junto com elas até a nossa composteira, as crianças colocam lá os resíduos que elas mesmas produziram, ajudam a mexer a composteira, tiram a terra que já está pronta, e aí a gente leva pra plantar alguma coisa. Então essa ideia do ciclo completo né, que é algo que se perdeu no meio urbano, né Bruna, porque você vai no supermercado, compra lá sua comida. Tem criança que acha que o alface dá no supermercado na caixinha né e então essa questão de retomar o ciclo da natureza né, compreensão dos ciclos da natureza. Junto com isso a gente vai trabalhando os conceitos de Comunicação Não-Violenta no meio do processo né, de Ecologia Profunda...

Tem visitas, tem trab... tem voluntariado né, tem as oficinas, cursos...

Isso, a gente recebe voluntários também. Tem um programa bem estruturado já há acho que mais de seis anos que a gente tá com esse programa. E a gente recebe aí de 4 a 6 voluntários por vez que ficam cerca de um a dois meses e esse é um projeto super legal, super bacana. Oh, um outro que eu vou mencionar também é o “Viver Comunidade” que é um retiro que a gente faz pelo menos uma vez por ano, geralmente no ano novo, e às vezes a gente faz em outros momentos do ano também. É um retiro de 7 dias pras pessoas viverem em comunidade, a gente cria uma “comunidade intencional transitória” que é super legal, esse curso mudou a vida de muita gente já, muita gente! A gente acompanha as pessoas, então várias pessoas foram morar em comunidades, várias pessoas vieram comprar terra aqui perto pra fundar comunidade, sabe, várias pessoas se aproximaram mais do Terra Luminous também, até trabalham remotamente e estão aqui com a gente de vez em quando, então a gente tem vários relatos de que essa experiência mudou a vida de muita gente né, nesse sentido de se aproximar mais da terra, de ter mais relação com a terra, de consumir menos, a ideia do vegetarianismo também.

É, como eu disse, tu acabou respondendo perguntas, tipo, tava à minha frente assim, porque eu tinha uma pergunta que era “Como membro fundadora né, o que que tu aprendeu com essa experiência de viver na comunidade e o que que

uma pessoa, na tua opinião, tem que saber ou aprender pra viver em comunidade sustentável?” e vocês tem justamente um retiro...

Mas eu tenho mais resposta pra essa tua pergunta, tem mais coisa. É, pra viver em comunidade é fundamental autoconhecimento.

Travou, voltou...

Imagina, a gente tá na floresta né, então nossa internet via satélite às vezes bate o vento assim ela dá uma estremecida

Mas a nossa aqui com ciclone também não tá muito...

Não tá muito estável...

É, também tá oscilando...

Então, autoconhecimento é a chave do viver em comunidade. Casa bioconstruída a gente faz, as comunidades elas não acabam porque a casa bioconstruída caiu né, ela não acaba porque a terra não tá boa pra plantar, ela acaba porque os conflitos são fortes demais pra serem... pras pessoas sustentarem e as pessoas não têm tecnologia social pra lidar com os conflitos. Então, autoconhecimento. A gente não veio nessa cultura né, a gente não aprendeu culturalmente a viver colaborativamente na cooperação, nessa ideia do autocuidado e do cuidado com o coletivo, então pra mim a chave central (e olha que já passou gente por aqui) é um mergulho no autoconhecimento. Eu, como psicóloga, digo que é mais forte do que fazer psicoterapia, é viver em comunidade, porque é feedback vindo o tempo todo, é a sua criança ferida sendo espelhada o tempo todo e é uma baita oportunidade de cura né. Mas nem todo mundo sustenta isso. Então eu acho que aqui tem um, e a chave, a palavra-chave de comunidade é confiança, confiança que você quer meu bem-estar e que por conta disso, eu posso te dar um feedback né talvez mais difícil de escutar, ou você pode me falar uma coisa que não seja agradável de ser escutada, que eu confio que você tá fazendo isso pro meu bem-estar e pra nossa relação, não pra me atacar ou me destruir né, e que é o que a gente tem construído na nossa mente. Então, a parada assim do autoconhecimento então por isso que eu acho que é muito difícil falar de Educação Ambiental sem trabalhar a questão do autoconhecimento, do meu padrão de consumo, por exemplo, do meu padrão de relação com a natureza, então pra mim essa é a grande chave mesmo. Tecnologias sociais, é onde a gente investiu muito no Terra Luminous, a gente aqui é uma organização sociocrática, a gente investe bastante tempo e energia mesmo nas Tecnologias Sociais.

É, eu ia te dizer que eu já te vi, porque uma vez teve algum evento que agora eu não lembro se era específico do Terra Luminous ou se o CASA Brasil tava puxando ou se era sociocracia, não me lembro, mas era sobre sociocracia e era tu e mais alguém falando.

Eu e o [REDACTED] não era, será? (referindo-se ao respondente do questionário da pesquisa)

Não sei, digamos hoje quando abiru a câmera, não, na verdade quando ele me passou teu número e eu falei contigo no whats, eu “mas eu conheço”, eu já vi

alguma coisa, já fui em algum evento que ela... online tá. Mas já tinha, tipo, não me era estranha, assim, era de sociocracia.

Ah provavelmente, que é demais né, sociocracia é incrível...

Sim, foi bem nos anos pandêmicos encerrados, ou foi 2020 ou foi 2021, mas eu, me lembrou assim, na hora me veio. E...

Que mais, querida?

Tem mais alguma coisa que tu queira falar assim sobre Educação e Gestão Ambiental na comunidade? E se... também se sabe de outras comunidades que indica pra serem entrevistadas? Ou tem contato com alguém que tu indica pra responder também a entrevista?

Olha... nós não tamo num momento muito bom das comunidades no Brasil né

É...

A gente tá num momento que eu vejo elas, as comunidade tão super estremecidas, super esvaziadas, tá um momento bem crítico mesmo. Tem uma comunidade que assim tá se configurando como comunidade aqui perto que chama acho que é Quetzal que talvez eles... acho que talvez eles tenham alguma coisa. Tem o Tibá, cê conhece? Acho que Tibá tem alguma... já entrevistou o pessoal do Tibá ou não?

Não, mas já ouvi falar sobre eles.

Então, acho que o Tibá talvez seja legal porque lá tem o fundador foi aquele cara que escreveu o Arquiteto do pé descalço, de pés descalços, sabe. Parece uma galera legal, eu não conheço pessoalmente eles, mas eu já ouvi falar muito bem. Tem aí perto de você, não é bem uma comunidade intencional, mas é uma comunidade de aprendizagem, tem o Thiago Berto, cê conhece, da Ayni, Escola Ayni?

Sim, ele já veio aqui, porque na verdade eu estudo em Rio Grande né, mas eu sou de Santa Maria no centro do Rio Grande do Sul, e ele já veio aqui justamente num evento de sustentabilidade falar sobre a Ayni.

Então, o Thiago Berto eu super recomendo cê fazer um contato com ele, super, o cara é muito bom e ele ali ele tá bem focado em Educação Ambiental, porque eles tão ali, eles conseguiram a concessão de um parque né, eles tão dentro de um parque, é super legal, o Thiago é um cara eu tiro o chapéu pra ele, muito bom.

E... também informações assim, achei muito interessante porque tava lendo no site de vocês sobre tipos de voluntariado e tem inclusive voluntariado né focado na Educação Ambiental, Educomunicação e tudo isso. Então, informações que tiver ou quiser compartilhar de como foram essas experiências. Eu não sei, esse ano já voltou? Vocês já voltaram a fazer?

Então, a gente voltou, mas agora a gente tá só com voluntários de Agrofloresta, mais focados em Agrofloresta. E o projeto de Educação Ambiental mesmo, eu vou ter

histórias lindas pra te contar ano que vem, aí ano que vem vai tá bombando. Porque aí no segundo semestre eu volto com a grana e aí a gente vai começar a dar um gás total, e eu acho que o que vai bombar muito vai ser essa trupe de palhaços, eu acho que isso vai ser assim “uau” sabe. E aí uma pessoa me falou, veio uma palhaça aqui esse final de semana né dá um retiro e ela disse que tem na Amazônia, talvez uma referência seja essa, tem lá um grupo de palhaços que ela até falou que ia me dar o contato deles tal, que fazem uma esquete bem parecida com essa que são super-heróis da Amazônia né, porque isso é um jeito de pegar todo mundo né, cê pega todas as idades.

Mas muito, muito, muito obrigada, incrível, nossa eu vou ter muito assim não vou dizer material, porque assim não é essa a palavra né parece tão assim (gesticulando) adorei assim pessoalmente fazer essa conversa, espero muito poder ir conhecer vocês.

Venha, venha, será muito bem-vinda!

Vamos ver se ano que vem sai esse voluntariado voltado em Educação Ambiental, aí eu já vou ter terminado aqui então vou tá até mais livre pra viajar, tudo né, eu espero muito poder.

Olha, mas deixa eu te falar, funciona assim: se você quiser fazer voluntariado de Educação Ambiental, tipo, segundo semestre cê vai ser super bem-vinda já pra vir, cê trabalha daqui, cê usa internet daqui, cê faz um esquema dá pra fazer o voluntariado de tipo 4 horas por dia entendeu e aí você trabalha na tua tese nos teus negócio 4 horas por dia e cê trabalha pra cá 4 horas por dia, super rola viu, super rola, tem bastante gente que faz isso.

Perfeito. Show, vamo manter contato então!

Então tá bom, ótimo, maravilha!

Muito, muito obrigada!

Obrigada, querida, um beijo pra você então, boa sorte. Manda o resultado da tua pesquisa depois pra nós tá!

Com certeza!

APÊNDICE E – Transcrição da Entrevista com Ecovila El Nagual

Então, queria se tu pudesse contar um pouquinho então do histórico da comunidade assim?

Tá bom, eu sou [REDACTED] né, sou alemão, nasci em 62 na Alemanha e fui educado na Alemanha né, fui pra escola, fiz educação profissional, e gostava sempre de rock'n'roll mas não podia aprender então dizia que aquilo era (?) então tinha que fazer outra coisa. E aí finalmente aprendi a ser cozinheiro né como mestre 3 anos num restaurante e aí depois eu tava cozinhando pros torneios na Europa. Aí entrava ali um montão de coisas de metal aí na época né (?) E aí a tour que ficou amigo que fizemos o Anniversary Tour em 89 foi Carlos Santana. Então o Carlos a gente se entendia muito bem, eles nos convidaram de fazer parte da Santana Tour mas em 89 a gente já compramos nosso sítio aqui no Brasil que mudou totalmente então nosso aspecto: não precisa mais trabalhar tanto lá fora e vamos investir mais nosso esforço laboral no nosso sonho então de criar uma vida sustentável e de menos carbono e menos lixo né e tentar evitar o suprassumo de consumo. Então desde o começo foi essa nossa visão. E de repente em 90, então no começo do ano, ele teve aqui no Rio, no Rock in Rio 2 né, Santana tocou aqui e de repente a gente viu isso num cartaz e “ah, vamo visitar eles lá no hotel no Rio”, aí fomos lá e eles tavam saindo do hotel, indo pro ônibus e nos viram lá “é, tudo bem?”, “vem cá, vem cá, vamos entrar no ônibus, a gente vai agora pro soundcheck e vai ficar super legal de conversar”. Aí nós convidamos ele também a equipe pra nos visitar aqui no terreno que nós compramos na base do Parque Nacional da Serra dos Órgãos em Santo Aleixo, Magé, no fundo da Guanabara. E finalmente, ninguém conseguiu vir porque 2 técnicos pegaram uma infecção lá, comeram alguma coisa estragada na rua, de repente o óleo de dendê não passou tão bem no organismo deles né. E o Carlos de repente tava “???” e gravou lá com Djavan né essa outra música que também virou hit que ele gravou em setembro enquanto ele tava aqui e aí foi definido que eles também iam fazer mais um segundo show, então foi ótimo. Então fomos no segundo show, e convidados deles e foi muito legal. E finalmente ninguém nos visitou mas ficaram “ah escrevam alguma coisa, de repente a gente consegue dar um suporte via Fundação Santana e coisa assim” mas finalmente a gente tava tão preocupado de plantar, de botar mais sementes na terra e de fazer as coisas do que escrever alguma coisa. Aqui nessa época viviam pessoas sem uma linha telefônica então não tinha conexões. Hoje em dia com internet é totalmente outra coisa, mas então se passaram também 30 e tantos anos de lá pra cá. E quando a gente quis fazer uma ligação internacional tinha ia até nosso sede do município lá em Magé que tinha o posto telefônico de fazer uma ligação internacional. Fazia fila, esperar meia hora ou mais, aí não foi tão fácil. Então, em 89 quando nós compramos aqui nosso sítio, então tinha a base tudo desmatado né isso então tentava produzir algumas coisas pra o dono do terreno vender nos seus 3 supermercados que ele tinha e aí ele tava investido então em pessoal da roça que tava plantando pra ele mas foi um tiro no pé, não tava conseguindo plantar aqui nessa área então as coisas que ele conseguia vender né. E de bananas tu não consegue tirar um lucro grande e inhame, e plantar aipim e coisas rudimentares, é muito difícil de viver, tem que agregar valor. Então nosso tipo de plantio desde o começo já vai totalmente diferente né, então a gente plantamos pra nós, pra evitar o consumo externo daí você não precisa ganhar o dinheiro fora pra investir depois aqui pra ter alimentos. Então, hoje em dia, nós tamos mais ou menos em 70% de sustentabilidade alimentícia. E tem que sempre, que que

a gente quer né, que as vezes se sente pobre quando come uma semana só inhame (risos) né aí “ah eu quero comer outra coisa”, então a gente somos muito criativos também e criamos um tipo que chamamos de “permaculinária”. Então a gente cozinha visando os ensinamentos de permacultura e também meus saberes da cozinha europeia. Então, os franceses criaram 120 receitas com a batata, porque os brasileiros não criaram 120 receitas com inhame, por exemplo?! (risos) Isso é sempre a criatividade de trabalhar sobre um item, e aí a gente sempre tava também nisso aí, criatividade né vezes o engenho né, vezes a matéria-prima que você tem tá, coisa nova maravilhoso (risos). E então no começo, a gente ainda trabalhamos até 95 em Europa fazendo caterings mas só por no primeiros 6 meses e nos próximos anos só 3 meses porque vimos que 6 meses era muito tempo pra ficar lá fora. Então tínhamos que dar um jeito, passaporte, cada ano tu tem que fazer outro passaporte, não ter muitos carimbos né. E aí até que conseguimos então que dê com o real, então Brasil tinha estabilidade, não valia mais viajar pra ganhar quase a mesma coisa ali né, quando tu desconta as passagens e coisas assim né, aí é sempre um negócio. E aí, nosso primeiro ganha-pão no Brasil foi o nosso artesanato. A gente sempre fazíamos velas né, velas aromáticas e decorativas, as primeiras fizemos do zebu de boi reciclando né então de gordura de boi porque tínhamos cachorros grandes dobers alemães né comem bastante e aí eu dei um filhote pra um açougueiro e fizemos um contrato: cada semana ele me dava 8 kg de osso de peito que tem bastante gordura. E a gordura eu retirava e fizemos nossas velas e (corte) com o tempo inventamos nessa época... não fomos trabalhadores formais, foi sempre trabalhando com eles como família, avanço dos nossos braços então nossa convivência aqui desde o começo sempre foi com esse espírito de criar uma família intuitiva, vamos dizer assim né, uma família... nova. E assim aprender – eu tinha que falar português o tempo todo com eles né - e daí deu muito melhor a inserção aqui embaixo na comunidade Santo Aleixo, onde fomos vistos primeiro como “os estrangeiros compraram lá uma terra lá no meio do mato, tão se escondendo lá no meio do mato e tal”. Preconceito local muitas vezes existe também e aqui também com nós existia. E aí isso “como que eles fazem dinheiro? Ah são traficantes internacionais”, essas coisas aí que sempre vem primeiro na cabeça das pessoas. Nunca foi o nosso negócio, claro, porque assim ia andar de helicóptero (risos), não ia andar com carro velho. E assim tivemos então vários problemas com a polícia assim fazendo geral né (corte) tinha denúncias anônimas, os problemas no começo foram mais então denúncias anônimas. E depois nós participamos dos eventos na comunidade pra mostrar a cara. Então nós somos, esse aí que nós fazemos, festa popular aqui no povoado e aí depois da primeira (?) eu aí na sua frente, depois me perguntar quais são os assuntos (corte) mostrando minha cara né “oh não sou Zé Ninguém, eu sou um investidor estrangeiro que (?)”, eu escolhi esse pedaço de terra aqui que eu mais gostei das minhas viagens, que na base um parque, uma estrutura florestal exuberante que ainda vai melhorar ainda lá pra frente”. É... foi um pouco difícil no começo mas ainda tinha tanto gás, ainda tinha muito gás, 30 anos atrás né... Hoje né, esse ano eu vou fazer 60 anos assim já gastei um pouco gás, já tá sentindo um pouco, cabelo branco tá crescendo né (risos).

E o senhor tinha comentado que quando foram atrás da terra, compraram a terra, a intenção no início não era formar uma comunidade. Como que mudou o foco pra no fim se formar a El Nagual?

Sim, é... primeira coisa então a gente precisou fazer a nossa permanência no Brasil. Então conseguimos um visto de investidor né falando com nossa família na Argentina

e na Alemanha. E aí eu fiz um contrato com meu irmão de antecipação da herança dos meus pais, então a casa dos meus pais ficou com meu irmão e meu irmão pagou um crédito cada mês pra me dar então o dinheiro já antecipado. E com os pais da Mariana fizemos uma coisa paralelo. Então conseguimos botar um fundo no Banco do Brasil pra mostrar “ei, aqui tem grana pra investir, vamos investir no Brasil gerando emprego e criando uma empresa”. E aí foi uma ? sustentável na base da Serra dos Órgãos que nós efetuamos então esse investimento, geramos os empregos com carteira assinada e aí trabalhamos com isso. E sempre recebíamos então um montão de pessoas e amigos também, aprendizes e voluntários que viviam com nós uma temporada. Então, quando eu participei de Gaia Education em 2009, foi o primeiro ano aqui no Rio de Janeiro, e conheci a turma de Terra Una e fiz meu... “ah peraí os caras tão fazendo a mesma coisa que nós só um pouco diferente” (risos). Eles são tudo daqui, sempre foram amigos, já viveram juntos então eles falaram: “?”. A coisa mais difícil então é a convivência entre as pessoas, a convivência entre dois, um homem e uma mulher, o casal já não é fácil, imagina mais pessoas né. Então tem espaço de convivência, regras de convivência, espaços pra cada um e pra um casal então, que cada um precisa seu refúgio, às vezes eu não quero ver ninguém uns dois dias, como que cada um precisa às vezes férias do outro né, então tirando férias do outro (?), depois (?) se dá certo né. Então aí em 2009 aí começou mesmo uma mudança do pensamento né, então nós criamos uma super infraestrutura aqui, trabalhamos com (?), temos um centro de visitantes, temos ateliers né pra trabalhar ofícios né, tem uma carpintaria, tem ateliê de fundação de vidros né, e fornos, 2 fornos, também que podem ser utilizados pra fazer cerâmicas, não só ateliê de velas né. Hoje temos um biodigestor que trata tudo os nossos afluentes e o gás metano né a gente usa na oficina de velas pra fazer velas ou cozinhar a panela dos cachorros. Então, é... nesse momento estamos em 4 né, o João e a Duda. O João já foi aprendiz com nós em 2013 e a Duda é companheira dele. Então ele fez seu caminho no Brasil e trabalhou em aldeias indígenas. E foi o caminho junto com nossos amigos dos arquitetos descalços então foi muito legal também as coisas que ele fez. E depois ele começou a estudar Agroecologia em Minas Gerais, onde ele achou a sua companheira. E os dois né nesse momento estamos então em 4, eles ocupam o setor da Agroecologia, da produção do alimento né. E nossa comunidade nesse momento estamos poucos, mas a gente tamos planejando quando as pessoas certas aparecem que querem se inserir. Mas como que é essa inserção né? A pergunta é sempre “como eu faço pra viver na sua comunidade?”. Bom, tem um passo a passo, mesmo que um namoro né, primeiro a gente se conhece, aí você vem e participa de um mês como aprendiz ou faz um outro projeto de acercamento (corte) pra conhecer... então “você tem certeza que você vai gostar de viver no interior?”, “Eu quero, quero né”. Aí você pedia: a melhor coisa no começo é fazer testes, não largar tudo pra depois né ficar decepcionado que não deu certo e “e agora meu apartamento eu perdi, torrei tudo lá no interior, e agora como que eu volto?”. Não, melhor fazer um teste: aluga teu apartamento pra uns amigos e aí vem fazer um teste no interior, fazer um teste aqui na serra, por exemplo, um outro teste numa comunidade que tenha mais perto da praia e de repente mais uma comunidade que tá mais longe né. Existe um montão de tipos de comunidade hoje em dia né, nossa cola então é a Agroecologia e o Desenvolvimento Sustentável e viver em harmonia com a natureza né. Existem comunidades religiosas também, ou que tão ligados em cerimônias né. Aí normalmente nessas comunidades sempre então a cola máxima é essa cerimônia ou senão a religião e sempre tem o líder. Então nós não temos uma hierarquia, aqui a gente tamos tudo no mesmo nível né. Então sempre tem lá um “bambambam” que manda nas coisas e a última palavra sempre tem o

“bambambam” né. Aqui no nosso caso né cada coisa na discussão a gente faz um planejamento da estação né pra (corte), planejamento anual de estação, e depois o planejamento mensal já tá, mais fixa é o planejamento semanal, aí já tem seus pontos. Então essa ventania a gente tem que limpar muito ali, temos que limpar os telhados porque as folhas tão entupindo lá a saída das águas, infiltrações né. Temos que plantar isso agora, temos que colher isso (?) senão pode dar problema e vamo perder a colheita. Também pode acontecer (travou)

Deu uma travada, tu tá me escutando?

Tá, tô te escutando.

Deu uma cortadinha no som e parou a imagem, mas já voltou... dificuldades técnicas (risos). Então, sem querer já foi adiantando na verdade algumas das perguntas que eu ia fazer, tu já foi adiantando algumas respostas, porque eu ia perguntar sobre o programa de aprendiz né, pra detalhar um pouco e também sobre o que se aprende com a experiência de viver em comunidade intencional e sustentável né? O quê que uma pessoa, na tua opinião, tem que saber ou tem que aprender pra viver numa comunidade?

A primeira coisa tem que “desaprender” primeiro né, desaprender um montão de vícios que tem da cidade que não dá pra carregar consigo a vida inteira né. Aqui, por exemplo, não tem esse produto que eles adoram ou outra coisa ali, não tem queijo cada dia, essas coisas, então nossa alimentação aqui é vegetariano-vegano, então a gente não compra queijo, coisas assim cada dia. Às vezes quando um tá assim “ah tenho que comer um queijo nessa pizza nesse final de semana” aí quando um compra o queijo tá bom né, quando não, então tem pizza sem queijo (risos). E aí mesmo que eu disse às vezes tu te sente muito pobre quando faltam coisas, isso também senti em várias comunidades que eu visitei nas minhas andanças né. Então em Damanhur, uma confederação de comunidades no norte da Itália, por exemplo, eles passaram um ano só comendo as coisas que eles tinham, eles sentiam muito falta que no começo tinha um litro de vinho por pessoa, por exemplo, que tinha só o litro de óleo de azeite por mês por pessoa também na comunidade então aí sente muito falta, tanto queijo por pessoa, não tem, é porque não produziam mais né. E aí depois eles entraram então numa rede de produtores e compram e trocam também sobra de produtos e aumentando então também o espaço da sua comunidade que tá mais na produção agrícola. Eu acho isso muito interessante né, então o statement deles foi parecido com o nosso de ser muito pobre, quando falta coisa, o queijo, quando você tá fazendo seu tipo de macarrão, quando a gente faz nhoque de inhame ou macarrão de inhame, por exemplo, né, é diferente desse macarrão de grano duro que tem um al dente totalmente diferente, então pro italiano ainda mais difícil, tem que ser esse “?” (risos). E hoje em dia né a gente faz o nosso próprio pão, geleias, a gente faz um montão de (?) pra o pão né, trabalhamos bastante com jaca e com outras coisas da floresta também, plantamos bastante pupunha pra conseguir um palmito (corte) que pra mim não é igual eu sou aspargos ótimo no quintal e meu substituto do aspargos então (?) (risos).

E também no questionário vocês responderam sobre os tipos de atividades educativas ou processos que vocês desenvolvem na comunidade né: cursos,

oficinas, vivências, imersões, voluntariado e pesquisa. E qual é o enfoque de todas essas atividades, processos?

De tirar as pessoas da sua “biofobia” que tá reinando na maioria das áreas urbanas do planeta né. As crianças tem medo de formiga, de barata, de sapo, tudo “eca, esse eu não como”. Então quando tu faz um ensopado de jaca (corte) e tu diz que é ensopado de vaca todo mundo come, por causa de uma letra! (risos) Aí só uma coisa, todo mundo come essa sals... cachorro quente e não quer comer um bolinho que a gente faz, bolinhos mistos às vezes né, grão de bico com jaca que fica muito, muito bom (?) totalmente diferente com legumes da estação também com berinjela dá pra fazer lindas coisas. E aí né a Educação Ambiental começa já com crianças pequenas. O primeiro grupo de crianças pequenas que recebemos aqui quando foi o Grêmio dos professores acho foi em 95 ou alguma coisa assim aqui no povoado que uma amiga que conhecemos de repente um mês antes da sua visita, ela trouxe 4 turmas de crianças da primeira e segunda série. “Que que vão fazer? Eles não vão entender nada!” Bagunça danada né. Então aí mostramos então para as crianças, passamos na horta, explicamos a variação entre uma horta biodiversa e entre uma monocultura: então quando você tem lá que dá pra ver no horizonte só milho, soja, não sei que e aqui então no nosso canteiro a gente tem plantas medicinais, a gente tem grãos, a gente tem raízes e a gente tem umas cenouras no meio, por exemplo, né. E aí a primeira vez as crianças ficaram loucas “como assim cenouras?” porque eles nem sabiam que cenoura cresce pra baixo da terra e sempre tavam pensando que “como é que o coelho come a cenoura?”. Mas não, o coelho ele come o verde da cenoura, ele não come lá embaixo da terra não, ele come lá em cima quando a cenoura tá brotando. Aí foi a primeira experiência né. E depois então também vieram um montão de escolas aqui da localidade até que a gente dizemos “por favor, a gente precisa uma contrapartida de vocês, que quando vocês vêm nos visitar a gente precisa primeiro que vocês agendem uma semana antes, tem que dizer isso: “a gente vai ir semana que vem”; e a gente precisa também um pequeno fundo de manutenção porque cada vez a gente tem que limpar depois toda casa porque todo mundo passou a manada lá no meio do banheiro, (?) as portas ali e tal. E às vezes também risca nas mesas né então aí né não. E aí quando nós começamos então a pedir uma ajuda de custos, as escolas municipais, por exemplo, cortaram direto. Aí eu fui falar né com a diretora, com a coordenadora: “porque vocês não vêm mais? vocês têm fundos pra isso”. “Ah não, mas esse fundo é pra fazer a festa dos professores”; “Ah não, esse fundo é pra comprar aquilo ou...”. Deu pra ver a diretora comprou um carro zero né (risos), foi o fundo né. E começamos também (?) então na cidade, deixamos uns folhetos ali, entre contatos com escolas da cidade, contatos de escolas particulares que queriam fazer um passeio diferente né então. A gente pegamos eles na entrada da floresta, começamos com uma caminhada e depois uma visita-guiada mostrando as soluções que nós achamos na sustentabilidade de convivência, nossa variação de plantios diversas, sistemas agroflorestais, geração de energias alternativas e, claro, tomar um bom banho de cachoeira (risos). E depois fazer uma roda entre todos: “que que eles mais gostaram? onde eles tão vendo coisas que dá pra aplicar na cidade?”, compostagem né, separar os resíduos né, dar um apoio ao catador de rua, por exemplo chamar ele, chamar o catador “terça-feira tu vem pra minha casa, tio, tá cheio de coisa boa né”. E aí começamos a dizer “semeador de boas práticas” né, eu falo assim (?) Hoje eu me vejo como agente de abertura de horizontes, então meu desejo hoje é abrir mais horizontes de mais pessoas possíveis que têm os ideias parecidos, que quer no mínimo ouvir, porque muitas vezes hoje então as pessoas nem querem

ouvir nada, tão lá com “headphone on”, celular, olhando algo “importante, ah, importante” por enquanto é sempre bimbim-dadá-tomtom, aí tá mais difícil né. E fizemos contatos com universidades também, recebemos a turma da (?) de Formação de Professores da UERJ durante mais de 10 anos né até que mudou a diretoria, menos fundos aí a UERJ não veio mais; e depois então uns conhecidos nossos que já nos visitaram como Pousada, o ? e o ?, eles formaram o Centro de Estudos Ambientais na UFF e então eles começaram a vir meio uma vez por ano com a turma de Ciências Ambientais pra abrir o horizonte da turma e criar turma né então, na sala de aula é difícil criar turma, são grupinhos ali e lá e como que a gente enturma eles né, então vamos mostrar viver em comunidade e vamos fazer um estudos ambientais, avaliação da floresta, quanto foi o aumento na espessura das árvores, na captação de CO₂, tem que ir direto nas árvores que tem mensurável né de um ano pra outro, floresta em pé captando bastante CO₂ quando tá na fase de crescimento, a árvore né. Hoje em dia, a maioria dos financiamentos pra florestamento então são plantios novos né, então nos primeiros 15 anos os árvores captam pouco CO₂, depois quando eles engrossam, aí sim. Mas nos primeiros anos é difícil, muita coisa morre. E aí pesquisa científica também tinha sempre os alunos que tavam interessados na extensão né. A gente teve um trabalho de mestrado aqui muito legal da (?) hoje ela é doutora de biologia e trabalha na UFRJ. E sobre líquens e musgos, muito legal ela achou 3 espécies aqui na nossa área que ainda não eram catalogadas aqui e uma que não existia, não conhecia, foi muito legal. E a gente teve um jovem aqui da comunidade mesmo [REDACTED] que sempre foi o ? da turma né, ele sempre tava “oh tu viu o passarinho que passou na janela?” (risos) e já perdeu a aula pra ele ele... (corte) “que que tu gosta de fazer?”, “observar animais”; “olha, tu pode fazer uma levantamento ‘que árvores, e que flores, e que espécies os pássaros gostam mais?’ né, faz um levantamento sobre isso, aí a gente vamos plantar isso na nossa cerca e no entorno da horta pra ganhar mais aliados né, que vão proteger a nossa horta”. Aí ele fez isso e foi seu primeiro trabalho aplicado e hoje ele é mestre de biologia começando doutorado. Aí eu fica muito feliz quando tá sentindo que deu esse toque, essa abertura de horizonte né que fez uma grande diferença, que o menino que tava muito inibido hoje é professor, super solto, explica a natureza pra todo mundo que todo mundo fica amigo da natureza.

E quantas visitas vocês recebiam antes da pandemia assim por ano mais ou menos?

Um pouco mais de mil, cada ano... sempre mil, mil quinhentos visitantes, coisa assim. A gente então com pandemia fomos totalmente pra zero. E agora aos poucos tá recomeçando né. Ainda não abrimos nosso projeto de Educação Ambiental (?), tem então grupo da UFF que vai vir agora em julho, agora em junho temos um seminário de fermentados, fazer pão diferente, também vêm uns vizinhos nesses seminário. E aí eu vou viajar agora final de junho pra visitar minha mãe, minha mãe vai fazer 90 anos lá na Alemanha, e faz 3 anos que eu não fui por causa da pandemia né, aí tem que ir lá. Aí eu volta lá quase no final de julho e em agosto já tamos planejando de fazer né umas atividades. A gente pensava nesse ano da Rio+30, vamos dizer 30 anos depois do marco mundial de falar sobre Desenvolvimento Sustentável e de planejar o próximo milênio como o milênio do Desenvolvimento Sustentável. O que aconteceu aqui no Rio foi criado em 92 um montão de projetos né. Então se conseguir só a divisão do lixo doméstico na cidade até hoje não é praxe em todos os bairros. Então é um descaso por causa de falta de decisões políticos né, tamos conseguindo

fazer um montão de coisas nós ambientalista né... Hoje tem já vários grupos que reciclam, por exemplo, lixo orgânico né tem o Ciclo Orgânico no Rio de Janeiro, um dos grupinhos que faz isso né, a Horta na Praça né, hortas urbanas tá crescendo, mercado de trocas, um projeto lindo em Grajaúna de uns amigos que vai voltar, pode ser que volta logo agora depois da pandemia né... Mas também como aprendizado. O que que nós aprendemos nessa pandemia né? O aprendizado então de visualizar que nossa presença nesse planeta tá fazendo um montão de coisas que as espécies da natureza vão deixar por sua conta aí. Então agora esse vírus tanto que ele vem lá de um morcego, não foi um laboratório que liberou, não, foi mesmo né falta de habitat de uma espécie que depois caiu em mutações do vírus então pro ser humano. Isso já aconteceu antes e vai acontecer muitas vezes mais além, até que nós entendemos que a gente tem que preservar mais e cada um tem que fazer a sua parte, sabe, diminuindo seu consumo e ser mais ciente das alterações climáticas né, então tem que ser presente em todas as ações que a gente faz, o meio ambi... respirar fundo e dizer “não, agora eu não vou comprar essa coisa não, não tô precisando”. Porque tem muitas pessoas que são até viciadas em comprar. Também teve uma amiga na Alemanha, ela viu uma camisa bonita e comprou em 3 cores a mesma camisa (risos), aí tem um armário tão cheio né, e cada ano não faz doação né de roupa que não usa. No mínimo faz doação na igreja ou pra pessoas necessitadas. O mundo agora nesse momento tem tantos refugiados que precisam de tudo né. E aqui no Brasil temos tantas pessoas de rua que também perderam tudo. E ninguém pergunta a eles “ah, qual foi a sua história? você não tem casa?”, não tem nem ativismo junto a essa pobreza não, isso me deixa triste, não é né, porque eles também são refugiados, do meu ponto de vista.

(Troca de Sala Zoom – versão gratuita)

Quais são os planos de como expandir essas atividades?

E... agora foi... sim, então é mais tempo também de fazer essas atividades, e criar, por exemplo, um dia especial por mês uma atividade de sair da minha toca e me dedicar então nessas áreas que tão não tão bem né. Aí a empresa de um amigo, eles apoiam por exemplo um abrigo de crianças aqui em Magé. Não sei, ainda não visitei eles ainda, e eles me perguntaram antes de Natal “a gente gostaria de fazer uma gincana aí, plantar um montão de árvores lá, lá no seu sítio”, “bom, meu sítio já tá tudo plantado”, “não, mas vocês não acham seria legal fazer um pomar com as crianças lá do abrigo das crianças? que cada criança pode ser o padrinho (?) de fruta?” vamos fazer (?) lá com eles, e eles decidiram “não, cancelamos o evento, vamos doar as mudas pra você”. Aí ia me dar então essas 86 mudas, eu “ok então vamo plantar na beira da rua, de repente eu vou organizar uma ação nisso”. Daí de novo tinha um problema aí, que tava ruim ali, mais uma coisa deu no meio que quando eu quis apanhar as mudas 6 semanas depois, ele disse “não, já doamos pra outro”; “ah tudo bem então, foram plantadas, maravilha então”. E agora pra frente, tamos planejando também de repente construir um tiny house, recebi um montão de boas ideias nos filmes de Marcelo Bueno que eu vi, dos meus amigos do Pindorama, onde eles também tinham um seminário sobre isso, e algumas coisas são livres assim quem já sabe construir né já dá mais umas ideias né, essas placas de plástico, de reciclagem, de pasta de dente, construções como aquela eu já fiz várias né, utilizando também pedras e coisas que eu tenho aqui né. O córrego cada ano me dá entre 10 a 25 m³ de areia, por exemplo, então não falta comprar areia, e manejo da minha barragem no

córrego, da hidrelétrica e da minha casa. E na primavera, no outono, meu rio me dá um montão de material orgânica, são folhas que caíram no inverno que as primeiras águas tão levando e depois né então uma barragem pequena serve como desacelerador da água então eles começam a sedimentar, então bastante material orgânica que usa na compostagem e também como ? pra melhorar a qualidade da terra e pra proteger as plantas.

E quais as maiores dificuldades ao fazer esses processos educativos, essas atividades de receber, por exemplo, as escolas, e as maiores lições que aprendeu fazendo essas atividades?

As maiores dificuldades como que eu disse então é que uma escola de repente consegue pagar por um ônibus R\$900,00 mas não consegue pagar R\$500,00 pra nós pra ter manutenção do espaço e cada um que faz o trabalho de animar os jovens e transferir informações né. Isso é sempre uma coisa. Então fundos, como é que a gente conseguiria criar, por exemplo, um fundo de Educação, estamos pensando nesse momento sobre isso também. Aí a Isabela tá se acercando agora nesse momento então ela já fez vários crowdfunding então vamo ver uma coisa de repente aí lá pra frente fazer um crowdfunding também que seria no nosso site e verbas pra doações: “Você gostaria de adotar uma turma de escola no campo?” e que que vamo fazer com eles né, então deixar isso aberto, e as pessoas podem decidir: “Eu gostaria que vocês plantem 10 árvores de madeira de lei no meu aniversário”, a gente faz. Isso é a visão lá pra frente, isso a gente viabilizar essa, plantar mais uns pés de fruta na beira da estrada né. Pra mim isso é um sinônimo de paraíso, então quando você faz uma caminhada só esticar a mão e “olha, já tem comida” e só tem aqui no Brasil. Na Alemanha tem na estação bom, então no verão, no final do verão tem bastante fruteiras, algumas áreas na beira da estrada, que foram plantar lá 40 anos atrás ou mais né, muito legal, tem maçãs, tem cerejas, uma áreas de peras, tem uns berries às vezes né então. Mas lá a maioria das vezes né as pessoas compram então o direito de colher isso aí com o município. Mas mesmo assim “pra que vamo plantar pra tudo?”, muito mais fácil né (risos). Hoje em dia eu pergunto às pessoas que colhem, por exemplo, limões ali na minha cerca “podem fazer um favor pra mim? traz os sementes das frutas que você come e espalha na beira da rua”, “o quê? pode fazer isso? tu pode arrancar as frutas que o outro plantou na beira da rua? pode?” Então eu acho melhor plantar as frutas juntos, então quem conseguir colher também pode ajudar a plantar.

Perfeito. E tem mais alguma coisa que gostaria de falar assim sobre Educação e Gestão Ambiental da comunidade?

Bom, hoje em dia então a gente tamos numa fase, sempre tamos numa fase de mudança, vamos dizer, permanentemente o mundo tá mudando de um dia pra outro, de um ano pra outro. Então nessa mudança pós-pandêmico de reabertura a coisa é que a gente não pode perder o cuidado que nós aprendemos na pandemia e temos que ter mais cuidado pra o outro e às vezes também dá mais uma mão pra o outro que não tá tão feliz que o outro né. E então criar novas abundâncias nos alimentos né, vimos essa alta de valores nos alimentos por causa de falta de alimentos de produtores conscientes. Quando a gente só produz pra o mercado externo, tá faltando no mercado interno. Quando o mercado externo tem mais valores, ele vale mais que a vida dos cidadãos locais, então aí se todo mundo ajuda mais hortas urbanas né,

mais plantios em escolas, em praça pública, em qualquer lugar onde não tem nada, arregaçar as mangas e fazer algumas coisas novas e experimentar, experimentar nos consórcios, sistemas agroflorestais e vai pra frente. A gente tem que plantar mais e convidamos todo mundo de plantar mais. Você gosta de plantar?

Uhum, aprendendo.

Ótimo!

E pra finalizar então, além de agradecer muito a colaboração tanto respondendo ao questionário quanto agora a entrevista, queria perguntar se vocês tem algum... alguma indicação de quem mais pode participar da pesquisa, de alguma comunidade que é amiga ou algum amigo que vive em comunidade e que vocês acham que vocês indicariam assim “ah essa pessoa também poderia participar”?

É claro, muito bom! Então, uma grande pessoa pra ajudar é o Hiroshi, fundador da Clareando e que também tem um lindo projeto com crianças que chama Franciscando. E agora depois da pandemia ele voltou a oferecer o Franciscando, então acampamento com crianças que abre horizontes que cria turma, que é maravilhoso. Então Hiroshi, uma grande pessoa, muito legal. E claro a Nana em Terra Una também um ótimo contato, também tá fazendo um lindo trabalho com Educação Ambiental e, claro, Gaia Education. Hoje em dia, até não sei se esse ano vai ter de novo uma turma de Gaia Jovem também, não sei, pergunta a Nana, de repente ela sabe. E aí, claro, o Pindorama, claro, o Nilson e sua companheira né, muito gente boa, sempre um ótimo contato. E com meus amigos do Sinal do Vale de repente aqui que também pode dar uma grande colaboração nos trabalhos que eles já realizaram lá na área de Duque de Caxias no Vale do Santo Antônio né, é muito lindo o projeto deles.

É, muito obrigada então, chegamos já a uma hora já...

Grande prazer!

Muito obrigada, o prazer é todo meu! E espero que assim que possível eu possa visitar também e fiquei muito interessada no programa de aprendiz, quem sabe...

Ótimo!

E vamos mantendo contato então.

Beleza, grande abraço! Até mais, tchau!

Até! Tchau, tchau!

APÊNDICE F – Transcrição da Entrevista com Vila das Borboletas

Então, pra gente começar queria pedir que tu contasse um pouquinho assim do histórico da comunidade e pudesse assim já no histórico incluir assim como que... se desde o início já teve essa ideia de ter alguma relação com educação, se foi algo que surgiu com o tempo e como que foi isso assim, que que tem na área de processos educativos e de Educação Ambiental?

Legal. Obrigado pelo convite aí, pela oportunidade. Tem sido bem desafiador assim os últimos tempos né, pandemia e algumas outras questões e aí poder trocar essa ideia contigo é um pouquinho... renova um pouquinho as energias já. Então, obrigado aí pela oportunidade. Eu vou começar um pouco de trás pra frente pra contextualizar, de agora pra trás na verdade. Hoje eu estou sozinho aqui no sítio, no projeto Vila das Borboletas que é um sítio em Piedade. A gente tem como bases a permacultura, a educação né, a agroecologia, a bioconstrução. E aí eu hoje estou sozinho aqui finalizando a primeira casinha onde eu vou finalmente morar com a minha esposa. Ela tá em Guarulhos onde ela trabalha numa escola, ela estuda Psicopedagogia, então ela tá se especializando em Educação Especial, em crianças em geral. E aí ela vem pra cá assim que a casinha terminar a construção, que eu acho que vai ser no final desse mês. É... e aí no ano passado eu estive com ela em Guarulhos e a gente teve alguns amigos morando aqui no sítio, cuidando do sítio no dia-a-dia né, o básico e também tendo as experiências deles com horta né, conhecendo um pouquinho de como é morar no campo por conta própria. E antes disso então né no primeiro ano da pandemia, em 2020, nós estávamos aqui eu, minha companheira, é... e mais algumas pessoas tentando iniciar um núcleo comunitário né, tentando iniciar o que seria a gente chamava de ovo, porque a gente faz a referência à borboleta né, e aí a gente tem a lagarta, tem o casulo e tem uma etapa da borboleta que é o ovo né que é onde tudo começa. E foi muito bom, foi uma experiência muito forte assim, muito intensa, somos amigos né, todos que estão aqui, nós somos amigos nessa jornada assim, a gente se conheceu nesses processos de cursos e vivências e voluntariado então são amigos mais recentes assim de alguns anos pra cá, não são amigos de muito tempo. Curiosamente, os nossos amigos de muito tempo raramente participam, não tem muitos que têm muita conexão com esse mundo ainda pelo menos. E até a pandemia começar, a gente tava num movimento muito forte aqui. A gente chegou a receber 25 voluntários de uma vez...

Bah

É... e tudo com uma estrutura muito básica assim. Na verdade, até o começo de 2020, esse espaço aqui que a gente tem hoje é um espaço que a gente considera comunitário, tem uma cozinha, tem uma mesa, um espaço pra gente compartilhar, tem uma oficina, chuveiros, enfim é... esse espaço ainda nem tava fechado assim, ainda não comportava um dia de frio e chuva. Agora tem até um fogãozinho à lenha, tem parede, ainda não tá acabado, mas já acomoda pessoas né. E todos nós vivíamos no camping, todos nós vivíamos em barraca até o comecinho de 2020 e hoje, enquanto a casinha não tá pronta, eu tô morando num trailer emprestado de um amigo nosso aqui da região. E por sinal, aqui na região a gente tem muitos projetos também voltados pra agroecologia, pra permacultura, pra espiritualidade, então tem um

movimento muito legal. Ahm, se tiver qualquer dúvida pode me interromper, tá? Que às vezes eu vou engatando um assunto no outro, nem deu tempo pra você perguntar...

Tá bom

É... e aí então a gente chega assim meio que onde o projeto começou né, então antes da gente receber muitos voluntários e viver no camping... A gente durante todo esse processo também chegou a realizar cursos, propor vivências, voluntariado, acho que sei lá, a gente perdeu a conta mas deve ter sido cerca de 100 voluntários durante 2 anos mais ou menos. É... a gente chegou a cultivar orgânico certificado, cultivamos shimeji, enfim, rolaram vários movimentos durante esses 3 quase 4 anos, 4 anos agora, na verdade, em junho. E no primeiro ano de 2018 até 2019 que foi quando a gente comprou o sítio, eu comprei em 2018 com ajuda do meu tio e do meu avô. É... eles compraram pra apoiar o projeto mesmo, pra fazer acontecer e aí foi onde o sítio começou. Antes disso, aí já vou chegar especificamente na tua pergunta, tá? Antes disso, eu estava viajando por 2 anos pela América do Sul, conhecendo outros projetos e antes disso eu estava no mundo corporativo, trabalhando como vendedor, tinha uma vida bem padrão assim né, faculdade, etc., vivendo em São Paulo. É... e aí esse movimento de viver no mundo corporativo e tudo mais foi trazendo esses questionamentos e antes mesmo de eu cair na estrada e ir conhecer projetos, eu já comecei a ter essas reflexões de que tinha muita coisa que tava conectada e a gente não tava vivendo de forma conectada. Então, a maneira como eu me alimentava e do que que eu me alimentava e daonde vinha essa comida, isso parece que não mas tá diretamente relacionado com educação né, com a forma como a gente é criado, com os nossos hábitos. E aí isso tá relacionado com a forma como a gente convive, como a gente se relaciona como ser humano e eu nunca tinha ouvido nem falar de permacultura nem nada disso. Então, eu comecei a pesquisar, a estudar e a me preparar pra sair do mundo corporativo e aí, quando eu saí, fiquei 2 anos fazendo voluntariado e conheci esses projetos incríveis e fui conectando esses pontos e fui percebendo que era uma coisa só. Então a Vila das Borboletas começou como uma ideia de uma vida mais simples no campo, possivelmente com uma companheira e um monte de criança, filhos né. E aí o tempo foi passando, eu fui conhecendo essas pessoas e esses lugares e eu fui percebendo que isso não era uma coisa que só eu queria. Então, a vida em comunidade e uma vida focada, direcionada pra educação, direcionada pro cultivo, de construir com as próprias mãos e tudo mais, era algo... era uma consequência, seria uma consequência, tava traçado esse caminho. A gente acabaria em algum momento compartilhando essa vida no campo com mais pessoas e então é quase que inevitável você se ver num fluxo que te direciona pra uma ecovila, pra uma comunidade intencional. E aí eu conheci a Escola Ayni né, eu fiz um voluntariado na Ayni. E aí isso me conectou com outro projetos na Argentina porque tinha gente fazendo curso na Ayni e elas eram donas de uma escola também, com uma pegada diferente lá em Córdoba. E lá em Córdoba eu descobri um encontro de escolas alternativas que tava acontecendo em San Marcos Sierras e, enfim, uma coisa foi ligando com a outra e aqui mesmo assim e aí não por coincidência, obviamente, quando eu voltei dessa viagem eu reencontrei a Tais né, minha companheira. E a gente já se conhecia há mais de 10 anos, mas fazia 10 anos que a gente não se falava. E ela justamente estava se entregando ao chamado da educação que era algo que sempre esteve presente nela, mas ainda não tinha se manifestado. E aí ela começou a mergulhar de cabeça e hoje tá se formando daqui a pouquinho em Psicopedagogia, que não só é um olhar pra educação como é um olhar pra uma

educação inclusiva, diferenciada, mais intensa ainda do que a educação normal já pode ser né. E, é isso, eu não sei se o barulho da chuva vai atrapalhar um pouquinho, não?

Não, não escuto nada. Tá bem tranquilo. E...

E aí... Tá, pode falar

Pode continuar, tá boa a história (risos)

É... em termos de, em questões práticas assim, a gente tem alguns desafios porque o sítio apesar de ser, ter um acesso fácil. A cidade de Piedade tá a 100 km de São Paulo, a gente tem só 2 km de estrada de terra até a rodovia, tem ponto de ônibus a 2 km daqui. O centro da cidade de Piedade – que é uma cidade relativamente pequena, tem 50 mil habitantes - mas nós estamos a 15 minutos do centro de carro né, então é... Tem um acesso fácil mas não o suficiente pra crianças estarem aqui todos os dias né. Então, a gente ainda não conseguiu se estruturar e desenvolver um formato que acolha crianças frequentemente. A gente entende que isso vai ser uma construção mais a longo prazo pra entender como que as crianças da comunidade, da região, do bairro, da cidade, como que as famílias, os pais, as mães, podem entender esse formato e usufruir de estar aqui no sítio com frequência. O que a gente já conseguiu fazer foram duas edições de um encontro que a gente chama “Acampasulo”, que é um acampamento pra famílias né e crianças, e as duas edições foram muito legais. A primeira teve uma proposta um pouco mais livre e foram assim 60-70 pessoas no total né, contando as crianças. E foi um final de semana, de alimentação compartilhada, de vivência na mata, banho de rio, algo simples. É... e a segunda edição contou com a palestra do Thiago da Ayni né, ele veio até aqui, ele estava aqui em São Paulo e a gente conseguiu manejar pra ele estar aqui, foi muito especial, muito mesmo. E aí foi uma proposta um pouco diferente porque envolveu né a inscrição no curso, na palestra, envolveu um tipo de alimentação diferente né, uma proposta diferente. Mas também foi muito incrível, a gente teve sei lá 30-40 pessoas também contando as crianças. E a palestra era pros pais e pras mães, então enquanto a palestra tava acontecendo, a gente tinha outras atividades acontecendo com as crianças também. E... e aí, fora isso, é a prática da educação no dia-a-dia aqui né, quando a gente fala de educação tem a questão voltada pras crianças, então no dia-a-dia a gente tenta né, a gente tá no processo de aprender Comunicação Não-Violenta, aprender educação positiva, aprender uma série de ferramentas né, mas a gente também pensa na questão da educação como um todo, então o fato da gente trazer cursos voltados pra Agroecologia né, pra adubos mesmo, enfim, a gente tem parceria com o SENAR que é o... seria como o SENAC rural, é então a gente já recebeu uns cursos deles aqui também. Então abordagem de usar a educação como um todo né.

Uhum. É, no questionário, tu responde né que tem cursos, oficinas, vivências e voluntariado; que até a pandemia né recebia de 100 a 200 pessoas em média né, por ano, e como que foi assim quando veio a pandemia: vocês se isolam aí? E deixam daí de ofertar qualquer tipo de atividade né presencial? E como é que tá sendo o retorno agora: vocês voltaram esse ano? Vocês voltaram ano passado depois da vacina? E o que que já deu pra fazer ou quais são digamos, o que que

vocês tão pretendendo fazer a partir de agora com essa... com a retomada mais ou menos das atividades?

Sim. Ahn... a gente, até quando começou a pandemia nós estávamos com 15 pessoas aqui, contando eu e a Tais, 15, é. Desses 15, 3 ou 4 eram como moradores fixos digamos né, que já estavam aqui há mais tempo e queriam estar mais tempo aqui e eram pessoas que a gente tava conseguindo delegar inclusive alguns projetos né. Então tinha uma pessoa que estava cuidando da horta, uma outra pessoa cuidava da comunicação, outra pessoa tava começando a desenhar projetos de educação... então era algo que tava começando a se construir e o restante dessas 15 pessoas eram voluntários que acabaram tendo que ficar por causa do primeiro lockdown. E aí foi uma experiência muito intensa né de convivência e a gente teve muitos formatos diferentes né, tanto das atividades do dia-a-dia, de responsabilidades, de governança como um todo, de tentar modelo sociocrático e tentar todas essas ferramentas e algumas coisas, acho que no fim tudo deu certo independentemente de ter ido no sentido das pessoas ficarem de fato ou não né. Cada um seguiu seu caminho, todas as... assim, praticamente 99,9% das relações que a gente construiu aqui nos ciclos que foram abertos e concluídos com essas pessoas foram muito saudáveis assim, foram muito amorosos assim. Então, isso é muito importante e a partir daí, a gente teve o primeiro lockdown, teve o primeiro fechamento das atividades até o final de 2020. No final de 2020, a gente começou a experimentar voltar com os cursos com uma turma reduzida né, priorizando pessoas que não precisassem dormir aqui, que fossem da região e pudessem vir só no dia do curso ou pessoas que já estavam vacinadas, enfim... né, começou, a gente fez alguns testes. Depois a gente recebeu 2 cursos do SENAR ainda em 2021 né, ainda no decorrer da pandemia, das vacinas e tudo mais. Felizmente, ocorreu tudo bem assim, não tivemos nenhum incidente né, a gente conseguiu manter bastante os protocolos de segurança aqui dentro, de distanciamento, da alimentação, tudo mais, então deu pra gente fazer. E nós concluímos o último curso em janeiro... acho que foi em janeiro desse ano. A gente fez a última turma de um curso anual que a gente costuma fazer que a gente fecha uma turma só mas a gente abre também pra... são vários módulos né, é um curso completo de Agroecologia e aí o último módulo foi em janeiro. Ahm... é isso, isso acho que responde a parte do que aconteceu nesse meio tempo. É... além dos cursos também como eu falei a gente tentou ainda cultivar o shimeji durante muito tempo, durante a pandemia, deu certo por um tempo, mas o ano de 2021 realmente foi o primeiro respiro que a gente deu assim, pro sítio também né, porque foram 2 anos de muita atividade aqui e acho que até o espaço tava pedindo pra gente ir com calma e se estruturar um pouquinho melhor. É... agora, e aí eu estando em Guarulhos ano passado, eu acabei voltando pro mundo corporativo por conta até da facilidade de trabalhar home office né. É... então, a gente também tava precisando realmente se restabelecer financeiramente porque os investimentos foram todos, vieram todos pra cá. Já fazia um tempo na verdade que a gente não tinha uma saúde financeira, a gente já tava meio aos trancos e barrancos. Até o começo da pandemia a perspectiva era boa, a gente chegou a fazer um evento pra mais de 100 pessoas aqui chamado Vitalize que é um evento frugívoro, a gente fez no carnaval, logo antes da pandemia, e era um... era uma perspectiva de realmente a gente começar a bancar o espaço com dinheiro do espaço, sabe? Sem ter que cada um por do seu bolso um pouco e tal. Foi um evento que deu essa esperança econômica pra gente e aí logo em seguida lockdown. Então, é... as reservas foram embora e o fato do ano passado eu ter conseguido voltar pro mundo corporativo deu uma estabilizada nas minhas contas e

por consequência nas contas do sítio porque... do projeto, porque querendo ou não por mais que a gente tenha colaboradores que estão sempre prontos pra participar, pra ajudar, pra pôr a mão na massa, eu ainda sou o responsável né. Acho que em inglês tem uma palavra "sponser" né, cê fala que é... enfim, se dá problema, sou eu que vou responder; se a coisa é legal, a gente compartilha com todo mundo, não tem problema. Mas a responsabilidade do sítio ainda é minha então isso tá um desafio também que eu, pessoalmente, durante esse tempo que eu estive em Guarulhos, também tentei estudar um pouquinho mais sobre os aspectos de governança e de liderança, de gestão, de entender o meu papel aqui porque eu quero fazer tudo e ao mesmo tempo eu quero delegar tudo, eu quero que pessoas assumam responsabilidades e sejam líderes também e não é todo mundo e não é da noite pro dia e isso é bastante desafiador, mas é uma coisa que eu gosto muito de estudar e acho que uma hora vai dá certo e até recomendo um livro pra quem tá construindo uma comunidade intencional que é "Creating life together", é um... cê já ouviu falar?

Aham

Foi muito inspirador pra mim, preciso já voltar a ler de novo, é um livro pra ler umas dez vezes pelo menos. E... Comunicação Não-Violenta também, enfim, etc. Ahm, e aí, por que que eu tô contando essa última parte? Porque eu continuo trabalhando home office, então continuo no corporativo, felizmente a Tais conseguiu ir um pouquinho mais pra área que ela quer, eu ainda não tenho uma área específica que eu gostaria de atuar nesse mundo aqui né do projeto. Eu realmente me vejo hoje como um gestor de projetos, como a pessoa que vai desenhar tudo e fornecer tudo que for necessário pra esse projeto acontecer. Mas eu sou aficionado em bioconstrução então talvez eu acabe indo um pouco nessa direção, eu amo também lidar com crianças mas não vai ser o meu foco, eu vou participar mais disso do que realmente tocar isso, realmente vai ser algo dela, da Tais. E pra agora, a gente pessoalmente percebeu que precisa de um tempo, eu e ela, a gente casou. Na verdade a gente casou... eu considero que a gente tá casado desde o momento que a gente se reencontrou né, em 2017. Mas ritualmente falando a gente concretizou o ritual esse ano né, no final do ano passado, na verdade, e a gente ainda não conseguiu ter o nosso tempo juntos como casal né. Foram 4 anos eu morando aqui, ela lá, depois a gente morando na casa dos pais dela, depois, sabe? Então vai ser a primeira vez que a gente vai ter de fato o nosso cantinho, a nossa casa, o nosso tempo juntos. E a intenção é - assim que ela estiver aqui - pelo menos até o fim do ano, a gente colocar essa vida nossa em ordem né, colocar a máscara de oxigênio em nós pra depois poder colocar nas outras pessoas, entendeu? (risos) E... e assim, dentro de nós tem aquela chama que precisa ser alimentada o tempo inteiro de no ano que vem voltar a pensar no voluntariado, voltar a pensar nos eventos com famílias e crianças, voltar a estruturar - e aí é uma parte mais dela né - como que vai ser esse formato de educação aqui dentro e... dois caminhos assim - que eu, que aí são projetos meus né, mais meus, mas ela também vai participar, vai contribuir - que um é a gente transformar o espaço num, transformar não né, estruturar mais o espaço pra receber pessoas no quesito hospedagem, no quesito cursos, vivências e experiências, e conseguir desenhar e estruturar a questão até burocrática de como esse espaço vai funcionar a partir de agora: se vai ser um instituto, se vai ter um estatuto que vai guiar as relações, se pessoas vão poder morar, como que elas vão poder morar, se elas vão ter que pagar, se não vai ter que pagar, se o trabalho de cada um conta, quantas horas, quais atividades, uma série de coisas que já tá meio no gatilho, tá meio desenhado, mas é o próximo desafio assim que a

gente sentir as nossas raízes de novo alcançando os nutrientes no chão, sabe? Que hoje elas tão meio... meio que encontrando só metais pesados só (risos)

E sobre essa época assim que vocês chegaram a ter 25 voluntários, por exemplo, ao mesmo tempo, ou até na pandemia que vocês tavam entre 15 pessoas assim: o que que tu aprendeu com essa experiência de viver né em comunidade sustentável e que que tu acha que as pessoas tem que saber ou aprender pra poder conviver em comunidade, mas considerando né não só comunidade-comunidade, mas comunidade com esse viés né da sustentabilidade assim?

Olha, eu acho que tem vários, vários aprendizados né e vários critérios. Um que eu costumo tentar trazer bastante assim pras pessoas com quem eu converso, principalmente aquelas que demonstram algum interesse em se mudar né. Tem muita gente que me procura e fala assim “ah cês aceitam gente pra morar aí? eu tô querendo sair da cidade e tal”. E eu falo “olha, não é um apartamento que você escolhe um bairro melhor e muda, sabe? É... viver em comunidade, viver num mesmo espaço, compartilhar das atividades, compartilhar dos objetivos, o propósito, é maior do que você morar num condomínio”. Na verdade, morar num condomínio é uma experiência que eu já iria propor pra qualquer um antes dessa pessoa ir pra uma comunidade porque eu morei em condomínio por 20 anos, quase 25 anos, e eu nunca participei de uma reunião de assembleia. Então esse é o primeiro ponto assim: como é que eu quero que meu condomínio seja melhor se eu não participo? Se eu não vou lá e coloco as minhas ideias também né e assumo as responsabilidades de algumas coisas. E aí, eu tenho comentado com essas pessoas que eu percebi - é claro que todos nós passamos por fases a vida inteira, tem fases que nós somos um pouco mais disso, um pouco menos daquilo - eu hoje tô numa fase mais “formiga”... eu acho que tem, a gente tem 10 minutos no Zoom, cê vai renovar ou...

É, a gente clica no mesmo link e volta quando acabar porque aqui é a versão gratuita (risos)

Beleza. Eu acredito que a gente tem, observando a natureza inclusive como referência né: a gente tem as formigas, a gente tem as abelhas, e a gente tem as borboletas, só pra pegar três exemplos né, tem uma série de outros. As formigas, elas trabalham juntas, elas moram juntas, elas têm os mesmos objetivos, elas têm funções diferentes, mas quando elas vão atuar em algo, elas atuam em conjunto. E eu tô numa fase bastante formiga, quem tá aqui eu puxo junto e vamo fazer junto e gosto de trabalhar sozinho às vezes e acho que algumas formigas fazem isso, mas o formigueiro ele é um só. É... muita gente é abelha, a abelha ela também trabalha por um objetivo em comum, mas ela trabalha sozinha, maioria trabalha sozinha, às vezes cê pega muitas abelhas indo na mesma árvore, mas tá cada uma na sua florzinha, tá cada uma, aí no seu tempo cada uma volta pra colmeia e cumpre seu papel. Então é um trabalho coletivo mas é mais individualizado. E você tem as borboletas que são seres individuais né que tão aí voando, polinizando, cumprindo o papel delas, não têm uma casa específica, não têm uma colmeia específica, elas vão voando de flor em flor e elas... cada um desses seres tem uma energia e é necessário essa energia de cada um desses seres numa comunidade. Só que é muito mais fácil achar borboleta do que abelha e formiga. E muitas borboletas passam por aqui e assim como todo projeto né, como eu falei nós temos fases, é... pensando que são formigas e abelhas então

chegam aqui falando “não, porque eu vou ficar, porque eu vou construir, porque eu vou plantar essa árvore e eu vou colher o fruto dela daqui 3 anos, 10 anos”. É linda essa energia, mas é importante a pessoa ter consciência do que que ela tá sentindo naquele momento, qual que é a intenção dela naquele momento e se ela vai ser capaz de cumprir com esse compromisso, de que forma e por quanto tempo. Se ela tem clareza de que ela é borboleta, a nossa relação é muito mais fluida, pode ter só eu de formiga aqui e 10 borboletas, se todos nós tivermos consciência de que são 10 borboletas e só uma formiga, a gente vai entender a melhor forma de nos relacionarmos. Agora, você é borboleta, você é livre, quer voar, quer ir passar de um projeto em outro, quer doar sua energia intensamente, mas talvez na semana que vem você já mude de ideia e você insiste que você é uma abelha ou uma formiga, vai dá conflito porque dentro de você, você até quer ficar, mas não é, não tá no seu momento de ficar e construir, criar raiz. Então acho que esse é um primeiro ponto assim, não dá pra gente ter clareza disso o tempo inteiro, demora. Mas acho que estar aberto pra se descobrir nesse sentido acho que é um ponto muito importante assim. E um outro ponto, acho que esses dois pontos são chave assim, é saber que muitos processos são transicionais né, a gente não consegue fazer uma mudança de uma hora pra outra. E isso é complexo pra quem tá aqui né, pra quem fica aqui, um voluntário vai ficar, vai passar por aqui depois vai embora, tudo que ele trouxe de bom, fica, mas tudo que ele trouxe que não deu certo, também fica, se ele mexeu num projeto, se ele tentou fazer uma coisa aqui que não deu certo, depois ele vai embora e a gente vai ter que lidar com isso. Então, se as pessoas tiverem essa noção como eu tenho que ter né, eu estando aqui tenho que lembrar, me lembrar todo tempo que “ah, aquela pessoa ainda fuma”. Poxa, mas eu gostaria tanto que as pessoas que viessem pra cá soubessem, já tivessem resolvido a questão do cigarro, ou daquele hábito ou daquele outro. Eu tenho alguns hábitos, o meu tá mais relacionado com comida ainda, felizmente alguns hábitos nocivos já faz muito tempo que não tão mais aqui, mas eu tenho ainda hábitos até de convivência assim, eu falo muito, por exemplo, é um hábito, é uma coisa que sei lá, tem gente que talvez chegue aqui e fale “poxa, ele podia falar menos né”. Então todas as coisas elas são transicionais, a gente vai tá sempre trabalhando e é bom a gente tá sempre se lembrando disso ao mesmo tempo que a gente tem consciência de que aquilo seja um objetivo, porque não adianta a pessoa que vem aqui e ela tá fumando e ela quer continuar aqui e a gente aceitar que é transicional e ela nunca colocar como objetivo que ela quer parar de fumar. Então se ela não quiser colocar - porque ela tem esse direito também - que isso fique claro pra todo mundo: “não, eu não quero parar de fumar, mas eu quero estar aqui - isso vai ser um empecilho?” Não sei, vamo sentar, vamo conversar, vamo entender como que isso pode funcionar. É... eu, como eu falei eu gostaria que ninguém fumasse aqui, porém muitas dessas pessoas que passaram por aqui, uma irmãzona inclusive que viveu com a gente aqui e com certeza em algum momento vai voltar, ela fuma. E eu vou abrir mão de ela estar aqui? E dar tudo que ela pode dar e aprender tudo que ela pode aprender, compartilhar com ela uma convivência linda, porque no meio do dia, duas-três vezes ela... ela inclusive dava um jeito de desaparecer assim a gente nem notava que ela fumava. É nocivo só pra ela, uma pena, talvez por tabela isso seja nocivo pro grupo, isso afete o humor dela, isso afete as finanças dela porque você tem que gastar dinheiro com isso. Mas o que ela traz também, o processo que ela pessoalmente tá passando pra ter que ainda lidar com isso, então tudo isso é muito forte assim né da gente trabalhar. Eu teria uma noite inteira pra te falar de coisas que precisam né mas ainda aprendendo também.

Sem querer vai respondendo outras perguntas também porque como tu disse uma coisa engancha na outra. Tinha uma que era sobre as maiores dificuldades no desenvolvimento desses processos e as maiores lições né. Uma questão que até é exclusiva de vocês assim, porque eu achei vocês no site da GEN, da Rede Global das Ecovilas, e não da Rede CASA Brasil, que seria a rede brasileira. Daí que queria saber se tinha uma razão específica por causa que quando tu viajou tu... as comunidades que tu conheceu, porque que vocês tão na rede global e não tão conectados com a rede brasileira?

Pra ser sincero eu acho que eu me perdi um pouco na... me perdi só. É... quando a gente foi iniciar as atividades até com voluntariado, foi quando eu pesquisei, encontrei a GEN, na verdade eu já tinha, quando eu fui viajar já tinha encontrado com a GEN. É... mas e aí o worldpackers, quando eu viajei por exemplo existia o ? e o ? Brasil quando a gente foi abrir aqui já nem tava mais estruturado, nem sei o que que aconteceu com o site, talvez desativaram, enfim. E aí tava nessa quando eu vi que a GEN tem conexão com a CASA é... eu acho que meio que linkei que era a mesma coisa assim, mas foi bom você ter falado porque no momento que a gente for voltar aqui as atividades, eu vou dar uma atualizada nessas questões.

É, porque eu... ahn, acontece isso: a GEN tem tipo uns 37 cadastros e o CASA Brasil tem uns 88, sabe? E eu fui cruzar os dados e não fecha, tipo, umas 15 coincidem. Então tem um monte de comunidade que tá na GEN... e eu acho que realmente uma confusão, acho até que é uma falha das redes em si não explicar né que se cadastrando numa tu tá automaticamente cadastrado na outra ou até de eles arrumarem isso, até porque não tem porque já que uma rede faz parte da outra, a pessoa se cadastrar no CASA Brasil e já não tá na GEN. Eu só vou esperar... já como ele vai fechar, pra gente não tá no meio de uma frase...

Tá legal.

Eu acho que a gente sai e volta pra não...

É, vamo sair já e a gente já volta.

Tá bom.

Beleza.

Voltamos... E então, voltando só pra questão né da... uma rede tá dentro da outra, e o que eu percebi é que a Rede Latina faz isso, ela puxa todos os cadastros da GEN que tão na América Latina e tá, essas são as comunidades cadastradas na Rede Latina. E a brasileira não, ela tem tipo um cadastro próprio, mas o legal de se cadastrar nela né - ainda mais se vocês forem voltar ano que vem com o voluntariado - é que tu vai no site no mapa do CASA Brasil e cada comunidade que tu clica ela já tem o link direto digamos explicando sobre voluntariado, por exemplo.

Ah que massa

O que o pessoal mais procura assim, eu que tô pesquisando agora educação assim, o que o pessoal mais quer saber, tipo assim “ah tem que ter um mapa”. E agora querem fazer um da Rede Latina sabe porque o que o pessoal mais procura é voluntariado nas comunidades, sabe?

Pô, que bom que você trouxe isso porque até o final do ano com certeza vou mexer nisso de novo e vou atualizar, obrigado.

E... não sei se tu tem mais alguma questão que quer falar assim de Educação, Gestão Ambiental na comunidade. Até tu trouxe o cigarro né e me fez lembrar assim que tem toda a questão também dos resíduos, querendo ou não “ah não afeta a comunidade” sim, mas daí como é que vai gestionar as bitucas dela e tal. Então, como tu disse, é uma amigona não vou perder de ela vir aqui, mas tem certos digamos códigos ou regras de convivência, tem coisas que pode, não pode, como é que funciona assim?

É... eu sempre, eu sempre trouxe a questão da liberdade com responsabilidade que é um conceito que eu busquei observar dessa forma. E pra minha compreensão liberdade só existe atrelada a uma responsabilidade, uma não se separa da outra. E pra outras pessoas esse conceito é diferente: a liberdade é fazer o que quiser, do jeito que quiser, na hora que quiser, sem consequências ou responsabilidades. É... pensando nisso, e eu sendo a âncora né desse projeto e por enquanto sendo esse guia do projeto, eu sempre usei a expressão é... (como é que era?) “a gente propõe fortemente”. Não é uma regra e não é uma restrição, é uma proposta. É... então, por exemplo, consumo de entorpecentes nunca foi proibido, mas não é nada incentivado. Então, assim no caso de Cannabis, por exemplo, que ainda é proibido por lei, nesse caso a gente utiliza a lei como base, então não pode. A gente teve uma situação em que um voluntário ele trouxe mesmo a gente dizendo que não podia, gerou uma situação interessante pra gente lidar né, pra compreender como que a Comunicação Não-Violenta pode acontecer em situações assim e tal. Alcool também, de novo assim a gente nunca precisou falar que não pode, sempre a gente disse “olha, aqui a gente não consome, a gente não consome álcool, a gente não incentiva”. A gente tenta sempre estar aberto pra essas conversas, elas são sempre polêmicas obviamente. Teve uma conversa muito curiosa, quando começou a pandemia começaram algumas situações né. As pessoas muito tempo juntas sem sair, começam a se mostrar um pouco mais né. E aí aconteceu muito curioso assim que numa semana assim seguidamente depois do almoço, a gente ficava duas horas debatendo coisas na mesa assim, antes de voltar pras outras atividades. Então num dia era machismo e feminismo, no outro dia era educação, no outro dia era restrições. E aí um dos voluntários trouxe né “ah mas é proibido comer carne aqui?”, falei “não, não é proibido comer carne aqui”. E a [REDACTED] sempre me olhando e pensando assim “não, cara, assim, a gente tem que colocar isso como regra, porque é a gente que ancora e a gente não quer carne aqui”. E eu sempre tentando trazer que não é... eu não gosto, não entra, não consigo estabelecer uma coisa que boa parte dessa coisa, da decisão dessa coisa é o meu ego falando, então não é porque eu não como carne que eu vou impor que as pessoas não comam. Posso ter um milhão de motivos pra isso, mas enquanto a pessoa não compreender, não adianta eu impor, ela precisa compreender e pra ela compreender, talvez ela ainda precise consumir e aí ele falou “então eu posso comer carne aqui”, aí eu falei... aí depois de muitas discussões né e argumentações eu falei “pode, cê quer? cê vai trazer carne pra fazer aqui na cozinha onde a gente não faz

carne?” nãñã... Então toda né uma questão, aconteceu também com drogas né, com entorpecentes, medicinas, cada um, cada um e cada coisa é chamada de um jeito né. É... então a gente não estabeleceu - só por outro lado, pensando agora em termos de estatuto, por exemplo, é algo que precisa ser mais claro, não adianta eu deixar no subjetivo, na compreensão das pessoas que “olha, não é que a gente quer proibir, mas a proposta...” Uma coisa que eu sempre reforcei assim: “a proposta, existe uma proposta de estar aqui”. Se você vai visitar ou vai voluntariar ou vai participar de um curso é mais fácil cumprir essa proposta porque são poucos dias, um período mais curto; se você vai viver, é uma experiência mais intensa então “eu realmente tô preparado pra viver essa proposta?”... E o desafio maior é como trazer essa proposta sem a presença do meu ego, sem a presença do [REDACTED] falando, e colocar essa proposta da entidade Vila das Borboletas mesmo né. Já teve muita gente que entrou aqui e falou “nossa, agora pro dia ficar perfeito só acender um” e eu falo “sério?! tipo tudo que tá acontecendo aqui em volta não é suficiente pra você chegar à essa conclusão” ou esses dias, por exemplo, posso até te mandar a foto depois no Whatsapp, no nosso camping brota Amanita, sabe qual é Amanita?

Não...

É aquele cogumelo do Mário.

Ah sim...

E brota uns desse tamanho assim, coisa mais linda e eu sei que os cogumelos, hoje eu sei que muitos cogumelos têm efeitos ou entorpecentes ou intoxicantes, enfim. É... e tem outros comestíveis etc., tem também aqui no sítio, além do shimeji que a gente cultivava. É... e aí durante a pandemia, também no começo da pandemia, começou a brotar, porque brota nessa época né, maio-junho, começou a brotar. E muitas das pessoas que tavam aqui começaram a querer provar: “não, porque vamo provar porque ele é alucinógeno mas se você prepara de tal jeito, meu, cé tem uma experiência parecida com Ayahuasca e aí não sei que, não sei que...” Falei “bom, primeiro que aqui a ideia não é consumir Ayahuasca”... Assim, a proposta é tão clara que se você quer Cannabis, vai no lugar onde a pessoa tá fumando, se você quer Ayahuasca, vai no lugar onde eles dão o chá, aqui a proposta é outra! Aqui a proposta é essa vivência mais sóbria, é uma vivência... né, qual que é o medo, qual que é a dificuldade que a gente tem de se relacionar enquanto tá sóbrio? O mais sóbrio possível, vai, porque sei lá, não sei nem se a gente consegue criar um critério pra ser sóbrio, que que é realidade? Aí cê entra numa piração muito louca, vamo tentar seguir uma linha né. Seguindo essa linha aqui cê vai consumir café, cê vai consumir algum chá, cê vai consumir açúcar? Que vão te tirar dessa linha um pouquinho, tudo bem, vamo colocar uma margem ali. Agora, Ayahuasca, Cannabis, cê vai muito longe, aí rolou um baita debate assim: “vamo, não vamo?” E a origem disso foi “não, porque se o sítio tá brotando esse cogumelo, pode ser um sinal de que é pra gente provar”... Falei assim “curioso, eu passei dez vezes na frente desse cogumelo, achei lindo, tirei foto e não me veio um nada de vontade de querer tirar ele da terra, desidratar por três semanas, tomar um chá dele pra ver se eu tenho uma experiência alucinógena”...

(Risos)

Então a gente entra nessas discussões assim. Sempre foi muito saudável, muito respeitoso, a gente dificilmente teve um... era mais desgaste mesmo, acabou tendo desgaste na relação de toda vez se aprofundar muito em alguns temas assim, isso acontece muito em comunidade. Pequenas coisas do dia-a-dia: quantos pedaços de torta vai ter pra cada um, sabe? Quantas vezes eu vou poder repetir o prato? Quem que lava a louça? Cê tem esse nível de aprofundamento da relação que é... a gente chegou a uma conclusão que é uma mistura de casamento com empresa.

(Risos)

(Risos) Então você tem no mesmo lugar você tem o casamento e a empresa, então é complexo.

Tá, só... ele terminou de converter nossa gravação de antes e tá me perguntando onde colocar, deixa só eu guardar aqui porque senão depois eu não...

E assim, eu teria dias de história pra te contar e situações...

Bom, se vocês retornarem com o voluntariado, eu tenho muita vontade de ir!

Assim que a gente reabrir eu te aviso com certeza, vai ser um prazer!

E... e sobre o voluntariado assim, quando vocês tinham, ele era digamos aberto ou ele tinha um foco? Ahn digo em áreas assim, sabe?

É... a nossa intenção sempre foi ter projetos específicos né, então o voluntário se inscrever - inclusive na Worldpackers a gente tem uma parceria que agora tá em stand by né, mas a nossa parceria com a Worldpackers sempre foi muito legal e foi muito natural assim, a gente abriu e eu abri 4 ou 5 perfis de vagas pra voluntário, uma pra bioconstrução, uma pra horta, uma pra educação, e tudo mais, mas... Eu acho que o voluntariado é muito mágico né e o que acontece da energia do lugar quando ela se envolve com a energia das pessoas é algo natural, então teve uma ou duas pessoas que se frustraram um pouco porque tavam esperando vir, fazer bioconstrução, e nãñã, e no momento que elas vieram a gente tava mais focado na horta e isso acontece. Mas a minha... assim, como eu vislumbro a Vila das Borboletas é, sempre foi, a gente ter vários projetos, cada projetos ter pelo menos dois guardiões e cada guardião ter pelo menos dois projetos. E aí quando o voluntário, a voluntária chegam, eles vão ter uma experiência focada naquilo que eles querem e ao mesmo tempo vai ter a convivência no dia né, então você vai ter, vai acabar naturalmente tendo as suas experiências. É... mas boa parte acho que do voluntariado que a gente vivenciou assim, principalmente até a pandemia, foi muito orgânico, então... Eu sempre, quando eu tava viajando, fazendo voluntariado também, eu tinha uma mescla assim, tinha lugares que eu queria “nossa, eu quero ir lá, e aprender bioconstrução e é isso que eu quero fazer”. Às vezes deu certo, às vezes... fui jogado pra outro caminho e... a maioria das vezes em que isso aconteceu organicamente foi uma experiência que eu não trocava por nada assim, então foi isso, tem um pouco dos dois. A gente já teve o formato... iniciou, a gente iniciou já teve o voluntariado sem cobrar absolutamente nada, apesar de eu não ter dinheiro nenhum pra bancar. Eu costumo dizer que eu não sei como que os dois primeiros anos aconteceram assim porque realmente não sei, não sei, eu não sei como é que eu não tenho dívida assim... tem um empréstimo de

um amigo que eu preciso acertar, que ele investiu no projeto aqui, como parceiro mesmo, mas fora isso não sei como é que a gente não se endividou, mas... justamente chegou um ponto em que não dava mais pra gente bancar tudo né. É... e eu não fazia conta de nada, não tinha uma planilha, não tinha nada. Beleza, na época também, comparado com os custos das coisas agora, tava um pouquinho menos pior né. E aí quando começou a pandemia, que a gente tava em 15 pessoas - assim, uns três meses antes, uns quatro meses antes, a gente começou a propor a contribuição voluntária então a gente tinha uma caixinha, a pessoa colocava lá o quanto ela pudesse. Teve semanas em que pô, legal, bancou a comida da galera, beleza, teve semanas que a gente teve que compor e tal. Quando começou de fato a pandemia que eu pela primeira vez fiz uma conta assim de quanto custava uma pessoa aqui todo dia, comendo, usando chuveiro, usando wi-fi, sabe, ferramenta que quebra, uma série de coisas, quando eu olhei eu falei "gente, eu não sei como a gente pagou as contas até hoje". Tipo, na época, assim, falando de dois anos atrás, antes de pandemia, antes de governo e etc., etc., custava R\$300,00 por pessoa assim, o básico, o básico. Faz isso vezes 15 né, eu não sei daonde tá saindo isso, mas tá dando certo. Mas chegou um ponto que não dava mais, e aí a gente falou "olha, a partir de agora a gente precisa estabelecer esses R\$300,00 como um mínimo e aí dividindo isso por dia dava R\$10,00 por dia" tipo não é um absurdo, entendeu? Você viver num lugar desse, comendo abundantemente né, a gente sempre investiu muito na nossa alimentação: cereais, orgânico, nãñã, é...com internet, com sabe, ferramenta, com tudo, R\$300,00 não existe isso. Então a gente começou a propor isso como um valor mínimo de contribuição voluntária, daí tipo contribuição para o voluntariado. Começou a funcionar, começou a funcionar legal e óbvio que a gente manteve a intenção de digamos de voluntariado social né, de vaga social, porque a gente não... o voluntário, o voluntariado é algo sem... que não pode ser cobrado né, o que tá sendo cobrado né na proposta dessa troca é a estrutura para acontecer o voluntariado né. A pessoa não tá pagando pra ser voluntária, ela tá pagando pra comer, pra beber, pra dormir e etc. Isso foi difícil pra eu aceitar também, era muito difícil assim. Tanto que eu quando voluntário, eu buscava lugares que fossem, que eu não tivesse que pagar nada e aí hoje eu entendo que não é tão simples assim. É possível, né é possível a gente oferecer uma experiência que a pessoa não pague nada até porque a contribuição que existe pro voluntário né, ela tem picos, tem gente que pô, literalmente põe a mão na massa e, sabe, cê não pagaria a diária daquela pessoa nunca de tanto que ela entrega. Fora a convivência em si, fora a experiência linda que é, falando de trabalho mesmo, de botar a mão na massa, cê pode falar "não, o voluntariado é 4 horas por dia só, o resto cê pode"... meu, a pessoa tá 10 horas com a gente trabalhando lá e fazendo acontecer... teve gente que era mais "ah tá beleza", então um vai compensando o outro, sabe? E essas pessoas que entregavam menos, pensando em botar a mão na massa, não deixaram de ser pessoas maravilhosas de estarem aqui, uma coisa não tem nada a ver com a outra, então a gente... o nosso voluntariado nunca foi pensando que as pessoas vão botar mão na massa, nosso voluntariado sempre foi pensando na experiência, na convivência, na troca, isso manteve a chama do lugar aceso, muito mais do que se a gente construiu aquilo, se a gente plantou aquilo. Uma vez a gente tava, quando começou a pandemia, cê me fala o horário aí que cê tem, tá? Porque...

Não, tô tranquila, o tempo é teu... (risos)

A gente tava cultivando orgânico pra bancar o projeto, óbvio, nunca entrou um centavo de nada, nunca sobrou um centavo pra entrar no meu bolso se fosse o caso. Isso porque teve uma pessoa que passou por aqui muito racional assim, muito organizada e ela me ajudou a fazer assim essas primeiras planilhas. Depois que a gente pôs todos os custos e tal, ela colocou assim “e o seu retorno de investimento?”, falei “que retorno de investimento?”, ela falou “não foi você que comprou o sítio?”, “foi”, “não é você que tá pondo dinheiro do seu bolso aqui?”, “é”, “e assim, quando é que vai voltar esse dinheiro pro seu bolso? tipo, não é investimento pra ganhar dinheiro, só pra ter o que você colocou aqui”, falei “não quero isso, nunca pensei nisso”, “mas cê tem que ter, meu, cê sabe, pode dedicar sua vida inteira pro projeto, mas cê tem sua vida, e se quiser viajar, e se quiser ter filho, e se você quiser comprar qualquer coisa assim ou se tiver algum problema de saúde, cê tem o seu dinheiro, o seu dinheiro não é o dinheiro da Vila”, então várias fichas foram caindo “cara...”, enfim. E aí a gente “tá, então vamo cultivar orgânico, vamo todo mundo botar energia, eu ponho a grana e vamo nessa” que aí foi quando esse meu amigo entrou na parada também. Beleza, só que ninguém aqui era agricultor, um ou outro tinha uma experiência a mais, tinha uma energia a mais, então assim... a gente tinha 50 canteiros de abobrinha e a gente testou tudo que era tipo de formato: todo mundo lidando no mesmo canteiro por dia, pra poder deixar o canteiro limpo, cada um sendo responsável por x número de canteiro, depois foi por hora, não então cada um dedica 12 horas por semana no canteiro e a gente via “ah canteiro daquele lá tá largado, canteiro daquele lá, meu, olha aquilo, sensacional”. E aí observando isso né no dia-a-dia, teve um dos integrantes aqui, ele chegou pra mim falou “Vi, não tá rolando, cara, como é que a gente faz pra galera produzir né mais e tal?” porque a gente precisava, não era questão de né de produzir pra ganhar e tal - não, era pra gente pagar as contas. Aí eu olhei pra ele e falei assim “é difícil de assumir isso mas se você acha que a gente tá aqui pra cultivar canteiro de abobrinha e ganhar dinheiro com isso, então provavelmente que a mensagem disso aqui ainda não entrou aí; o que a gente tá aprendendo aqui é responsabilidade, é espírito coletivo, é desenvolvimento das próprias individualidades, é... cada um aqui tá tendo um contato diferente com a terra, olha praquela lá” e aí a gente olhava e ela tava assim oh cuidando da planta, conversando com ela e sabe e a unha cheia de terra e ela fazendo devagarzinho, “olha o processo que ela tá passando”, aí o outro tava louco na enxada assim oh tátátá “olha aquilo”... Então cê começa a perceber porque que a gente tá fazendo tudo isso: não era pra vender abobrinha, vender abobrinha é uma consequência e é difícil assumir isso porque a gente precisa gerar renda, a gente precisa mas é outra parada, é outra coisa que acontece aqui...

Perfeito. E dessas tuas viagens... tá, na verdade essa pergunta é meio fora do planejado, mas é só porque eu fiquei muito curiosa mesmo. Todas essas comunidades que tu conheceu e dos voluntariados que fez assim, tu ficou em contato com essas comunidades, tipo elas são comunidades amigas da Vila das Borboletas ou tu visitou e digamos elas sabem que hoje tu criou a tua própria, como é que é assim teu contato?

Poucas, poucas, é... até pela questão da distância né, eu passei foram... foi 1 ano e 7 meses no total, eu falo 2 pra arredondar porque enfim, mas eu fiquei 5 meses no Brasil, pelo sul do Brasil e aí sim tem mais gente com quem eu mantenho algum contato inclusive né o Thiago veio. Mas a distância realmente dificulta, tanto que eu vá pra esses projetos novamente quanto pra essas pessoas virem pra cá né. Mas em

Curitiba sim, em Blumenau, em Florianópolis... no começo né, assim que eu comprei aqui e comecei também né e acabei mantendo contato e compartilhando com alguns desses projetos, então não sei se você já ouviu falar do Volkmann, do arroz biodinâmico que tem em Sentinela do Sul, aí no Rio Grande do Sul?

Não me é estranho...

É arroz biodinâmico Volkmann. É... mantive contato com eles também, e alguns projetos de fora. Essa escola de Córdoba também conversamos algumas vezes. Tem um projeto que foi muito inspirador e fez muita diferença pra mim no Peru, com que eu troquei algumas mensagens também há algum tempo, mas realmente o tempo e também a distância dificultaram. E um projeto do Chile que foi muito marcante pra mim, a ponto de essa amiga que eu falei que fuma, ela veio de lá, a gente se conheceu lá e aí a gente, sei lá, se conheceu em 2017? E aí no meio de 2019, é que ela veio pro Brasil e falou “oh queria passar aí pra ver como é que tá”, falei “venha né” e aí quando ela chegou, na primeira semana ela falou assim “eu quero ficar, e eu quero fazer horta biodinâmica” e a partir daí ela virou a guardiã da horta até o meio de 2020 assim, então... mas logo ela volta.

Ficou bastante tempo então...

Ela tá morando aqui em Piedade. Ela, tem o... (risos) falei, tem muita história... tem um casal, tipo casal, que veio pelo Worldpackers. A menina me procurou e ela mandou uma mensagem linda, um baita texto assim e falou, contando que ela está, tava grávida de 6 meses e que ela e o companheiro dela estavam procurando um lugar pro filho deles nascer e tudo mais. E a ideia era eles virem pra cá, ficarem até perto do parto e irem pra Minas num outro projeto que tinha uma doula e tal tal tal... Eles ficaram aqui por um mês, eu acho, foram e seguiram o caminho deles e não deu certo lá. E aí, eu falei pra ela, falei assim “olha” – na primeira vez que a gente conversou – eu falei assim “esse bebê vai nascer aqui, eu tenho certeza absoluta, cê pode falar qualquer coisa que vai acontecer em qualquer outro lugar, mas ele vai nascer aqui”. E aí não deu oura, eles voltaram pra cá, a gente arrumou uma doula aqui de Sorocaba... (corte) ia nascer... tá me ouvindo?

Sim, deu uma travadinha, mas voltou.

E aí tava previsto pro bebê nascer no meio de janeiro de 2020. E aí chegou no dia 30 de dezembro, eles chega... eles tavam vindo pra cá, e aí no caminho ela começou a ter contração e aí ela chegou aqui e foi direto pra barraca. A gente - eles tinham uma piscininha inflável já - a gente desceu com fogão, com gás, com mangueira, com balde e foi enchendo a piscina com a água quente ali do fogão. E o bebê nasceu nos braços dele dentro da piscininha. E aí hoje esse casal com esse bebê (que agora tá com 2 anos e meio já) e a minha amiga da Argentina (ela é argentina mas a gente se conheceu no Chile), alugaram uma casa juntos aqui, em Piedade mesmo. Então a gente continua assim se vendo toda semana e tal, só ainda não encaixamos o formato de continuarmos juntos porque aqui não tem nenhuma estrutura pronta pra isso ainda né.

Entendi. E é a tua ideia assim ter tipo mais moradia ou vocês morarem e o resto do pessoal vem e vai, ou seria tipo ah, eles também se quisessem construir aí também, por exemplo?

Então, isso que é complexo. A minha intenção é que sim, gostaria que mais gente morasse aqui e tivesse suas próprias casas, mas pra isso acontecer é um processo bem profundo, muito mais do que eu imaginava. É... essas 3 pessoas, por exemplo, a gente sabe que daria certo, de alguma forma daria certo. A gente acho que se conheceu, porque aí eles viveram aqui durante mais de um ano assim e a gente viveu mais de um ano num certo perrengue assim, numa estrutura muito básica, sabe, passando muito frio, é pô lidando com dinheiro, lidando com comida, lidando com a convivência diária e a gente fez funcionar. Então a gente espera né, imagina que tendo um pouquinho mais de estrutura inclusive funcione mais ainda né, funcione melhor. Mas pra organizar “ah eu posso construir?”, “ah mas você que vai pagar pela construção? essa casa é sua ou é do sítio né, ou é do projeto? vai tá no estatuto isso? se você for embora, essa casa fica pro sítio? eu tenho que, o projeto tem que te pagar alguma coisa?”. Eu ainda sendo o proprietário do sítio, essa relação fica ainda mais complexa né porque supostamente tudo que acontece aqui é meu, mas ao mesmo tempo se quiserem me processar porque estiveram trabalhando aqui e não receberam ou sabe. Durante o processo do voluntariado eu realmente joguei pro universo assim, eu falei “oh se alguém um dia me processar e falar que tava trabalhando”, eu só vou poder falar “olha, ninguém te obrigou, aliás, você veio como voluntário, a proposta daqui, a porteira tava sempre aberta, a gente sempre esteve aberto a conversar, se alguma coisa te incomodou e você não trouxe pra gente, não posso fazer nada”, então... mas o risco maior ainda é meu...

Sim

Porque você tem uma série de lugares onde isso acontece, a exploração e tudo mais, e tem também muita gente infelizmente que ou tem uma certa malícia né e acaba se aproveitando de alguma situação ou distorce a história e é difícil de reverter porque daí a pessoa coloca aquilo na cabeça dela e cê fala “meu Deus do céu, cara, passaram 150 pessoas aqui e cê vai dizer que explorei 150 pessoas?! Tipo, desculpa se eu errei, se eu falei errado, se eu pedi pra você fazer uma coisa sabe que cê não tava a fim de fazer mas pô, falasse pra gente ou no pior dos cenários, tipo pega tuas coisas e segue teu caminho na paz assim. Meu, a gente vai tá aqui de braços abertos pra trocar ideia cê fazer o que for”, mas é complexo né. E aí você envolver propriedade, envolver dinheiro, envolver construção, realmente cê precisa ter uma relação de muito mais tempo com a pessoa e uma... e acordos muito claros assim, por isso que eu falei... nossa, me dá só um segundinho.

Tranquilo.

Desculpe, apareceu um inseto ali, e eu precisei entender...

Tranquilo.

É... é isso.

E pra finalizar né, que já vai terminar o tempo de novo, não vou fazer tu voltar de novo (risos) ahm se alguma dessas comunidades que tu ainda tem contato ou ficou com amizades, tu indica alguém pra participar assim ou pelo questionário ou pela entrevista da pesquisa, se alguém tu tem assim de indicações?

Sim. Além de comunidades e projetos, podem ser pessoas que tão envolvidas com educação?

Sim, uhum.

Tá, então tem. Tenho projetos e pessoas que eu posso te passar pelo Whatsapp.

Perfeito. Então, agradecer mais uma vez pela disposição de tanto responder o questionário, agora a entrevista. Tá sendo bem difícil assim conseguir gente pra colaborar com a pesquisa porque a ideia inicial obviamente né - só que eu comecei em 2020 isso aqui - era visitar as comunidades e daí ver os processos né, participar deles, mas a pandemia fez com que toda pesquisa tivesse que ser adaptada pro virtual então tamo fazendo o que dá pra fazer que é isso aqui né, fazendo... mas como também demorou pro Comitê de Ética aprovar e tal, porque tem que considerar também que quando eu tô pesquisando as comunidades, não tô estudando só tipo, não é uma escola, por exemplo, eu tô estudando o modo de vida de uma pessoa, aquilo ali é a casa dela né, então não tô... então uma coisa, tem que ser bem assim delicada, tem que pensar bem. Então agradeço muito porque realmente é bem difícil conseguir gente disposta e vocês participaram pelas duas vias e ainda me responderam muita coisa tipo incrível o que vocês tão fazendo e é das comunidades que me responderam digamos mais recente. E vocês terem 4 anos sendo que 2 foram de pandemia e terem, digamos, resistido, porque que tempos complicados pra comunidades em geral e que dirá com a pandemia. Então... gratidão! (risos) e vamo manter contato, e se voltar o voluntariado ano que vem, já vou ter terminado esse projeto, mas eu quero inclusive me inspirar e ver se eu faço tipo tu assim de ir viajando e visitando as comunidades, principalmente as participantes da pesquisa...

Muito massa, vai ser borboleta por um tempo ainda (risos)

Tomara!

Legal, legal. Eu que agradeço pela oportunidade mais uma vez e aí eu te passo o contato das pessoas lá pelo Whatsapp.

Perfeito. Muito, muito obrigada!

Eu que agradeço, boa noite aí!

Boa noite, tchau, tchau!

Tchau, tchau.

APÊNDICE G – Transcrição da Entrevista com Ecovila da Lagoa

Então, queria perguntar assim um pouquinho do histórico da Ecovila da Lagoa né e dessa conexão com educação?

É, na verdade assim, como tinha te falado eu sou formado em Educação Física, mas eu não trabalhei na área né, eu nunca trabalhei na área, eu sempre fui empresário e trabalhava em outros ramos. Mas e aí eu comecei a estudar um pouco sobre Permacultura e aí eu comecei a ver outras possibilidades, sabe. E eu tinha, já tinha uma terra, eu tinha essa terra que é da ecovila, era uma propriedade que tava lá. E aí em 2008 eu passei por um daqueles processos que a gente vê o que a gente tá fazendo não faz mais sentido né, eu trabalhar com extração e não tava fazendo mais sentido né. Eu gostava de fazer as coisas certas, e é tudo mais difícil e aí tava sempre pensando em mudar de rumo. E eu tinha acabado de fazer esse curso de Permacultura, fiz três cursos: permacultura, design e consultoria que é PDC, fiz ecovilas e fiz bioconstruindo, foram três cursos. E aí eu vi que existia um mundo nisso né e comecei a pesquisar sobre ecovilas também. E aí eu tava num período bem difícil da vida e falei “ah então quero conhecer as principais ecovilas da Europa”. Eu tinha condição na época e aí eu fiz uma viagem pra Europa, pesquisei algumas ecovilas e fui andando e conhecendo e querendo entender o que era isso, como era essa forma de viver. E aí eu fui em Portugal, fui na Dinamarca, fui na Alemanha, fui na Itália, fui na Suíça, e onde eu ia procurava comunidades sustentáveis e passava de alguma vivência pra aprender um pouco né. E aí quando eu voltei eu fiquei encantando eu falei “nossa, esse conceito é muito massa”. E aí comecei a trabalhar no conceito da ecovila, um design com permacultura né que a gente foi até finalista de 2 prêmios de arquitetura, de economia criativa né. A gente propõe um modelo que chama “Modelo de Ocupação Habitacional Sustentável” porque eu quis tirar esse nome de ecovila um pouco porque eu acho que o conceito de ecovilas no Brasil não se represente com o conceito de ecovilas fora do Brasil né. E aí quando eu percebi esse... essa diferença a gente começou a caminhar, começar falar com o conceito, com uma nova forma de conceito. E aí foi que surgiu né que é o MOHS que é o Modelo de Ocupação Habitacional Sustentável, e aí dentro dele que é o sistema de um design de uma terra que nessa terra tem vários núcleos de produção dentro desse elemento e um dos núcleos de produção é educação. Então nesse a gente focou em dois modelos: é hotelaria que é uma forma da gente mostrar a bioconstrução, a permacultura, as hortas em mandalas, uma forma da gente mostrar pras pessoas né que é... como é que elas vivenciando, então a hotelaria faz isso, sem a gente precisar de tá é, tipo, querendo é (como é que se diz?) (?) eu só quero proporcionar pra eles verem pelos olhos deles né, a gente não quer converter ninguém né, é um outro modelo. E aí a educação vem na necessidade da gente querer focar nas crianças porque a gente percebe que o padrão de comportamento dos adultos a partir de 25-26 anos é muito difícil de tentar mudar o comportamento né. E a sustentabilidade na verdade ela é comportamental, ela não é material né, não é porque você tem uma casa de adobe que você vive sustentável, uma coisa é aquela casa de adobe e outra coisa é você viver naquela casa de adobe de forma sustentável. Então esse MOHS ele é bom porque com ele a gente consegue reproduzir isso tipo em qualquer lugar, num bairro, numa cidade, sabe? Eu falei na sua pesquisa e falei “nossa, quantas oportunidades que a gente tem de mudar de alguma forma o design de algum lugar e colocar uma educação mais chamativa, mais né... mais chamativa”. Aí foi quando eu comecei a

estudar permacultura e comecei a estudar sobre Rudolf Steiner, sobre a educação Waldorf. E aí eu tenho um filho de 13 anos e uma filha de 3 anos né. E aí a gente tem um site que chama “De pai pra filho” que é um site de homeschooling, algumas coisas que a gente faz no dia-a-dia que eu coloco e faço uma análise “oh isso daqui tá desenvolvendo isso, homeschooling pra determinada idade, pra essa idade, pra aquela idade” e... e aí é isso. A gente começou fazendo isso né, e aí a gente pensando, a gente na permacultura fala que a mudança tem que começar a gente olhando pros nos nossos pés, da ponta dos nosso pés e abrir o horizonte né. Então de onde a gente vinha aonde a gente vai. E aí a gente foi ter uma escola lá perto da ecovila, que ela fica uns 2 km, uma escola pública que antes tinha uma senhora, um história bem interessante, que ela era uma educadora, ela tinha uma fazenda e ela fez a escola, a Dona Vitória, ela até faleceu uns anos atrás, quantos anos que ela tinha... Acho que ela tinha quase 90 anos... E aí ela fez essa escola e ela doou pros pais essa escola, então assim ela era guardiã da escola, e daí tinha essa escola. E eu fui lá e falei “olha, quero ensinar permacultura pras crianças”, foi a primeira etapa que a gente tentou introduzir isso. E a outra coisa que eu tinha comigo depois que eu fui pra Europa era de tentar democratizar esse conhecimento sustentável que é muito caro, sabe? Curso de permacultura ele é muito caro, o curso de bioconstrução é muito caro. E eu achava que as pessoas que não têm condições poderiam pelo menos vivenciar um pouco disso e aí essa é tipo uma missão que a gente tinha né. E aí a gente foi nessa escola lá, tivemos as dificuldades que eram dificuldade estrutural muita, a religião tá muita gente né, na educação, no ensino público, em determinados lugares. E quando você vem com outras formas de educar que a gente fala da liberdade da criança, que a gente aprende junto né, a ideia da escola Waldorf é (não sei se você já estudou?) é que a criança, ela fica, ela começa um ano com uma professora e ela fica até o sétimo ano com a mesma professora, a professora acompanha o processo dele em todas, aí acabou, a professora pega uma outra turma e depois segue... Então quando você começa a colocar esses conceitos numa estrutura ainda que não vê o resultado, é... foi muito difícil. Aí eu deixei, como não tive muita abertura escola, eu deixei quieto nessa escola. Aí depois eu fui convidado pra dar umas palestras em outras escolas, então de vez em quando eu sou convidado e falo nas escolas. E aí por fim, é algo que eu tava querendo fazer muito que era um evento lá na ecovila, acho que até te mandei o link que chama “Ecovila Experience Day”: a gente passa 4 dia dentro da ecovila imerso vivenciando como é o dia-a-dia de uma ecovila, como é que é a roda de manhã, como é que é o café da manhã, como é que é o almoço. A gente fez uma experiência e botamos comida vegetariana pra criança da periferia de Brasília, assim oh um universo que é muito diferente pra elas que no começo é até desafiador, chegou a ser até tenso num momento, mas aí no final foi um negócio muito transformador, ver que dá pra educar de outra forma né, educar de uma forma multidisciplinar também, sabe? E aí, aí é isso, então assim a gente trabalha (...?) nós conseguimos patrocínio pra fazer dois eventos desse e a minha ideia é a gente ter agora, eu tô querendo fazer isso com as escolas particulares, pra gente começar a ter renda, recurso pra gente conseguir né reproduzir isso né. Então a gente vai querer vender nas escolas particulares também, esse tipo de educação.

E começa tudo com essa mais perto da comunidade que vocês foram, e daí começam a ser convidados na região pra...

É isso. Assim, só pra você ter uma ideia, um dos nossos objetivos do nosso modelo que a gente propõe é: promover um desenvolvimento regional descentralizado, então

o desenvolvimento ele tem que ser regional e ele tem que ser descentralizado. A galera do ministério de Brasília eles não sabem o que tá acontecendo... cê tá falando de onde?

Eu tô falando do interior do Rio Grande do Sul.

Então, eles não tem a mínima noção do que é o interior do Rio Grande do Sul, eles não sabem o que que é culturalmente, eles não sabem o que que é, eles não sabem o que que tá rolando. Então eles não tem... o que eles têm que criar um mecanismo que dê uma autonomia que cumpra alguns pré-requisitos básicos pra educação, que tenha... Então, a gente, é isso, então um objetivo nosso é: promover o desenvolvimento regional descentralizado utilizando a permacultura como design, design tanto do pensamento como do modelo, usando bioconstrução nas obras, com produção biodinâmica e orgânica pra produção de comida, produzindo mais cultura, educação, minimizando as dependências do estado, então é um negócio bem... porque a gente parte do princípio que o estado ele não, não é eficaz, ele não é eficiente, então a gente tá fazendo a nossa parte. Então a gente quer criar esses sistemas que a gente não dependa tanto do estado né. Apesar do que se ele começar a dar apoio vai ser bom porque o estado pode reproduzir isso numa esfera pública né. Não sei nem se eu tô mudando de assunto mas...

Não, não, na real tá tudo conectado né. E como é que funciona essa questão de vocês conseguirem financiamento né? Que é uma dificuldade muitas vezes das comunidades pra receber ou pra ter contato com uma escola pública, é financiamento né. É coisa da região, do município, como é que vocês fazem? Ou vocês que correm atrás, fazem com colégio particular e dá pra pública, digamos?

É, na verdade, existe na verdade existe vários projetos que você tem que se inscrever, participar, escrever... Eu confesso que no meu dia-a-dia, na minha dinâmica eu não tenho energia pra focar nisso. A gente precisa de uma pessoa que foque nisso, meu interesse... a gente tá num interesse agora que é muito importante. A gente... começou em 2014 quando ganhou pela primeira vez foi finalista do prêmio que a gente começou aprofundar, a sistematizar esse modelo e agora a gente chegou no final, a gente conseguiu transformar isso em imagem 3D, a gente conseguiu... a gente tá fazendo um processo muito grande. Agora a gente vai começar a captar recurso pra fazer o projeto como um todo e a educação tá dentro dele como um todo né mas a gente não tem ainda isso. Então ou é a gente doando conhecimento que a gente faz muito às vezes ou desse jeito, uma forma que eles contrataram a gente. Contratou, essa empresa contratou pra fazer uma roda pra passar na secretaria de educação de todos os municípios e a gente fez isso, a gente passou, a gente teve contato. Então assim, quando tem esse movimento que a gente consegue (?) a gente faz esse movimento. Agora quando não tem, é isso. A gente agora tá focando na captação de recurso pra gente fazer o projeto como um todo e aí começar a colocar esse, arrumar uma pessoa pra... isso é um processo, a gente fala que cada núcleo de produção, ele tem que ter uma pessoa responsável, um gestor responsável, e tem que ter uma estratégia diferente, tem que ter um recurso diferente, então tem... é isso, a gente tá nessa fase ainda de nos estruturarmos pra gente tentar escala. E aí a gente pode dar escala numa velocidade muito maior dependendo do investimento né e a gente continua fazendo a nossa parte localmente aos poucos né.

E na comunidade assim? Já tá visitando as escolas de novo né, mas e receber gente depois ou durante a pandemia, quanto tempo ficou sem receber ninguém, como é que foi, já retornou ou vai retornar?

A gente é o seguinte: o nosso evento que a gente tinha tava no meio da pandemia. A gente tinha que fazer uma escolha: ou a gente fazia o evento porque era o recurso que tinha pra galera da periferia ou a gente não fazia. E aí a gente optou por fazer com os protocolos de segurança: distanciamento, de usar máscara, se alguém tiver com uma temperatura assim em torno de febre, a gente tirar ele e fazer um teste rápido. Com a galera ocorreu tudo massa, ocorreu tudo de boa, não teve ninguém, ninguém foi contaminado... E aí não teve mais porque a gente não colocou isso. Eu até recebi um orçamento de uma escola que a gente fez mas não deu andamento. Porque uma outra coisa que a gente direciona, faz um projeto, a gente coloca um preço, e às vezes o preço as pessoas acham que não é aquele preço o que a gente tá oferecendo, então é isso. A gente tá tentando fazer, desenvolver o macro, pra gente com o macro fazer o nosso micro, sem depender de ninguém. Mas a gente tá disposto a pessoas que possam contribuir né... é algo mais missionário mesmo, sabe? De conseguir fazer isso, a captação, e ganhar pra isso, pra fazer isso também, mas tem muito projeto, e o nosso conceito é muito bom, a gente consegue abranger várias coisas né.

Então né, dá pra ver que as maiores dificuldades geralmente no desenvolvimento desses processos são as econômicas né, é a questão de financiamentos. E quais são as maiores lições assim que tiraram ao longo do tempo desenvolvendo esses processos?

Bom, eu não acho que é só econômico, eu achava que era... achava que era, achava que era econômico. E aí é o seguinte: que quando você vai, você passa pra realidade, você começa a oferecer pras pessoas, e você tem que começar a ver como é a recepção dessa pessoa, entendeu? Porque muitas das vezes quando a coisa é de graça, a gente tem uma política pública que parece que a gente tá ganhando praquilo ali, pra fazer alguma coisa sabe. E eu não vi o interesse, de muito poucos, interesse de... entende? Isso é muito poucos né... que se aprofundaram, que passaram... na verdade um dos que passaram por processo de transformação profissional lá dentro, mas independente do conceito que a gente tava passando né. Eles passaram por a gente ter um ambiente - que a gente fala que é um ambiente 7 em 7 seguro, é um ambiente seguro pra que a educação possa vir né. Então a gente cria esse ambiente, as pessoas começam a ser elas, aí elas começam dar a transformar, e isso documentar num texto, fazer um vídeo, uma produtora. Então desse evento juntaram um grupo de pessoas que fez uma produtora que tão vivendo hoje de vídeo assim fazendo vídeo caseiro de um projeto social. Então assim, é isso: a gente quer criar esse ambiente pra que isso se fertilize e se floresça por ali né.

Uhum. E quais os planos hoje de aumentar essas atividades? E quais são os projetos futuros voltados à educação?

É isso, a gente quer ter primeiro a infraestrutura. Depois que tiver a estrutura, trazer as escolas, fazer as pessoas trazer. E a gente partir também da gente fazer nos lugares também, não ter a necessidade... E quem sabe alguma coisa digital né, tem

que (?) e conforme conforma tá, e começar a criar interações no digital tipo educação à distância pra gente depois passar prum processo de coletividade no local, que pode ser na ecovila um espaço preparado pra isso, sabe.

E mais pessoalmente assim, o que que tu aprendeu com essa experiência de ser fundador e morar numa ecovila e que que tu acha que as pessoas tem que saber ou aprender pra poder viver em comunidade sustentável?

Bom, falar o seguinte: não foi assim, não aconselho pra... (risos) não aconselho muito porque quando você quer mudar de paradigma, quando você quer quebrar paradigmas estruturais, e que esses paradigmas estruturais estão enraizados em todo lugar, inclusive na nossa família, é muito difícil. Porque eu vou te falar, já que você tocou nesse assunto, eu não tenho assim, é algo que eu gosto de falar, as pessoas às vezes não entendem, mas eu gosto de falar: que foi quando eu decidi fechar minha empresa e partir pra um novo futuro - isso com 31-32 anos eu acho, era novo ainda - partir pra um outro horizonte, isso tá ligado a dinheiro, tipo eu tinha uma empresa, o que tinha uma segurança financeira muito grande e a sua família ela participava daquilo ali, e ela acredita que aquilo ali tinha um valor. Quando você abre mão disso "oh tô abrindo mão disso" pra partir pra isso e elas não conseguem ver o valor que tem ali né, às vezes você... passei por períodos bem difíceis financeiramente mas eu tava fazendo o que eu tava querendo fazer. Então assim acho que foi um dos momentos que eu mais conseguir comer bem que eu tava plantando minha comida, fazendo... sendo responsável pela minha ação, sabe. Então minha família, ela me internou quatro vezes alegando várias coisas, que eu tava doido, entendeu?! Então, tiveram uma ação compulsória, querendo é... se referindo a coisas que não têm nexó né pra falar que eu tava errado. E aí foi um período difícil porque aí quando cê tem que tá muito certo do que você quer, cê tem que tá muito certo da sua (?), cê tem que tá muito certo que no próximo ciclo vai vim, que vai vim, que você vai ter, sabe? Que é só um período difícil e aí depois cê vai conseguir ver. Aí cê passa, eu passei, por um problema com a mãe do meu filho e também era isso, ela me conheceu numa outra realidade, eu tinha uma segurança financeira, uma outra realidade. Quando cê quer alguma coisa "ah mas ele mudou", então não consegue ver. E aí foi um período que cê teve que fazer os negócio. Aí começou a aparecer: começa a ser finalista de prêmio de arquitetura, quando começa uma reportagem aqui, outra reportagem ali, aí o (?) vem aqui, aí começa a sair. Aí cê começa a ver que as pessoas tá, aí começou mudar a linha de raciocínio e aí foi. Foi muito difícil, foi muito difícil. Se perguntar "faria de novo?" eu acho que faria mas se desse pra ser com um pouquinho menos de dor, ou se eu pudesse carregar esse conhecimento que eu trouxe até aqui, levar pra trás e fazer, eu acho que eu faria. Mas é difícil, é difícil, é algo mais missionário assim né não tem explicação. É você sentir, tipo igual educar, eu amo educar, eu amo dar aula pra criança, eu amo... meu filho que eu fiz a experiência, sempre falo que é a experiência psicomotora, psicossocial, tudo, de acordo com a educação homeschool, que tá muito em alta agora falando. Então assim, eu fiz isso com ele e hoje com 13 anos, eu tenho uma relação com ele que hoje a pessoa que ela mais confia no mundo sou eu. Então assim, tudo que eu passei por vários tempos me leva a isso, entendeu? Então as minhas ações levaram realmente onde eu quero tá hoje, o que eu pensava 10 anos atrás. Minha filha também, se perguntar quem é sua melhor amiga: você. Então assim, mesmo tendo ações diferentes com a mãe, com outra cultura né. E é isso, a gente tá tentando fazer a nossa parte e tentar mudando, tá mudando, mudando. Mas é difícil, não é fácil.

Uhum. E eu tava também vendo o site de vocês né. E porque que vocês se chamam “Ecovila da Lagoa – Campo de Pesquisa”? Eu fiquei bem curiosa com...

Aham. É por isso, porque o nosso modelo a gente tá estudando tudo ali, a gente... existe um design ali dentro, a pessoa chega de carro, ela vai até o hostel, existe um caminho que foi pensado pra isso, existe tudo que foi pensado. E aí a gente desenvolve essas tecnologias, a gente desenvolve projeto. Pra você construir, fazer uma máquina de adobe, fazer bioconstrução com a tecnologia adobe - o mais difícil que tem na tecnologia do adobe é você fazer o tijolo manualmente, porque ele é manual, cê faz ele manualmente. Depois que você faz esse tijolo manualmente, ele é muito difícil, cê tem terra, o carrinho de mão cheio de terra né pra fazer dois tijolos e meio só. Então assim, que ele é muito difícil. E aí eu comecei estudar onde tinha máquinas de adobe automatizada aí cheguei numa dos Estados Unidos, na região do Novo México que é uma região que tem muita construção de adobe porque é muito quente, nem ar condicionado funciona, só construção de adobe funciona. E aí a máquina era muito cara na época, era tipo U\$70.000,00 mais não sei quanto de imposto. E aí eu falei “cara (na época eu tinha um dinheiro pra investir) eu vou desenvolver uma máquina dessa”. Aí começamos a desenvolver essa máquina pra criar uma facilidade da gente produzir um modelo de bioconstrução como algo prático que pode praticar no mercado, sabe. Então a gente fez isso, então aí é isso. Aí tem a outra coisa é aquaponia, que é o sistema de aquaponia, que é um campo de pesquisa que a gente vai fazer e a gente vai analisar a produtividade, analisar os erros, ter uma evolução de metodologia. Então a gente cria metodologias, a gente cria vivências. E aí é uma hotelaria de experiência que a pessoa pode ir lá e vivenciar. Lá a gente tem duas formas de tratar a pessoa a dia: a primeira é a experiência ativa, que ela vai poder entrar e interferir com o sistema, ela vai poder interferir com as coisas. Por exemplo, ela vai separar o lixo dela na época em que ela vai tá hospedando, ela vai poder pegar aquele lixo, ela vai poder jogar na composteira, acompanhar o processo da composteira e ela vai lá pode influenciar: ela pode plantar alguma coisa na horta, ela pode ajudar a destilar um óleo essencial, ela tem esse tipo de experiência. E a experiência passiva, então a pessoa vai lá “eu quero hotelaria”, ela vai ser servida por uma hotelaria, então ela não tem essa ligação com a experiência, entendeu? Então assim, essa interação a gente... é isso, por isso que a gente chama Campo de Pesquisa porque a gente tá tudo ali é um estudo. A gente tá pra lançar e vai lançar agora um projeto de 3D, o projeto de execução de obras, o projeto com uma estrutura financeira tipo assim projetos do BNDES, tipo de grande escala, mas isso trazendo pruma realidade da Permacultura, sabe. Então a gente vai lançar isso, então é um negócio muito promissor, tem muita coisa massa que a gente tá querendo lançar e vai fazer. E a gente tá... é isso, querendo criar metodologias pra dá escala e isso numa forma open source, é uma outra coisa que a gente pensa, a gente quer produzir o conhecimento e liberar livre, ele é livre, a pessoa pode usar, desde que entenda e siga os protocolos né então, mas é isso. É algo meio missionário mesmo, é coisa de doido mesmo por isso que né (risos)

É, minha próxima pergunta ia ser justamente isso né: todo esse conhecimento que vocês tão desenvolvendo lá, como é que vocês né queriam difundir ele, compartilhar ele né? E como que é essa relação com a comunidade do entorno ou com outras comunidades assim, vocês tem tipo contato também - no fim fiz três perguntas em uma, mas se tu quiser, eu repito - também com outras

ecovilas, por exemplo, da rede assim, como é então a relação com o entorno e também com essas outras ecovilas ou por exemplo, essas que tu viajou, tu mantém algum contato?

Não, olha assim, no começo eu falei, me preocupei em mudar o humano pelo conceito, porque? No Brasil, existe dois tipos que eu consigo identificar de comunidades que se chama ecovilas e que elas tem no Brasil. Ou ela é de uma caráter religioso, falo muito (?) de pessoas que ela tem alguma coisa religiosa e elas escolhem viver juntas em um lugar e ter essa dinâmica mas com fundo religioso muito profundo, que interfere no comportamento das pessoas no dia-a-dia. Ou um outro tipo de pessoas que querem fugir do sistema, eles querem sair, eles querem ser auto-independentes, eles querem sair do sistema. Então essas duas vertentes elas nunca me chamaram muita atenção, a questão nem religiosa e nem querer fugir do outro. Eu acho que a gente tem uma visão diferente de entender uma ecovila como um modelo que possa ser um modelo de ocupação habitacional sustentável e poder reproduzir em todo lugar independente de crença, independente de (?), é uma metodologia, é um método, é coisa bem pragmática né. São metodologias que podem fazer isso. Então a gente, o que que a gente quer? A gente quer que... comunicar, criar redes de pessoas que não necessariamente tenha que ter nome de ecovila, sabe, porque é muito difícil essa palavra mas a gente quer criar mecanismo que a gente possa ter troca de conhecimento que a gente tá produzindo em comunidade (?). Lá a gente tem uma comunidade que se chama Pé na Terra, que é uma chácara de um amigo meu que anda de skate também, a gente tem (?) lá na ecovila. E a companheira dele, a Don, que é americana, foi a parteira da minha filha. E eles produzem agroflorestas e faz aquele CSA, que é um tipo de comida que cê paga uma mensalidade e cê tem uma entrega de comida por semana. E a Don agora tá trabalhando com mel, criando abelhas. Então a gente cria esse vínculo, essa troca de amizade, que se precisa de maquinário, trator, ele empresta, se ele vai fazer a casa dele, a gente ajuda. Então a gente vai começando a trocar nisso, mas ainda é muito orgânico, não tem isso como uma metodologia, sabe, não tem. As ecovilas que eu visitei também eu me distanciei. Uma que eu consegui ter alguma coisa foi Tamera, que eu acho um lugar... cê já ouviu falar de Tamera em Portugal?

Aham.

É um lugar assim... eu acho que todas as pessoas elas não poderiam morrer de antes ir em Tamera, tem que ir em Tamera, tem que conhecer Tamera. Mudou minha vida conhecer Tamera. Porque assim, são 200 pessoas que vivem no sul de Portugal, então é uma comunidade no sul de Portugal que foi uns alemães que saíram nos anos 70 em busca de terra pra fazer alguma coisa e acharam esse lugar, na época ele era devastado porque já tinha sido muito explorado, é uma terra, é lugar de solo infértil, tinha pouca água. Os alemães chegaram lá e começaram a fazer essa comunidade. É... aí eles começaram no início dos anos 70, foi... Hoje são um centro de pesquisa gigantesco, até onde existe uma universidade e 200 pessoas moram lá, sabe, então assim, foi muito bom...

Outra dimensão...

E aí foi outro erro, outro erro não, outras coisas que quando você vivencia uma experiência não tem como você explicar e quando cê volta, eu acho que essa é minha

insistência de querer botar esse negócio pra frente foi muito isso de eu vivenciar, eu vi alguma coisa que é possível, que é real, que acontece e que funciona. Então imaginei... no Brasil, que as condições climáticas são melhores, os solos são melhores, então vai ser fácil de reproduzir. E quando voltei, não foi fácil de reproduzir. E na época a gente tinha dinheiro e aí apareceu um monte de sócio querendo ajudar. Tudo pensando na quantidade de dinheiro, tinha muito dinheiro mas não tinha uma coisa que é muito importante pra criar comunidade sustentável: as pessoas elas têm que ter uma noção, uma consciência coletiva. O coletivo, ele é prioridade. O individual, ele é só uma parte do todo né. A gente tem que cuidar de si, mas o coletivo tem que ser mais forte. Ou seja, tipo assim, as regras sociais desse ambiente que a gente definiu juntos essas regras pra gente conviver nesse design de Permacultura né, foi combinado entre a gente, ele tem que ser cumprido, ele é prioridade, não (?) “ah mas eu tô depressivo e eu tenho direito”, “não, a regra é essa, você tá doente, tá precisando de ajuda, a comunidade vai te acolher como um todo, mas você precisa de respeitar as regras coletivas do macro né”, que hoje em dia não tão (...) hoje em dia, sei lá, vai ter um presidente desse que fala que, banaliza as parada tudo e é isso, e quer colocar um outro cara que também é tudo do mesmo lado, a gente sabe. Eu tô muito preocupado com o coletivo. A gente tá num momento muito delicado da nossa história pro coletivo, principalmente do brasileiro, e eu acho que a educação nas crianças, elas vivenciando novos lugares, por isso da necessidade de ter o lugar né, ela vivenciando alguns lugares, isso é fundamental.

E antes, quer dizer, no questionário tu respondeu que antes da pandemia recebia em média 60 visitantes por ano assim mais ou menos, certo? E agora assim pras experiências ativa e passiva né que tu comentou: quantos recebe e qual que é mais procurado na verdade?

Na verdade, ainda tá muito embrionário, ainda não foi lançado, a gente tá fazendo o site, tá fazendo nosso site, ainda não foi lançado, é... o que tá funcionando até hoje são pessoas que conhecem pelo AIRBNB ou são indicados por alguém ou vê algum vídeo (?) a gente explica, mas ainda não foi... A gente não fez uma campanha de marketing, a gente não fez, a gente precisa de arrumar algumas coisas que tem que arrumar lá pra receber melhor o pessoal então a gente tá em processo de fazer isso acontecer, então a gente não tem isso ainda.

É quando eu... tem uma parte, uma aba de educação no site né e daí tem uma parte de voluntariado daí eu cliquei e tá em construção né, daí até pensei em te perguntar pra saber mais sobre como vai funcionar né. A partir de quando vocês pensam?

O voluntariado a gente quer fazer o seguinte: voluntariado a gente quer é uma troca, as pessoas vão doar a mão-de-obra e a gente vai doar o conhecimento né, a gente vai trocar: te dou a mão-de-obra e te dou o conhecimento. Pra que isso seja, fique de uma forma clara porque eu trabalhei no IPEC que foi um dos maiores centros de permacultura aqui perto, fui presidente deles por 2 anos e aí a gente viu uma confusão: as pessoas chegavam voluntário lá achavam que a gente tem que custear ela ficar, alimentação, então não. A gente quer fazer um trabalho específico, por exemplo: eu quero rebocar minha casa, minha casa ela é uma pesquisa, ela tem 10 anos, 11 anos e eu nunca reboquei, eu quero rebocar ela e é um processo da bioconstrução que eu tenho que fazer. Então que que eu vou fazer? Vou falar “tal dia, tal dia eu vou rebocar

a casa” e a gente vai rebocar a casa e vai ter troca (?) a gente vai tá pronto. E aí a pessoa vai entender isso e ela vai custear o mínimo dela, o mínimo de hotelaria que é o custo que a gente tem pra lavar os lençóis, a roupa de cama, tudo as coisa, e a gente vai doar alguma alimentação pra ela fazer no momento que ela tiver livre porque são só 4 horas de trabalho no dia e o resto dos dias são livres. No espaço coletivo vai ser isso, então ela vai ter a experiência de participar desses processo e se (?) um outro processo livre. E aí vão ser esporádico, vamo fazer isso, ou vamo fazer uma horta em mandala aí faz horta em mandala, aí a gente abre inscrições. Eu tô voltando agora, a gente tem dois, a gente tem um edital que tem que mandar pra ver se consegue algum recurso pra fazer, a prioridade é isso, porque isso que a gente tá correndo pra tipo tá né a água tá quase afogando. Então a gente tá nesse processo, depois disso a gente vai sistematizar essas coisas né. Avaliar e tudo mais.

Perfeito. E tem mais alguma coisa assim que tu gostaria de comentar sobre Educação e Gestão Ambiental e...

Eu acho que é educação experiencial, a gente tem que partir pra algo experiencial. A gente não consegue atenção dos alunos que tem hoje, das crianças com a tecnologia que tem hoje se não for algo muito diferente né. Então acho que tem que ser experiencial... tem que ser experiencial e tem que ser diferente.

E te agradecer muito assim pela disponibilidade de participar da pesquisa tanto pelo questionário quando pela entrevista.

Obrigado, desculpa a demora porque a...

Capaz! Não, sem problemas. E...

Outra coisa, eu achei que tão legal esse vídeo, velho. Se você, se quiser disponibilizar ele pra mim eu posso botar no meu canal. Faz isso e coloca essa conversa pra gente... Acho que ficou bem legal. Se autorizar, tá tudo certo.

Então tá. Muito, muito, muito obrigada e assim que eu tiver mais... já tiver né as outras e for analisando os dados, tiver os resultados da pesquisa, eu entro em contato porque eu quero conversar com todas as comunidades que participaram né.

É outra coisa que eu quero, eu quero ver o resultado disso, eu quero ler a sua pesquisa toda pra entender, entendeu? Quem sabe a gente faz alguma coisa, a gente transforma isso e faz alguma coisa (risos)

Ah com certeza

Dá um estalo?

Muito obrigada!

De nada. Obrigada.

Até a próxima, e mantemos contato por e-mail, por whats, como preferir, tá bom?

Tá massa. Obrigado.

Tchau, tchau, boa noite.

Boa noite.

APÊNDICE H – Transcrição da Entrevista com Ecovila Vraja Dhama

Então vamos lá, vamos começar: então, eu queria te perguntar né se tu poder me contar um pouquinho do histórico da comunidade?

Certo. É, essa é uma comunidade Hare Krishna né, é uma comunidade de praticantes dessa tradição que é chamada Bhakti Yoga né, tem muitas linhas de yoga né, de postura, (?), meditação, respiração e tudo mais. Essa é uma das linhas de yoga que fala sobre a yoga da devoção né. Você fazer as atividades, tanto as diretamente relacionadas à sua relação com Deus como todas as atividades da sua vida nesse aspecto da devoção né. Você fazer conectadas com algo maior, digamos, resumindo bem resumidamente né. Então quando ela começou em 86, era uma fazenda mosteiro. Então uma ecovila que já tem assim mais de 3 décadas funcionando, mas ela tinha uma cara bem diferente de hoje. Ela sempre foi aberta ao público, mas era uma fazenda que moravam monges e monjas, inclusive eles já convidavam as pessoas pra participar assim dessa iniciativa assim mais rural e também da iniciativa, da proposta espiritual, digamos né, que a nossa comunidade tem. E aí tanto as comunidades urbanas quando as rurais, elas tem uma proposta que é chamada “vida simples, pensamento elevado”, esse era o lema assim, o slogan do nosso mestre né, referência. Então ele falava em “vida simples, pensamento elevado” como uma forma né da pessoa não desconsiderar a estrutura material e tudo que a gente precisa obviamente pra viver nesse mundo né, mas enxugar isso de alguma maneira pra que isso não tomasse o tempo, a energia, o dinheiro e tudo mais de outras coisas que são também importantes. Então ele falava sobre isso e assim nasceu essa ecovila né, com essa proposta.

E achei muito interessante né nas respostas do questionário de vocês né que tu cita outras comunidades irmãs vamos dizer assim né que também são Hare Krishna e que vocês têm como pilar essa prática espiritual como base pra consciência ambiental, então se pudesse falar um pouquinho mais sobre isso também.

É... a proposta é a gente, dessas outras ecovilas e dessas que são, digamos assim né, que são assim, essas outras ecovilas elas compõe, elas fazem parte dessa mesma instituição que é a Sociedade Internacional para consciência de Krishna, o nome da instituição. E é uma proposta de harmonia mesmo né, proposta de yoga e tudo mais. Então vai a pessoa entrar numa harmonia com ela mesmo né porque a gente é muito irônico querendo entrar em qualquer outra harmonia né com o mundo, com Deus, com outras pessoas né, se não tem com a gente. Então, sempre teve essa proposta. Até algumas pessoas falam “não é uma religião?”, eu falo “é, a gente aceitou o nome religião” porque muito tempo as pessoas falaram “ah é uma seita”, a gente “não, seita dá uma impressão de um grupo que quer se isolar, que quer ter uma vida à parte da sociedade” e não é exatamente a nossa ideia né então a gente aceitou o nome religião pra fugir do nome seita mas na verdade seria uma filosofia de vida, porque fala de outros aspectos da vida também que não são só diretamente assim né a vida espiritual como por exemplo a relação com os alimentos, com a alimentação né. Pra nossa tradição, o principal vai ser oferecer o alimento através de mantras mesmo quem não pode colher da sua horta, quem vai pegar no mercado, você de alguma maneira espiritualizar esse ato que é tão essencial pra manter a vida que é comer, que é se

alimentar, o que a gente faz, sei lá, pelo menos 2, 3 vezes ao dia assim digamos, então por isso que tem essa relação com alimento. Mas claro que aperfeiçoando essa relação com a alimentação aí a gente vai ver a importância de alimentos que geram menos violência, menos impacto negativo né no meio ambiente e aí a gente vai pra alimentação que é tá (corte) e ciclos também orgânica né. Esse seria uma das relações assim com a questão do meio ambiente, é o aspecto da alimentação.

Uh, perfeito. E no questionário também tu responde que mora na comunidade desde 2006, certo?

Isso.

E daí eu queria perguntar o que tu aprendeu com essa experiência de viver numa ecovila ou numa comunidade sustentável e o que que tu acha, bem pessoal assim, que uma pessoa deve que saber ou aprender pra poder viver em ecovila ou em comunidade sustentável?"

É... tem aspectos desde os mais pragmáticos assim práticos mesmos que é importante a pessoa ter em mente assim né de que é bom dela saber, digamos assim, e tem outros aspectos que são mais é... mais ideológicos, digamos assim. Um tem bastante a ver com o outro assim, de certa maneira eles tão vinculados porque isso é uma coisa que cê precisa muito assim. É você ter uma ideologia, não necessariamente uma ideologia assim um aspecto institucional ou uma coisa fechadinha numa caixinha, mas um aspecto assim missionário, uma vontade muito grande ou seja falar "isso faz parte da minha missão, do meu aprendizado aqui, é isso que eu quero, é essa maneira que eu enxergo de como viver no mundo", cê precisa ter assim uma determinação muito grande nesse sentido. E ao meu ver o que vai canalizar essa determinação é você ter algum amparo ali que te mostre né asso,, algum conforto que fala "não, esse esforço vale a pena por isso", porque são muitos esforços né, pra viver, em geral, em qualquer lugar, independente de como e onde, vai precisar né. Mas você morar geralmente numa ecovila tá em uma área mais rural né. Então, agora contando um caso bobo assim: então o carro quebrou lá, tinha que ir buscar, aí o reboque não passa, porque tem uma árvore no caminho, aí ele não vai atravessar, e também tem a estrada em si que tá com muita lama, muita poça de água, aí a prefeitura não arruma, aí a gente vai falar com a prefeitura aí eles falam que é porque a nossa comunidade é vizinha de uma APA, de uma área de proteção ambiental, então "ah, não pode arrumar desse jeito", "ah, tá bom, mas tem vários outros que pode melhorar o acesso" então tem esses detalhes do deslocamento. E esse parece ser um detalhe por um lado né, quando a gente pensa nesse primeiro aspecto que eu falei da ideologia tal, cê fala "ai, isso é um detalhe assim, basta..." - eu sou de São Paulo, eu moro aqui mas sou de São Paulo, e eu morava em Guarulhos e tinha que trabalhar na Praça da República que é meio centrão de São Paulo, então tinha que pegar ônibus, metrô, de pé, o custo também era alto, porque as passagens geralmente são um pouco incompatíveis com os salários e tal - então sempre tem um esforço do deslocamento numa cidade grande mas numa área rural isso acaba sendo um ponto muito importante porque muita gente se afasta por isso. E cê fala "ah caramba mas pra eu ir todo dia trabalhar", se você é um professor, aí você tem que trabalhar em outro lugar e aí nos traz pra um outro ponto, então cê fala "não, então não vamos trabalhar fora, vamos trabalhar dentro", aí pra trabalhar dentro você tem que trabalhar com agricultura, no nosso caso no turismo também porque a gente tem uma hospedaria,

um restaurante, uma lanchonete. Mas tem essa questão do deslocamento, porque aí as pessoas, se a gente trabalha lá, aí a gente vai atrair as pessoas pra lá, então também tem a questão do deslocamento. E se você quiser simplificar não é tanto a nossa proposta particular mas tem ocorrido assim: uma autossustentabilidade mais assim roots mesmo né assim viver com bem pouco e comer só o que ali você consegue plantar então aí vem a questão de cuidado com a terra. Uma coisa que eu reparei assim mesmo em diálogo com outras ecovilas é que muitas pessoas elas tão vindo do centro urbano pra área rural, elas tão fazendo essa volta, não são maioria mas as que eu vi, não sei se foi uma coincidência e não é tão maioria assim, mas a maioria que eu vi elas não nasceram numa área rural e tão ali desde sempre. Quem nasceu na área rural e aí eu falo pelos nossos vizinhos assim pelo entorno, eles ainda tão naquele movimento de que sucesso é eu fazer uma faculdade, é eu ir pra cidade, é eu conseguir algum emprego remunerado assim fixo, carteira assinada. Então ainda existe assim essa discrepância? Não, essa questão assim, esse empasse né de você ter pessoas que cresceram no meio rural então eles têm facilidade de plantar, eles conhecem clima, eles têm uma familiaridade ali, os pais plantam até hoje couve, isso e aquilo, e não sei que mais mais, então tem toda uma facilidade de estar ali naquele ambiente mas o sucesso ainda fica sendo assim almejado alguma coisa fora. E as pessoas que já se frustraram fora agora tão querendo fazer o movimento de voltar pruma área rural, só que aí elas vêm sem nenhuma experiência, porque a gente na escola não aprendeu a viver, a gente também aprendeu que o interessante era trabalhar em uma empresa, era você ter um pensamento mais... enfim, se diz que até outras áreas do cérebro a gente estimula dependendo do tipo de aprendizado né. Então você vem morar numa ecovila mas você se depara com um monte de urbanoide tentando entender como funciona a terra, o solo, o clima e a gente passa a se nisso um tempão né. E às vezes nesse tempo a pessoa se casa e tem filho, aí cê fala “ai, e a escola?” a escola é longe, aí quando o filho começa a estudar, aí a pessoa volta pra cidade, então... não sei se eu respondi de maneira objetiva sua pergunta, mas tentei dar um panorama assim do que a gente vai encontrar nesses desafios de estar numa ecovila...

Não, tá ótimo. Uma coisa puxa a outra né, essa pergunta na real ela vinha depois mas daí eu já puxei ela pra agora porque faz sentido perguntar depois do que tu tinha falado na primeira resposta, sabe?

Ah, então, tá ótimo.

Então, a gente vai... ela foi semiestruturada, é pra fluir assim mais tipo conversa. Mais pra aprofundar aqueles pontos do questionário: eu perguntei, eu tive respostas mas fica aquela coisa mais né sem detalhar, sem ter aquela, aquele sabe, sempre tem algo a mais que não tá lá sabe (corte) da conversa e não adianta. E já que eu não pude ir fazer essa experiência de conhecer as comunidades, tive que fazer assim né - até conheci antes mas não faz parte da pesquisa né o que eu fiz antes e quero ir depois também né - mas infelizmente nesse momento esse movimento foi impedido. E, então agora, a parte que... da educação na comunidade né, quais e como são os processos educativos que vocês têm?

É, a gente já teve, falando em educação, a gente já teve no passado escolinha mesmo pra educação infantil exatamente por esse ponto de que as pessoas quando elas...

assim, o público que ele resolve morar numa ecovila, não sei dentro da sua pesquisa se isso foi algo, assim, se foi um dos pontos né, a questão da faixa etária, mas geralmente são jovens que se atraem assim, têm algumas pessoas também com mais idade que já conseguiram se aposentar e aí contemplam essa possibilidade, fala assim “ah eu já aposentei, eu tenho já um salário mensal, não tô dependente assim de um trabalho pra ter alguma renda então posso ir”, também existe esse quadro, mas no geral são jovens que tão tentando uma maneira alternativa de vida, tão abertos a isso, mas depois de um tempo que se casam e têm filhos aí a educação infantil acaba sendo um ponto que às vezes faz a pessoa correr. Então nossa comunidade há uns anos atrás, um pouco mais, 25 anos atrás, tinha escola infantil, regulamentada no MEC, tudo direitinho também. E ela conseguia atender não só os membros da comunidade, que eram número maior nesse período, como também as crianças do entorno, então era uma coisa bem legal. Era (?) educativa que a gente tinha orgulho de falar que conquistou e tá tentando fazer de novo agora. Como agora é um número menor de pessoas que moram né, e aí nossa proposta seria atender o pessoal do entorno mesmo pra ter volume né, pra ter número de crianças suficiente que a gente consiga patrocínio, parceria, ou que uma ONG consiga algum tipo de edital pra facilitar alguma coisa assim né, até aumentar o número de pessoas, de crianças né, seria um ponto favorável. E a gente já tem o espaço ali onde seria uma futura escola, mas tá um projeto bem engatinhando ainda. É... o que acontece com relação mais à educação de adultos é bem da educação espiritual mesmo né, vinculado à prática espiritual. Então a gente tem parceria com instituto de Jaladuta que é um Instituto de Teologia Vaishnava que é a teologia Hare Krishna, então eles vêm, têm aula aqui, alguns professores moram aqui, vão pra lá dar aula, a gente tem esse intercâmbio do ponto de vista dessa educação espiritual, então assim chamando né, da vida espiritual. E, esporadicamente, não é algo fixo, essa parte da espiritualidade é algo fixo que faz parte da nossa rotina mesmo, do nosso dia-a-dia. A parte mais voltada à Permacultura, Agroecologia... esse conhecimento mais assim que é comum das ecovilas aí ele acontece de maneira esporádica porque ainda não tem aqui um projeto que seja referência ou de destaque nesse tema, não tem nada de destaque assim que tome os nossos dias e tal. É a nossa vontade também assim também como a escolinha pra crianças de educação básica, também é nossa vontade, mas ainda não tá acontecendo. Tem um rapaz que tá vindo agora que ele é formado em agroecologia pela (eu não sei se é pela UFCG, que é a federal de Campina Grande ou pela UEPB que é estadual da Paraíba, mas sei que ele é lá – inclusive ele é do Sul também, mas ele estudou aqui) aí ele tá vindo pra cá e a gente tá querendo desenvolver alguma coisa assim, mas até agora o que fez foi mais em parceria assim com algum outro projeto que veio pra construir uma geodésica, aquela estrutura tipo um iglu assim, ou então vieram pra fazer uma horta também circular, aí depois de um tempo a gente não tá conseguindo manter a horta, e agora? Não sei o quê, essa coisa. Então não é tão amadurecido esse aspecto quanto a gente gostaria, isso é mais esporádico mesmo.

Entendi. E também no questionário vocês disseram que antes da pandemia né, recebia em média umas 200 pessoas por ano pra né, digamos assim, essas atividades ou processos educativos que tem. E durante a pandemia como é que vocês fizeram daí? Parou tudo ou se voltaram pro online...?

Fizemos algumas atividades online nesse sentido da educação também, palestras assim a gente sempre faz, mas diminuiu bastante, porque como a experiência que a gente tinha mais desses projetos assim, dessas propostas mais educativas, eram

vivências na terra e tudo mais então eles de fato deram uma freada na pandemia. A gente conseguiu realizar, quando foi abrindo aos poucos né, com todas aquelas medidas de segurança, máscara e limite de pessoas, a gente tinha que cumprir né os protocolos e tal, pela saúde de quem vinha e de quem morava também, então a gente ficou bem criterioso de início. É... a gente conseguiu fazer alguns retiros, até porque muitas pessoas tavam desesperadas pra sair assim de um apartamento, de uma casa pequena de 4 paredes e a gente pensou “poxa, a gente aqui tá no meio de uma área aberta que a pessoa pode respirar, quando tiver lá longe a 200m de qualquer outro ser humano, ela vai poder tirar a máscara e respirar livremente assim, ter um contato, pisar na terra e tudo mais”. Então a gente foi abrindo e no começo a resposta foi muito boa assim porque muitas pessoas tavam realmente precisando assim sabe disso, então foi ótimo, foi ótimo. E aí aos poucos foi voltando, só que aí o lado da economia acaba que nos puxa um pouco mais pra outras atividades. Como as pessoas não tavam vindo pra hospedaria, pro restaurante, aí tava sendo bem menor o movimento comparado a antes da pandemia né, a fevereiro de 2020, digamos. Então como diminuiu muito esse movimento a gente teve que fazer produtos congelados pra vender na cidade. E isso acaba de certa maneira, a gente vê que choca um pouco né porque enquanto você poderia vender uma coisa orgânica, você tá vendendo uma coisa congelada. Então você tem que colocar no seu produto o valor da energia elétrica de congelar aquilo, e aí fica incompatível. Porque cê vai buscar uma coisa na cidade, passa pela estrada que é complexa, e ainda gasta um valor ali de energia elétrica pra levar de novo o produto pra cidade e entregar, delivery, ou ponto de encontro assim. Então geralmente se a ecovila não consegue, se as ecovilas não conseguem ter um mínimo de sustentabilidade, elas vão ter um trabalho triplicado. Não falo sendo pessimista não, mas é a realidade mesmo. Cê acaba tendo um trabalho muito grande pra fazer esse intercâmbio na cidade porque você tem que levar algum produto pra cidade, você tem que fazer algum malabarismo pra atrair a pessoa pra sua ecovila. E geralmente as pessoas, em geral, se elas não tem uma proposta de ecovila, o público geral, geral, eles vão se interessar mais por um lado turístico mesmo. E aí o turismo ele tem sua concorrência, e aí você tem que ter um entretenimento ali pra concorrer com o mercado do turismo aí fora né. A pessoa tem que valer a pena ela, sei lá, passar um perrenguezinho assim de um rolê mais rural pra ela se convencer enfim que vale a pena ir até lá (risos)

E então foi voltando né, e agora quanto mais ou menos vocês têm recebido assim, esse ano por exemplo, como é que tá esse retorno das atividades?

Eu não sei te dizer um número, sabe, oscila um pouco. Assim, a gente fez agora esse retiro da geodésica, veio uma professora também - ela é mineira mas trabalha em Patos que é no interior da Paraíba, ela é professora da Federal de lá, acho que de matemática, eu acho, ou da Estadual, não sei também - aí ela veio e aí a gente conseguiu, sei lá, um número bem pequeno assim: se antes os nossos retiros tinham 15-20 pessoas, teve 6. Aí a gente fez, foi legal, pessoas amigas, que moram ali, frequentam a ecovila, não foram pra geodésica mas participaram, então aumentou um pouquinho o número. Aí a gente faz retiro de yoga, aí teve as chuvas agora aqui, não sei se você ficou sabendo das notícias todas né, mas muita chuva, então aí foi cancelado, aí não teve. Então tá oscilando e eu não consigo te dizer um número, mas com certeza ele caiu assim pra baixo de 50% assim, sem dúvida.

E tirando a pandemia assim, quais eram as maiores dificuldades né e continuam sendo em desenvolver processos educativos nas ecovilas? E também as maiores lições ao longo desse tempo né, que tu já tem uma vivência de vários anos aí...

É, uma dificuldade assim que a gente encontrava era – volta um pouco pra esse aspecto – mas se eu não me engano foi até isso que eu respondi no questionário que era: como a pessoa assim viver ali e principalmente iniciativas mais ecológicas, que elas fossem assim mais funcionais, mais possíveis de acordo com a nossa realidade assim. Ou eram iniciativas que (?) de uma mão-de-obra muito grande e qualificada e aí a gente não tinha a ferramenta, ferramenta que eu digo de saber mesmo né, a ferramenta educativa de consciência mesmo, de como fazer aquela atividade né. E às vezes era algo compatível também assim era uma coisa muito legal, que funcionava em outro tipo de solo né, então a gente vai fazer uma bioconstrução “ah mas quando a terra é mais sei lá arenosa, a gente consegue construir melhor tal parede”, a gente fala “mas a gente aqui não tem a terra arenosa, ela é mais (?) assim, mais barrenta”, então já era uma característica diferente então os conhecimentos de ecovila eles acabam... de Permacultura assim, a gente não consegue aprender e estimular tanto os membros porque eles acabavam ficando, sabe, o trabalho que cê tinha pra por exemplo plantar uma coisa, saber como proteger aquela horta de maneira orgânica sem usar nenhum tipo de veneno e o tempo que levava, dificilmente você consegue convencer um membro que aquilo vale a pena. Ele acaba conseguindo vender um salgado, vender uma esfiha vegetariana, ir na cidade fazer a compra dele do que ficar ali cultivando o solo pra ver se daqui alguns meses ele colhe alguma coisa, sabe? Não sei se eu tô conseguindo responder assim a pergunta mas essa dificuldade assim de pôr na prática sabe o conhecimento, porque eles acabam ficando muito teóricos assim né, cê acaba idealizando assim “ah que legal a Permacultura, aí cê vai fazer aqueles plantios que são – ah tem um nome quando você planta várias coisas juntas né, não é aquela monocultura assim, você vai conseguindo plantar vários alimentos. Aí a gente vê a parte teórica dos cursos e falava assim “uau”, ficava super deslumbrado, aí na prática era super difícil porque você falava “nossa”, mas aí então esse conhecimento assim a nível prático acabava sendo difícil de implementar. Então nisso as pessoas elas tinham que entrar nessa dinâmica de se não ter ali mas sempre recorrendo assim à cidade. E isso acaba perdendo, a pessoa assim já é formada em arte, em educação, em qualquer outra coisa, aí faz mais sentido conseguir a renda, a sua sustentabilidade na cidade. Aí ela até tenta morar mesmo trabalhando fora mas chega uma hora que isso começa a ficar um pouco incompatível: você fala “caramba, eu tô gastando mais no transporte e nem tô curtindo tanto o fato de morar no campo porque eu tô passando mais horas da minha vida na cidade do que no campo”, então cê fala “então faz mais sentido alugar uma casa na cidade” e aí foi-se embora a pessoa. Então uma dificuldade assim de manter os membros é mais essa (corte) dentro pra fora e aí ela se desvincula do projeto como um todo.

E... sobre os enfoque desses processos educativos né, você foram a única comunidade que me respondeu entre as opções a yoga né, como um do enfoques principais. Então queria que tu falasse um pouco sobre isso, sobre essa conexão da yoga com a questão ambiental, sabe. Não que não possa falar das outras opções que vocês também assinalaram: foi autoconhecimento, conexão com a natureza e espiritualidade, mas mais pela minha curiosidade por serem sabe a única que tá representando essa questão do yoga mesmo, sabe.

Sei. Ah, que legal! Fico feliz de falar sobre isso né, me sinto que tô na minha praia, porque eu sou uma das instrutoras de yoga também da nossa comunidade né. E... muitas pessoas elas buscam a gente por conta disso né. Tanto que os retiros que têm mais participantes são os retiros de yoga. Quando as pessoas falam em natureza hoje em dia elas tão assim geralmente muito cansadas de alguma maneira da proposta da cidade assim, muita gente fala sobre o excesso de competitividade, sobre o mercado de trabalho sempre engolindo o outro né, essa dinâmica da vida que acaba sendo bastante cruel do ponto de vista comercial, do ponto de vista (corte) da manutenção básica da vida e também do ponto de vista das relações humanas. Então as pessoas quando elas vão buscar assim a natureza, alguma coisa nesse tom assim né, que a ecovila propõe, elas vão buscando um refúgio. Muita gente chega lá pra você ter uma ideia e fala assim “ah o médico pediu pra eu ficar junto da natureza, pra eu me desligar do meu trabalho; a psicóloga ou o psiquiatra sugeriu que eu ficasse, que eu tirasse uns dias do meu trabalho e fosse pisar na terra e fosse fazer trabalho manual”, alguns... as pessoas chegam muito assim né, precisadas disso assim, necessitadas mesmo disso. Então a gente viu que a prática da yoga poderia ajudar porque você vai conseguir trabalhar respiração ou então se for a prática – tem muitas linhas de yoga né – seja com mantra, seja através do estudo mesmo do conhecimento que também ajuda né, que aí cai mais no autoconhecimento como a gente assinalou também. A yoga vai entrar um pouco nisso tudo e ela ainda vai mexer o corpo. Então geralmente as pessoas elas nesse período, por exemplo, pandemia - mas só pra pegar um exemplo isso também acontecia já antes da pandemia e segue acontecendo também agora que as coisas tão um pouco mais (corte) - as pessoas elas ficam muito paradas numa posição só né. O trabalho contemporâneo ele foi diminuindo cada vez mais o movimento do corpo né ou pelo trabalho em si que é mais na frente de um computador, cada vez mais tá sendo na frente de um computador, ou porque pelo menos a pessoa trabalhava ali sentado, mas ela andar a pé comprar o almoço dela e até almoçar em algum lugar, hoje em dia ela liga e pede o almoço também, ela pede um delivery e entregam pra ela. Então as pessoas têm se movimentado cada vez menos, têm ficado cada vez mais paradas e yoga vai mexer articulações aí você sente que libera toxina, aí já chama uma respiração mais profunda né. Então, aí então esse é um dos motivos que aí a gente viu que pela necessidade do público e também pela própria vocação de quem tava ali de alguma maneira, não só minha - sou uma das instrutoras assim no caso então falo só pela minha experiência particular com o yoga que é o meu trabalho também na cidade que é onde eu tô agora - mas também de outras pessoas que tão ali, somos 4 instrutoras no total, numa comunidade que deve ter (corte) mas agora a gente deve tá em 14 membros, então 4 trabalham com yoga acaba sendo... e os que não trabalham com Hatha Yoga que é esse estilo de yoga assim posturas e respiração, praticam outros tipos de yoga né, seja (corte) conhecimento (?) área né ou de mantra, mantra todos trabalham com isso. Então muita gente procura a gente por ser essa referência assim nessas várias linhas de yoga.

E mais alguma coisa assim que tu gostaria de comentar sobre Educação e Gestão Ambiental talvez da comunidade?

Eu não sei se diretamente ligada à Gestão Ambiental, mas uma coisa que eu não comentei né durante a nossa conversa, não sei, acredito que no questionário também não, mas um ponto que tem é a convivência entre as pessoas né. E eu lembro que eu fiz uma, a gente fez uma atividade de Permacultura e eles abordaram esse aspecto

das relações humanas né. Porque aí a Permacultura vai ver o meio ambiente como o ser humano não sendo algo à parte né, que tem as pessoas e o meio ambiente, tem uma coisa integrada na outra, não é diferente do ponto de vista mais abrangente né. E esse também é um dos pontos pra se viver numa ecovilas né. Tanto que algumas - eu visitei Piracanga, é uma ecovila que tem em Itacaré, na Bahia, eu fiz uma formação de yoga lá. E lá eles seguem também os 4 princípios (ai, não tô lembrando agora) da tradição tolteca, ah os 4 compromissos, que são princípios de você não levar nada pro lado pessoal, de você sempre fazer o seu melhor e, ou, alguns outros princípios da metodologia. E eu vejo que muitas ecovilas e a gente também busca pra conseguir uma melhor interação porque numa ecovila geralmente assim, mesmo que sejam 4 amigos decidiram fazer uma ecovila, mas quando eles vão lidar com pontos práticos, com dificuldades do dia-a-dia, vão dividir tarefas sempre surgem algumas questõezinhas. Então essa questão da convivência humana, de princípios, de valores de uma ecovila, é assim, geralmente são pilares. Porque mesmo que a pessoa tenha muito, muita ferramenta prática, muito conhecimento algumas até eu me (corte) porque ao longo de uns 15-16 anos morando aí em ecovila, participei de alguns congressos e tal né e muitas pessoas falavam “ah a ecovila de vocês é muito antiga, que que vocês acham mais difícil?”. E algumas tinham muita facilidade econômica, não é tanto nosso caso, a gente tem algumas dificuldades assim, a parte econômica pra gente é um perrenguezinho, mas eu vi (corte) tinham essa parte econômica assim, tinha dinheiro (corte), tinha herança, tinha qualquer facilidade econômica, mas elas escorregavam nesse ponto das relações, as pessoas brigam muito entre si quando tão ali diante de um desafio sabe assim que vai exigir sabe, ouvir outros pontos de vista. É que você meio que vira uma família, só que é uma família que você não cresceu junto, que você tenha por mais aparentemente escolhendo, você não conhece. É como assim a gente pode ter um amigo de muitos anos, mas no final das contas ele vai pra casa dele, você vem pra sua casa e quando vocês tão a fim de se ver, você vão se ver de novo. E numa ecovila geralmente você tá morando ali com as pessoas e tendo que resolver as broncas juntos também, cês não tão ali só pra parte boa da história, cês tão ali pra resolver as dificuldades “e agora, quem é que arruma isso?”, “quem é que se responsabiliza por aquilo?”, “quem é vai fazer (?)?” e “ah, acho que a cobrança tem que ser tanto”, “não, mas eu acho que a taxa tem que ser tanto”, “ah, mas eu já tô fazendo tal serviço que é voluntário”, “não, mas a gente precisa manter aquilo”... Então essa parte sempre pega, sempre pega (risos) aí eu não mencionei mas eu sei que esse é um ponto (risos)

Muito bom. Sim, como eu disse né, (corte) surgem né, por isso que é muito mais interessante pra assim entender né a questão da entrevista do que o questionário. Mas claro ele era uma maneira de alcançar primeiro né as comunidades, porque convidar direto pra entrevista era uma coisa mais difícil né. Então assim a pessoa já ficava né em contato com a pesquisa, já sabia se tinha algum interesse de colaborar, então foi a minha maneira de encontrar, mas sempre surgem assuntos bem mais interessantes que nem agora tu falou das relações né. Mas era isso, queria agradecer muito, muito, muito a colaboração de vocês por participar e também fazer o pedido assim se tiver como encaminhar o questionários pras comunidades essas amigas-irmãs de vocês, se alguém também tiver em alguma delas de colaborar. Também posso te mandar o link ali pelo whats se tu achar que é mais fácil do que por e-mail. E... mas agradecer muitíssimo a participação de vocês!

Ah a gente agradece aí por fazer parte do seu trabalho, pelo convite, pela oportunidade de falar um pouco da nossa experiência. E me manda sim, cê falou que ia mandar pelo whatsapp né que fica mais fácil de encaminhar porque eu já encaminho pra pessoas que podem responder, porque às vezes a gente põe na rede social, acaba... não é nem por maldade, eu mesma eu vi mas não dá pra falar agora e não sei em que momento que eu vi e falei “não, mas agora eu vou responder” porque às vezes cê tá respondendo algo que é urgente né, então mesmo sendo importante, cê acaba não respondendo na hora aí já viu né. Mas eu mando pelo whatsapp vai ficar mais fácil, inclusive eu vou tentar mandar pra um projeto que...

Obs.: caiu a conexão e finalizamos o contato por mensagens.

APÊNDICE I – Transcrição da Entrevista com Instituto Arca Verde

Então eu tava até revendo umas respostas do questionário né. que já faz um tempo e... queria te perguntar então assim se tu pode me contar um pouquinho do histórico da Arca Verde e também da tua chegada lá e depois da tua saída?

Da comuna em si, sim, eu posso falar, mas talvez até no site da Arca tenha alguma informação mais precisa e tal. Mas a comuna acho que tem já 17 anos né e ela começa em outra cidade, em São José dos Ausentes. Um grupo inicial assim que a gente brinca chamando de “geração bracatinga” juntou seus dinheiros e comprou essa terra e fizeram muitos mutirões pra primeira infra, primeiras agroflorestas e tal. E era um outro momento assim também da informação né e das tecnologias de comunicação então era bem aquela realidade de a pessoa que acessava o e-mail uma vez por semana. E acontecia de abrir o e-mail, já aconteceu tá, e ter turma da UFRGS avisando que ia uma visita no final de semana ou na semana seguinte, e ela ficar sabendo disso de última hora. Então tinha todas essas questões mais roots assim tanto pela época quanto pelo lugar que era um acesso bem difícil. E aí isso fez parte da decisão por procurar outro lugar né, como muito da renda sempre teve proposta de ser por visita ou curso, estar tão longe dificultava bastante as coisas né. E aí optou-se por uma cidade que não fosse nem tão central, nem tão urbanizada mas que também tivesse um acesso mais facilitado. Aí venderam a terra de Ausentes e compraram essa outra terra em São Chico que é onde tá já acho que 14 desses, algo assim... 11 desses 17 anos. Acho que ficou 5 anos em Ausentes se não me engano, 4-5 anos e depois tudo isso já foi em São Chico. Aí tem assim um morador que é desse grupo dos fundadores ali, muita rotatividade né, muitas pessoas que passam ou passaram 7 anos ou mais na comuna mas a rotatividade é bem grande. E do histórico é isso né. A minha chegada na... (se eu também não respondi alguma coisa tu vai perguntando, complementando) A minha chegada foi bem de surpresa assim pra mi mesma né, como eu te disse eu tava vindo turistar, eu nunca imaginava que eu ia morar na comuna, então teve bem esse caráter divisor de águas assim: uma [REDACTED] antes da Arca e uma [REDACTED] depois da Arca. E eu nunca tinha ouvido falar a palavra Permacultura antes, eu tinha muito essa ideia da natureza ser o lugar onde a gente vai, e não o lugar onde a gente está né. E aí toda vida comunitária e as ferramentas sociais e as tecnologias de convivência foram coisas que me chamaram muita atenção. Então dessa visita que foi super breve eu saí em crise de identidade assim de lá. Aí morava muito longe né, em Uberlândia, então voltei então em duas férias que eu tive, eu voltei, fiz voluntariados e assim que... e fui mantendo contato, falando da intenção de voltar, de tudo isso que tava me acontecendo e tal. E aí quando eu formei eu fui pra ficar um tempo mais longo, ficar 2 meses, já com essa intenção declarada de ficar pra que a comuna pudesse ir me sentindo dessa forma também né. E aí tendo a reciprocidade né dessa relação com a comuna, aí eu fui de vez assim, então foi quando eu fui morar pra lá. E foi desde então de quando eu conheci que foi em 2017 até eu ir morar, desculpa, que eu conheci que foi 2015 até eu ir morar que foi janeiro de 2018, a minha vida mudou, foi mudando no sentido de eu ir introduzindo hábitos desse universo ecológico assim né na minha vida: de mudar os produtos que eu consumo, enfim todos esses hábitos assim, essa Educação Ambiental mesmo que acabou acontecendo dessa experiência né. E... então quando eu fui morar é porque eu já tava muito identificada com essa proposta de vida né. E... nossa, foi muito bom, maravilhoso. A saída teve muito a ver, ai Bruna, muito pessoal essa pergunta, poderia ser eu enquanto psicóloga (risos) fazendo o meu trabalho acadêmico e fazendo essa

pergunta. É porque eu sinto ahm que a pandemia mudou tudo assim. Foi um momento historicamente muito transformador. E aí na comuna não foi diferente, nas nossas vidas pessoais não foi diferente e na comunidade não foi diferente. E aí são questões muito pessoais mesmo tá, então eu comecei a ver que as saídas que a comunidade tava tomando enquanto grupo entravam em choque com o que eu acreditava enquanto indivíduo assim né. Saídas... tá, e vou falar numa lógica muito pessoal, tô repetindo bastante isso que é pra deixar bem claro... saídas de um que eu entendo como muito liberais, muitos individualistas, num momento que eu tava por “bah, a única saída é fortalecer o coletivo” e fui ficando frustrada e fui ficando desidentificada, eu sinto isso, foi rolando uma desidentificação junto também com um processo do momento da vida que eu tava, que era de querer trabalhar mais e ganhar mais grana, e o quanto estar numa cidade de interior na zona rural nesse... E aí, no momento que cê tá muito identificada, talvez ganhar pouca grana é uma coisa que “não, tudo bem, porque é muito valioso pra mim tá aqui”. Mas aí no momento que cê já não tá mais tão identificada aquilo já não é mais tão precioso “bom, então eu posso, a ideia de sair daqui já não é tão ruim, se junto com isso eu puder trabalhar mais, ganhar mais grana, porque não?”. E juntou a coisa do isolamento, juntou a coisa do... a minha, eu não sei se a gente pode falar esse tipo de coisa nessas entrevistas, mas eu vou falando... a minha paciência com jovem místico, com pseudociência ela foi se reduzindo até ficar negativa. Então eu fui bem emocio... bem psicológico mesmo da pandemia, eu tava assim “oh eu quero é boêmia, Babilônia e tal, chega disso daqui, chega de hippongalho, quero trabalhar, quero ganhar dinheiro”. É claro que esse ponteiro ele desregula e depois a gente vai encontrando o meio termo né. Eu morro de saudade, moraria na zona rural de novo, moraria em coletivo com certeza, pra mim essa vida que eu tô tendo hoje, morar sozinha num apartamento não é o que eu quero pra minha vida. É... então eu continuo muito identificada com essas coisas mas eu também vou entendendo “que coletivo é esse que eu quero?”, “que ecologia é essa que eu quero” e... Aí nessa crise existencial eu tava me organizando pra sair, então “vou pra cidade onde eu tenho mais oportunidade de trabalho”, tanto que eu me organizei pra ir pra uma comunidade urbana em Porto Alegre, só que não se concretizou porque um concurso que eu tinha prestado numa outra cidade do interior me falou “venha” e aí psh tudo mudou e atualmente eu moro sozinha num apartamento.

E aonde que tu tá agora: em Minas ou no Rio Grande do Sul?

Não, em Taquara. É, quando eu me mudei, como eu me formei e vim, eu prestei alguns concursos por aí, e aí eu já nem sabia que esse concurso ainda valia e me chamaram então é isso.

E por que... tipo tu já tinha visitado outras ecovilas antes ou foi a Arca Verde de cara assim?

Foi a Arca Verde de cara. E meio que todo mundo ali incentivou muito a conhecer outras, só que pra mim era uma forçação de barra assim porque ah eu tinha gostado já, não tinha porque, não fazia sentido, não era uma vontade, eu não tava a fim de viajar, de passear, eu tava a fim de ficar ali, então não senti esse chamado e nunca conheci outra ecovila.

E nessas visitas depois desses 4 anos morando né, o que que tu aprendeu com essa experiência de viver na ecovila e o que que na tua opinião, bem pessoal

mesmo, uma pessoa tem que saber ou aprender pra viver numa comunidade assim sustentável, com esses propósitos?”

Peraí, foram duas perguntas, né? O que que eu aprendi e o que que eu acho que a pessoa tem que saber... Nossa, eu aprendi um quadrilhão de coisas, acho até difícil responder isso assim. Porque acaba que eu estudei pouco teoricamente a permacultura e tudo que eu sei, eu sei do que eu convivi com as pessoas e vi acontecendo ali. Então eu aprendi é pouco técnico só que é muito prático os saberes desde muitas espécies mais de plantas, de ervas medicinais, sobre minimamente coisas muito básicas de agrofloresta, muito básicas mesmo, mas assim se eu tiver um quintal pelo menos eu sei fazer uma horta, sabe. E... isso, de manejo de banheiro seco, coisa que é uma tarefa que tu faz no cotidiano, então eu sei acender um fogão à lenha, eu sei, sabe, sei fazer um manejo de banheiro seco, sei alguma coisa de bioconstrução, eu sei, bah, pelo menos os ingredientes que vai pra fazer uma massa de bioconstrução, então muito básico assim mas eu sei essas coisas. De ferramentas sociais também né, sociocracia, CNV, ahm... essas coisas assim que eram muito, faziam muito parte da nossa rotina: as partilhas, os fóruns, as mediações, então isso tudo eu aprendi lá. Até coisa de organizar curso, sabe, fazer um cronograma de curso, distribuir as tarefas, organizar um evento, fazer almoço pra 20 pessoas, isso tudo são experiências que eu só tive lá. Acender uma fogueira, é então isso. Poderia sabe continuar a lista porque então esses conhecimentos assim eu adquiri tudo lá. Eu acho que o que uma pessoa precisa saber pra morar em coletivo... ah, que difícil essa pergunta né? Que que ela precisa saber...

Ou aprender (risos)

Eu acredito assim que uma grande, um grande valor necessário e aí ele se manifesta de muitas formas na convivência é a horizontalidade. E aí isso vai muitas coisas assim do tipo dividir tarefas né, o que que é uma coisa que só fulano faz ou que eu nunca faço, isso... então dentro da horizontalidade eu tô realmente colocando uma relação em que é muito de igual pra igual assim né. E aí tudo, todos atravessamentos desde a distribuição de tarefas até as tomadas de decisão. A horizontalidade pra mim é uma coisa que às vezes que eu vi ela falhar foram as vezes que eu vi ter conflitos na comuna, ou alguém ficar insatisfeito ou a coisa dar uma degringolada assim. Então eu boto fé na horizontalidade bem bem ampla e radical assim né, então eu tô dizendo da faxina, ter horizontalidade pra fazer a faxina, ter horizontalidade pra um trabalho pesado, ter horizontalidade pra tomada de decisão, pro cuidado das crianças, então eu iria por aí...

E quais são os processos com enfoque educativo desenvolvidos na comunidade?

Com enfoque educativo eu diria em primeiro lugar os cursos né porque é o mais óbvio, e aí cursos vários, a visita guiada, aí tem uma modalidade que geralmente a gente faz com turmas de escola inclusive que é a visita guiada com alguma oficina e o próprio cuidado das crianças daí né – como a gente tem uma dinâmica do cuidado das crianças estar inserido (ah não, tem mais, tô lembrando) de estar inserido no trabalho comunitário, é super, acaba sendo bem educativo né, tu tá com as crianças... mesmo com a perspectiva muito pouco intervencionista, conteudista, não tem nada disso, é só tá com as crianças mesmo, mas tu tá ali à disposição das crianças então educação

tá acontecendo né. E tem a vivência né, que antes a gente chamava de voluntariado, mas com a pandemia também mudou que é essa experiência de ter uma facilitação, de ter as oficinas também de temas diversos. Então até antes de eu sair a vivência tava sendo de 3 a 6 semanas, tinha a opção ficar 3 e tinha a opção ficar 6, aí tinha o participar do trabalho comunitário e tinha oficinas daí de temas diversos dentro ali da flor né da permacultura e aí isso também é bem educativo né.

E nesses processos todos que tu citou assim, quais eram as maiores dificuldades pra desenvolver eles e também as maiores lições assim no desenvolvimento?

Tu quer que eu responda pra cada um?

Como tu preferir, se tu quiser dar um panorama geral ou falar de cada um, pra mim...

Nossa, porque são tão diferentes uns dos outros né, eu posso tentar ser bem breve mas eu prefiro falar de cada um. O curso... qual que é a pergunta: o maior desafio e...?

E as maiores lições assim né com o tempo desenvolvendo esses...

Bah, o curso acaba que o maior desafio é o marketing digital porque a gente pega uma fase em que a Arca é a grandessíssima novidade, vanguarda e ponta-de-lança e uma transição em que chove curso de tudo quanto há no online e a gente real vai ficando pra trás assim, então fica bem difícil. E... eu, tá? Com certeza pode perguntar pra outro morador, pode falar outra coisa. E a maior lição, deixa eu pensar...

E pode ser no exercício ou também na difusão do processo educativo, que nem tu falou ali tipo a questão do marketing digital, entendeu?

Bah, mas é que dar curso é uma experiência tão rica em tantos aspectos que eu fico pensando assim oh, por exemplo, a gente tinha uma coisa que a gente estipulava o valor da hora trabalhada. E aí quem ficou de guardião do banheiro, o valor da hora vai ser o mesmo de quem tava facilitando a oficina numa coisa super específica e técnica. Isso pra mim é uma lição valiosíssima porque se não tem o guardião do banheiro, igual a pessoa vai sair reclamando da infra que tu ofereceu, entendeu? Da horizontalidade ali que eu falei era uma coisa que fazia muito sentido, me motivava muito pra tá ali e me dava assim “nossa, isso aqui é muito massa”. A gente tá fazendo uma coisa massa no sentido da igualdade social, dessas coisas todas né. Também uma lição massa de como é rico nosso ambiente, a gente sempre comentava assim que às vezes a gente caía no marasmo, numa rotina, numa autocrítica, e aí chegava a galera de fora e a gente ficava refrigerado assim né, então era bem... essa também é uma lição massa do quanto... eu acho também que tinha a vivência pra além do conteúdo do curso, sabe. As pessoas achavam massa ver a gente, os bastidores, a gente se organizando pros trabalhos e a nossa convivência, então isso também fica. Eu diria até que pensando nesse viés da educação, o quanto a gente tá passando coisa pra além do conteúdo que a gente programou de passar, sabe. Então do curso eu diria isso.

Perfeito.

Aí eu falei das visitas guiadas né. Desafio da visita-guiada, eu acho que o grande desafio da visita guiada é quando a comuna tá numa fase ruim, porque as pessoas têm expectativa. E a visita guiada é muito rápida e ela é muito visual e ela é muito “quero ver a horta”, se a gente tá numa fase horrível que ninguém quer trabalhar na horta e a gente tá tretando, tendo DR o tempo todo, a pessoa só quer ver a horta, entendeu? E aí é difícil explicar a complexidade de uma convivência comunitária numa visita guiada. A visita guiada não é sobre isso, então é como se pra visita guiada tudo tem que tá bonitinho pra pessoa ver (risos). E a maior lição acho que vai bem no sentido daquilo que eu já disse do curso: é o quanto o que se torna cotidiano numa vivência rural permacultural ecológica pode ser deslumbrante pras pessoas da cidade e tal. Porque basicamente a gente faz um tour onde é a nossa casa, só que o fato da gente mostrar o tratamento de água cinza, a composteira, o banheiro seco, “uau”, sabe? Então isso é bem interessante assim. E massa, e acho que tem mais é que se... porque é simples, e é pra ser simples, sabe. E aí eu falei do que mais?

Da vivência que antes era chamado de voluntariado.

O desafio da vivência permacultural é a exposição assim, tu abre a tua casa pra galera entrar. E é muita exposição porque na Arca não tinha assim “o espaço dos viventes”, nossa, não tinha... mal mal, tem a partilha e uma reunião de tomada de decisão que era só pra moradores, o resto é tudo junto. Eu morava na casa que era o alojamento então é real tudo junto. Aí isso aí tipo cê tá reclamando “quem largou negócio aqui sem lavar?”. Porque eu fico falando só dessas partes ruins porque a parte boa é uma delícia, entendeu? A parte que a gente tá ali fazendo roda pra agradecer o almoço, beleza! Não é aí que tá o problema. Problema tá na hora do “ué, mas como assim cês... ah, vamo sair pra ir prum bar?”, “ah mas vocês vão em bar aqui?” ai, sabe, essa é a parte que tu expõe, expõe tudo, é tua vida ué, tu mora ali, sabe. Então aí é desafiante porque tu não sabe como que a pessoa vai reagir. Tem gente que adora, que “nossa” que aí gosta mais ainda, tem gente que fica frustrado, vai embora no meio, então assim... E os processos das pessoas também, porque tu não sabe quem tá vindo né, a cilada ela vem também (risos), então isso também é complicado. A gente vai até refinando assim “ah faz entrevista ou não faz? basta o questionário?” E aí o que que começa a ser sinaizinhos de “uhm será que a gente se sente seguro dessa pessoa vim?”, sabe, porque tipo a gente não faz ideia de quem vai vir, emocionalmente, de caráter, de nada disso, então também é desafiante sim. A lição é que pessoa é riqueza demais, é muito massa cê conhecer gente assim, essa rotatividade que eu comentei é muito rica, muito rica. Eu já tive cada oportunidade simplesmente por morar em comunidade que é uma baita roda de conversa que tu pagaria centenas de reais mas que tá acontecendo no quintal da tua casa porque fulano conhece ciclano que daí veio pra cá, entendeu? Uma conversa em torno da fogueira se torna uma coisa assim “ah!” aí tu tá acessando muita riqueza o tempo todo. E a vivência permacultural por ter esse... tu convive mais tempo com a pessoa, acaba sendo mais íntimo, é muito massa assim.

É... aí a coisa das crianças, bah aí é outro rolê né. O maior desafio é isso, é entender que cuidado das crianças não é responsabilidade de pai e mãe. Isso é muito complexo dentro de comunidade. E me fale, eu não sou mãe e é difícil pra mim também, sabe. Aí, chega na reunião de distribuição de tarefas “quem que vai cuidar das crianças?”

silêncio, aí cê sustenta o silêncio, “então, gente, alguém tem que cuidar das crianças, a gente quer que esse pai, essa mãe, tenha oportunidade de fazer outra coisa, alguém tem que cuidar das crianças”. Isso é um grandessíssimo desafio, sair dessa mentalidade né, entrar na mentalidade de coletivizar esses trabalhos domésticos e muito tachados de vida privada, isso é bem desafiante. E assim, nem vou entrar no desafio que é estar com a criança, propor coisa pra criança, cuidar da criança, isso já seria outro universo de desafio. A lição é que é muito... a seguridade social que isso traz é muito grande, de tipo assim tu ter um ambiente – porque pensa na comunidade isso é uma sociedade né, uma comunidade é uma mini sociedade. Aí tá lá aquela galera, o fato desses pais terem pessoas cuidando dos filhos pra eles fazerem outras coisas, o vínculo que tu estabelece, esse ambiente seguro pras crianças circularem, tu... não é um ganho imediato, não é naquela manhã que tu ficou com a criança que tu vai colher o benefício mas de tu estar desenvolvendo um grupo que se organiza dessa forma, isso é muito seguro pro desenvolvimento humano assim, isso é muito incrível. Que mais que eu falei?

Era isso. E assim apesar da tua saída tu sabia de planos pra expandir essas atividades ou como é que tava... Porque eu lembro no questionário vocês, tu respondeu né que vocês recebiam de 50 a 100 visitantes anualmente né, antes da pandemia. Como é que foi durante a pandemia e como é que tá sendo o pós não é bem pós porque na real a gente ainda tá nela...

Olha, durante a pandemia a gente fechou 100%.

E como que isso impactou assim, o fechamento?

Nossa... primeiro de tudo emocionalmente, a gente tava todo mundo apavorado, gerindo seus medos e...

Entre quantos vocês ficaram isolados lá dentro?

A gente começou com tipo 23, veio família de amigo ali bem no início da pandemia, rolou isso né “vai ter lockdown, posso entrar antes?” e aí veio família com 2 crianças, veio pessoa que queria morar, “então vem agora”. A gente chegou a ficar com 23 pessoas. Quando eu saí, eu era uma das 13 que tavam na comunidade. Então 2 anos de pandemia, 10 pessoas saíram. Isso, assim, essa família que veio por exemplo eu nem tô contando como morador, eram 23 moradores, então essa família que veio passar um tempo, veio passar um tempo assim, então teve época de casa cheia. Aí conforme, aí a gente foi né aprendendo a viver na pandemia então tinha tipo assim, aí mãe de um, mãe de outro, “beleza, pode entrar, não precisa...”. Então a gente ficou isolado entre nós e tinha umas figurinhas que... beleza, quebram essa isolamento, mas era perto de receber voluntários, visita guiada, amigos e visitas o tempo todo, isso era muito isolamento, sabe. E aí a gente foi saindo do isolamento primeiro com a vivência; curso agora esse final de semana foi ter o primeiro.

Nossa.

Aham. É... aí a gente foi sair do isolamento com a vivência permacultural que foi bem nesse formato 6 semanas, essa opção de 3 semanas veio depois. No início era só 6 que era uma ideia de ter menos circulação possível assim e aí vinha duplas ou trios e

tal. Aí depois começou isso, recebe visita, aí voltou com as visitas guiadas, aí foi voltando devagarzinho, voltando receber visita de amigos até pra hospedar, pra passar uns dias. Aí teve tentativa de curso que não viabilizou por falta de inscritos, foram dois cursos muito caros, inclusive. Que eram com facilitadores externos, o conteúdo muito específico que envolvia desde material e tudo que calhou de ser valor muito elevado e aí não rolou de fechar turma. E aí agora rolou um curso que inclusive foi gratuito por causa de dois moradores lá que conseguiram verba de edital e sei lá o quê, sei lá o quê, e uma das coisas era oferecer esse curso pra produtores. Então rolou e aí a contrapartida pra Arca era se a galera se hospedar e fazer as refeições ali, a Arca pode cobrar, mas o curso em si era gratuito, então eu sei que agora teve esse curso. Tem a ideia de expandir que era, por exemplo, a coisa de partir pro curso online, a Arca tá namorando come essa ideia desde que a pandemia chegou. Aí junta coisas pessoais mesmo, da gale... aí não tem ninguém ali, como a Arca trabalha muito por interesse, tu vai se engajar nas áreas que tu quer, que faz sentido pra ti. Ninguém ali gosta de tecnologia, ou às vezes um gosta e a gente sabe que um sozinha não organiza, não grava um material com qualidade, não edita o som, não edita o som, não é isso, não é trabalho pra uma pessoa, então não tem, a galera não é dessas, entendeu? E aí eles, a gente, que ainda digo isso porque até dois meses atrás eu era uma dessas pessoas, arca com as consequências de não bancar. “Ah mas a comuna tal tá rachando de ganhar dinheiro dando curso online”, “mano, a gente não quer, a gente não sabe, a gente não vai”. Ahm a coisa de escola é muito bom, a gente se identifica muito com isso, é muito gratificante quando vai turma de escola. Então já também rolou muitas vezes a ideia de ir nas escolas conversar, deixar folderzinho, fazer essas... solidificar mais essas parcerias assim. Mas nem sei o quanto isso é um plano, tá. Tô te dizendo o que já surgiu enquanto vontade. A vivência permacultural não acho que é algo que quer que seja expandido, acho que tá bom do jeito que tá e é isso. O curso acredito que teve esse primeiro agora e a galera quer muito que volte a acontecer assim. Já se falou muito de contratar algum publicitário ou uma agência pra ajudar nisso de acessar né pessoas e tal, acho que é isso. A coisa das crianças aconteceu da gente ficar sem criança, essas famílias que foram embora aí ficou uma criança, aí saiu total do trabalho comunitário o cuidado, então depende muito do “tem criança e não tem criança”.

E se tu puder me dar assim, um pouco mais de detalhamento de como que é, ou era ou vai ser né, tu disse que na verdade não transformou muito a vivência permacultural, mas detalhar assim mais como que funciona...

A pessoa paga um valor lá por dia pra ficar essas 3 ou 6 semanas, dentro da rotina comunitária. Aí ela... às vezes a gente propõe tarefas que são mais assim oh: é interessante pra nós ter a força de trabalho dessas pessoas nisso, alguma obra que precisa fazer, alguma coisinha mais trabalhosa que tem que fazer e também fica sempre um espaço pra pessoa se engajar conforme o interesse dela, porque como tem esse espaço da reunião operacional que é distribuída as tarefas, ela pode falar “ah alguém vai cuidar da lenha” e ela tem curiosidade por esse trabalho, ela pode falar “posso ficar de dupla com você e aí participar?”. Então rola tanto isso de tipo já ter trabalhos que a gente vai falar “olha, podas, por exemplo” pode ser que estejam previstas, que às vezes a gente tenta antes da vivência organizar e organiza o calendário que é pra não faltar facilitador. Então “ah, fulano de tal vai ficar segunda, quarta e sexta com a galera da vivência permacultural em podas e agrofloresta; terça,

quinta e sábado, fulano vai ficar com bioconstrução ou...” e aí que que tem pra fazer de bio? Porque aí pessoa tem a ilusão de que fazer bioconstrução é pisar barro e tal. E às vezes a bioconstrução pode ser uma reforma da represa da captação de águas, pode ser uma coisa muito nada a ver assim né. Então a gente tenta se colocar assim ou às vezes “não, só tem facilitador que aí sabe vai ser período tal a tal, tem facilitador disponível comprometido em ficar com essas pessoas? Segunda e quarta tem”. Então o resto do dia a gente vira pra galera e fala “segunda e quarta vocês vão tá com fulano, nos outros dias vê o que que tá acontecendo e se insere”. E bem assim, a gente foi sacando que tinha que deixar muito claro pra pessoa que podia às vezes não tá rolando nada demais. Essa romantização de que sempre ia tá rolando uma coisa muito massa, tipo assim a gente não é uma comuna agrícola, não adianta ir com essa expectativa que vai tá sempre tendo plantio ou colheita ou abrindo canteiro, não vai, entendeu? Então acho que tinha tudo isso, mas aí o que eu tô querendo te dizer então tem esse jeito que inclui participar do trabalho comunitário que pode variar muito e é sempre de manhã né o trabalho comunitário, então as tarde e noites, aí tem oficinas que também era conforme a disponibilidade dos moradores. Então a galera que sabia de sociocracia propunha uma de sociocracia, quem sabia de CNV, propunha de CNV, um psicólogo propunha uma de saúde mental, eu que sou doula, propunha uma de parto e Permacultura, outra pessoa propunha uma “ecovilas e comunidades”, outra pessoa... sabe? E aí também, então também não tinha um compromisso de “vai ter 4 oficinas por semana”, era assim: vai ter oficinas, é... é isso a vivência permacultural. E acaba que a convivência faz muito parte né, porque aí rola uma fogueirinha, aí rola uma noite de jogos de tabuleiro na cozinha e aí vai rolando muita coisa imprevisível assim.

Aham, não planejada né, da convivência natural, orgânica...

Ah e aí veio uma pessoa da vivência que é instrutor de yoga, aí começa a dar yoga.

Ah tá quem vem também pode propor.

Sim, e daí a gente propõe cine, a gente tinha a estrutura lá que a gente chama iurt, a gente propunha o cine-iurt, então começa a rolar muita coisa fora assim da... extra né, digamos assim.

E quantas pessoas vocês recebiam por mês assim? Qual é a capacidade, até pela questão de alojamento?

Ahm não sei como é que tava isso, acho que tinha abertura pra ir até 4 pessoas de uma vez. Nem é o alojamento cabe 11 pessoas, mas tinha toda essa questão de garantir a facilitação de qualidade, até a gente, a coisa da pandemia, ainda tava meio vai e volta. Então foi bem aos poucos, tipo “ah vamo uma dupla”, “ah mas tem uma terceira pessoa que quer vir”, “ah beleza”, “ah mês que vem, quem sabe a gente não abre 4 vagas”, então foi bem assim sabe.

E tem, pra finalizar assim, tem mais alguma coisa que tu gostaria de comentar assim sobre Educação e Educação Ambiental na comuna?

Ahm aí, nossa difícil assim... Não, eu acho só que tinha um curso muito especial que rolava que era o PDC né, que dá o certificado de permacultor e eu não sou né, não

sou certificada permacultora. O que eu sei da permacultura é da prática como eu te disse, eu vi o quanto essa formação pode variar demais. E comecei a ver por exemplo o último PDC, uma pessoa que queria fazer propôs trocar parte do valor por dar uma oficina que era de consumo e ela tem uma empresa em Porto Alegre de sei lá o quê, que chama Arco e que pega os resíduos e destina. E aí ela deu a oficina pra nós pra gente falar “beleza, a gente topa trocar. Incrível, sabe. Então eu também comecei a ver, daí por exemplo considerada um ano... tem lá na pétala saúde e bem-estar, parto humanizado. Que PDC que fala de parto humanizado? Se eu ali no PDC da Arca dou uma oficina disso, aquela galera vai receber o certificado de Permacultura com... então nada a ver, só uma reflexão do quanto pode variar esse conteúdo e essa formação né.

Entendi, dependendo do contexto. Então tá, queria só te agradecer muito, muito, muito pela colaboração tanto respondendo o questionário e agora a entrevista. Espero em breve já poder entrar em contato com né... essa é a sexta que eu realizo, tive pelo menos uma de cada região do Brasil, então vai ficar acho que bem legal. E sempre surgem assuntos que eu nem esperava assim na verdade de cada uma. Então agradecer muito pela tua colaboração porque é diferente a entrevista do questionário né, sempre bem mais coisa...

Bej, fiquei feliz de ter oportunidade!

Obrigada pela paciência também, que a gente teve dificuldade de agendar...

(Risos) Obrigada, Bruna, boa sorte, bom trabalho pra ti!

Obrigada. Tchau, tchau!

Tchau!